



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE – CPDA

RAMON DA SILVA TEIXEIRA

***FAZENDO SANTUÁRIO: RELIGIÃO, MEMÓRIA E POLÍTICA NO CASO DAS
ROMARIAS DO RIO DOCE***

RIO DE JANEIRO
2026





RAMON DA SILVA TEIXEIRA

*FAZENDO SANTUÁRIO: RELIGIÃO, MEMÓRIA E
POLÍTICA NO CASO DAS ROMARIAS DO RIO DOCE*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Elisa Guaraná de Castro.

RIO DE JANEIRO
2026

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central/Central de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
Com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T266f Teixeira, Ramon da Silva , 1991-
Fazendo Santuário: religião, memória e política no
caso das Romarias do Rio Doce / Ramon da Silva
Teixeira. - Rio de Janeiro, 2026.
261 f.

Orientador: Elisa Guaraná de Castro.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós-Graduação de Ciências
Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade,
2026.

1. Romaria. 2. Religião. 3. Política. 4. Memória.
5. Ação Coletiva. I. Castro, Elisa Guaraná de, 1968-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade III.
Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta TFC/Dissertação/Tese, desde que seja citada a
fonte

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA)

RAMON DA SILVA TEIXEIRA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais.

Tese aprovada em 24/02/2026.



Documento assinado digitalmente

ELISA GUARANA DE CASTRO

Data: 06/04/2026 14:21:11-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a ELISA GUARANA DE CASTRO (CPDA/UFRRJ)
(Orientadora)



Documento assinado digitalmente

MARCELO CARVALHO ROSA

Data: 26/03/2026 09:12:26-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. MARCELO CARVALHO ROSA (CPDA/UFRRJ)



Documento assinado digitalmente

EDIMILSON RODRIGUES DE SOUZA

Data: 28/03/2026 06:32:47-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. EDIMILSON RODRIGUES DE SOUZA (FAMES)



Documento assinado digitalmente

REGINA CELIA REYES NOVAES

Data: 21/03/2026 11:40:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a REGINA CÈLIA REYES NOVAES (UNIRIO)



Documento assinado digitalmente

RENATA DE CASTRO MENEZES

Data: 24/03/2026 17:34:52-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a RENATA DE CASTRO MENEZES (UFRJ)

Dedico este trabalho aos dezenove mortos e às
demais vítimas humanas, não humanas e
“outros que humanos” do rompimento da
barragem de rejeitos do Fundão da Samarco,
Vale S. A. e BHP Billiton, em Mariana, Minas
Gerais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Seres-Terra, especialmente às serras, montanhas e matas que pisei durante a jornada do doutorado – lugares sagrados onde germinam e florescem as águas, encontro a face da transcendência (seja lá qual nome se dê à mesma) e onde encontrei paz, presença, tranquilidade e motivação para prosseguir e terminar esta monografia.

Aos meus pais, Renato e Onicia, pela educação, incentivo e apoio incondicionais, desde a tenra infância, e nesse percurso do doutorado e de escrita desta tese, pela paciência, cuidado e torcida. À minha irmã Renata, minha sobrinha Lanna e meu sobrinho Joaquim, pelo carinho, apoio, cuidado e torcida. Ao meu irmão Rodrigo, pela amizade, apoio, conversas, cuidado e pela parceria, como excelente designer gráfico, no tratamento e edição de alguns desenhos que compõem este trabalho. Na ancestralidade representada por meus avós maternos Alaídes (*in memoriam*) e Francisco (*in memoriam*), e aos avós paternos, Olinda e Mário, agradeço à grande família da qual faço parte. Família, essa conquista é nossa!

Aos/às parceiros e parceiras dos diversos movimentos sociais, pastorais, grupos culturais e organizações da Zona da Mata de Minas Gerais e além, que sempre me receberam, acolheram e deixaram as portas abertas para minhas curiosidades e contribuições. Em especial, agradeço a Maria José (Maju), Sebastião Farinhada e Eliane pelas conversas e empréstimos de livros e documentários sobre romarias e a Igreja Católica “da libertação”.

Em especial, nas pessoas de Lucimere Leão, Laiza Dutra, Rodrigo Pires, Xavier, Wellington Azevedo, Deusdeth, Leleco Pimentel, Claudio Marlon, Imaculada, Matheus Leão, Marleny, Lucas Lopes, Vitória, Vicente, padre Marco José, padre Marcelo, agradeço a todos/as da Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana e a todos/as interlocutores/as que conversei e entrevistei, de Minas Gerais e do Espírito Santo: romeiros/as, missionárias/os, membros da coordenação e do clero envolvidos/as na realização das três Romarias do Rio Doce, que pude vivenciar “de dentro”.

Nas pessoas de Widge Arcanjo e Livia Bacele (*in memoriam*), agradeço também a todos e todas, ligados às pastorais locais de comunicação e às equipes de comunicação da Cáritas Diocesana e Cáritas Diocesana de Itabira, pela acolhida e pela partilha de fotos, vídeos e acesso irrestrito à circulação por vários espaços, durante a realização do trabalho de campo.

Aos amigos e às amigas do Coletivo Repentistas do Desenho, pelos trabalhos realizados conjuntamente e pelas oportunidades e portas que esse tempo de trabalho conjunto me abriu, sobretudo, o contato com a rede organizadora destas Romarias do Rio Doce.

À Livia Rabelo e Wagner Guilherme Alves da Silva pelo apoio e revisão do projeto de tese, lá no início, quando ainda da inscrição neste doutorado.

Aos amigos e amigas (nascidos e criados ou não) que fiz em Conceição do Mato Dentro, pelos ótimos momentos vividos nas trilhas, ruas e nos momentos de lazer – seja correndo, pedalando, caminhando, acampando ou mesmo curtindo uma boa conversa – no tempo em que morei nessa cidade. Agradeço também aos/às anfitriões e anfitriãs locais da quinta Romaria do Rio Doce, que me acolheram, abriram suas casas e compartilharam suas histórias e percepções comigo.

À minha orientadora, Elisa, agradeço de maneira especial, por ter aceitado a tarefa de me orientar. Agradeço pela paciência, pela atenção, pelo incentivo, pelas várias reuniões de orientação presenciais e virtuais que tivemos, pela leitura atenta do que escrevi e pelas dicas e sugestões. Nesse longo percurso, que deu a forma escrita ao que vivi e pesquisei. Você me ensinou muita coisa. Este texto é nosso!

À Livia Rabelo, minha amiga-irmã, que, desde o projeto apresentado ao CPDA, vem acompanhando esta minha jornada de pesquisa sobre as Romarias do Rio Doce, agradeço pela amizade, cuidado, palavras de incentivo e, especialmente, pela mentoria acadêmica, leitura atenta dos meus rascunhos, capítulos, partilha de bibliografia e dicas de escrita. Essa parceria foi fundamental para a tecitura desta tese.

Ao amigo Fabrício Oliveira pela escuta, cuidado e incentivo, além da leitura atenta dos meus rascunhos e capítulos, sempre acompanhados de boas reflexões e dicas.

À Allany – essa companheira pernambucana que a vida me apresentou – que, desde 2023, vem me acompanhando nessa viagem que foi este doutorado. Agradeço pelo incentivo, paciência, cuidado, carinho e companheirismo, além das várias prosas e reflexões teóricas e de vida sobre romarias e mística.

Nas pessoas de Marcinho, Fabrício “Cabrito” e Joubert Santos, agradeço aos velhos/as e novos/as amigos/as, pela recepção e acolhida em meu retorno à Viçosa, para a docência e o desenvolvimento da escrita da tese. A Marcinho e “Cabrito”, sou grato, em especial, pelas dicas de escrita e partilhas sobre a vida acadêmica.

Nas pessoas de Fabrício Oliveira, Ícaro Engler, Tádzio Coelho, Victor Mourão, Jefferson Boechat, Daniela Alves, Marisa Araújo e Fernando Firmo, agradeço aos amigos/as e colegas, professores/as e técnicos/as-administrativos/as do Departamento de Ciências Sociais da UFV – a “casa” que me formou cientista social –, pela recepção, acolhida, amizade, prosas, dicas de escrita e cuidado no momento mais desafiador do doutorado, que foi escrever a tese, conciliado com a minha iniciação à docência no magistério superior.

Aos/às colegas do grupo de orientação coordenado por Elisa – Mônica, Claudivan, João Paulo, Alice, Júlia, Ana Carolina, Karine, Bruna Goulart e Bruna Ramalho – pela parceria ao longo desses anos todos, em que partilhamos nossas experiências de pesquisa e escrita, *insights* e bibliografia, num processo coletivo e de ajuda mútua.

À Daniela Campolina, pelas prosas, dicas de escrita, partilha de bibliografia e dados sobre a mineração e o Rio Doce, e pelo incentivo e torcida.

Aos professores do CPDA/UFRRJ, pela rica formação que tive acesso, durante meu tempo como estudante do programa, e pela partilha de um rico manancial de referências bibliográficas em Ciências Sociais.

A Isacco Turina, à Renata Menezes, a Carlos Alberto Steil, a Edimilson Rodrigues e a Fabrício Oliveira, pela partilha de bibliografia sobre romarias, religião e política, e outros temas ligados à antropologia da religião e da política.

Aos membros da banca avaliadora, tanto da qualificação da tese quanto de sua defesa, Leonilde Medeiros, Edimilson Rodrigues de Souza, Regina Novaes, Renata Menezes e Marcelo Rosa, por terem aceitado contribuir com suas experiências e trajetória, por meio da leitura atenta ao trabalho e pelas importantes críticas e sugestões dadas para o aperfeiçoamento da tese e posteriores desdobramentos.

A Luís Gustavo e à Rayla, pela amizade, torcida e, especialmente, pelo acolhimento e pelo lar seguro e confortável que me deram, no Rio de Janeiro, todas as vezes que tive na cidade, durante todo o doutorado.

A Cirilo pela confecção dos mapas da tese.

Aos terapeutas que me acompanharam e cuidaram de minha saúde mental em diferentes momentos da jornada do doutorado, Gabriela Espíndola Bitencourt, Pedro Castro Novaes de Sá e Júlio Florencio.

Por fim, agradeço àqueles e aquelas amigos e amigas que, por ventura, eu não tenha enunciado os nomes, mas que fizeram parte do caminho percorrido até aqui. Obrigado, por terem caminhado comigo durante esta jornada.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

*“Bendita e louvada seja esta romaria
Bendito o povo que marcha,
bendito o povo que marcha,
tendo Cristo como guia*

*Sou, sou teu, Senhor,
sou povo novo, retirante e lutador,
Deus dos peregrinos, dos pequeninos,
Jesus Cristo redentor.*

*No Egito, antigamente, no meio da
escravidão, Deus libertou o seu povo. Hoje
ele passa de novo gritando a libertação.*

*Para a terra prometida o povo de Deus
marchou, Moisés andava na frente. Hoje
Moisés é a gente quando enfrenta o
opressor”.*

(“Bendito dos Romeiros”, Zé Vicente)

RESUMO

TEIXEIRA, Ramon da Silva Teixeira. *Fazendo santuário: religião, memória e política no caso das Romarias do Rio Doce*. 2026. 261 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

Investigo as Romarias das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce – doravante, Romarias do Rio Doce –, como um ritual ao mesmo tempo religioso e político, que figura como uma estratégia de *luta*, mobilizada por uma ampla rede social “cebista”, em resposta às injustiças relacionadas ao rompimento da barragem de rejeitos da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton, em Mariana-MG. Abordando a lógica de itinerância da Romaria, que percorre diferentes dioceses da Bacia do Rio Doce, discuto como esse coletivo “cebista” se articula para “fazer o público”, ao longo da bacia. Isto é, por meio da participação observante e entrevistas, busco compreender como, neste ritual, articulam-se religião e política, para *denunciar* as injustiças do crime-desastre e as ameaças causadas pela mineração, em territórios de Minas Gerais; *anunciar* as iniciativas de regeneração do Rio Doce e a conservação do meio ambiente; e *fazer memória* sobre o crime, para “não deixar esquecer”. Ao longo da tese, analiso melhor essa heterogênea rede “romeira” e o processo que vertebra a performance da romaria na rua. Por fim, com ênfase na quinta Romaria do Rio Doce, ocorrida em Conceição do Mato Dentro-MG, descrevo a performance pública nas ruas, analisando a caminhada ritual e as *místicas*, como atos que sacralizam o território e disputam a memória do desastre e a narrativa sobre as consequências da mineração para a sociedade.

Palavras-chave: romaria; religião; política; memória; ação coletiva.

ABSTRACT

TEIXEIRA, Ramon da Silva. *Creating a Sanctuary*: religion, memory and politics in the case of the Rio Doce Pilgrimages. 2026. 261 p. Thesis (Doctorate in Social Science) – Institute of Humanities and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

I investigate the Water and Land Pilgrimages of the Rio Doce Basin – hereinafter, Rio Doce Pilgrimages –, as a ritual that is simultaneously religious and political, and which figures as a resistance strategy mobilized by a wide “cebista” social network (organized by the base ecclesial communities, CEBs) in response to the injustices related to the collapse of the tailings dam of Samarco, Vale S. A. and BHP Billiton in Mariana, Minas Gerais. Addressing the itinerant logic of the Pilgrimage, which traverses different dioceses of the Rio Doce Basin, I discuss how this “cebista” collective articulates itself to “making public” along the basin. That is, through observational participation and interviews, I seek to understand how religion and politics are articulated in this ritual to *denounce* the injustices of the disaster-crime and the threats caused by mining in the territories of Minas Gerais, to *announce* initiatives for the regeneration of the Rio Doce and conservation of the environment, and to *remember* the crime, so as not to let it be forgotten. Throughout the thesis, I further analyze this heterogeneous pilgrimage network and the process that structures the performance of the pilgrimage in the streets. Finally, with emphasis on the fifth Rio Doce Pilgrimage that took place in Conceição do Mato Dentro, Minas Gerais, I describe the public performance in the streets, analyzing the ritual walk and the mystical aspects as acts that sacralize the territory and contest the memory of the disaster and the narrative about the consequences of mining for society.

Keywords: pilgrimage; religion; politics; memory; collective action.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa das redes, movimentos e entidades que construíram, participaram e/ou assinaram a carta política da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce (2016), dando destaque para as organizações ligadas a igrejas	35
Figura 2 – Identidade visual da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce	36
Figura 3 – Cartaz da primeira Romaria do Rio Doce (2016)	38
Figura 4 – Cartaz da sétima Romaria do Rio Doce (2024)	39
Figura 5 – Mapa das redes, movimentos e entidades que construíram, participaram e/ou assinaram a carta política da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce (2016), dando destaque aos atores ligados à Igreja Católica, diretamente envolvidos com a organização da primeira Romaria do Rio Doce, ocorrida meses depois.....	42
Figura 6 – Detalhe de estêncil aplicado a um mosaico de tecidos costurados, usados nos cenários de reuniões, místicas, celebrações e na caminhada da quinta Romaria.....	119
Figura 7 – Quadro de objetivos e atividade projeto quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro.....	127
Figura 8 – Coisas, troços e coisas que circulam, no período “entre-romarias”. Cartazes, santinhos com oração da Romaria, folders, carta convite, com informações sobre a romaria, cartilhas, camisas de várias edições da Romaria do Rio Doce	129
Figura 9 – cartaz da quinta Romaria do Rio Doce visto no quadro de notícias e comunicados da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, na entrada do salão da Casa dos Romeiros, no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos	130
Figura 10 – “Trabalho de base” no “entre romarias” e a amplificação pública de clamores na caminhada.....	133
Figura 11 – Processo ritual das Romarias do Rio Doce	135
Figura 12 – Momentos rituais da Romaria do Rio Doce (exemplo, quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição, em setembro de 2022).....	140
Figura 13 – Grupo de lideranças comunitárias locais reunidas para o Seminário Temático Preparatório, no salão da Casa dos Romeiros, no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Conceição do Mato Dentro, 30 de julho de 2022	141
Figura 14 – Pequeno grupo reunido para discussão sobre os anúncios e denúncias da Diocese, durante o Seminário Temático Preparatório, para a quinta Romaria do Rio Doce, no salão paroquial da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Guanhães, em 13 de agosto de 2022	142
Figura 15 – Grupo apresenta os anúncios e denúncias da Diocese, durante o Seminário Temático	

Preparatório para a quinta Romaria do Rio Doce, no salão paroquial da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Guanhães, em 13 de agosto de 2022	142
Figura 16 – Ícones em papel e post-its com anúncios e denúncias no mapa produzido no Seminário Temático, em Conceição do Mato Dentro, em 30 de julho de 2022.....	143
Figura 17 – Mapa das denúncias e anúncios da quinta Romaria do Rio Doce, estampado em tecido com colagens e bordas de chita costuradas, produto dos Seminários Temáticos Preparatórios, ornando o carro de som, em Conceição do Mato Dentro, em 04 de setembro de 2022	144
Figura 18 – Material da quinta Romaria do Rio Doce, distribuído durante a Semana Missionária, em Conceição do Mato Dentro.....	146
Figura 19 – Ciclos das Romarias do Rio Doce (2016-2025), uma década depois do crime-desastre do rompimento da barragem de rejeitos da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton	151
Figura 20 – Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, na noite da Vigília da quinta Romaria do Rio Doce, em 3 de setembro de 2022	158
Figura 21 – Recorte do roteiro da liturgia da Vigília da quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro, ocorrida em 3 de setembro de 2022	159
Figura 22 – Vigília e mística, no adro do Santuário do Senho Bom Jesus do Matosinho, em 3 de setembro de 2022	160
Figura 23 – O santuário na “colina”: Vista de Conceição do Mato Dentro e do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, abraçados pela Serra da Ferrugem e vigiados pelo Pico do Soldado	168
Figura 24 – O Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, durante o 231º Jubileu do santo, em junho de 2018	169
Figura 25 – Foto da Serra do Sapo, em um porta-retrato pendurado na parede da casa de uma interlocutora atingida pelo Minas-Rio.....	170
Figura 26 – Identidade visual da quinta Romaria da Bacia do Rio Doce.....	173
Figura 27 – Cartaz da quinta romaria do Rio Doce, na entrada de uma papelaria local, em Conceição do Mato Dentro, em agosto de 2022.....	174
Figura 28 – Cartaz da quinta Romaria do Rio Doce, colado durante trabalho de divulgação nas escolas, em agosto de 2022.....	174
Figura 29 – Interdição de rua próximo ao Santuário, por onde a quinta Romaria do Rio Doce passaria, na semana antes de sua ocorrência, em 1º de setembro de 2022	181
Figura 30 – Folder de divulgação da quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro	185

Figura 31 – Concentração da quinta Romaria do Rio Doce, no Ginásio São Francisco, em Conceição do Mato Dentro.....	186
Figura 32 – Início da caminhada, saindo do antigo ginásio São Francisco, em direção ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, na quinta romaria do Rio Doce	187
Figura 33 – Partida e destino da quinta Romaria do Rio Doce: o Ginásio São Francisco (1) e o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (2)	188
Figura 34 – Romeiros e romeiras, foto feita de cima do caminhão de som, antes da primeira parada para reflexão, durante a quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro, em 4 de setembro de 2022	190
Figura 35 – Segunda parada, na Ponte Lava-Pés, durante a quinta Romaria do Rio Doce em Conceição do Mato Dentro, em 4 de setembro de 2022.....	192
Figura 36 – Mística do lava-pés durante a segunda parada para reflexão durante a quinta Romaria do Rio Doce	193
Figura 37 – Lembrancinha da quinta Ramaria do Rio Doce (2022), em Conceição do Mato Dentro. A cruz com as fitas branca, preta e vermelha.....	199
Figura 38 – Lembrancinha da quinta Ramaria do Rio Doce (2022). A cruz com as fitas conduzida pelos romeiros e romeiras, durante a caminhada da quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição, em 4 de setembro de 2022	199
Figura 39 – Afincamento da Cruz, durante a terceira parada para reflexão durante a quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro	200
Figura 40 – Croqui da posição da Cruz da quinta romaria, em relação a outros elementos sagrados, em torno do Santuário do Senhor Bom Jesus do Matosinho	202
Figura 41 – Cruz do 233º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, afincada em junho de 2020, no auge da pandemia de Covid-19, em Conceição do Mato Dentro, situado em uma área na frente do Santuário.....	203
Figura 42 – Cruz da quinta Romaria do Rio Doce, afincada em setembro de 2022, marcando o fim da pandemia de Covid-19, em Conceição do Mato Dentro, situado em uma área na parte de trás do Santuário	203
Figura 43 – Marco da quinta Romaria do Rio Doce marca a passagem da romaria de denúncia por Conceição do Mato Dentro e o fim da pandemia do Covid-19.....	204
Figura 44 – Multidão reunida para a Quinta Romaria do Rio Doce marca as ruas de Conceição do Mato Dentro, na av. JK, em direção ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos logo no alto e à frente, na manhã quente de domingo, 4 de setembro de 2022	205
Figura 45 – Multidão reunida para a Quinta Romaria do Rio Doce marca as ruas de Conceição	

do Mato Dentro, próximo ao poliesportivo, no bairro Brejo, em direção ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, na manhã de domingo, 4 de setembro de 2022.....	205
Figura 46 – Casa preparada para ver a quinta Romaria do Rio Doce passar, em Conceição do Mato Dentro, na manhã de domingo, 4 de setembro de 2022	206
Figura 47 – Cartas e lembrancinhas das Romarias do Rio Doce de várias edições, que circulam e estendem a mensagem desta romaria no “pós-romaria”	210
Figura 48 – Garrafinha com água da nascente do rio Santo Antonio, uma das lembrancinhas da quinta Romaria do Rio Doce, junto com a Bíblia Sagrada, a imagem de Nossa Senhora Aparecida, compondo o altar doméstico de uma acolhedora local de Conceição do Mato Dentro	210
Figura 49 – Estandartes com os mártires da luta e testemunhos de fé que foram conduzidos pelos romeiros/as, durante a quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro, em 4 de setembro de 2022	211
Figura 50 – Mártires da luta e testemunhos de fé, carregados por romeiros e romeiras, durante a oitava Romaria do Rio Doce, em Mariana, em 9 de novembro de 2025	212

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de entrevistados/as por categoria e distribuição por sexo e faixa etária..	72
Quadro 2 – Distribuição percentual por ano de ordenamento Religioso por década*	79
Quadro 3 – Relação de entrevistas realizadas e analisadas	94
Quadro 4 – Fatos da vida, questões problematizadoras e gestos concretos, em um trecho do segundo encontro, na Cartilha da quinta Romaria do Rio Doce (2022).....	132
Quadro 5 – Mártires da luta e testemunhos de fé, nos estandartes conduzidos, durante a quinta Romaria do Rio Doce	212

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição por raça/cor	73
Gráfico 2 – Distribuição por idade	74
Gráfico 3 – Distribuição por escolaridade	74
Gráfico 4 – Distribuição por Diocese de origem	75
Gráfico 5 – Distribuição por filiação partidária.....	76
Gráfico 6 – Distribuição por autoidentificação política	76
Gráfico 7 – Distribuição por sexo dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias)	95
Gráfico 8 – Distribuição por idade dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias).....	95
Gráfico 9 – Distribuição por raça/cor dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias).....	96
Gráfico 10 – Distribuição por escolaridade dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias)	97
Gráfico 11 – Distribuição por autoidentificação política dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias).....	98
Gráfico 12 – Distribuição por filiação partidária dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias).....	98
Gráfico 13 – Distribuição por diocese de origem dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias).....	99

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Rompimento da barragem de Fundão da Samarco, Vale e BHP Billiton e o rastro da destruição, ao longo da Bacia do Rio Doce	31
Mapa 2 – Abrangência dos/as entrevistados/as transcritas e analisadas (Clero e demais categorias).....	100
Mapa 3 – Locais de realização e circulação da Romaria do Rio Doce, ao longo de dez anos do crime	152
Mapa 4 – Abrangência das missões populares da quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro, em agosto de 2022.....	178
Mapa 5 – Abrangência das missões populares da quinta Romaria do Rio Doce, na área urbana, em agosto de 2022	179
Mapa 6 – Abrangência da quinta Romaria da Bacia do Rio Doce (2022), em Conceição do Mato Dentro	183
Mapa 7 – Rota da quinta Romaria do Rio Doce (2022), em Conceição do Mato Dentro, com as paradas para reflexão, em 4 de setembro de 2022	189

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Produção por área de conhecimento (Romarias)	51
Tabela 2 – Produção por área de conhecimento (Peregrinação)	51
Tabela 3 – Números de produções mapeadas por palavra-chave: “festa; festa religiosa”; “romarias”. “peregrinação”; “procissão”; “marcha”; “caminhada”; “rio Doce”; “outros”	245
Tabela 4 – Tipo de produção (Levantamento Bibliográfico)	245

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARSAE-MG – Agência Reguladora de Serviços de Abastecimento de Água e de Esgotamento Sanitário do Estado de Minas Gerais

ATI – Assessoria Técnica Independente

CBH Doce – Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Doce

CBJP – Comissão Brasileira Justiça e Paz

CDDN – Centro de Defesa dos Direitos da Natureza

CEBI – Centro de Estudos Bíblicos

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPT – Comissão Pastoral da Terra

EduMiTe – Grupo de Pesquisa Educação, Mineração e Território

EFAs – Escolas Família Agrícola

ENEP – Escola Nacional de Energia Popular

EPAP – Equipe Pastoral Paroquial

IVCA – Iniciação à Vida Cristã de Adultos

LD – Laudate Deum (citada como “LD 67”)

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens

MAM – Movimento pela Soberania Popular na Mineração

Mobon – Movimento da Boa Nova

MovSAM – Movimento pelas Serras e Águas de Minas

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONGs – Organizações Não Governamentais

PAB – Pastoral Afro-Brasileira

Pascom – Pastoral da Comunicação

PJ – Pastoral da Juventude

PJR – Pastoral da Juventude Rural

PL – Partido Liberal

PT – Partido dos Trabalhadores

REAJA – Rede de Articulação e Justiça dos Atingidos do Projeto Minas-Rio

Renser – Região Episcopal Nossa Senhora do Rosário

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Sintraf – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar

SMP – Santas Missões Populares

SSVP – Sociedade São Vicente de Paulo

TL – Teologia da Libertação

UFV – Universidade Federal de Viçosa

ZAS – Zona de Autossalvamento

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
CAPÍTULO 1: ROMEIRAS E ROMEIROS DO RIO DOCE	61
CAPÍTULO 2: “TRABALHO DE BASE” PARA FAZER SANTUÁRIO NA BACIA DO RIO DOCE.....	108
CAPÍTULO 3: A QUINTA ROMARIA DO RIO DOCE NA RUA.....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS	216
REFERÊNCIAS	221
APÊNDICES E ANEXOS	237

INTRODUÇÃO

Tal como a água que verte, quase que a conta-gotas, no alto das serras, e vai se transformando, de queda em queda, de curva em curva, em rio que corre a caminho do oceano e se encontra com outros rios, várzeas, pessoas, histórias, vidas humanas e não humanas, e, porque não, obstáculos de toda a ordem –, assim é que surge, pequeno, mas vai se transformando, o meu interesse pela compreensão do fenômeno das Romarias das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce – doravante, Romaria da Bacia do Rio Doce, Romaria do Rio Doce ou ainda Romaria das Águas, como ouvi em campo.

Tendo convivido com as dores, as alegrias, as interrogações e, sobretudo, com algumas respostas aos problemas, às desgraças e injustiças¹ que se apresentaram às pessoas que encontrei, em campo, durante minha participação nestas Romarias do Rio Doce, tomo como “matéria” de minha reflexão tudo o que aprendi “lá”, para mostrar “aqui”, na escrita, a partir da interpretação e apoiado na teoria social, a reconstituição da forma e do sentido (Agier, 2015; Geertz, 1989, 1998). De outro modo, enquanto a vida e o “entre romarias” continuam a ocorrer sem cessar, no meu “campo”, assumi o desconforto da solidão que é escrever “sobre eles com a ajuda de estantes, bibliotecas, quadros-negros e seminários” (Geertz, 1989, p. 58).

Deste modo, etnograficamente abordei minha experiência de campo junto aos romeiros e romeiras, que se reúnem todos os anos, desde 2016, para colocar na rua a Romaria do Rio Doce, surgida após o rompimento da barragem da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton. Neste primeiro momento, esmiuçarei minha própria trajetória de pesquisa e de vida (porque imbricadas), buscando refletir como esse percurso de andanças, giros etnográficos e envolvimento com os diversos coletivos e movimentos sociais, em Minas Gerais, culminou na tese, a que respondo, nesta monografia.

Sobre a vivência das três Romarias do Rio Doce, das quais participei, entre 2020 e 2024, no apoio aos organizadores, nos preparativos e no *grande dia*², é válido retomar o que escreveu Côrrea (2013, p. 25):

[...] o que aprendemos com nossa experiência é sempre uma parte de qualquer conjunto, um todo descontínuo. A imagem que me ocorre ao ler isso é a de uma teia rasgada: **nunca seremos capazes de reconstituir todos os fios que a completavam**

¹ Cf. A propósito da leniência e inoperância do Estado de Minas e da justiça brasileira, frente ao processo de responsabilização dos culpados pelo crime-desastre em Mariana, cf., p. ex., Ronan (2021) e Santos (2023). Em 2025 a Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton foram absolvidas em ação criminal.

² As palavras ou frases em itálico (*x*) são reproduções de falas e termos usados pelos informantes. Termos entre aspas duplas (“*x*”) se referem a categorias teórico-analíticas e, quando acompanhados de autores, indicam citações diretas. As aspas simples (‘*x*’) são usadas para termos ambíguos, utilizados no senso comum, que merecem algum tipo de reflexão e não representam meu ponto de vista.

e por isso trabalhamos com indícios, com rastros, com sinais. [...] (grifo meu).

Assim, ao refazer o caminho, olhando para os indícios, rastros e sinais, em busca de uma compreensão sobre quem sou eu para estar dizendo essas coisas? (Geertz, 1989, 1998), interessa comunicar aqui o porquê ter escolhido uma romaria como objeto de tese (Calavia-Sáez, 2013). Ou ainda, porque decidi colocar em foco uma procissão de romaria (Sanchis, 1983b) para debater sobre uma problemática política – digo, a conformação da mineração predatória, suas barragens de rejeitos, que são como *bombas-relógio*, os rompimentos de Mariana e Brumadinho e, a consequente injustiça, dor e sofrimento que assolam os atingidos e atingidas pela mineração, em Minas Gerais, como um problema público.

Antes de apresentar meu problema de pesquisa sobre a Romaria do Rio Doce, apresentarei como cheguei a esta romaria que, pelo menos desde 2016, passou a cruzar meus caminhos pelos diversos giros feitos por municípios do Leste de Minas, sul da Zona do Rio Doce e o norte da Zona da Mata, ao longo da rodovia Rio-Bahia, região rural em torno de Governador Valadares e Muriaé – região já abordada em alguns estudos sobre política, ativismo político e movimentos sociais (Sanchis, 1990; Cintrão, 1996; Comerford, 2003; Oliveira, 2012).

Resultado de intenso exercício de reflexividade (Castro, 2013, p. 43), é um empreendimento crucial para demarcar minha posicionalidade em meio à rede “cebista”, com a qual convivo desde 2009³ e, conseqüentemente, melhor me apropriar do que surgiu do encontro etnográfico (Agier, 2015).

Mais detidamente, esta rede é formada por “indivíduos que, de maneira direta ou indireta, passaram pela experiência do Movimento da Boa Nova (Mobon) e participaram das Comunidades Eclesiais de Base” (Rabelo, 2019, p. 11), muito deles, ocupando o lugar de “lideranças leigas”⁴, em suas comunidades. Considerado um *parceiro muito antigo*, conectei-me, portanto, a este infundável, heterogêneo e dinâmico feixe de relações, situações e momentos que serão “matéria-prima” para minhas reflexões e análises sobre as Romarias do Rio Doce, que desenvolvo nesta tese.

³ Pela minha aproximação com o movimento sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais de Espera Feliz. Cf. Teixeira (2020).

⁴ Embora no sentido comum seja um termo pejorativo (quem não possui conhecimento especializado em determinada área, visto como “ignorante”), a expressão “leigo”, “leiga” ou “liderança leiga” é recorrente tanto entre padres, quanto entre os fiéis com os quais tive contato. Tanto no discurso dos clérigos, quanto no dos fiéis aparece como uma qualidade, um *status* importante. O termo é utilizado para designar aqueles que possuem o papel de missionário/a, mas que não fizeram votos religiosos. Nas narrativas clericais, o termo “leigo” vinha sempre seguido da sua importância e dever: leigo é todo aquele que foi batizado e assume o compromisso de ser cristão. Entre as ditas lideranças leigas, o termo aparece como “eles chamava a gente assim”. Neste trabalho, tal como em Rabelo (2019), sempre que me referir a “lideranças” estou remetendo a ditas “lideranças leigas”.

Ponto de contato

Foi, a partir de 2009, que ‘nasci’ para os movimentos sociais da Zona da Mata de Minas Gerais, aproximando-me, cada vez mais, ao meu modo de contribuir, da militância política à *luta*, que marca a região. No princípio, por intermédio de trabalho voluntário como educador, no Cursinho Popular “Tecendo Sonhos”, organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (Sintraf), de Espera Feliz, envolvi-me e contribui com as *lutas* pelo acesso e permanência ao ensino superior de jovens agricultores da região. Ao longo do tempo, essa *luta* foi se transmutando em outras causas e bandeiras.

Criado em uma família católica, na esteira desse meu contato com as ações do Sintraf de Espera Feliz, no que se refere à minha curiosidade sobre as “coisas da Igreja”, passei a me envolver e me interessar mais pelo tal *outro jeito de ser Igreja*, como dizem minhas interlocutoras e interlocutores. Isto é, um *jeito* de vivenciar o catolicismo para certos setores da Igreja Católica⁵ mais vinculado à Teologia da Libertação e à vivência do catolicismo em torno das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que formou toda uma geração de pessoas, afetando mentalidades e corpos que se colocam em aliança, nas ruas (Butler, 2018), para defenderem direitos e lutarem por reconhecimento.

O catolicismo “cebista”, hoje, não é um fenômeno hegemônico nas comunidades como foi no passado, sobretudo, com o crescimento do fenômeno carismático, dentro da Igreja Católica, e do trânsito religioso de católicos para o protestantismo – que vem crescendo e assumindo cada vez mais protagonismo na vida das comunidades e no espaço público, desde o final da década de 1980 (Almeida; Guerreiro, 2023). Assim, apesar de notada diminuição de força das CEBs e de uma perspectiva da “libertação”, nas comunidades ou mesmo no interior da Igreja Católica, esse *outro jeito de ser Igreja* passou a se descortinar para mim, por exemplo, nas histórias sobre o surgimento dos sindicatos da Zona da Mata mineira, nos modos como alguns interlocutores/as iniciavam as reuniões e encontros, dos quais participei, sempre com uma *reza* ou *mística*⁶, em alguns eventos, que passei a frequentar, a convite de meus interlocutores do Sintraf.

Como um “catolicismo à esquerda” (Almeida; Guerreiro, 2023, p. 216), o catolicismo “cebista” é a expressão de uma “catolicidade” baseada em “uma forma *sui generis* de vivência

⁵ Igreja Católica aqui pensada como “uma multiplicidade muito grande de agentes sociais” (Seidl, 2015, p. 122) – paróquias, comunidades, grupos organizados, bispos, padres, leigos e leigas.

⁶ Quero dizer, “um determinado momento celebrativo, que pode ser, por exemplo, uma encenação teatral, uma apresentação musical, ou a declamação de um poema” (Rolemberg, 2021, p. 3). A *mística* é uma “herança de militantes da Igreja Católica progressista” (Castro, 2009, p. 183).

comunitária, em que o engajamento político transformador decorre, sem ruptura, de uma já longa experiência refletida da fé – e até se confunde com ela. [...]” (Sanchis, 1990, p. 66). No caso em tela, considerando a especificidade dos sindicatos e movimentos sociais ligados à luta pela terra e pelos direitos da população do campo, manifesta-se como um *jeito* de viver a religião que abrange a crença, na possibilidade de mudanças sociais, sobretudo, no meio rural, por meio do engajamento político na comunidade ou na política partidária (Sanchis, 1990; Ricci, 2002; Oliveira, 2012).

Minha curiosidade foi se transformando, portanto, no contato com uma rede de movimentos que chamarei “cebistas” (Oliveira, Zangelmi, Schiavo, 2010; Oliveira, 2012; Rabelo, 2019; Teixeira, 2020). Depois de ter feito uma monografia sobre o sindicalismo rural de Espera Feliz, na graduação em ciências sociais, em pesquisa de campo para o mestrado, realizada no período de outubro de 2017 a julho de 2018, retrocedi às origens do ativismo político na região. De um foco na política, passei a observar a religião. Das reuniões e eventos do sindicato, entidades sindicais, movimentos sociais, passei a observar mais detidamente os cursos de formação de lideranças leigas. Em busca de compreender o processo de como católicos se tornam lideranças leigas, em suas comunidades, e se organizam para fazer a *luta*, foi quando me deparei com o Movimento da Boa Nova (Mobon).

O Mobon é um movimento católico de evangelização, baseado na formação bíblico teológica popular continuada, que se efetiva a partir de *cursos de base* e cujos objetivos principais são a criação e a manutenção de comunidades e a formação de lideranças⁷. Como apontam alguns pesquisadores (Sanchis, 1990; Comerford, 2003; Oliveira, 2012) o Mobon foi importante para a formação de diversas lideranças leigas na Zona da Mata e Leste de Minas Gerais, e o incentivo à sindicalização e o surgimento do PT, na região, “que em sentido próprio, nasceu das Comunidades” (Sanchis, 1990, p. 65).

Assim, concentrando-me especificamente nos movimentos que possuem uma ligação histórica, direta ou indireta, com o Mobon, mapeei um conjunto de saberes, fazeres comuns de “fazer a luta”, e analisei os diferentes modos como esses saberes são apropriados e ressignificados pelas lideranças leigas, filhos e filhas de Mobon/CEBs. Por fim, foi central entender como o que denominei de “sistema de aprendizagem ‘do’ Mobon” (Teixeira, 2020, p. 149-155) foi e continua sendo incorporado, reproduzido e ressignificado entre diferentes gerações e em variados contextos situacionais.

Durante a pesquisa do mestrado, tanto a minha ‘navegação’, pela rede “cebista”, quanto

⁷ Para conhecer mais sobre, cf. Araújo (1999), Gomes e Andrade (2011), Oliveira (2012), Rabelo (2019), Silva (2019) e Teixeira (2020). Sobre a abrangência do Mobon, cf. Teixeira (2020, p. 68).

o meu interesse em poder ‘ligar os pontos’ e entender melhor como a religião e a política se relacionam, nas diferentes frentes de *luta*, em que se envolvem meus interlocutores/as, se ampliou. Chamou minha atenção o quanto essa rede é extensa, com coletivos e pessoas impingindo em outras (Barnes, 1987). Quem está nela, está em vários lugares (em andança, em movimento) e organizando/participando de várias ações, vários movimentos, várias *lutas*. De outro modo, notei que “ocorre a sobreposição de redes nas quais um mesmo indivíduo pode atuar” (Castro, 2013, p. 11).

Como narra Serra (2018), no dia 5 de novembro de 2015, na Barragem de Fundão, situada no Complexo Industrial de Germano da Samarco, Vale S.A. e BHP Billiton no distrito de Bento Rodrigues, município de Mariana-MG, entre 15:30 e 15:50 se ouviu um estrondo, “como se fosse um rugido das profundezas da terra” (Ibid., p. 19). Deste momento em diante, a massa de rejeitos de minério de ferro começou a se mover e, em pouco tempo, o volume equiparado a “21 mil piscinas olímpicas” de rejeitos começou a se mover. Em questão de minutos, a barragem estourou completamente e passou a se mover de modo muito rápido, abrupto, destruindo tudo pela frente. “Era como o mundo se desintegrasse” (Ibid., p. 19).

[...] Dentro do complexo minerário, catorze trabalhadores foram tragados pelo vômito de lama. [...] doze terceirizados, um era empregado direto da mineradora e outro, de uma empresa paulista fornecedora de produtos químicos para a companhia. [...]. O mar vermelho de lama tóxica agregou escombros das estruturas, pedras, caminhões, carros, tratores, caçambas, placas de sinalização, equipamentos, uma massa descomunal de detritos sólidos que agigantava os vagalhões e multiplicava sua capacidade de destruição de forma incomensurável. Nada no caminho seria capaz de deter a marcha da lama assassina, que provocaria a maior catástrofe socioambiental da história do Brasil e o maior desastre em barragens de mineração, [...]. O próximo alvo, a 6 quilômetros de Fundão, era um povoado rural encravado no sossego daquelas paragens havia 321 anos, Bento Rodrigues, com suas origens na época dos bandeirantes e do ciclo do ouro. O perigo se aproximava enquanto muitos moradores estavam em afazeres rotineiros e sem que tivessem sido alertados ou orientados pela empresa sobre o que fazer para se salvar. [...]. Em cerca de dez minutos, segundo a maioria dos relatos, Bento Rodrigues foi varrida do mapa. Dos 612 moradores locais, calcula-se que 400 estavam na comunidade no momento do desastre. Cinco pessoas morreram (Serra, 2018, p. 22-25).

Essas são as primeiras horas do maior rompimento de mineração do mundo (IBAMA, 2015), cuja lama vermelha e tóxica seguiu destruindo tudo à sua frente, durante dezesseis dias, até percorrer toda a bacia e chegar até sua foz, em Vila Regência, no município de Linhares-ES. O despejo de mais de 50 milhões m³ de rejeitos de minério de ferro no ambiente atingiu quarenta e um municípios entre Minas Gerais e o Espírito Santo e três reservas indígenas (povos Krenak, Tupiniquim e Guarani); ceifou a vida de dezenove pessoas e gerou uma série de

impactos ao longo de toda a Bacia do Rio Doce, até sua foz, com a “destruição direta de ecossistemas, prejuízos à fauna, flora e socioeconômico” (IBAMA, 2015, p. 2).

Conforme dados do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Doce (CBH Doce, s. d.) e da Agência Reguladora de Serviços de Abastecimento de Água e de Esgotamento Sanitário do Estado de Minas Gerais (ARSAE-MG, s. d.), a Bacia do Rio Doce possui uma vazão média de 793,7 m³/s e abrange uma área de drenagem de 86.715 quilômetros quadrados, dos quais 86% estão no Leste mineiro e 14% no Nordeste do Espírito Santo. A bacia é subdividida em três áreas, conforme as suas características físicas, sendo o Alto Doce, que abrange das nascentes até a confluência com o rio Piracicaba, afluente do rio Doce pela margem esquerda, próximo ao município de Ipatinga-MG; o Médio Doce, porção proveniente da junção com o rio Piracicaba até a divisa entre Minas Gerais e Espírito Santo, nas proximidades do encontro com o rio Guandu, no Espírito Santo; e o Baixo Doce, que vai da divisa entre Minas Gerais e Espírito Santo até a sua foz, no Oceano Atlântico.

Possuindo uma rica biodiversidade, a Bacia do Rio Doce tem 98% de sua área inserida no bioma de Mata Atlântica, um dos mais importantes e ameaçados do mundo, e os 2% restantes são de Cerrado. O rio Doce se forma após o encontro dos rios Piranga e do Carmo, entre as cidades de Ponte Nova, Rio Doce e Santa Cruz do Escalvado, e tem extensão de 879 quilômetros. Suas nascentes estão em Minas, nas Serras da Mantiqueira (Ressaquinha) e do Espinhaço (Ouro Preto), e, após um percurso de cerca de 850 quilômetros por entre um “mar de morros”, que marca o relevo da bacia, o curso d’água principal atinge a sua foz, no Oceano Atlântico, localizada no Povoado de Regência, no município de Linhares, no Estado do Espírito Santo.

A população da bacia é estimada em torno de 3,5 milhões de habitantes e está distribuída em 228 municípios, sendo 200 mineiros e 28 capixabas, cuja maioria da população total se concentra na área urbana. Ainda, quase metade da população da bacia se concentra nas sub-bacias dos rios Piranga e Piracicaba, áreas com forte atividade industrial, sobretudo, a siderurgia e a mineração.

No que se refere à disponibilidade de recursos hídricos, a bacia ainda pode ser considerada privilegiada, mas há desigualdade entre as diferentes regiões da bacia. O sistema de drenagem é importante em sua economia, fornecendo água para uso doméstico, agropecuário, industrial e geração de energia elétrica, além de os rios da região funcionarem como canais receptores e transportadores de rejeitos e efluentes.

Contudo, com o desastre,

Centenas de famílias, em sua maioria das comunidades de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, foram deslocadas compulsoriamente, passando a viver na cidade de Mariana. Inicialmente, as famílias atingidas foram alojadas em ginásios poliesportivos; em seguida, foram transferidas para hotéis e, após alguns meses, alocadas em casas alugadas em diferentes pontos da cidade, onde permanecem vivendo. Essas famílias perderam suas referências, seu território como base de sustentação de seus modos de vida e de sua existência, hortas, quintais, lugares de memória, criações, relações de vizinhança, referências, para muitos, de toda uma vida centrada no lugar. [...], o Rio Doce foi assoreado, teve matas ciliares destruídas, além da morte de diversas espécies de fauna e da flora. Segundo laudo técnico do IBAMA (IBAMA, 2015), o rio foi contaminado por metais pesados e componentes com potencial tóxico como Alumínio (Al), Bário (Ba), Cálcio (Ca), Chumbo (Pb), Cobalto (Co), Cobre (Cu), Cromo (Cr), Estanho (Sn), Ferro (Fe), Magnésio (Mn), Níquel (Ni), Potássio (K), Sódio (Na), comprometendo as atividades pesqueiras e agropecuárias de toda a área afetada. Além disso, em Governador Valadares e outras cidades próximas, mais de 300 mil habitantes tiveram problemas com água para consumo, devido ao contato com os cursos hídricos que abastecem os municípios (GESTA/UFMG, 2025, n. p.).

Para o povo Krenak, que habita tradicionalmente as margens do rio, entre Conselheiro Pena e Resplendor – para o qual o Rio Doce não é apenas um recurso natural, mas um “outro que humano” (Cadena, 2019), um ente ancestral, o *Watu*, “um ser, um par, um outro dotado de poderes mágicos protetivos, dotado de sabedoria e de uma interrelação direta e intrínseca com os Krenak humanos” (Caldeira, Amaral, 2020, p. 62) –, “naquele dia, o rio morreu. [...] Na língua Krenak: *Watu kuen*: o Rio Doce morreu” (Ibid., p. 58-61). Desde então, segundo uma de suas lideranças, Shirley Krenak, “vivemos um luto constante. A gente vela o rio até hoje” (A briga..., 2019, p. 72).

Como explicaram alguns pescadoras e pescadores de Naque-MG, em sua maioria, pessoas negras, abordados para o documentário sobre a sétima Romaria do Rio Doce, “Águas da esperança: encontro dos rios Doce e Santo Antônio na sétima Romaria das Águas e da Terra” (2024)⁸, o rompimento foi uma tristeza e tornou a vida e o sustento às margens do rio inviável.

Num cenário em que à época foram recolhidas mais de catorze toneladas de peixes mortos (MPF, s. d.; Serra, 2018), como lembra o pescador Aluísio, *you olhava era a mesma coisa que chocolate. [...], tava descendo aquele chocolate [...] nunca chorei tanto quando eu vi aquela peixada morta descendo*. Para a pescadora Marinete, que desde o rompimento diz ter insônia e não conseguir *tocar a vida bem*, o rompimento *foi devastador*. Como complementa outra pescadora, Ednalva, *antes de descer a lama da Samarco, a gente pescava, pegava bastante peixe*. Todavia, como comentou um pescador ancião, César, *nunca tinha visto um uma coisa daquela [...]. A Samarco matou tudo. A lama da Samarco*.

⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YwAHdF_Hnlw. Acesso em: 31 mar. 2026.

Mapa 1 – Rompimento da barragem de Fundão da Samarco, Vale e BHP Billiton e o rastro da destruição, ao longo da Bacia do Rio Doce



Fonte: AGB - GT Agrária Rio/Niterói (2015).

Muito mais que uma unidade básica de planejamento e gestão, estabelecida no âmbito da Política Nacional de Recursos Hídricos (Lei nº 9.433/1997, conhecida como “Lei das Águas”), compreendendo a Bacia do Rio Doce como “águas conectadas entre si, que por consequência, conecta territórios e pessoas” (EduMiTe, 2025, p. 30).

Deste modo, com o rompimento, “era como se uma ferida tivesse de súbito se aberto, rasgando tecidos conectados” (Das, 2020, p. 37). O desastre, que “transcende o rompimento da barragem de rejeitos” (GESTA/UFGM, 2025), no dia 5 de novembro de 2015, configura-se, portanto, em um processo complexo e multiescalar, *i. e.*, um “desastre sociotécnico” (Zhou et al., 2016), cujo processo deflagrado vai além de “uma falha meramente técnica, remetendo-nos assim às falhas de governança ambiental, produtoras de novos padrões de vulnerabilidade que expuseram, de fato, a população a uma situação de risco” (Zhou et al., 2016).

Como Silva (2024, p. 133-134) analisa,

[...] o rompimento de Fundão deflagrou um processo de sofrimento social que não se limita ao dia 5 de novembro de 2015. Trata-se de um processo de sofrimento, destruição e fragmentação de territórios que tem se desdobrado em consequências que se *derramam* (Gudynas, 2016) de forma multidimensional em decorrência das

medidas adotadas para gerir a crise, agravando as vulnerabilidades das comunidades afetadas (Zhouiri; Çaschefsi, 2017).

O rompimento, assim, transformou toda a Bacia do Rio Doce e sua gente, prolongando-se no tempo e produzindo diversos efeitos socioeconômicos, culturais, para a saúde física e mental, produzindo sofrimento social e violências para a população que habita esse território (GESTA/UFGM, 2025). Como disse Shirley Krenak à revista *Época*,

Mudou um fluxo de vida, de rotina, de costumes e de espiritualidade do povo. É como se chegasse em sua casa e dissesse que você não pode mais rezar dentro de sua própria residência. É como se tivesse uma cerca proibindo você de entrar em um cômodo de sua casa. [...]. A gente está se readequando a uma nova estrutura de vida. [...] (A briga..., 2019, p. 72).

Como no caso de um dos maiores desastres industriais, o Desastre de Bhopal⁹, ocorrido, em 1984, na Índia, causado pelo vazamento do gás isocianato de metila da fábrica da multinacional Union Carbide, que matou, no primeiro momento, três mil pessoas e segue causando consequências para a população vítima do vazamento até o presente (Das, 1995), uma das violências recorrentes no caso do Desastre do Rio Doce é a desumanização das vítimas, no processo de reparação (GESTA/UFGM, 2025) e punição aos responsáveis pelo crime (Santos, 2023).

Tal violência é causadora de sofrimento social para significativa parte da população, que tem a sua experiência de sofrimento particular e cotidiano negligenciado, silenciado ou desvalorizado. No caso de lá como no caso de cá, no processo de reparação, perante o Estado e as empresas responsáveis, converte o sofrimento real, particular e cotidiano das vítimas (como reflete Veena Das, a *Cosmologia dos Impotentes*) em uma linguagem burocrática, científica e judicial (a *Cosmologia dos Poderosos*).

De outro modo, o sofrimento “passou a ser constituído puramente como algo verbal”, cuja “linguagem passou a ser implantada como um fim em si mesma, gerando um discurso cuja função era dissolver a realidade concreta e existencial das vítimas em sofrimento” (Das, 1995, p. 174, tradução nossa), desumanizando e silenciando as vítimas. Como aponta a Ficha Técnica “O desastre do Rio Doce: rompimento da barragem da Samarco/Vale/BHP em Mariana” (GESTA/UFGM, 2025, n. p.), “O tratamento dado aos atingidos por parte da empresa e das instituições do Estado constitui um dos principais fatores que engendram o sofrimento social dos afetados pelo desastre”, algo que se constitui em um “estado de permanente de angústia e frustração” (Zhouiri et al., 2016, p. 34).

⁹ Para saber mais, vale assistir o documentário “Bhopal 84: o maior crime industrial da história” (2020), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xy2qOtr1q4&t=7s>. Acesso em: 30 mar. 2026.

Como disse Matipó, atingido de São José do Goiabal, que esteve presente, em Mariana, na oitava Romaria do Rio Doce, *a negligência do Estado, a negligência das próprias empresas, fizeram que o sofrimento fosse muito para todos* (8ª Romaria..., 2025).

Como “evento emocional crítico”, o rompimento gerou um colossal impacto emocional para significativa parte da população da Bacia do Rio Doce que, com base em um “sentimento de injustiça”, resultou na transformação da dinâmica da ação coletiva na região (Losekann, 2017). Como analisa a pesquisadora:

O próprio desastre, que teve ampla atenção da mídia nacional e internacional, também estendeu conexões e contatos entre atores e uma variedade de ativistas externos que se interessaram pelas condições locais das comunidades afetadas. Dada a magnitude do desastre, ações subsequentes (em termos de reparações para as comunidades afetadas e para danos ambientais, bem como atribuição de responsabilidade das empresas que causaram o desastre) atraíram o interesse de uma variedade de ativistas que lidam com mineradoras e desastres causados por empresas transnacionais. Como resultado, novos atores se envolveram e têm exercido influência no processo de mobilização (Losekann, 2017, p. 8, tradução minha).

Desastre “em curso” até os dias atuais (IBAMA, 2015, p. 3), o *rastro de lama e destruição* gerou, e continua a gerar, uma série de injustiças, afetações e efeitos reorganizativos, na sociedade, e, de onde observo, na rede de movimentos sociais de modo geral e, de maneira mais próxima ao meu convívio, na rede universitária e de movimentos “cebistas” com a qual me relaciono desde a época dos estudos na UFV.

Por exemplo, com o passar dos anos, os diferentes modos de lidar com o desastre-crime e de o manter em evidência para não esquecer; de buscar e defender o direito à reparação integral de todos os atingidos e atingidas, incluindo aí, anos depois, a atuação de algumas ONGs e organizações ligadas à Igreja Católica, nas Assessorias Técnicas Independentes (ATIs), criadas para tanto, e, principalmente, de se relacionar (ou não) com a Fundação Renova (esse grande imbróglia criado para gerir a mensuração dos danos, o reconhecimento dos atingidos e a reparação)¹⁰, geraram abalos sísmicos na rede de movimentos, causando divisões, reconfigurações, novas alianças e a emergência de novos atores.

Não é meu objetivo aqui aprofundar nessas questões, porém, quando penso e busco entender como e quando se deu esta ‘virada’ em minha trajetória de relacionamentos com os movimentos sociais da Zona da Mata de Minas que, de algum modo, trouxe-me até as Romarias do Rio Doce, atualmente, é inevitável não lembrar do processo de organização e realização da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce, ocorrida de 11 a 16 de abril de 2016, percorrendo

¹⁰ Para compreender a criação da Fundação pela mineradora junto com a Vale e a BHP Billiton, em meio às respostas institucionais ao desastre e à estratégia discursiva, na disputa narrativa sobre o desastre, cf. Silva (2024, p. 133-135) e GESTA/UFMG (2025).

diversas localidades da bacia por quatro rotas¹¹, abrangendo os municípios de Acaiaca, Barra Longa, Santa Cruz do Escalvado, Rio Doce, Sem Peixe, Desterro do Melo, Paula Cândido, Viçosa, Ponte Nova, Açucena, Belo Oriente, Ipatinga, Governador Valadares, Resplendor e os municípios capixabas Anchieta, Aracruz, Linhares, Colatina, Baixo Guandu e Vitória. Todas as rotas culminaram em Governador Valadares.

Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce, na rua; a Romaria do Rio Doce, na esquina

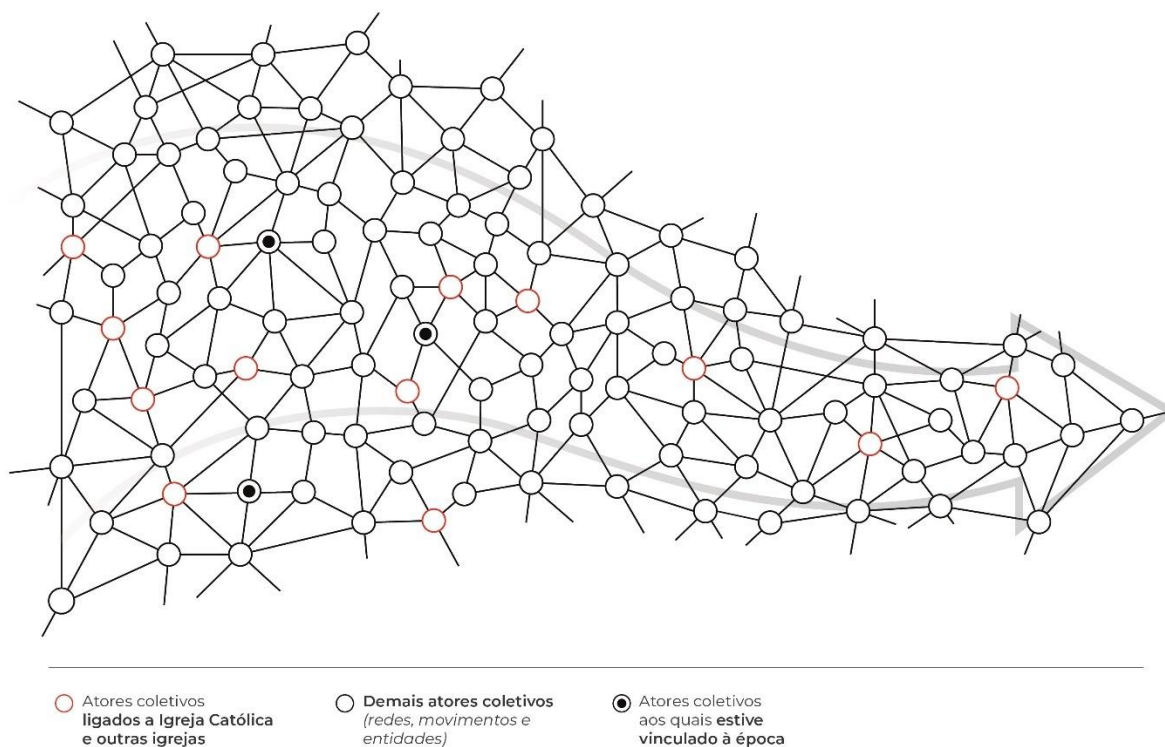
A Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce (cf. Porto, 2016; Barcelos et al., 2017) foi a primeira iniciativa coletiva mais imediata, de que tenho notícia, que mobilizou uma série de pesquisadores, professores e estudantes universitários, agricultores/as, pescadores/as, órgãos públicos e várias redes, movimentos e entidades, nos principais territórios atingidos, culminando com um amplo evento de sistematização, análise e debate público, sobre os impactos do ocorrido, e a busca pelo reconhecimento dos direitos das atingidas e atingidos, na resolução dos problemas acarretados. A Caravana, durante os dias que percorreu as quatro rotas, fez uma incursão pelo território para ver, ouvir e sistematizar *denúncias* e *anúncios*, que pudessem auxiliar num diagnóstico para pensar coletivamente e, ouvindo as vítimas, a reparação – o que veremos, ao longo da tese, relaciona-se com o método “cebista” do “ver, julgar e agir”, aprendido e reproduzido no âmbito das comunidades de base católicas.

Ao se analisar a ampla rede de organizações que construíram, participaram e assinaram a carta política da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce, pode-se dizer que a mesma significou uma ampla aliança (Butler, 2018) entre diferentes atores da região Sudeste e em nível nacional. Muitas pessoas, movimentos e organizações, com as quais estabeleci/mantenho contato e relação de parceria, desde 2009, somaram-se ao conjunto de apoiadores e organizadores da Caravana e contribuíram com a construção dessa ação. Mais detidamente, no que se refere à relação entre religião e política, percebi também que algumas organizações da Igreja Católica e de outras igrejas atuaram na organização desse evento¹². Ao todo se envolveram 114 atores coletivos (redes, movimentos, associações, sindicatos, entidades etc.), dos quais 13 são ligados a igrejas, majoritariamente, à Igreja Católica (Figura 1).

¹¹ Rota 1, Mariana (Alto Rio Doce); rota 2, Vale do Piranga e Casca (Alto Rio Doce); rota 3 – Médio Rio Doce e rota 4, Espírito Santo.

¹² Para acesso a todas as organizações que contribuíram com a realização da Caravana, cf. Apêndice 5.

Figura 1 – Mapa das redes, movimentos e entidades que construíram, participaram e/ou assinaram a carta política da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce (2016), dando destaque para as organizações ligadas a igrejas



Fonte: Rodrigo Teixeira (2026).

À época, estava diretamente vinculado à três dos atores que construíram a Caravana, digo, à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV), ao Coletivo Repentistas do Desenho e à equipe da UFV, que executava o projeto Comboio Agroecológico do Sudeste. Particpei de reuniões, trabalhei como revisor da Cartilha do Participante da Caravana – um roteiro que reunia informações sobre as rotas, a culminância e suas respectivas programações, acordos coletivos, além de um conjunto de questões problematizadoras sobre as realidades dos territórios e das experiências, que seriam visitadas durante os dias de Caravana.

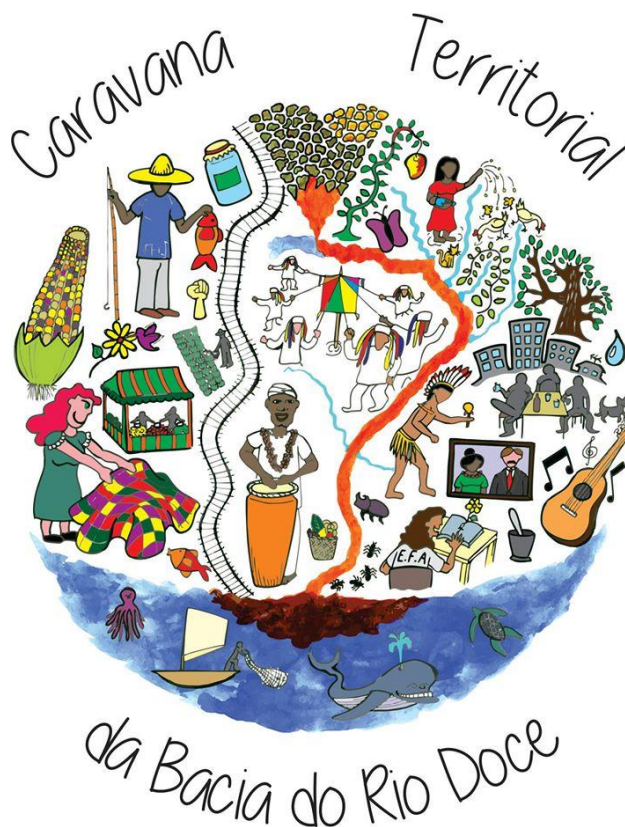
Como membro do Coletivo Repentistas do Desenho¹³, contribui também na mediação junto a coordenadores da Caravana, no processo de construção da identidade visual do evento (Figura 2), além de ter sido convidado a pensar estratégias de comunicação junto à comissão formada para tanto. Desde então, passei a ser (re)conhecido e solicitado pela rede “cebista”. Os desenhos que me conectaram diretamente, desde 2016, com a rede “romeira” da Romaria do

¹³ Um coletivo de relatoria gráfica criado por estudantes ilustradores da cidade de Viçosa, na Zona da Mata de Minas Gerais em 2015, do qual fiz parte até 2020.

Rio Doce, ainda que, apenas a partir de 2020, fosse me envolver frontalmente com sua organização e participar na caminhada pelas ruas, em 2022.

Nós, do Coletivo, fizemos várias reuniões, para pensarmos juntos a arte da Caravana, e, depois de alguns rascunhos e negociações, a arte foi desenhada e finalizada por Glauber Guimarães¹⁴, que entregou uma bela e forte identidade visual, em cores, com diversos elementos que buscaram expressar a riqueza – na linguagem das caravanas agroecológicas, os *anúncios* – do “povo da Bacia do Rio Doce”, presentes no território, todavia, atravessados pelo rastro de lama tóxica da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton – expressando a *denúncia* –, que tingiu de laranja e *matou* o Rio Doce ou *Watu*, um ente ancestral do povo Krenak, destruindo e martirizando-o em toda sua extensão até o Oceano Atlântico (Figura 2).

Figura 2 – Identidade visual da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce



Fonte: Coletivo Repentistas do Desenho (2016).

A arte – organizada em um formato arredondado, de modo a representar a abrangência da bacia hidrográfica do Rio Doce – comporta duas perspectivas na mesma imagem: a da vista do topo da bacia hidrográfica, que acompanha o curso do rio até sua foz, e a da vista frontal,

¹⁴ A quem agradeço pelo apoio na reconstituição do processo de feitura e dos sentidos da arte em questão.

cujas centralidade está nos elementos socioculturais e ambientais.

Num primeiro conjunto – o de *anúncios* –, fazendo contraposição ao momento de *luto*, instaurado pelo desastre-crime e, conseqüentemente, buscando destacar a força e a alegria que motiva e move, vemos, em cores vivas, uma confluência de elementos que representam a vida humana e não humana, que habita a bacia, numa tentativa de mostrar, pela quantidade e riqueza de itens, a explosão sociocultural e ambiental que pulsa neste espaço.

Nesse plano, vemos uma diversidade de pessoas (mulheres, homens, população negra e indígena) e diversas espécies animais e vegetais, em diferentes situações. Vemos hortas e plantações, um vidro de compota de doce, uma colcha de retalhos, uma feira, uma espiga de milho crioulo, profissionais artesanais (como pescador e a costureira), itens que trazem à luz a diversidade econômica da região: a pesca, a agricultura familiar, a economia solidária. Vemos também danças e manifestações religiosas e culturais provenientes de um campo religioso diverso, representado pela congada, o pau de fita e o tambor, os instrumentos musicais.

Buscando retratar a organização social, os sindicatos e os movimentos sociais atuantes na região, vemos um punho cerrado, além de vermos na sigla “E.F.A.”, desenhada na camisa de uma estudante, que lê, as Escolas Família Agrícola¹⁵ representadas. Em resumo, vemos todos e todas afetados/as e como eles, apesar do rompimento, permanecem no território, mesmo num contexto de uma mudança brusca e de dificuldades advindas dela, não só na Bacia do Rio Doce, mas também entre aqueles/as que dependem do mar para viver, sustentar-se e se divertir.

Num segundo conjunto – o das *denúncias* –, vemos no centro e ao alto um conjunto de pedras que compõem a logomarca da empresa Vale S. A., representando uma barragem e cuja base está rompida, formando um triângulo de lama laranja que intercepta o rio Doce. O rio tem o desenho de seu curso semelhante à forma real de seu curso, conforme se observa em imagens de satélite e mapas da bacia. Como se vê, uma pequena parte inicial se mantém azulada, antes de ser contaminada pela lama tóxica e adquirir as cores do rejeito. Ao final do curso d’água, na parte inferior da imagem, está o mar de Regência, para onde boa parte do rejeito foi e ainda é levado.

Vemos, também, nesse plano, uma gota d’água para indicar os problemas com água potável e os conflitos pelo uso da água, agravados pelo crime, além de alguns prédios para mostrar o impacto na vida urbana. Por fim, entre o conjunto de elementos coloridos, vemos um tradicional quadro de foto de casamento, representando as histórias familiares e comunitárias,

¹⁵ As Escolas Família Agrícola (EFAs) são instituições escolares comunitárias, reconhecidas pelo MEC, que oferecem Ensino Médio integrado ao técnico em agropecuária, utilizando a Pedagogia da Alternância. No território da Bacia do Rio Doce, em Minas e no Espírito Santo, existem aproximadamente dez EFAs.

que foram permanentemente traumatizadas ou mesmo soterradas pela lama.

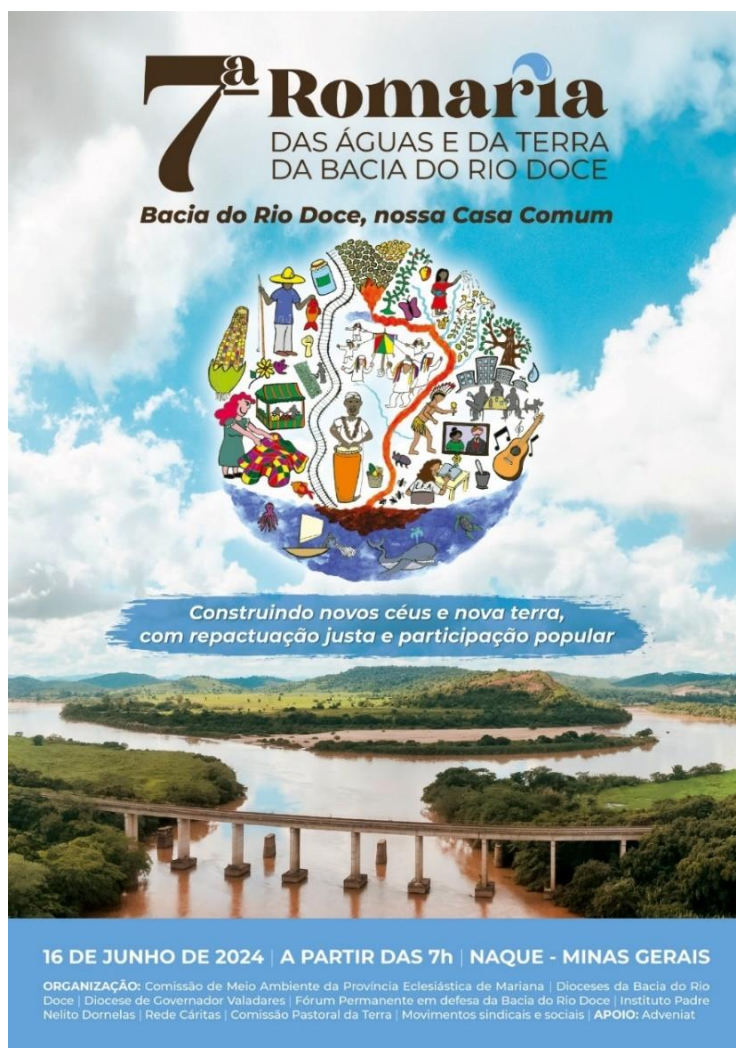
A arte passou a ser reproduzida e circular em diversos materiais gráficos e de divulgação da Caravana (cartazes, convocatórias, camisas, faixas, carta política, crachás etc.). Um “nó” interessante, entre a Caravana e a Romaria do Rio Doce, é que a arte do primeiro evento foi apropriada pelos organizadores da Romaria, sendo utilizada no cartaz de divulgação de sua primeira edição (Figura 3), ocorrida meses depois da Caravana. Posteriormente, em 2024, esta mesma arte passou a compor a identidade visual de sua sétima edição, realizada em Naque-MG (Figura 4).

Figura 3 – Cartaz da primeira Romaria do Rio Doce (2016)



Fonte: Comissão de Meio Ambiente da Província de Mariana (2016).

Figura 4 – Cartaz da sétima Romaria do Rio Doce (2024)



Fonte: Comissão de Meio Ambiente da Província de Mariana (2016).

Como me contou um dos organizadores leigos da Romaria do Rio Doce, vinculado à Cáritas Diocesana, à Comissão de Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana, à Comissão Episcopal Regional para a Ecologia Integral e Mineração da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) Leste 2, à Rede Igreja e Mineração e ao Grupo de animação das CEBs, um dos coordenadores da Romaria do Rio Doce:

[...] nós achamos [a arte] interessante e usamos. Como agora, nós fizemos o ciclo todo [isto é, a Romaria passou por todas as dioceses do Rio Doce até o Espírito Santo], estamos voltando para Valadares novamente, onde aconteceu a primeira Romaria, nós fizemos agora, a logo, né, o desenho da sétima Romaria e colocamos a logo dentro do espaço, que é de Naque, da ponte lá na [BR] 381, a logo que foi usada na Caravana, que foi usada na primeira Romaria, realizada aqui na Diocese de Valadares, na cidade de Resplendor (Sacramento, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, em entrevista, 15.05.2024).

Além de o “nó” da arte da Caravana ter sido julgado representativo, pelos organizadores, para inaugurar a Romaria do Rio Doce, como já apontado, é mister lembrar que há uma história de relações, conexões e cruzamentos entre a Caravana com esse ator-rede “romeiro”.

A própria ideia de organizar Caravanas – sejam elas Culturais, Agroecológicas, ou mesmo essa, Territorial da Bacia do Rio Doce –, colocando as pessoas em alguns carros, vans e as distribuindo por diversas rotas, para uma análise *in locu*, a ser feita “em movimento”, compartilhada e em diálogo com as vítimas do desastre, se inspira no repertório “político-pedagógico dos movimentos sociais, em suas marchas, romarias, etc.” (Silva, 2020, p. 157).

Além de tudo, o esforço para a realização da Caravana da Bacia do Rio Doce serviu de motivação para os atores ligados à Igreja Católica, filiados à Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana (e, alguns, também no Fórum Permanente de Defesa da Baía do Rio Doce, criado após a Caravana), realizarem uma Romaria, para seguir escutando os *clamores* das comunidades/povoados/cidades atingidas pelo rompimento, reunindo e expondo publicamente suas *denúncias* e *anúncios*.

A realização de um evento, portanto, toca na realização do outro. De outro modo, ao responder sobre como surgiu a Romaria da Bacia do Rio Doce, e de quem foi a iniciativa, o interlocutor espontaneamente estabeleceu uma ligação entre essas duas iniciativas, como me explicou:

Teve uma Caravana, realizada por várias entidades, vários movimentos sociais, é... saiu alguns ônibus, saíram de vários lugares visitando territórios devastados, em consequência dos rejeitos de minério que desceram na Bacia do Rio Doce, avaliando um pouco as consequências para a fauna, para a flora, para a água, para o ar, para a terra, para a produção, para os animais... foi muito interessante. E ao final desta Caravana percebemos que nesses ônibus tava representação de mais de 40 entidades, sendo ONGs, movimentos sociais, né. Instituições religiosas, né. Sindicatos, ONGs, várias. E aí, ali tivemos a ideia de criar o Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce, que reúne até hoje, né. Foi criado em 2016 e... na... na reunião que nós fizemos [...], logo depois do rompimento, no início de 2016, avaliando essa Caravana, e esse Fórum criado, achamos que era momento de fazer um grande evento de massa, que pudesse reunir as comunidades, suas lideranças, o povo de Deus para uma reflexão e para uma caminhada sobre o tema, né, do meio ambiente, aproveitando a Laudado Si, aproveitando o Papa Francisco, né, que é a grande referência hoje na luta em favor do meio ambiente, da nossa Casa Comum, que é o planeta Terra, e ligar este... esta ação do Papa Francisco com uma iniciativa, quando teve uma reunião da Comissão da Província Eclesiástica... não da Comissão, da Província Eclesiástica de Mariana¹⁶, que os bispos participam. E nessa reunião de 2016 foi proposto, né, ali, a criação da Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana e aí, a necessidade de uma primeira ação forte dessa comissão, que estava sendo criado naquela época, aí surgiu a ideia de... até de nosso saudoso padre Nelito Dornelas, é de fazer um grande evento. Já tinha as romarias. Valadares promovia as romarias, a CPT promove as romarias, tem a romaria lá em Mariana no Dia do Trabalho, várias romarias. Então por que não promover uma grande romaria da Bacia do Rio Doce?

¹⁶ Que compreende a arquidiocese de Mariana e as dioceses de Itabira/Cel. Fabriciano, Governador Valadares e Caratinga.

Né, pra trazer esse assunto, do meio ambiente, das consequências, né, de um rompimento como o que ocorreu, e considerando tantas barragens, hoje mais de 400 barragens, bombas-relógio montadas em todo o estado de Minas Gerais, principalmente ali no Quadrilátero Ferrífero, ali de Itabira, descendo... aí você pega Barão de Cocais, você pega Conceição do Mato Dentro, é cheio de... de barragens, e o povo não sabe que está em baixo de uma barragem, ou, só foi descobrir um pouco depois do rompimento de Mariana, que acharam que era um acidente, mas, depois também veio a de Brumadinho, que ele começaram a perceber que não é um acidente. [...]. E aí, nós tivemos essa ideia de promover a Romaria para dialogar, refletir e envolver, né, também o Clero e os bispos, arcebispos, toda a Igreja nesta ação solidária, em favor do meio ambiente (Sacramento, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024).

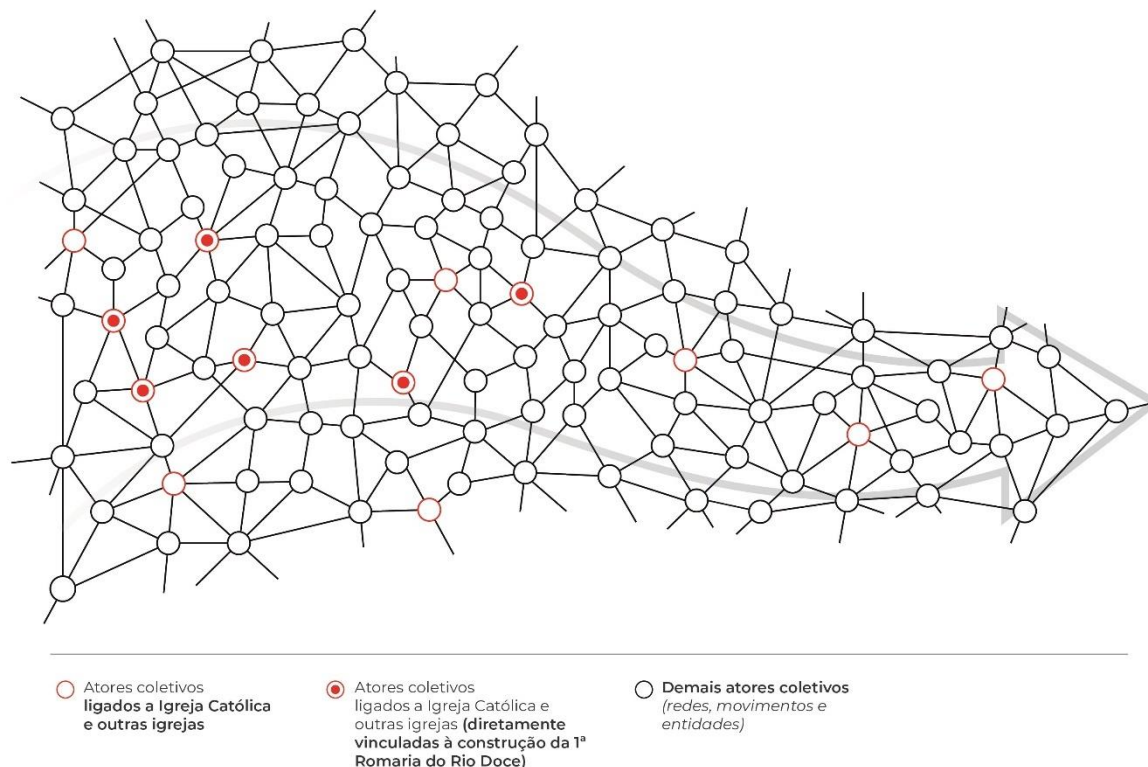
Interessante a resposta, porque, logo na sequência, a minha pergunta foi exatamente qual a relação da Romaria com a Caravana, se há alguma relação entre os dois eventos, no que o coordenador seguiu em sua resposta:

É, tem tudo a ver, porque, praticamente, todo, quase todos, e que estão atuantes hoje na Comissão e no Fórum Permanente, agora no Instituto padre Nelito Dornelas, que foi criado após sua perda para a batalha para o Covid, estavam naquela Caravana, né. Então, tem muito a ver, porque a Caravana nos mostrou, né, a realidade e as consequências de um rompimento de barragem. Não são, né, só as perdas humanas naquele momento do rompimento, mas quantas vidas foram embora, além da fauna, flora, né, em decorrência de problemas de saúde, psicológicos, traumas criados, depressão e tudo mais. Então avaliamos que realmente precisava fazer um grande evento para dialogar com o povo (Sacramento, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024).

De treze atores ligados à Igreja Católica e a outras igrejas (Figura 1), mais da metade também construíram a primeira Romaria do Rio Doce, em 2016 (Figura 5). Refiro-me à Arquidiocese de Mariana, Arquidiocese de Vitória, Cáritas Brasileira, Cáritas Diocesana de Governador Valadares, Comissão Pastoral da Terra de Minas Gerais (CPT Minas) e Diocese de Colatina, sendo que alguns seguem organizando-a até hoje. Ainda, como dito por Sacramento, ao final, as movimentações para a realização da Caravana resultaram na criação do Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce¹⁷ (Barcelos et al., 2017), que reúne alguns atores que também pensam e organizam as Romarias do Rio Doce.

¹⁷ O Fórum é uma articulação que inclui movimentos sociais, ONGs, universidades e outros atores, criada para defender os interesses dos atingidos pelo rompimento da Samarco, Vale S.A. e BHP Billiton, em busca de recuperação do ambiental e da reparação justa das vítimas, com protagonismo das comunidades.

Figura 5 – Mapa das redes, movimentos e entidades que construíram, participaram e/ou assinaram a carta política da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce (2016), dando destaque aos atores ligados à Igreja Católica, diretamente envolvidos com a organização da primeira Romaria do Rio Doce, ocorrida meses depois



Fonte: Rodrigo Teixeira (2016).

Apesar de não ter participado da Caravana, em razão de um acidente que sofri, no final de semana, antes de sua realização, recordando como fui absorvido (Geertz, 2008c) por esse evento, posso dizer que ele representa um “marco zero” de meu relacionamento mais estrito com esse ator-rede “romeiro”, com o qual convivo hoje por ocasião da pesquisa de doutoramento e a infância de meu interesse pelas Romarias do Rio Doce – pelo menos, no que se refere à minha curiosidade em sua dimensão ritual e como ação coletiva de *denúncia*, protesto e reivindicação frente ao desastre-crime.

Diferente da teoria do Ator-Rede desenvolvida por Latour (2012), nesta monografia, “ator-rede” se refere à síntese analítica pela qual compreendo um agregado de diferentes atores coletivos, movimentos religiosos e sociais “cebistas”, que possuo contato, convivo e tenho abordado (Teixeira, 2020), e que, juntos, conformam uma *assemblage* ativista (Rodríguez-Giralt, Marrero-Gillamón, Milstein, 2008; Escobar; Osterweil, 2009; Alvarez, 2019) que, “tem o poder de se autoconvocar e se apresentar publicamente em determinados momentos políticos através de encontros, abaixo-assinados e campanhas” (Novaes, 2001, p. 65).

Assim, meu contato com a organização da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce fez ampliar meus contatos e reconfigurou minhas conexões. Depois da Caravana, sobretudo, identificado como membro do Coletivo Repentistas do Desenho, passei a ser mais demandado e, conseqüentemente, a conviver mais com esse ator-rede “cebista”, que constrói a Romaria do Rio Doce (um ator-rede “romeiro”) e, também, outros eventos¹⁸. Visto como um *parceiro antigo* do movimento, esta pesquisa surge no seio de todo meu envolvimento, a partir de minhas diferentes atuações, junto aos movimentos sociais da Zona da Mata, desde 2009, e, mais detidamente, por minha interlocução com o ator-rede das Romarias do Rio Doce.

Depois das Caravanas Territoriais da Bacia do Rio Doce, muitos acontecimentos ocorreram. Entre os fatos que se sucederam, em Minas Gerais, outro evento histórico afetou drasticamente a realidade do estado e marcou a memória coletiva do país. Somando-se ao desastre-crime, que assolou Bento Rodrigues e afetou toda a Bacia do Rio Doce, em 2015, mais um evento dramático, envolvendo uma barragem de rejeitos da mineração, causou uma tragédia, soterrando 272 pessoas em Brumadinho-MG, em janeiro de 2019, quando a barragem de Córrego do Feijão, do Complexo Paraopeba II da Vale, rompeu e despejou no ambiente aproximadamente 12 milhões de m³ de rejeitos, causando “impactos e prejuízos ambientais e socioeconômicos” que “não se restringiram aos municípios da bacia do Rio Paraopeba, mas tiveram reflexos na Região Metropolitana de Belo Horizonte e no estado de Minas Gerais como um todo” (Minas Gerais, s. d., n. p.).

Este segundo rompimento de barragem de rejeitos de minério de ferro foi muito marcante, em minha memória, e as afetações sentidas naquela época, além de aumentarem minha indignação com o *modus operandi* da mineração predatória, também foram importantes para transformar meu interesse e olhar, fazendo-me atentar um pouco mais para a questão da luta de resistência à mineração – seja para *denunciar* as violações de direitos humanos, em contextos em que a mineração já está instalada, seja pela luta por *territórios livres de mineração* – em minhas observações e meus estudos sobre as relações entre religião e política. O rompimento em Brumadinho, entre outras ações de *denúncia* e de *luta* pela reparação, também deu origem a uma romaria: a Romaria pela Ecologia Integral a Brumadinho, cuja rede de movimentos pastorais e entidades organizadoras impigem (Barnes, 1987) a rede “romeira” da Romaria do Rio Doce, com muitos encontros, cruzamentos e atores em comum¹⁹.

¹⁸ Para uma relação de eventos e situações de contato e parceria com essa rede “cebista”, cf. Apêndice 1.

¹⁹ Caminhando para sua sexta edição em 2025, esta romaria é celebrada anualmente no dia 25 de janeiro, data em

Também em 2019, em um outro contexto minerário, distante das áreas onde ocorreram os rompimentos, após muita luta das atingidas e atingidos e de alguns movimentos sociais, as comunidades atingidas pelo projeto Minas-Rio da Anglo American, em Conceição do Mato Dentro-MG – doravante, Conceição, conquistaram o direito à Assessoria Técnica Independente (que ficou conhecida como ATI 39). Distante cerca de 170 km de Belo Horizonte, o município está localizado na Reserva da Biosfera do Complexo da Serra do Espinhaço. No município, está situada a mina de minério de ferro a céu aberto Sapo-Ferrugem, que integra o referido complexo minerário Minas-Rio. O Minas-Rio consiste em um sistema integrado que compreende a referida mina, o maior mineroduto do mundo, com 530km, atravessando trinta e dois municípios de Minas Gerais e Rio de Janeiro e um porto, em São João da Barra - RJ.

Desde que o empreendimento se implantou, o território é marcado por uma série de conflitos socioambientais (GESTA/UFGM, 2019), em sua maioria, contendas pelos usos da terra e das águas entre empresa e camponeses, povos tradicionais e quilombolas, agricultores, posseiros, meeiros, trabalhadores e trabalhadoras rurais atingidos/as, além da violação de direitos humanos.

A ATI 39 é a primeira (e até o momento, a única) ATI em um contexto onde não ocorreu um rompimento de barragem de rejeitos. Em outros termos, as Assessorias Técnicas Independentes (ATIs) já vinham sendo implementadas na região da Bacia do Rio Doce, reivindicando a resolução de diferentes violações de direitos humanos, sendo a falta de informações sobre as atividades da mineradora a mais recorrente (MPMG, 2017, p. 5-6). Os atingidos pelo projeto Minas-Rio conquistaram esse direito via Condicionante de número 39, estabelecida no âmbito do licenciamento ambiental, pelo estado de Minas, para o empreendimento operar²⁰. No período de 10 de junho de 2019 a 31 de agosto de 2020, atuei como cientista social na equipe responsável pela implementação da ATI 39.

Por um pouco mais de um ano, vivenciei um cotidiano de trabalho intenso; circulei pelas comunidades, participando e mediando reuniões, fazendo visitas e participando de algumas festas (muitas delas, religiosas), estabelecendo conversas, mediações e interlocuções. Li, estudei, pesquisei e escrevi documentos técnicos que, em seu conjunto, me fez sentir, na pele, (Stoller, 2022; Ingold, 2015b, p. 25-26), do lugar que ocupava na ATI, a complexa questão mineral brasileira (Trocate; Coelho, 2020). Já afetado pelos rompimentos ocorridos em Mariana

que se recorda a tragédia-crime do rompimento da barragem.

²⁰ Para saber mais sobre a ATI da Condicionante 39, cf. MPMG (2017).

e Brumadinho, ter vivido em Conceição, fundada sobre o conflito entre as populações originárias e os invasores, que buscavam ouro e diamantes, no século XVIII, e que atualmente vive um segundo ciclo da mineração (mineração de ferro), com uma mina a céu aberto, e ter me envolvido em um cem número de conflitos, de todos os tipos e de várias dimensões, nos territórios atingidos das comunidades, no entorno da Mina, foi mais uma ‘virada’ em minha trajetória. Mais um fator que me fez interessar pela Romaria do Rio Doce como “objeto” (Calavia-Sáez, 2013).

Momento fundamental em minha trajetória de pesquisa, a questão da mineração, de onde eu passei a olhar, começou definitivamente a dinamizar toda a ecologia da rede militante “cebista”. Como notei, o tema se tornou incontornável (note-se: os temas e lemas dos eventos, organizados pelos movimentos e pastorais com que convivo, passaram a dar mais ênfase à questão mineral). Nesse tempo na ATI 39, me aproximei de outras redes, ampliei contatos.

Passei a ter contato com as e os militantes do MAM, que atuam na região de Conceição e Serro-MG; com membros da Rede de Articulação e Justiça dos Atingidos do Projeto Minas-Rio (REAJA); da Comissão de Atingidos das Comunidades do Beco, Sapo, Cabeceira do Turco e Turco; da Região Episcopal Nossa Senhora do Rosário (Renser); da Arquidiocese de Belo Horizonte; com atingidos e atingidas pela mineração de Brumadinho, Barão de Cocais e outras localidades de Minas, entre outros relacionamentos vividos.

Toda a vivência desse período fez saltar aos olhos a luta de resistência à mineração, questão que já vinha afetando a mim e as relações que estabelecia, desde o rompimento em Mariana, mas que, até então, eram questões que figuravam em segundo plano em meus estudos e pesquisas sobre os movimentos sociais, política e religião. O maior contato com a realidade concreta dos atingidos pela mineração (Magno, 2017) e, teórica e tecnicamente, com as vicissitudes da questão mineral brasileira (Trocate, Coelho, 2020), foi o que me fez, sem esquecer a minha “velha questão” da relação entre *fé* e *política*, incorporar de vez esse tema em minhas reflexões e interesse de pesquisa.

Andanças, romarias, peregrinações e caminhadas aparecem nas narrativas de meus interlocutores/as e marcam o processo formativo e a memória (Pollak, 1989; Candau, 2012) do *fazer a luta* (Comerford, 1999) dos movimentos da Zona da Mata mineira. Ao longo de minha trajetória de contato com esse ator-rede “cebista”, da Zona da Mata, ouvi algumas narrativas sobre romarias e caminhadas por meio de “causos” e anedotas sobre desafios para ir e voltar; fazer *missão*; hospedar-se e colocar a romaria na rua – momentos marcados por perrengues, tensões e situações engraçadas –, geralmente, contadas em conversas informais, durante

momentos de lazer e de intervalo e/ou durante as refeições nos eventos²¹, mas também em conversas informais em outros contextos, algumas delas seguidas de convites, indicações de filmes e mesmo empréstimo de material para leitura e estudos.

Num contexto de longa parceria com os movimentos sociais da Zona da Mata, já tendo me debruçado sobre outros rituais (como reuniões, cursos, encontros e congressos), vi aumentar gradativamente meu interesse pelas romarias organizadas por trabalhadores e trabalhadoras, interlocutores e interlocutoras-parceiras, passando a deslumbrá-las como rituais potencialmente produtivos, para refletir sobre uma questão antiga nas Ciências Sociais. Isto é, até que ponto a religião pode ser “boa para pensar” a política e vice-versa (Novaes, 1997)?

Como desvelou-se, na pesquisa de campo, minhas interlocutoras e interlocutores organizam diversas romarias e se organizam para participar de outras tantas, em Minas Gerais ou outros estados, destacando-se, em suas falas, a importância moral de se participar de *romarias de denúncia* que, como disse uma romeira vinculada à Pastoral Afro-Brasileira (PAB) da Arquidiocese de Mariana, vão onde *o problema está* (Serra do Brigadeiro, 54 anos, entrevista 22.06.2024). Isto é, como ouvi dos romeiros e romeiras, e bem explicou uma das coordenadoras da Romaria (Serra do Brigadeiro, 57 anos, Diocese de Itabira/Ce. Fabriciano), meus interlocutores e interlocutoras costumam se deslocar para romarias tradicionais, como as que rumam com destino a santuários que *têm sua história* (entrevista 17.04.2024), como Bom Jesus da Lapa, Aparecida, e mesmo para o Santuário do Bom Jesus do Matosinho, em Conceição. Em sua maioria, porém, valorizam mesmo as *romarias de denúncia*, aquelas que nascem *a partir de um martírio, né, da morte* (entrevista 08.05.2024), cujas romarias *se transformam no santuário do povo* (entrevista 17.04.2024), tornando sagrados (*sacra facere*) lugares *onde teve um assassinato, teve um processo de luta forte* (entrevista 08.05.2024). Assim, por todos os imponderáveis da vida relatados, dentre as romarias que organizam e participam meus parceiros-interlocutores, escolhi me debruçar sobre a Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce.

Tal romaria deriva historicamente de “uma nova tradição [...] inventada, a das romarias da terra” (Chaves, 2000, p. 22), surgidas no período da ditadura militar brasileira (1964-1985). Como historiciza a pesquisadora,

²¹ Como analisou Comerford (1999, p. 56-57), momentos em que imperam “as formas mais ‘espontâneas’ de sociabilidade”; momentos de “descontração”, muitas conversas informais e brincadeiras.

Há controvérsias quanto ao local e a data da primeira realização da romaria da terra. A primeira delas teria dado início, em 1978, ao *Ano dos Mártires*, em São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul. Uma sugestão de D. Pedro Casaldáliga, Bispo de São Miguel do Araguaia, Tocantins, o Ano dos Mártires foi inaugurado pela romaria da terra no local onde ‘São’ Sepé Tiaraju morreu, com 1.500 outros, combatendo por terra (Barros & Peregrino, 1996: 20-23). Em 1978, e segundo alguns testemunhos já em 1977, ocorreu a *Missão da Terra*, que daria lugar à romaria da terra, no tradicional Santuário de Bom Jesus da Lapa, BA (Steil, 1996: 275-6) (Ibid., p. 30).

Coordenadas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT)²², tais romarias surgiram fundamentalmente vinculadas à “então nascente Teologia da Libertação e direcionada contra a injustiça social no campo” e surgiram “em apoio aos chamados *pobres da terra*, ou seja, índios, posseiros, pequenos agricultores, sem-terra, assalariados rurais e atingidos por barragens” (Adam, 2002, p. 53). Mais à frente, em alguns lugares, passou a tematizar também a questão da água, dando início às Romarias das Águas e da Terra. Deste modo, diferenciam-se das tradicionais romarias, por assumirem um caráter ao mesmo tempo religioso e político (Chaves, 2000). Isto é,

[...] são frequentemente organizadas pelas pastorais populares da Igreja, muitas vezes sob oposição da hierarquia clerical. Algumas delas realizam-se nos santuários das romarias tradicionais, como é o caso de Canindé (CE), Juazeiro do Norte (CE), Bom Jesus da Lapa (BA) e Trindade (GO). Outras, porém, definem-se, ano a ano, por locais marcados pelo conflito e luta de terras – renovando o sentido do martírio – ou naqueles lugares em que a conquista da terra permite a celebração da vitória e a realização da “festa da colheita” (Chaves, 2000, p. 22).

Nessas romarias que investigo há a valorização dos mártires da terra, materializados em forma de estandartes, nos discursos e memórias ditas durante a romaria. Além de ser uma romaria que busca fazer também a discussão da questão agrária, sobretudo, impactada pelos grandes empreendimentos minerários que geram toda uma sorte de violações de direitos humanos; conflitos no campo por água e terra; desapropriações de terra dos pequenos proprietários, posseiros, agricultores familiares, povos tradicionais e outros.

Assim, sem abandonar uma “estrutura romeira” (Sanchis, 2006, p. 92)²³, pode-se dizer que, na Romaria do Rio Doce, a prática antiga da romaria se torna “uma nova maneira de reivindicar direitos e um valioso instrumento de luta e solidariedade. [...]. [em que] velhas práticas, [são] renovadas para a realização de um novo projeto social que seja mais justo” (Vieira, 2015, p. 101).

²² Criada em 1975, a CPT é um organismo vinculado à CNBB, criada para ser um serviço de denúncia e combate à violência e ao trabalho escravo e apoio à luta pela defesa dos Direitos Humanos e do direito à posse da terra, junto aos trabalhadores e trabalhadoras do campo, povos indígenas, povos tradicionais, assentados, ribeirinhos, acampados, sem-terra, atingidos pela mineração e por barragens etc.

²³ Que abrange “diferentes modos de assumir uma relação ‘peregrina’ com o tempo, o espaço, o corpo, a dimensão coletiva” (Sanchis, 2006, p. 85), isto é, que passa pela “procura caminhante do Sagrado; relação ativa com o espaço, o lugar longínquo, a alteridade visada pela transformação de si” (Ibid., p. 91).

Como explica uma das coordenadoras da Romaria do Rio Doce, Serra do Brigadeiro 4, 57 anos, no documentário “Águas da esperança: encontro dos rios Doce e Santo Antônio, na sétima Romaria das Águas e da Terra”, lançado em 2024:

[...]. A gente caminha para buscar, né, a solução daquele ou de outro problema, seja ele individual, seja ele coletivo. E nessa Romaria, a gente traz isso, né. É a fé de um povo, que acredita ainda na solução dos seus problemas e vai buscar, né, nesse espaço, nesse Santuário, que a gente transforma aquele local, nesse Santuário onde o povo fala, traz todo o debate, todas as denúncias do que tá acontecendo, [...].

Desde 2016, com oito edições realizadas, na Romaria do Rio Doce *a gente traz a morte do rio*. Assim, ela nasce *a partir da morte de um rio: mataram um rio, mas mataram pessoas* (Serra do Brigadeiro, 57 anos, Diocese de Itabira/Ce. Fabriciano, entrevista, 1º.05.2024), em um momento em que *sentíamos que a Bacia do Rio Doce, nossa Casa Comum, estava pedindo socorro* (padre Rio Vermelho, 49 anos, padre em Ipatinga, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, transcrição vídeo Youtube)²⁴. Assim, entendendo que *o sentimento religioso seria [...] muito importante pra mobilizar o povo* (padre Serra do Caparaó, 58 anos, padre em Caratinga, Diocese de Caratinga, transcrição vídeo Youtube)²⁵, *ela vem anunciar o Reino de Deus e denunciar toda a espécie de injustiça* (padre Rio Vermelho, 49 anos, padre em Ipatinga, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, transcrição vídeo Youtube)²⁶. Em outros termos, os objetivos da Romaria do Rio Doce são fortalecer a *fé de todos os que foram atingidos por esse desastre ambiental*; discutir as consequências do rompimento; *denunciar* as injustiças e violações de direitos humanos e buscar a reparação aos atingidos.

Tais romarias são organizadas pela Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana, em parceria com o Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce e uma diversidade de movimentos pastorais (como a CPT e o Conselho Indigenista Missionário - CIMI²⁷); movimentos sociais (como o Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB²⁸, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST²⁹, Movimentos pelas Serras e Águas de Minas - MovSAM³⁰); sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras; coletivos

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dYJvjC2fEVQ>. Acesso em: 20 set. 2021.

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dYJvjC2fEVQ>. Acesso em: 20 set. 2021.

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ga0hgr9PRWU>. Acesso em 20 jan. 2021.

²⁷ Criado em 1972, o CIMI é um organismo vinculado à CNBB de atuação missionária junto aos povos indígenas, que em sua prática intercultural e interreligiosa visa apoiar a luta pela garantia do direito à diversidade cultural e contra as estruturas de dominação, violência e injustiça que assolam esta população.

²⁸ Surgido na década de 1980, para enfrentar as ameaças e agressões decorrentes de projetos de hidrelétricas, além de organizar os atingidos pelo sistema de geração, distribuição e venda da energia elétrica para fazer a luta por seus direitos, o MAB é uma organização nacional que também reivindica um Projeto Energético Popular.

²⁹ Fundado em 1984, o MST é um movimento social nacional, atuante em 24 estados, nas cinco regiões do país, que organiza trabalhadores e trabalhadoras sem-terra na luta pela Reforma Agrária, na busca pela democratização do acesso à terra e produção de alimentos saudáveis.

³⁰ Criado em 2008, o MovSAM possui atuação na defesa do patrimônio hídrico e geológico de Minas Gerais, com

“cebijistas”, e grupos indígenas como os Krenak; os Pataxó, estabelecidos tanto na Bacia do Rio Doce como nos estabelecidos em Carmésia-MG; os Tupiniquim e os Guarani, que convivem em Terras Indígenas no município de Aracruz-ES, próximo à foz do Rio Doce. A Romaria conta também com o apoio financeiro da Adveniat – uma organização de ajuda alemã, vinculada à Igreja Católica³¹ – e com recursos das paróquias e dioceses por onde é realizada.

Desta maneira, “através mesmo das variações etnográficas” (Chaves, 2000, p. 15), espero contribuir teoricamente com o debate e a atualização sobre a “apreensão da estrutura profunda do fenômeno romaria” (Sanchis, 1983a, p. 23) que, como concluiu Sanchis, “será somente modulada por sua inserção nos mutáveis quadros sócio-históricos” (Ibid.).

Minha questão de pesquisa

Atento à heterogeneidade (Rosa, Penna, Carvalho, 2020; Brah, 2006), deste ator-rede “romeiro”, e focado em realizar uma descrição densa (Geertz, 2008b), que privilegie a análise da Romaria do Rio Doce como um “processo social” (Turner, 2008), abordarei uma série de “tensões dentro da mesma totalidade” (Steil, 1999, p. 294), bem como algumas disputas e negociações por enquadramento (Goffman, 2002), sobre o sagrado que faz essa romaria.

Como veremos, um sagrado que perpassa sobre o quê, o porquê e o como será *anunciado* o que de bom se vê, se faz e alimenta a esperança do *povo de Deus*³² e *denunciada*, entre outras coisas, a mineração predatória no território da Bacia do Doce, sobremaneira, na região e localidade que acolhem a romaria.

Um sagrado que se liga também a uma memória sobre o que era o Rio Doce antes e depois do rompimento em Fundão, num processo que fala da *morte* do rio e de pessoas e da esperança de se ver o *Rio Doce vivo*³³, de novo, de tê-lo *novamente [...] para lazer, para a pesca, para a convivência entre os irmãos*. De outro modo, um sagrado ecológico, com um propósito mnemônico de deixar uma marca, *uma mensagem*, para não deixar esquecer o crime, em que se vê um entrecruzamento entre ecologia e espiritualidade (Carvalho; Steil, 2008), entre

foco especial no enfrentamento aos impactos da mineração predatória. O movimento se fundamenta na premissa de que a preservação dos aquíferos e das serras é vital para a segurança hídrica, utilizando frequentemente o lema: “Água vale mais do que minério”.

³¹ Fundada em 1961, a organização, financiada por doações de fiéis alemães, dedica-se a apoiar projetos pastorais, sociais e de evangelização na América Latina e Caribe.

³² Por exemplo, iniciativas organizativas, ações de educação ambiental, também narradas como ações de *anúncio do Reino de Deus*.

³³ Frase que está na faixa que é levada todos os anos por um membro da coordenação à romaria. Presenciei a faixa sendo carregada por romeiros e romeiras, nas três edições que participei, durante o trabalho de campo. A faixa, em letras garrafais, pintadas em branco e amarelo, diz *Queremos o rio Doce vivo!*

fé e regeneração do Rio Doce, que está morto (Brito, 2025).

Observando as romarias em questão, pela abordagem ritual (Peirano, 2001; Tambiah, 1985), quero dizer, como um ato performativo – descrevendo os deslocamentos, acontecimentos, experiências coletivas, comportamentos e impressões do grupo de romeiros e romeiras, durante a vivência das fases rituais (pré-evento, evento e pós-evento), respondo como a Romaria do Rio Doce ressignifica o ato-romaria, para *fazer memória* do desastre, *denunciar* o extrativismo mineral e seus efeitos predatórios para atingidos/as humanos e não humanos, bem como *anunciar* as iniciativas voltadas para a regeneração do Rio Doce (Brito, 2025).

Meu argumento é de que as Romarias do Rio Doce podem ser concebidas como “uma forma social elementar” (Chaves, 2000, p. 23) posta em curso, em parte, pelo mesmo ator-rede “cebista” de movimentos religiosos e sociais com que convivo e tenho tratado (Teixeira, 2020). Destarte, tendo em vista a inserção desse fenômeno religioso, em um quadro sócio-histórico pós-rompimento, essa forma social elementar assume a feição de uma “estratégia de luta” que articula religião e política por meio de “um discurso de enfrentamento à mineração e ao modelo mineral brasileiro” (Magno, 2017, p. 5).

Deste modo, em uma conjuntura em que “nomear o ocorrido [...] significa, mais do que construir a memória social local, direcionar as ações de resposta” (Silva, 2024, p. 135), a cada ano, as Romarias do Rio Doce disputam a narrativa e a memória social sobre o desastre nas ruas, na arena pública (Cefäi, 2009, 2011; Alvarez, 2019).

Para isso, tematizam a água e a terra, a partir de uma perspectiva heurística religiosa-política que se fundamenta em uma ética ambiental holística, sem esquecer da noção teológica de “opção preferencial pelos pobres” que historicamente orienta a prática desses coletivos (Ikoi, 1996). No caso em tela, expresso na noção de que o *clamor da terra* é o *clamor dos pobres*, localmente manifesto nas demandas das populações atingidas pela *lama da Samarco*.

Concatenado à questão principal, também analiso como esse ritual religioso articula e aglutina diferentes coletivos, religiosos ou não, em uma rede “romeira”, que se desloca para um *grande evento de massa de luta pelo meio ambiente* e de enfrentamento à megamineração. Por fim, examino como essa romaria ocupa/sacraliza o espaço público por onde ocorre.

Agora, por que uma romaria para debater essas questões? Além da importância das romarias como “estratégia de luta”, para essa rede de movimentos sociais e religiosos “cebistas”, como evidenciou o levantamento bibliográfico, o fenômeno das romarias e peregrinações religiosas apresenta uma trajetória antiga e extensa de estudos no campo das

Ciências Sociais e, apesar de altos e baixos, ao longo da história do “objeto”, ele nunca ‘saiu de moda’.

Mapeando o campo de pesquisa, busquei, nas principais plataformas de busca de periódicos, teses e dissertações, resultados para a área das ciências sociais, sociologia e antropologia para as palavras-chave “romarias”, “peregrinação”, “procissão”, “marcha”, “caminhada” e “festa; festa religiosa”. Na esperança de ser mais específico e saber se havia algum trabalho sobre as Romarias do Rio Doce, também busquei pela palavra “Rio Doce”. Analisando a Ficha de Documentação, ao fim do levantamento foram mapeadas ao todo 255 produções, sendo 193 nacionais e 62 estrangeiras³⁴.

Para as palavras-chave “romarias” e “peregrinação”, no tocante às áreas de conhecimento da antropologia, sociologia e ciências sociais, as produções mapeadas foram dispostas nas Tabelas 3 e 4.

Tabela 1 – Produção por área de conhecimento (Romarias)

ROMARIAS	
Área do conhecimento	Número de produções
Antropologia	25
Sociologia	6
Ciências Sociais	7
Outras áreas das Ciências Humanas	19
Área não informada	18
Total	75

Fonte: Ramon Teixeira (2025)

Tabela 2 – Produção por área de conhecimento (Peregrinação)

PEREGRINAÇÃO	
Área do conhecimento	Número de produções
Antropologia	32
Sociologia	1
Ciências Sociais	3
Outras áreas das Ciências Humanas	8
Área não informada	30
Total	74

Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Para “romarias”, ao todo, foram mapeadas setenta e cinco produções, sendo sessenta e nove nacionais e seis estrangeiras. Para “peregrinação”, foram mapeadas setenta e quatro produções, sendo, trinta e uma, nacionais e quarenta e três, estrangeiras.

³⁴ Para detalhes do levantamento, cf. tabelas no Apêndice 2.

Como aponta Chaves (2000, p. 22), marchas, peregrinações e romarias

[...] estão presentes em diferentes partes do planeta, servindo aos mais diversos fins: religiosos, políticos, pacifistas, militares, de conquista e de libertação, pela manutenção da ordem e por sua subversão. Como nos fatos sociais totais, nelas muitas vezes essas delimitações embaralham-se [...].

No que se refere às peregrinações e romarias cristãs, Turner e Turner (1978) já apontavam a importância de abordá-las, sobretudo, considerando as mudanças em um gesto antigo (Arosio, 1998), pelo menos desde o século XIX. Como analisaram:

[...] há uma diferença significativa entre as peregrinações realizadas após as Revolução Industrial e todos os tipos anteriores. Na era científica e tecnológica, a peregrinação está se tornando o que Geertz (1972:26) descreveu como **um “comentário metassocial” sobre os problemas dessa época de guerras e revoluções, com seus crescentes sinais de danos industriais ao meio ambiente natural** (Turner; Turner, 1978, p. 38, grifo meu).

A Romaria do Rio Doce se alinha a esta série de transformações das romarias e peregrinações, na era científica e tecnológica. Assim, constitui “uma rede interligada de processos, cada qual envolvendo uma viagem de e para um lugar específico” (Turner, 2008, p. 176), em que os/as envolvidos/as precisam se colocar no *trecho*, em circulação, para as reuniões e visitas preparatórias, seminários, missões e para participar da procissão de romaria, no *grande dia*, num “movimento de aglutinação de forças” (Souza, 2020, n. p.), na *luta* por justiça, memória e reparação para os afetados pelo desastre.

Dez anos após o crime da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton, nos termos desenvolvidos por Turner e Turner (1978), a Romaria do Rio Doce se constitui em um “sistema de peregrinação” (*pilgrimage system*), sendo este sistema o modo “como compreendemos todas as interações e transações formais ou informais, institucionalizadas ou improvisadas, sagradas ou profanas, ortodoxas ou excêntricas, que devem sua existência à própria peregrinação” (Ibid., p. 22).

Portanto, analisar a “estrutura processual” e o “sistema de peregrinação” (Turner; Turner, 1978) dessa Romaria é um exercício analítico bom para refletir sobre uma das formas de “fazer a luta” (Comerford, 1999), encontrada pelos afetados pelo desastre. De outro modo, entre outras maneiras de lidar com a dor e o sofrimento ativamente criados e distribuídos pela ordem social (Das, 1995), após o rompimento, a Romaria do Rio Doce é uma das maneiras de fazer ouvir, “nas bases”, os *clamores* das vítimas do desastre e da mineração, em Minas Gerais, e fazê-los ecoar pelas ruas de algum ponto da Bacia do Rio Doce, somando-se às demais *lutas* por justiça e reparação no território.

Como veremos no capítulo 2, no período “entre romarias”, pelo “trabalho de base” feito

por agentes pastorais, membros do clero, pesquisadores/as e missionários/as, na diocese/paróquia anfitriã, onde irá ocorrer a próxima edição da Romaria e nas demais dioceses da Bacia do Rio Doce, dinamiza-se a região, colocando-se em evidência, sobretudo, pós-rompimentos em Mariana e Brumadinho, o tema da mineração, das violências, violações e sofrimento social, associados a essa atividade econômica, e da busca por justiça.

Nas ruas, a procissão de romaria, por meio de um “comentário metassocial” (Turner; Turner, 1978), disputa o regime de verdade sobre a mineração em Minas, sobre como está a realidade pós-desastre e expõe o que se espera, que seja a realidade, após o rompimento. Assim, sua investigação permite refletir sobre o papel da religião e do simbólico, na luta política por reparação, *conscientização sobre a questão do meio ambiente* e na construção da memória social do desastre.

Situada no campo dos estudos sobre religião, política e sociedade, alguns ‘clássicos’ das ciências sociais (Weber, 2004 [1904]; Durkheim, 2008 [1912]; Hertz, 2016 [1913]; Wolf, 2003 [1958]; Douglas, 2010 [1966]; Geertz, 2008a [1989]) emprestam sua aura e contribuem para a definição e ancoragem do objeto de pesquisa, apresentado em um contexto científico, cujos termos teórico-metodológicos são tomados como base.

Desta maneira, alinho-me a uma série de estudos mais recentes com os quais tive contato (Sanchis, 1990; 2018; Velho, 2007; Chaves, 2000, p. 21-23; Novaes, 1997, 2001; Comerford, 2001, p. 222-309; Theije, 2002; Lara Júnior, 2007; Oliveira, 2005, 2012; Schetini, 2013; Souza, 2016; Rabelo, 2019; Rolemberg, 2020; Oliveira et al., 2020; Zangelmi, Oliveira; 2022, p. 52-150; Brito, 2025), que colocam em voga as sutis relações que existem entre política e religião. Isto é, que reconhecem “tais especializações, historicamente construídas na modernidade, sem reificar a oposição entre o político (*lócus* da razão, da ordem pública) e o religioso (*lócus* do simbólico, da ordem da vida privada)” (Novaes, 2001, p. 61).

Portanto, mantendo o interesse no estudo sobre movimentos sociais e religiosos, que me acompanha desde a graduação em ciências sociais, meu objetivo continua a ser “apreender os efeitos da religião sobre a política e vice-versa” (Novaes, 2001, p. 61). Política aqui compreendida de maneira ampla, para além da dimensão político-partidário, também do ponto de vista institucional – organizar-se em sindicatos, associações, cooperativas, partidos, coligar-se para uma manifestação etc. –, bem como da perspectiva do “fazer política”, no cotidiano, expresso por uma maneira *sui generis* de se relacionar com as pessoas e com o mundo cotidianamente.

Nesse empreendimento que se delineia, porém, partindo do pressuposto de que o simbólico é político e, na mesma medida, que não se deve considerar uma religião “apenas como ‘força política’ entre outras” (Novaes, 2001, p. 61), sem pretender demarcar sua totalidade, tamanho e densidade, avancei na investigação sobre as ações empreendidas pelo ator-rede “cebista” da Zona da Mata e Leste de Minas Gerais e suas conexões com outras redes.

Especificamente, considerando como “rituais” (Peirano, 2001; Tambiah, 1985) as ações coletivas postas em curso por eles; portanto, para alcançar o objetivo geral da investigação, como recurso analítico, tomarei as Romarias do Rio Doce como rituais em sua “acepção ampla: atos, proferimentos, interações e práticas – eventos que aliam semântica e pragmática” (Chaves, 2000, p. 19).

Tal como Comerford (1999), que analisou as *reuniões* como rituais, nesta pesquisa, faço o mesmo com as Romarias do Rio Doce em questão, acreditando que, ao fazê-lo, será possível:

[...] identificar alguns aspectos ou dimensões da própria vida social que são postos em relevo e reapresentados pelos e para os próprios atores [e para quem está às margens da romaria], abrindo janelas, por assim dizer, que [permitirão] visualizar valores e representações socialmente construídos como importantes no universo social em questão, cujo conjunto pode ser analisado como uma “cosmologia” (Comerford, 1999, p. 15).

Acolá, acredito que foi profícuo, ao analisar o meu “material”, o uso de ferramentas como redes sociais, evento e processo³⁵. Em especial, atentei-me para as redes sociais (Barnes, 1987; Castro, 2013), que *fazem* as Romarias do Rio Doce, bem como as analisei como eventos (Gluckman, 1987; Velho, 2003), o que ajudou a refletir sobre as tensões que marcam as fronteiras “dentro” e “fora” dessa totalidade. De outro modo, busquei “construir distanciamento em um espaço onde somos ‘mapeados’ por muitas classificações” (Castro, 2013, p. 28), observando as romarias como eventos, analisando os diferentes atores e como se engajam e se posicionam no teatro das ações, durante o processo de construção do evento, a procissão de romaria nas ruas, no intercurso de uma edição a outra da Romaria.

Além desse aparato, observando os objetos religiosos (e políticos), as energias, cheiros, texturas, olhares, sons e gostos (Stoller, 2022) utilizados para materializar a quinta Romaria do Rio Doce, valho-me de alguns estudos sobre materialidades religiosas (Stallybrass, 2008; Miller, 2013; Meyer, 2018; Giumbelli, Rickli, Toniol, 2019; Menezes, Toniol, 2021; Toniol, 2021; Mello, 2022), atento ao conjunto integrado de mídias e práticas de mediação religiosa (Giumbelli, Rickli, Toniol, 2019), que constroem o “espetáculo” da Romaria na rua e o processo

³⁵ Conforme Castro (2013, p. 28-44), que oferece um conjunto de sugestões e referências teóricas importantes sobre como usou e como podem ser utilizadas essas ferramentas analíticas.

de sacralização do espaço por onde romeiros e romeiras pisam.

Nesta abordagem,

[...]. O que está em jogo [...] é o entendimento de que os materiais, seus usos e a forma de experimentá-los *são* – e não simplesmente refletem – a religião. [...]. Assumimos como ponto de partida que não há religião sem materialidades e que as formas materiais não são um aspecto acessório ou consequente de uma anterioridade substantiva da religião. [...] insistimos em reconhecê-la a partir daquilo que é da ordem da experiência, das formas de mediação, dos corpos (Menezes; Toniol, 2021, p. 14-15).

Para isso, ampliando a compreensão sobre as maneiras de “fazer a luta” de lideranças “cevistas” – ou, militantes “igrejeiros”, conforme discutido por Sanchis (1990) –, descrevi e analisei o fenômeno romaria (Sanchis, 1983a) experienciando “de dentro” a construção das Romarias do Rio Doce. Desta maneira, perseguindo respostas para “velhas” questões teóricas e me permitindo fazer novas perguntas, os “cursos” e “reuniões” (eventos “mais fixos”) investigados, nas pesquisas anteriores (Teixeira, 2017, 2020), deram espaço para o estudo das romarias como “culturas em movimento” (Souza, 2016, p. 342).

Tomei as Romarias do Rio Doce como “fenômenos privilegiados de investigação, pois não apenas se constituem como instâncias condensadas de representação da experiência social, como são capazes de promover a sua dinamização” (Chaves, 2000, p. 15). Assim, acredito que a investigação pode acrescentar, ao campo dos estudos sobre romarias e peregrinações, mais um caso interessante, ao “aumentar o conhecimento e a compreensão” (Becker, 2015) sobre o fenômeno romaria. Isto, porque a Romaria do Rio Doce fornece mais alguns elementos “bons para pensar” sobre este fenômeno antigo e as relações entre religião, política e ação coletiva, em um contexto marcado pelo rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro, em Mariana, um evento crítico (Das, 1995), conforme compreendo.

Tal como analisado por Bosisio (2021), no âmbito das manifestações religiosas católicas, evangélicas e afrorreligiosas, que tomam as ruas da capital gaúcha, ao colocar em foco a Romaria do Rio Doce, reflito sobre uma forma de exposição da religião, “expressando publicamente suas questões e demandas, e sobre o que os diferentes segmentos religiosos estão produzindo no campo religioso e no espaço público da cidade” (Bosisio, 2021).

A pesquisa

Sabendo que “todas as descrições etnográficas são comuns, que elas são descrições de quem descreve, não de quem é descrito” (Geertz, 1989, p. 63), apresento o percurso metodológico que fiz tanto no âmbito do trabalho de campo, para realizar a pesquisa junto a

meus interlocutores, quanto no “gabinete”, para analisar os ‘dados’ e escrever a tese que, aqui, comunico.

A fim de captar etnograficamente (Peirano, 2014) os romeiros “em movimento”, enquanto faziam as Romarias do Rio Doce, em toda a sua sequência ritual (pré-evento, evento e pós-evento), no período de 2020 a 2024, realizei participação-observante durante três edições desta Romaria, escutando, olhando, sentindo, afetando-me e escrevendo (Cardoso de Oliveira, 1996; Fravet-Saada, 2005; Ingold, 2015b, p. 25-26; Stoller, 2022), junto ao grupo de romeiros e romeiras do Rio Doce, principalmente próximo a alguns membros da “coordenação” (Comerford, 1999) da romaria e membros do Clero, durante suas experiências coletivas. Também mediei um Seminário Temático da quinta Romaria (2022); acompanhei as *missões* nas casas, durante a Semana Missionária, na sexta Romaria (2023) e viajei na ida e na volta, em uma das caravanas, em um ônibus, até Colatina/Regência, para participar da sexta Romaria.

Busquei participar e observar o comportamento de meus interlocutores/as e suas impressões na fase pré-romaria, em reuniões presenciais e virtuais, durante o seminário temático, nas *missões* preparatórias para as romarias e nos preparativos para colocar a Romaria na rua, nas vigílias e no *grande dia*, durante a procissão de romaria: suas paradas para reflexão, missa de encerramento e demais ritos. De outro modo, para captar a romaria, em suas várias etapas, desde fevereiro de 2020, realizei trabalho de campo presencial e online, em Conceição, município onde residi até agosto de 2024, movimentando-me por diversos lugares e situações, conforme pediu o campo. Durante esse tempo, nas condições que me foram exequíveis, acompanhei e registrei tudo que fosse possível das atividades que envolveram a realização da quinta, sexta e sétima edições da Romaria do Rio Doce³⁶.

Em todas as ocasiões, procurei me situar como empreendimento científico (Geertz, 2008b; Wagner, 2010), afetando-me (Fravet-Saada, 2005) e sentindo visceralmente (Stoller, 2022; Mello, 2022) o que foi organizar e colocar, na rua, as romarias mencionadas. Além de ter contribuído com a identidade visual da quinta Romaria, durante o momento mais intenso da sequência ritual do evento, a semana que antecedeu à procissão de romaria das Romarias do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro (2022), Vila Regência, Linhares (2023) e Naque (2024), ajudei no que me foi solicitado.

Em meio a tantas tarefas, mediei e relatei reuniões. Revisei cartilha do Tríduo³⁷

³⁶ Para uma lista de eventos e situações que vivi, cf. Apêndice 1.

³⁷ O Tríduo é um ciclo de oração e reflexão que dura três dias consecutivos, frequentemente usado como preparação para uma grande festa de santo ou, no caso principal, a Páscoa. No contexto da Semana Missionária da Romaria do Rio Doce, são celebradas, ao fim do dia de *missões*, nas capelas ou nas casas das comunidades anfitriãs.

preparatório para a quinta Romaria. Mediei uma “cartografia social” da região diocesana de Guanhães, durante o primeiro Seminário Preparatório para a quinta Romaria, em Conceição, em julho de 2022³⁸. Participei das missões nas casas, em Colatina e Regência, durante o trabalho de campo no Espírito Santo; ajudei a confeccionar as *lembrancinhas* das romarias, durante a quinta e sexta edições, pregando cruzeiros, enchendo garrafinhas, cortando fitas, colando coisas. Carreguei para lá e para cá uma infinidade de coisas. Acompanhei o processo de organizar e reconhecer o trajeto das caminhadas.

Acompanhei e contribuí com a preparação das *místicas* do levantamento da cruz, que encerra o evento, durante as três romarias que participei, além do planejamento e execução do encontro das imagens de Santo Antônio e Nossa Senhora da Abadia da Água Suja, no encontro dos rios Santo Antônio e Doce, e dessas imagens com a imagem de São Francisco, em uma das paradas, para reflexão, em uma ponte na BR-381, em Naque, durante a sétima Romaria. Desenhei e escrevi em cartazes e faixas. Fiz reparos em alguns estandartes. Ajudei a ornamentar espaços. Li, rezei, cantei e contribuí na preparação das *místicas*. Caminhei e carreguei a cruz da romaria. Conversei e vivi momentos de tensão, angústia, lazer e descanso, junto de meus interlocutores/as.

No trabalho de campo, fotografar foi uma prática importante. Quero dizer, numa etnografia de um ritual em movimento, fotografar – ora com o celular, ora com uma câmera –, em diferentes momentos, em diferentes situações, em diferentes perspectivas, ângulos e escalas, me possibilitou aproximar e afastar; ver de perto e ver de longe, de cima e ou “de dentro”. Visto como *parceiro antigo*, mas ainda um iniciante em romaria, posso dizer que a fotografia e a partilha delas com romeiros e romeiras, desde a quinta edição, em Conceição, contribuindo com a equipe de comunicação do evento, possibilitou-me estabelecer uma relação de maior proximidade com diferentes pessoas, membros da coordenação, padres, romeiros e romeiras. Também, me possibilitou maior circulação e acesso a diversos espaços da Romaria (momentos cotidianos, durante a Semana Missionária, altares, carro de som, reuniões, casas, momentos de trabalho e manufatura dos símbolos, missões, trabalho nas escolas etc.).

Nesse período, me atentei para as trocas de mensagens de texto, imagens, áudios e vídeos em alguns grupos de WhatsApp, criados e administrados por leigos, membros da coordenação da romaria dos quais fiz ou faço parte, bem como fiquei vigilante em relação a algumas conversas particulares com alguns romeiros e romeiras, nesse mesmo aplicativo. Acompanhei e me envolvi nas reuniões virtuais que ocorreram para tratar sobre a organização

³⁸ O segundo Seminário foi mediado por um agente da Cáritas, no município de Guanhães, em 13.08.2022.

do evento, da cartilha para o Tríduo, além de, no tempo do isolamento social, assistir às transmissões, no Youtube, das atividades pré-quinta Romaria.

Nesse processo de viver durante algum tempo com membros da coordenação, membros do clero, romeiros e romeiras, portanto, vali-me de alguns recursos como fotografar (Collier Júnior, 1973; Godolphim, 1995; Rocha, 1995, Samain, 1998); desenhar (Ingold, 2015a; Kuschmir, 2016); anotar, em blocos de nota e cadernos de campo, o que fosse possível e, do meu ponto de vista, pertinente de ser registrado.

De outro modo, a pesquisa foi sendo registrada por fotografias (minhas e dos outros, gentilmente, compartilhadas comigo); notas manuscritas e desenhos, nos cadernos de campo e notas digitadas no diário de campo virtual, no qual também compilei e arquivei, em pastas, alguns documentos (fotografias, vídeos, gravações de áudio de eventos públicos, *clipping* de notícias, *prints*, entre outros documentos).

Somou-se, a esse esforço de registro, um grupo de WhatsApp, o “Notas de Campo Doutorado CPDA”, que criei em junho de 2021, em que sou o único participante. Neste grupo, há também uma infinidade de registros feitos durante todo esse tempo de pesquisa, sobretudo, materiais de minhas observações das conversas de WhatsApp e de postagens, nas redes sociais (status de WhatsApp, Instagram e Youtube), que acompanhei.

Durante o trabalho de campo, apesar do visceral envolvimento, procurei manter a vigilância epistemológica (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 1999) e “o ‘distanciamento do olhar’, de forma a não [me] deixar capturar nem ‘pela camisa de força da crença na ciência como realidade exterior’, nem pelo teor político de tomadas de posição ditadas por razões conjunturais” (Steil, 1999, p. 290). De outro modo, sobretudo, no ato de registrar no caderno de campo o que foi vivido, preocupado com a construção social do objeto de estudo, sempre que possível, mantive uma crítica sociológica constante do que se fazia e sobre as categorias analíticas e/ou êmicas utilizadas.

A fim de contemplar a diversidade de atores e a polifonia do campo, as entrevistas abrangeram diferentes posições na tecitura da romaria. Conforme será melhor discutido no Capítulo 1, no total, entrevistei cinquenta e cinco pessoas, entre abril e junho de 2024, compreendendo membros do clero e da coordenação da romaria, missionários-romeiros (aqueles que chegam uma semana antes para fazer as *missões* preparatórias, nos locais da procissão de romaria, romeiros e romeiras que vão em caravanas apenas para o dia da procissão e moradores das cidades anfitriãs, que acolheram missionários/as e participaram das atividades das quinta e sexta edições da Romaria do Rio Doce.

Deste total de entrevistas, selecionei e analisei, naquelas ligadas à quinta edição da

Romaria, a situação social (Gluckman, 1987), que priorizarei para a descrição etnográfica e discussão, nesta monografia. Assim, foram efetivamente transcritas quarenta entrevistas, analisadas em seu conjunto e colocadas em diálogo com os demais ‘dados’ construídos, durante o período do trabalho de campo. As citações das entrevistas, que trago no texto, são aquelas que condensam determinado entendimento êmico que busco destacar na discussão que apresento. Para proteger as identidades dos interlocutores/as, troco os nomes reais por nomes de córregos, ribeirões e rios afluentes do Rio Doce e de serras e cachoeiras existentes no território da Bacia do Rio Doce.

Importante dizer que complementa o que ouvi, nas conversas durante o trabalho de campo e durante as entrevistas, ter assistido a alguns vídeos e documentários sobre a Romaria, no Youtube. Assim, a descrição que aqui apresento foi baseada na “escuta atenta” e séria ao que me disseram as/os interlocutoras/es, e tecida numa seleção artesanal de experiências e memórias, compartilhadas e revisitadas, aqui, no trabalho da escrita.

O texto

Sabendo que os sentidos dados pelos diversos grupos, que participam da Romaria do Rio Doce, são divergentes (Steil, 1996), e que esta romaria é composta por uma multiplicidade de discursos, levados ao *santuário* por diferentes categorias de romeiros e romeiras, como escreveu Steil (2003), “qualquer recorte que se faça estará enfocando apenas algumas dimensões desse evento complexo e plural” (p. 250), o que apresento, nos capítulos a seguir, escritos no período de setembro de 2024 a janeiro de 2026, é um recorte feito por mim, a partir do que vivi, ouvi, vi e conversei durante as quinta, sexta e sétima edições desta romaria, entre 2020 e 2024.

Em busca da compreensão sobre como essa rede se articula e se engaja na Romaria do Rio Doce, no primeiro capítulo, reflito sobre os romeiros e romeiras do Rio Doce. Reconstituindo a minha trajetória junto à rede de movimentos sociais “cebistas” que impulsiona a Romaria do Rio Doce, olho para um ponto no emaranhado dessa rede. Assim, apresento o perfil detalhado dos/as interlocutores/as que entrevistei, aproximando um pouco mais o leitor das pessoas reais que, juntas, colocam a Romaria do Rio Doce na rua.

No segundo capítulo, foco no processo ritual, olhando para o “trabalho de base” que ocorre no período “entre romarias”. Pensando na reprodução de uma tradição, reflito sobre o processo de articulação, mobilização, construção e manufatura da performance pública da Romaria do Rio Doce. Apresento a lógica envolvida na circulação desta romaria, pela Bacia do

Rio Doce, refletindo sobre o *ciclo de romarias* e como a itinerância do evento é uma estratégia para *fazer a luta e fazer santuário*, ao longo da Bacia do Rio Doce, pós-rompimento da barragem de rejeitos da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton.

No capítulo, detalho as etapas preparatórias fundamentais da Romaria, como a gestão do projeto de fomento, reuniões e a mobilização inspirada no método “ver, julgar e agir”, tal como utilizado na animação das CEBs. Demonstro que o ritual não se resume ao *grande dia* da procissão de romaria na rua, mas que se desenvolve em um contínuo processo de articulação política, que visa transformar a realidade pela ação coletiva da escuta, da solidariedade com o outro que sofre e do cuidado com o meio ambiente, o bem comum e a vida.

Por fim, dando ‘zoom’ no *grande dia* da caminhada da quinta Romaria do Rio Doce, no dia 4 de setembro de 2022, em Conceição do Mato Dentro, no terceiro capítulo, descrevo alguns preparativos na Semana Missionária, na cidade minerária, refletindo também sobre os momentos rituais da caminhada ritual realizada, do seu ponto de partida até seu destino final, o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, local onde foi celebrada a missa de encerramento. Busco, nesta parte, refletir como a Romaria do Rio Doce *denuncia, anuncia e faz memória* na rua. Em outros termos, considerando a Romaria do Rio Doce como uma ação coletiva de natureza simultaneamente religiosa e política, faço uma análise ritual da performance na rua, demonstrando como a Romaria do Rio Doce sacraliza/ocupa o espaço público e o “faz o público”.

CAPÍTULO 1: ROMEIRAS E ROMEIROS DO RIO DOCE

Como observa Chaves (2000), romarias servem aos mais diversos fins, ao redor do mundo. Romarias e procissões “podem também ser convocadas, organizadas ou não pelo clero, [e] obedecer a motivações aleatórias como súplicas coletivas por [...] calamidades coletivas, que coloquem em risco a vida da comunidade” (Vilhena, 2015, p. 98-99). Assim,

[...] quando convocadas e organizadas pelo clero, constituem também ocasiões para dar visibilidade pública da extensão do número de adeptos, afirmar e consolidar o poder religioso sacerdotal, aumentar o fervor e a piedade popular, incentivar as devoções populares, conclamar a participação dos leigos nos preparativos necessários, revelar a criatividade e acompanhar os santos, transfigurar, momentaneamente espaços públicos em espaços religiosos, integrar expressões de religiosidade devocional com conteúdos doutrinários (Vilhena, 2015, p. 98-99).

Organizadas coletivamente, no caso em tela, a escolha por uma romaria, como maneira de fazer a *luta* e *fazer memória*, constitui uma ‘resposta’ socialmente incorporada de manifestação para tratar de questões importantes, questões que não podem ser esquecidas, e sair das vistas da população. Querendo, pois, compreender a razão por esta escolha, é interessante relembrar esta conversa com um coordenador da Romaria:

[...] Por que foi escolhido uma romaria? Por que ali se chegou, “ah não, vamos fazer uma romaria”, e desde então vem sendo romarias, né. É, por que a romaria assim?

Já era uma prática da CPT e da Cáritas, que também fazem parte dessa Comissão [do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana] e por a romaria permitir um processo de missão, aonde você imerge na realidade do povo, e imergir é ouvir, e ouvir vai propiciar você trazer um monte de denúncias, né, da realidade que o povo tá vivendo. [...]. A romaria ela propicia também, nesse processo de escuta, né, você fazer anúncios que já tem na realidade acontecendo. O rio tá degradado, mas tem um monte de gente lá que está recuperando nascentes, tem um monte de gente lá que tá trabalhando o repovoamento dos afluentes, através de peixes nativos, você tem um monte de gente que tá fazendo agroecologia, plantando água, né. Então, a romaria ela propicia você ter uma visão da realidade e também fazer anúncio, e a romaria queria fazer... ela propicia fazer essa... esse grande dia, né. É um dia de oração, um dia de reza, mas que teve toda uma preparação e que nesse dia você dá uma grande visibilidade, né, com a presença de bispos, com a presença de padres, com a presença de uma grande quantidade de leigos, com a presença de movimentos sociais, com a presença de parlamentares, né. Então esse dia é também um dia de mobilização, é um dia de incidência política, é um dia de construção de uma nova Igreja, né. [...]. Então é a romaria porque ela propicia uma série de mobilizações, de denúncias, de anúncios e de incidência política e de mostrar que a Igreja tem poder, que a Igreja existe, e até de apontar uma nova Igreja, e de uma nova Bacia do Rio Doce (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024).

Na esteira de romarias que são organizadas por esse amplo coletivo em Minas Gerais, orientados por uma trajetória de *lutas* em defesa dos trabalhadores, da terra, da reforma agrária, das águas e do meio ambiente, em meio a um “campo de possibilidades” (Velho, 2003)

coletivas, encontradas para lidar com o rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, a romaria foi o *processo* escolhido por uma rede militante “cebista”. Desse modo, um antigo repertório de saber fazer Romarias da Terra e das Águas, em Minas Gerais, culminou na iniciativa da primeira Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce, ocorrida em junho de 2016, em Resplendor-MG. Sobre aquele momento, relembra um membro da coordenação:

[...] já tinha um movimento da, da... das dioceses de Itabira [e Cel. Fabriciano] e de [Governador] Valadares, mas, é mais em Itabira, no começo, né, da criação da Comissão do Meio Ambiente [da Província Eclesiástica de Mariana]. Quando acontece o crime, [...] lá [...] pra primeira semana de dezembro, o Dom Geraldo Lírio, que era o bispo aí, da Arquidiocese de Mariana, do crime, ele chama a reunião com os bispos da [...] Província de Mariana, mas também estendendo ela, dando uma ampliada nela, também para Colatina, que foi uma diocese atingida no [estado do] Espírito Santo, e também [Governador] Valadares, que é de outra província. Naquele momento teve um seminário, com representantes do MAB, da, da... Cáritas, da CPT, dos bispos da bacia, né. Surgiu o segundo seminário, e aí foi surgindo a movimentação de fazer a romaria pra denunciar isso, que já era uma prática da Cáritas, da CPT, essa questão das Romarias da Terra e da Água, né. E aí surgiu, né, dessa reunião. Aí, tinha padre Nelito, tinha padre Manhuaçu, tinha padre Itambacuri, tinha os bispos [...]. E também tinha os krenak, os indígenas, atingidos, né. E era a região, naquele momento, que se propôs a receber a [...] primeira Romaria do Rio Doce, [...]. Resplendor é região também que o rio já estava muito contaminado. Então a ideia era denunciar a contaminação da água também, apesar de estar longe, né, era uma região que tinha menos visibilidade também, né. Que Mariana estava no epicentro, né, então... [...] então foi nesse sentido, né, que isso vem a partir da chamada de Dom Geraldo Lírio, os bispos da Bacia conversar, as Comissões do Meio Ambiente, as pastorais sociais estavam naquela articulação que a Província de Mariana chamou, já tinha prática de fazer romaria, e nessa conversa do que pode ser feito, né, surgiu duas questões: a criação do Fórum [Permanente em Defesa] da Bacia do Rio Doce e aglutinar pra além da Província de Mariana; e a realização de romarias [...], e seminários preparatórios, com a questão de denunciar o crime, mas também de anunciar a construção de nova Bacia do Rio Doce, de lutar pela reparação integral e de fazer memória a esse crime (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024).

Como se vê, o desastre do rompimento da barragem da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton, em novembro de 2015, afetou, de diferentes modos, a população da bacia do Rio Doce, ganhando outra amplitude, concernindo até mesmo pessoas bem distantes daquelas ‘diretamente’ envolvidas, “levando-as a formar uma experiência comum, a se indignarem em conjunto e a se mobilizarem em público” (Cefaï, 2009, p. 32). Assim, como uma manifestação que chama para mostrar como o rompimento continua afetando toda uma população, a Romaria do Rio Doce é *um grande evento de massa* que reúne as comunidades, as lideranças do povo de Deus para uma reflexão e para uma caminhada sobre o tema [...] do meio-ambiente (Sacramento, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024). De outro modo, é um evento para fazer incidência política, denunciar o crime, bem como anunciar a construção de nova Bacia do Rio Doce, lutar pela reparação integral e fazer memória do crime (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024).

Mas – à procura de uma reflexão que considere os diferentes “contextos de sentido” (Cefaï, 2009, p. 28), papéis, funções e relações de poder envolvidas –, quem é este *povo de Deus* que fomenta e/ou autoriza a realização, organiza e participa da Romaria do Rio Doce? Isto porque, no que se refere a ações coletivas, é importante ter em vista que, aquilo que chamamos de ‘coletivos’, são, na verdade, agrupamentos de corpos-biografias e interesses³⁹ instáveis e heterogêneos (Rosa; Penha; Carvalho, 2020; Brah, 2006; Butler, 2018) que, contingencialmente, reúnem-se em razão de uma ‘causa’ ou motivação comum.

No que se refere ao *fazer* ou *participar* de uma romaria, não é diferente. “As romarias são um movimento de aglutinação de forças, com pessoas que vêm de várias regiões próximas a onde a romaria acontece e pessoas de regiões distantes” (Souza, 2020, n. p.). Neste contexto, como lembram alguns autores (Turner, Turner, 1978; Sanchis, 1983a, 1983b; Fernandes, 1982; Steil, 1996; Souza, 2020; Guimaraes, Silva, Faria, 2020), as romarias podem ser vistas como um processo social (Turner, 2008) que testa “uma ampla rede de relações” (Fernandes, 1982, p. 29). Assim, podemos pensar as romarias como um “conjunto de ação” em que o envolvimento dos actantes se estabelece em uma “sequência de ação” (Barnes, 1987), que forma um “sistema de peregrinação” (Turner; Turner, 1978).

Em outros termos:

Como observou Sanchis, “[...] a romaria não é uma simples reunião de indivíduos que participam numa mesma visão de mundo” (1983: 97), nem um ato *puramente religioso*, tomado num sentido moderno, de uma esfera separada das outras dimensões da vida humana. Mas, como afirmam Eade & Sallnow, aparece antes “*como uma espécie de espaço ritual capaz de acomodar sentidos e práticas diversas*” (1991: 15) (Steil, 1996, p. 71, grifos do autor).

Este espaço ritual, podemos dizer, faz referência a um modelo cultural durkheimiano da festa, expresso pelas “peregrinações-festa” (Sanchis, 1983b, p. 44)⁴⁰, cuja direção é disputada pelos diversos participantes, em suas diferentes relações, na distribuição da autoridade (sempre relacional), imersos em fluxos, negociações e conflitos, que

[...] de modo tendencial [...] preexiste ao afrontamento e assegura a coerência do conjunto do discurso social. [Em que] Visões do mundo, arte, mitos, festas, são solicitados ao mesmo tempo por esta coerência e pelas clivagens determinadas pelo conflito (Sanchis, 1983b, p. 17-18).

Desse modo, mesmo o ecologismo (Alier, 2018), que motiva a maior parte dos romeiros e romeiras que se engajam para participar da Romaria do Rio Doce, expresso emicamente como

³⁹ Como reflete Velho (2003, p. 21), o indivíduo na sociedade moderna é um “ponto de intercessão de vários mundos”, ou ainda, como escreve Rosa (2011), “[...] é muito difícil que um indivíduo pertença a um só grupo ou figuração: ele está com os movimentos e também com muitas outras coisas” (p. 368).

⁴⁰ Cf. também Menezes (2000).

a *questão ambiental* (Mombaça, 45 anos, Diocese de Caratinga, entrevista 26.04.2024), o *sentimento em termos de meio ambiente* (Gualaxo do Sul, 62 anos, Diocese de Itabira /Cel. Fabriciano, entrevista 17.04.2014) ou a *causa do meio ambiente e a necessidade de proteger as águas* (Quatituba, 52 anos, Diocese de Itabira /Cel. Fabriciano, entrevista ^{24.04.2024}), afeta diferencialmente a ampla maioria dos/as envolvidas e, entre outros discursos, emerge, como mensagem performada publicamente, da Romaria do Rio Doce (o *cuidado com a Casa Comum*), surge no seio de diferentes segmentos sociais e é resultado de uma bricolagem complexa de repertórios de símbolos, valores, conceitos e saberes que, ativamente negociados “inter e intraclasses, grupos a grupos, instituições a instituições” (Sanchis, 1983b, p. 13), são postos à prova nas ruas. Processo marcado por conflitos e negociações.

Num contexto em que a realidade, a nomenclatura e a memória, sobre o desastre do rompimento, se situam em uma arena de disputa de narrativas (Silva, 2024)⁴¹, a Romaria do Rio Doce, uma *romaria de denúncia*, em suas várias fases de ritual, mobiliza diferentes atores, com suas distintas motivações e interesses, em uma “coletividade agregada de maneira eventual” (Brito, 2025, n.p.) que, tocada por diferentes sentimentos morais, “se movilizan, entran en relaciones complejas de cooperación y de conflicto y configuran arenas públicas focalizadas en problemas públicos” (Cefaï, 2011, p. 137).

Dito isto, neste capítulo, sem pretensão de demarcar sua totalidade, tamanho ou densidade, o objetivo é dar entrada ao leitor a uma extensa *assemblage*, “uma multiplicidade de emaranhados existenciais” (Brito, 2025, n. p.), que coloca a Romaria do Rio Doce anualmente nas ruas, considerando sua composição, perfil e refletindo sobre a motivação média que vertebrava o engajamento e a participação de diferentes atores; bem como, olhando para os fluxos e relações, refletir sobre a capacidade de mobilização de diferentes pessoas e interesses heterogêneos, em torno de uma causa comum, que, como bem demonstrou Brito (2025, n. p.), passa pela “intenção coletiva em cuidar das águas e buscar a regeneração, reconhecendo que suas ações e pensamentos influenciam na conexão da ‘casa comum’ com os demais seres não humanos (flora, fauna e seres espirituais-religiosos)”.

Buscarei fazê-lo, descrevendo as diferentes categorias de pessoas que compõem o teatro das ações, para a realização da romaria, nomeadamente, apresentando o universo de diferentes pessoas com quem conversei e que, estando “aqui” – concatenado ao que olhei, ouvi e escrevi estando “lá” –, reconstroem uma teia diversa de motivações, interesses, dinâmicas e lógicas de engajamento importantes para a realização da Romaria – este processo religioso-político de

⁴¹ O que se assemelha ao analisado em outro contexto etnográfico, relacionado à memória sobre o desastre da Vale em Brumadinho (cf. Dupin; Martins, 2023).

“[...] ativismo de mulheres e de homens pobres ameaçados pela perda dos recursos naturais e dos serviços ambientais de que necessitam para sobreviver” (Alier, 2018, p. 171).

Além das conversas informais, algumas registradas nos cadernos e diários de campo, ajudarão a reconstituir o teatro de ações que envolve a realização das Romarias do Rio Doce; um conjunto de entrevistas, realizadas entre abril e junho de 2024 junto a diferentes pessoas envolvidas com a realização da romaria, mais diretamente relacionadas à coordenação, preparação e participação, durante as quinta e sexta edições – especialmente, as envolvidas nesta primeira, ocorrida em Conceição do Mato Dentro-MG, que é a situação social (Gluckman, 1987) que priorizarei, na descrição etnográfica e discussão, nesta monografia.

Antes de descrever com quem efetivamente conversei, é interessante notar como foi a fase da seleção e do agendamento das entrevistas, momento em que, a partir de um horizonte de relações que me foi possível adentrar, viver e participar, durante a organização de três romarias – a quinta, sexta e sétima Romaria, respectivamente, em Conceição; Regência, Linhares-ES e Naque-MG –, fui impelido a categorizar e selecionar as pessoas que julguei necessário conversar. Assim, categorizei as pessoas que convivi e que vi construírem as Romarias, que acompanhei de perto, de acordo com uma escala de poder e de funções desempenhadas nas diferentes fases do processo ritual, em seis categorias – *i. e.*, “membros do Clero”, “membros da coordenação”, “missionários romeiros”, “romeiros caminhantes”, “acolhedores locais” e “outros”, que melhor descreverei e caracterizarei, a seguir.

Com estas categorias em mente, como escreve Figurelli (2015), neste trabalho de seleção de com quem falar, os/as entrevistados/as não foram aleatórios/as, “sua seleção deixa entrever muito deste mundo social que cada história coloca em jogo” (Ibid., p. 365). Deste modo, junto à minha percepção da importância de abordar algumas pessoas, formada no encontro e convívio com meus interlocutores (Agier, 2015) e baseada em um entendimento de diferentes funções e envolvimento com a Romaria, somada ao cálculo de acesso e viabilidade para conseguir as entrevistas – cujas relações de confiança mutuamente construídas ganharam destaque –, e, obviamente, buscando a heterogeneidade e a multivocalidade da ‘amostra’, o que me orientou, na seleção de algumas pessoas em um universo extenso de possibilidades, foi dar relevo para algumas recomendações (Figurelli, 2015) dadas pelos próprios interlocutores/as.

[...]. Mais do que meros relatos sobre algumas substâncias preexistentes, válidos por si mesmos em função de seu conteúdo e independentes de seu contador e se seu contar, as *histórias* abrem um universo de relações sociais que a circulação implícita na prática de contar [...] permite vislumbrar. Não é o seu conteúdo o que lhes confere

“valor”, sua essência deve ser buscada nas pessoas que as possuem e na trama social na qual se movem. [...]. Sua produção acontece no momento mesmo de sua circulação, e tal circulação traz consigo o universo social que dá voz a determinados/as contadores/as e a tira de outros/as quando pergunto sobre [...] [a Romaria do Rio Doce]. **A história não se desliga da possibilidade de ser contada e ouvida e tampouco do fato de ser alguém que, como escutei repetidas vezes no campo, tem uma história e o poder e a capacidade de passá-la a alguém que quer ouvir** (Figurelli, 2015, p. 350, grifos meus).

Como viu Figurelli (2015), em seu campo, ao querer reconstituir a história social da *derrubada do cambão*, nas fazendas no Rio Grande do Norte, também vi, em meu campo, a importância dessas recomendações, ao buscar reconstituir a história da Romaria do Rio Doce. Neste momento da pesquisa de campo, quando comentava com alguns interlocutores/as – em sua maioria, interlocutores envolvidos na coordenação da Romaria –, que estava listando algumas pessoas para entrevistar, notei a emergência de um circuito de lembranças e menções a pessoas identificadas e indicadas como *importantes* de serem abordadas, por *saberem* da história da Romaria, por *terem uma história*, o poder e a capacidade de contá-la.

A lembrança de padre Nelito Dornelas (1962 - 2024), falecido como vítima da Covid-19, e os nomes de Serra do Brigadeiro, Piracicaba, do padre Rio Vermelho o C e de padre Manhauçu foram os que mais apareceram, nos “circuitos de recomendações” (Figurelli, 2015)⁴², como pessoas com quem não poderia *deixar de falar*. Feito uma lista inicial, ao entrar em contato com as pessoas selecionadas para checar sua disponibilidade para as entrevistas e fechar agendas, as recusas também foram reveladoras.

Com diversas justificativas, em sua maioria, relacionadas a um “sentimento de falta” (p. ex., *não saber contar*, *não saber dar entrevista*, ou mesmo pela alegação de não se ‘sentir autorizado’ a falar sobre o assunto), que hora culminava em simples recusa, hora em recusa com a indicação de alguém com quem, nas palavras de quem indicava, *sabe contar melhor*, e que eu não podia *deixar de falar*, resultando em mais uma rede de indicações.

Por exemplo, Corrente, de Nova Era-MG, vinculado à Cáritas, um dos fotógrafos da Romaria e que, nos bastidores das quinta e sexta Romarias, sob a orientação de uma das principais coordenadoras da romaria, identifiquei como o ‘faz tudo’ – *i. e.*, o principal responsável por articular, apoiar e resolver a logística para a realização das referidas romarias –, não quis ceder entrevista, alegando estar *cansado* do trabalho com as romarias (incluindo, falar sobre as mesmas), precisando descansar e *ter mais tempo* para se dedicar a outras ações, outros projetos porém, buscando me ajudar a conseguir alguns contatos, indicou-me uma série de outros nomes de pessoas, tidas como *importantes* de serem abordadas.

⁴² Em que a reflexão se desloca das histórias contadas para os seus contadores (Figurelli, 2015, p. 365).

Tive uma recusa também de padre Suaçuí Grande, pároco à frente da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, à época da realização da quinta Romaria do Rio Doce (2020-2022), em Conceição, interlocutor importante, tendo em vista a reconstituição dos fatos e percepções ligadas à referida romaria. Segundo alegou, por não residir mais no município e não ser mais o pároco quando o procurei para a entrevista, em 2024, disse que não poderia responder. Importante mencionar que uma romaria como *processo* – principalmente, se se considera que o *processo* de Conceição durou aproximadamente três anos, com uma pandemia no entremeio – há uma série de disputas e desgastes emocionais. Assim, o grupo que dá início a uma romaria pode não ser, necessariamente, o mesmíssimo grupo ao seu final. A construção de uma romaria pode culminar em seu caminho em desenlaces, assim como na conformação de novas alianças, parcerias e aberturas.

Como quando caminhamos, colocar uma Romaria do Rio Doce na rua é um “trabalho de risco” (Ingold, 2015c). No fim de uma romaria e no começo de outra, há sempre replanejamento, reinício dos trabalhos de articulação e mobilização do povo de Deus, nas paróquias e comunidades das dioceses do Rio Doce, por meio do “trabalho de base”, para poder reagregar uma nova multidão, para ir às ruas. Nesse processo, “há um sempre presente perigo, ao longo do trabalho, de que possa dar errado” (Ibid., p. 105).

Nesse trabalho de risco, “o resultado é sempre duvidoso” (Ingold, 2015c, p. 105). Ou seja, entre o começar e o terminar uma Romaria – colocá-la na rua, levantar a sua cruz e encerrá-la com uma missa, com a presença dos bispos e a leitura pública da carta com seus *anúncios* e *denúncias* –, não há completo controle sobre as condições necessárias para sua viabilização (p.ex., a realização de parcerias, a adesão das paróquias, as condições para participação e a chegada dos missionários/as, das caravanas de romeiros e romeiras, nem mesmo, a garantia da rota inicialmente planejada etc.).

À época da organização da quinta Romaria, mantive contato com o pároco, que *recebeu muito bem* a quinta Romaria, *que fez o processo de mobilização interessante. Pegou os grandes polos da diocese para fazer os seminários. E, envolveu, na medida do possível, os outros padres* (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024). Encontrei e mantive interlocução com ele em diversas reuniões, nos seminários preparatórios e durante toda a semana missionária, acompanhando de perto algumas frentes de trabalho, principalmente a construção da identidade visual (cujo rascunho da ideia inicial foi feito à mão por ele), da cartilha do Tríduo, do mapa-base das comunidades de Conceição, para a mediação de uma cartografia social, durante os Seminários Temáticos preparatórios e da cruz da romaria.

À época, porém, que o procurei para entrevistá-lo, como disse, *não moro mais em*

Conceição, e por uma questão de ética eu vejo que eu não posso mais responder por isso. Orientou que eu procurasse o novo pároco, o padre Rio Santo Antônio. Disse ainda que *só poderia falar se ele fosse indicado pelo novo pároco para tal função.* O novo administrador da paróquia participou da quinta Romaria, em algumas reuniões preparatórias, em Conceição, na Casa Paroquial, na missa de encerramento da Romaria, além de ter incentivado a participação de três lideranças leigas jovens de sua paróquia, em São Sebastião do Maranhão-MG, onde era o pároco em 2022.

Pensando a participação dos jovens na construção da Romaria – em suas atuações em espaços de coordenação, como missionários e romeiros, incluindo a participação de jovens das cidades acolhedoras – é interessante observar uma constante questão ouvida em campo, expressa por alguns membros da coordenação, missionários romeiros e membros do clero, sobre o *cansaço* que gera o trabalho de colocar anualmente, na rua, a Romaria do Rio Doce e que, portanto, a organização e participação na Romaria precisa de uma renovação, de uma *ampliação*, de *trazer juventude, de trazer novas pessoas, de tocar novos corações e almas, né, de formar outros jovens* (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024), para contribuírem em algumas frentes de trabalho, na construção da Romaria – principalmente, nas missões, nas comunidades anfitriãs do evento. Esse fato, me fez jogar luz sobre três jovens missionários romeiros maranhenses, ligados à Pastoral da Juventude (PJ) e à Juventude Missionária, convidados pelo padre.

Como notei, nas três Romarias que colaborei, as missões são, em sua maioria, feitas por mulheres e homens idosos/os aposentados, ou por algumas pessoas adultas liberadas para tal (irmãs consagradas, agentes pastorais da Igreja Católica ou membros de algumas organizações da sociedade civil), que se deslocam de paróquias distantes para a cidade onde ocorrerá a caminhada, onde permanecem por uma semana, e por alguns leigos locais, que se organizam de diferentes maneiras para participarem. Então, ver os jovens de São Sebastião do Maranhão chegando para as missões, e a atuação de outros jovens, durante a Semana Missionária, logo me chamou atenção.

Não foi o meu foco de observação, mas, tal como refletido por Castro et al. (2009) e Castro (2013), cá, nas queixas da direção da Romaria do Rio Doce, a ideia de geração aparece associada “à problemática da ‘renovação’ [...] articulada ao problema geracional dos movimentos (reprodução)” (Castro et al. 2009, p. 164), sobretudo, associada ao fator biológico, contrapondo *velhos* e *jovens*, ou à entrada nos movimentos “cebistas” e/ou na rede “romeira”, que organiza a Romaria do Rio Doce, contrapondo *jovens* e *antigos*.

Como ouvi e observei, há uma geração antiga, que *faz* romarias como a do Rio Doce,

há muitos anos⁴³; está envelhecendo e está cansada, sendo a *renovação* nos quadros de quem coordena a Romaria, apontada por coordenadoras/es, como um elemento crucial para a sobrevivência e reprodução da tradição desta Romaria. Há uma percepção expressa na ideia das lideranças mais *velhas* de uma ausência de participação dos *jovens*; de que os *jovens* têm “outros interesses” (Castro, 2013, p. 26).

Queixa de ausência que contrasta com a atuação dos jovens, participando e “ajudando”, em diferentes ações, nas diferentes fases do processo de construção da Romaria. Por exemplo, durante a vivência das três Romarias do Rio Doce, observei jovens envolvidos e atuando junto aos membros da coordenação, em várias tarefas (liturgia e celebrações, divulgação, cozinha, etc.), nas *missões*, na divulgação, na cantoria e animação, nos preparativos para a caminhada da Romaria, nas *místicas* da noite de Vigília, e durante a caminhada. Na quinta romaria, especialmente, convivi com alguns jovens que vi contribuírem com várias frentes de trabalho, principalmente na confecção das *lembrancinhas*, na divulgação e registro juntos à equipe da Pastoral de Comunicação (Pascom) da paróquia anfitriã, na Secretaria Paroquial, ou mesmo como coroinhas e ajudantes do pároco e demais padres locais.

Ao passo que, mesmo que tenha observado a participação de grupos concretos de jovens (p. ex., Pastoral da Juventude, Pastoral da Juventude Rural, Juventude Missionária), pela presença nos “tarefismos”, que envolve a organização da Romaria e de suas bandeiras e camisetas representativas de seus coletivos, no dia da procissão de romaria, não observei, da parte dos jovens, uma disputa por espaço, uma oposição aos *mais velhos* ou mesmo uma reivindicação de “uma identidade, com pautas e questões específicas” (Castro et al., 2009, p. 167) em meio às questões veiculadas pela *mensagem* da Romaria do Rio Doce.

De onde observei, apesar da anunciada necessidade de *renovação*, percebem-se diversas dificuldades para a aproximação dos jovens. Primeiro, por sua condição de disponibilidade de tempo para participar, em decorrência do trabalho e/ou dos estudos, o que impossibilita a eles permanecerem engajados por longos períodos, em ações no “entre romarias”, nas *missões* e em outras. Segundo, porque percebi, no que tange à organização da Romaria, uma certa resistência a novas ideias e práticas, por parte dos membros da coordenação – o que pode estar associado às “relações de hierarquia e poder que tensionam o lugar da juventude nos movimentos” (Castro et al., 2009, p. 178), a partir de uma imagem de juventude como aqueles que não têm experiência, que são movidos pela emoção.

Interessado numa “leitura contextualizada e a partir de um olhar relacional” (Castro,

⁴³ Serra do Brigadeiro, por exemplo, é uma das pioneiras em organização de Romarias das Águas e da Terra, em Minas Gerais, tendo construído a primeira em nível estadual, ocorrida em 1996, quando assessora da CPT.

2013, p. 50) sobre as diferentes visões, motivações, dificuldades e arranjos necessários para a participação e contribuição com o *fazer romaria* entre jovens e velhos romeiros, listei inicialmente dez possíveis interlocutores/as identificados/as ou autoidentificados/as como jovens, selecionados para falarem como membros da coordenação, missionários romeiros, acolhedores locais e romeiros caminhantes.

Os jovens de São Sebastião do Maranhão foram os primeiros com os quais entrei em contato para marcar entrevistas. Também, na busca por falar com jovens que se envolveram com a organização da quinta e sexta Romaria, busquei com Caratinga, de Nova Era, uma jovem, mulher, *participante* na coordenação – que se destacava por estar sempre ‘colada’ à Serra do Brigadeiro, apoiando, nos dias mais próximos da caminhada –, que se recusou a ceder entrevista, alegando não ser a pessoa adequada por ser *jovem demais*, indicando outros nomes que tinham condições de *dizer melhor*. Já Resplendor, de Belo Horizonte, missionário romeiro que conheci durante a sexta Romaria, negou-se a conversar comigo sob a alegação de *não saber dar entrevista*.

Ainda sobre os “circuitos de recomendações” (Figurelli, 2015), não foi apenas na fase do planejamento e agendamento das entrevistas que as indicações se avolumaram. Já me movimentando pelos diversos lugares, muitos/as entrevistados/as, querendo me ajudar, indicavam-me fulano, sicrano ou beltrano. Por exemplo, ao comentar com Serra do Brigadeiro, sobre a dificuldade de falar com a jovem Caratinga, ela me indicou falar com seu filho, Rio Brumado, 30 anos, ex-membro da Pastoral da Juventude, em Nova Era, que tem uma atuação marcante na organização da Romaria, nos dias mais próximos à caminhada.

À medida que ia se impondo, para resolver esta dificuldade em entrevistar alguns dos jovens inicialmente listados, comecei a comentar com algumas pessoas durante as entrevistas, o que, em alguns casos, seguia-se por uma lista de recomendações. Por exemplo, Urupuca, leiga local de Conceição, que conheci depois da quinta Romaria, na Biblioteca Municipal, indicou-me o contato de três jovens que participaram ativamente durante a quinta Romaria. Um dos jovens de São Sebastião do Maranhão, Rio Tanque, 27 anos, passou-me o nome de três romeiros caminhantes, todos também jovens maranhenses. Córrego Grande, um romeiro caminhante que estive na quinta e sexta Romaria, também me indicou o nome de outros jovens caminhantes romeiros.

Também durante as entrevistas presenciais, feitas em Conceição, Ipatinga ou nas entrevistas remotas, os/as interlocutores/as me indicavam espontaneamente ou quando eu solicitava, nomes de pessoas e contatos. Como, por exemplo, as indicações dadas pelo padre Rio Santo Antônio, 38 anos, que me ajudou a acessar leigos locais, que trabalharam

voluntariamente durante a quinta Romaria, indicando-me os nomes de Rio Três Barras, homem, 47 anos, e de Córrego Congonhas, mulher, 60 anos, que *estavam envolvidos na quinta Romaria* e que, nos dizeres do padre, *provavelmente* poderiam *ajudar muito* (mensagem de WhatsApp, 13.04.2024). A Lagoa Juparanã, 56 anos, liderança leiga de Regência, que me indicou nomes de outras pessoas na vila capixaba, com quem pudesse falar sobre a sexta edição.

Córrego Congonhas, que recebeu alguns missionários, indicou-me vários outros contatos, incluindo o de um jovem. Ao entrevistá-la, outra teia de indicações foi importante para, sucessivamente, seguir adentrando no que foi a quinta Romaria do Rio Doce, para os romeiros do lugar. Sobre a sexta edição, ocorrida em Regência, tendo em vista a dificuldade de retomar os contatos no estado do Espírito Santo, consegui entrevistar Lagoa Juparanã, o que foi importante, pois me indicou outros contatos na vila, com quem pudesse falar, entre outras tantas situações.

Lista inicial feita, em busca de ouvir as histórias das Romarias do Rio Doce, principalmente, as relacionadas à quinta e sexta Romaria, tinha em vista conversar com nove membros do Clero, entre eles, os párocos responsáveis por receber a quinta e a sexta Romarias e dois bispos, envolvidos com a quinta Romaria; doze membros da coordenação, entre eles, um jovem e uma jovem, a responsável pelo transporte dos missionários/as romeiros/as e coordenadora de algumas caravanas de romeiros caminhantes, e a coordenadora das *missões*, durante a quinta Romaria; dezoito missionárias romeiras/os, sendo três jovens, entre eles, um indígena Pataxó; quatro romeiros/as caminhantes, mais alguns contatos do grupo de Whatsapp da caravana da sexta Romaria, que passei a fazer parte, além de contar com algumas indicações feitas por alguns missionários romeiros; com treze leigas/os acolhedoras/es locais, entre moradores de Conceição do Mato Dentro (quinta Romaria), de Colatina, Regência e Linhares (sexta Romaria), lista enriquecida com as indicações feitas por alguns membros do Clero.

Interessante que, no caso de Conceição, além de algumas pessoas que já conhecia da época em que trabalhei na cidade, que convivi durante a construção da quinta Romaria e de alguns nomes selecionados na lista de acolhedores e acolhedoras⁴⁴, também foi produtivo perseguir as camisas que passaram a circular na cidade, após a quinta Romaria, bem como observar as cruzes com as fitinhas de cetim branca, vermelha e preta (uma das *lembrancinhas*

⁴⁴ Além desta lista, foram-me gentilmente disponibilizadas, pela coordenação da Romaria, a lista de acolhedores e acolhedoras da sexta Romaria; as listas de transporte de missionárias/os romeiras/os e de algumas caravanas que foram para a quinta e sexta Romarias.

da quinta edição), que passaram a se mostrar na paisagem local, vistas penduradas na entrada das casas, só ou junta a outra cruz (geralmente, enfeitadas com papel crepom colorido)⁴⁵, possibilitou-me quatro bons encontros etnográficos, quatro entrevistas.

Além, busquei conversar com um cantador e animador, parceiro de muitos anos, da Diocese de Caratinga, que já cantou e animou na Romaria do Rio Doce; com o construtor da cruz da quinta Romaria; com três membras da Pastoral Afro-Brasileira (PAB) e, por fim, com uma ativista e educadora, convidada pela coordenação da quinta Romaria a contribuir com o trabalho de divulgação da Romaria nas escolas.

Desta feita, tanto por uma questão logística, quanto por uma limitação de tempo, recursos e agendas (minha e a das/os interlocutoras/es), não consegui entrevistar todas as pessoas que planejei, ou mesmo abranger todas as indicações a mim dadas. Conforme a distribuição vista no Quadro 1, abaixo, ao todo conversei com cinquenta e cinco pessoas, em uma faixa etária entre 18 a 77 anos, sendo vinte e nove mulheres (52,7%) e vinte e seis homens (47,3%). Fiz por meio de entrevistas individuais, presenciais ou remotas, com roteiro semiestruturado, e, em alguns casos, por necessidade de adequação metodológica, também realizadas por meio de entrevistas em duplas ou por roda de conversa.

Quadro 1 – Número de entrevistados/as por categoria e distribuição por sexo e faixa etária

Categoria	Entrevistados	Sexo		Faixa etária
		H	M	
Membros do Clero	7	5	2	48 a 65 anos
Membros da Coordenação	11	6	5	23 a 69 anos
Missionários romeiros	17*	9	8	18 a 77 anos
Acolhedores locais de Conceição do Mato Dentro-MG	11	2	9	24 a 67 anos
Acolhedores locais de Regência, Linhares-ES	3	1	2	39 a 56 anos
Romeiros caminhantes	1	1	0	30 anos
Outros	5	2	3	41 a 74 anos
Total	55	26	29	18 a 77 anos

* Incluso o áudio de uma roda de conversa do dia 15.04.2024 com 6 missionários romeiros de Ipatinga, sendo 5 homens e 1 mulher.

Fonte: Ramon Teixeira (2025).

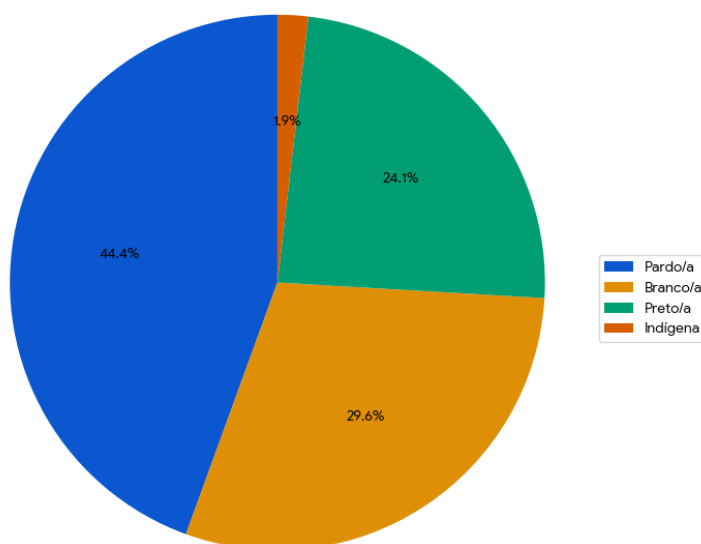
Antes de começar as entrevistas, para melhor identificação do perfil dos/as entrevistados/as, foram feitas, para cada entrevistado/a, perguntas sobre raça/cor, idade, escolaridade, ocupação, filiação religiosa, preferência política, filiação partidária, diocese, paróquia de origem e outras, cujas respostas foram reunidas em uma planilha de identificação⁴⁶.

⁴⁵ Geralmente, enfeitadas no 3 de maio, dia de Santa Cruz.

⁴⁶ O quadro com o perfil geral de cada entrevistado/a pode ser visto no Apêndice 3.

Deste modo, considerando todas as categorias de entrevistadas/os, no que se refere à raça/cor, 29,6% se autodeclararam brancos/as, 24,1% pretos/as e 44,4% pardos/as – que, juntos, são compreendidos como negros/as⁴⁷, perfazendo um total de 68,5% dos/as entrevistados/as – e 1,9% indígena (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Distribuição por raça/cor



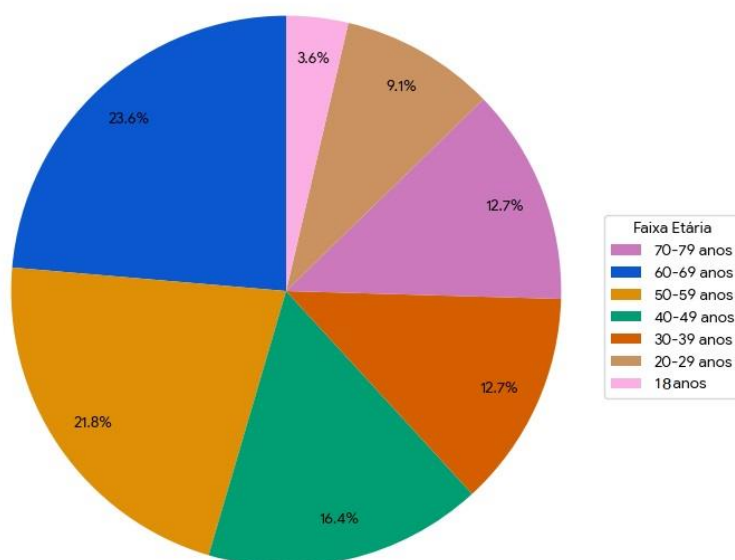
Fonte: Ramon Teixeira (2025)⁴⁸.

No que se refere à faixa etária, conforme pode ser melhor visto no Gráfico 2, a maioria dos/as entrevistados/as se encontram nas faixas etárias constituídas por pessoas ‘adultas’ e ‘idasas’, com a seguinte distribuição 60-69 anos (23,6%), 50-59 anos (21,8%), 40-49 anos (16,4%), 70-79 anos (12,7%), 30-39 anos (12,7%), 20-29 anos (9,1%), com apenas dois jovens de 18 anos de idade (3,6%). Interessante notar que a maioria dos/as interlocutores/as (74,5%) está situada na faixa que vai de 40-79 anos de idade.

⁴⁷ Isto é, conforme a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sem considerar “um ajustamento fino dos fatores de confusão e que tem sido utilizada em estudos sobre desigualdades de raça/cor, não só no campo dos determinantes sociais [...], como em outras dimensões da vida social (educação, justiça, entre outras que a técnica de pareamento pelos escores de propensão possibilita” (Leal et al., 2017, p. 13).

⁴⁸ Todos os gráficos desta seção foram elaborados com a utilização da ferramenta Gemini 2.5 Pro para sistematização dos dados.

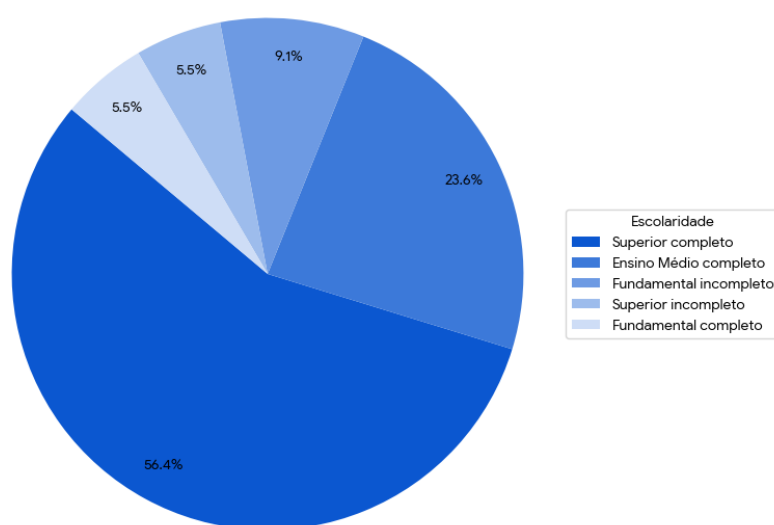
Gráfico 2 – Distribuição por idade



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Considerando o ensino Superior Completo como a maior formação, sem esmiuçar as demais formações (especializações, mestrados e doutorados) – que serão detalhados, a seguir, na discussão de cada categoria de entrevistado/a –, em termos de escolaridade, a maioria dos/as entrevistados/as possuem Ensino Superior completo (56,4%). Os demais entrevistados se distribuem em 23,6%, Ensino Médio completo; 9,1%, Fundamental incompleto; 5,5% Superior incompleto e 5,5% Fundamental completo.

Gráfico 3 – Distribuição por escolaridade

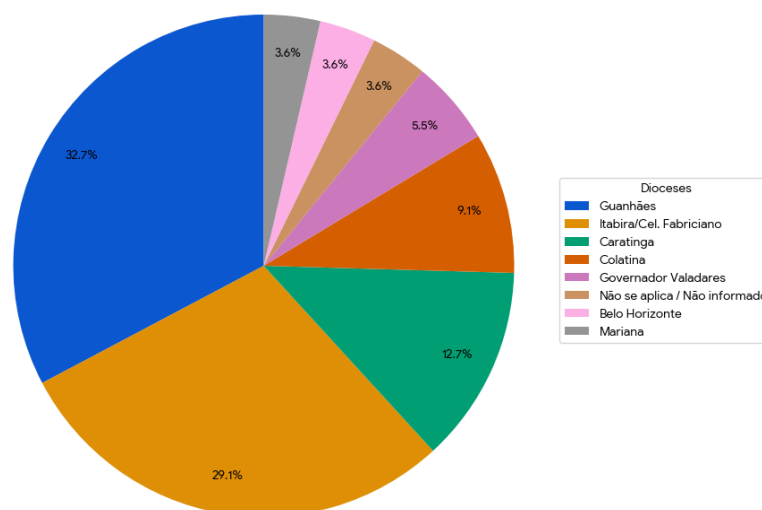


Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Conforme o Gráfico 4, em relação às dioceses de origem dos/as entrevistados/as, a

ampla maioria é da Diocese de Guanhães (dezoito entrevistados, 32,7%), a diocese que morei durante todo o período do trabalho de campo. O restante do grupo com quem conversei é composto por dezesseis entrevistados (29,1%) da Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, em sua maioria, missionários romeiros e membros da coordenação; sete entrevistados (12,7%), da Diocese de Caratinga; cinco entrevistados (9,1%), da Diocese de Colatina; três entrevistados (5,5%), da Diocese de Governador Valadares; dois entrevistados (3,6%), da Arquidiocese de Belo Horizonte; dois entrevistados (3,6%), da Arquidiocese de Mariana e dois entrevistados (3,6%) não se vincularam a nenhuma diocese especificamente.

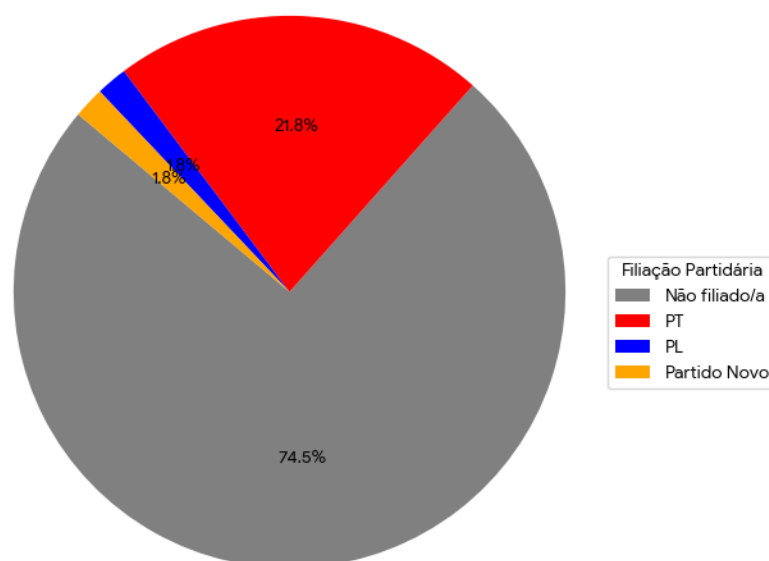
Gráfico 4 – Distribuição por Diocese de origem



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

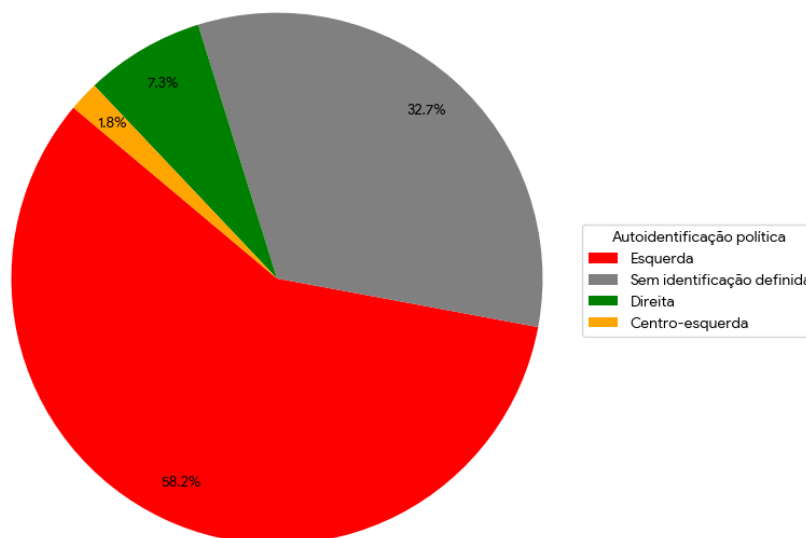
Por fim, buscando abordar a dimensão política, vale mencionar as características relacionadas aos horizontes e preferências políticas e às filiações partidárias dos/as entrevistados/as. Conforme Gráfico 5, a ampla maioria (quarenta e um entrevistados, 74,5%) dos/as entrevistados/as não são filiados a nenhum partido, seguido por doze filiados/as ao Partido dos Trabalhadores - PT (21,8%), um filiado ao Partido Novo (1,8%) e uma filiada ao Partido Liberal - PL (1,8 %). No que se refere à distribuição por autoidentificação política, o percentual se distribui em 58,2%, que se identifica como sendo de esquerda; 32,7% não se identifica nem com a esquerda nem com a direita; 7,3% se identifica com a direita e apenas 1,8% se identifica como de centro-esquerda (Gráfico 6).

Gráfico 5 – Distribuição por filiação partidária



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Gráfico 6 – Distribuição por autoidentificação política



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

A seguir, descreverei e caracterizei cada uma das categorias, apontando, ao fim de cada seção, as entrevistas que foram efetivamente transcritas e trazidas à baila para a elaboração desta tese – sobretudo, aquelas diretamente envolvidas com a quinta Romaria, a situação social (Gluckman, 1987) que priorizarei para a descrição etnográfica e a discussão do que proponho refletir com este trabalho monográfico.

Membros do Clero

Em linhas gerais, define o conjunto da categoria de entrevistados/as, membros da

hierarquia eclesial, mais detidamente, padres e freiras envolvidos/as com a organização da Romaria do Rio Doce, especialmente com as quinta e sexta edições. Esforcei-me também por incluir, no planejamento inicial, alguns bispos, “líderes formais de suas dioceses locais e [...] as autoridades mais importantes de suas Igrejas nacionais” (Mainwaring, 2004, p. 31), cuja anuência, disposição e/ou *apoio público*, para receber a Romaria do Rio Doce, na diocese que pastoreiam, bem como suas presenças no *grande dia*, para abrir e/ou fechar a romaria, são lidas pelos/as organizadores/as leigos/as como algo *importante* para a realização do evento⁴⁹.

A propósito, como bem tratou Sanchis (1990), as relações entre pastorais populares e os bispos “[...] não passam do estágio de ‘convivência razoável’. ‘O bispo deixa fazer, não indica’. Não se pode falar aqui de ‘imposição política’ da hierarquia, [...]” (Ibid., p. 65-66), pelo contrário, pode-se dizer muito mais de uma negociação – hora mais, hora menos dificultada – que se dá ‘de baixo para cima’. Esse estado relacional entre hierarquia e leigos/as, ao se considerar o que observei e ouvi, não mudou muito desde o observado por Sanchis e caracteriza as relações em quase todas as dioceses do Rio Doce por onde a Romaria do Rio Doce aconteceu.

Entrei em contato com Dom Otacilio Ferreira de Lacerda, bispo da Diocese de Guanhães, e com Dom Vicente Ferreira, à época bispo auxiliar de Belo Horizonte, amplamente envolvido em outra romaria ecológica, a Romaria pela Ecologia Integral em Brumadinho, e que, em junho de 2022, celebrou missa, durante o 232º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, e conduziu uma *mística*, durante o evento pré-quinta Romaria do Rio Doce, na Tenda da Palavra, que esteve sob a responsabilidade dos organizadores da romaria, por dois dias, dentro da festa do santo. Todavia, tendo em vista os desafios metodológicos para realização de pesquisa de campo, interações com elites eclesiásticas e acesso ao “mundo da Igreja” (Seidl, 2015), ambas as tentativas não tiveram êxito. Assim, entrevistei apenas padres e irmãs.

Na categoria de entrevistado/a, abordei ao todo sete interlocutores/as, sendo cinco padres (71,4%) e duas irmãs (28,6%). Entre os/as entrevistados/as, dois padres e uma feira se identificam como brancos/as (42,9%), dois padres e uma feira se identificam como pretos/as (42,9%) e um padre se identifica como pardo (14,3%), o que, em termos de raça/cor, demonstra que o Clero abordado é formado em sua maioria (57,2%) por pessoas negras.

Em relação à diocese de origem, o Clero com que conversei é composto por dois padres,

⁴⁹ Revelador deste estado de coisas, comentando sobre os critérios de escolha do local onde, terminada uma romaria, será a próxima, como disse o membro da coordenação, *o critério é ser... primeiro a diocese da Bacia do Rio Doce. O segundo critério é ser nas que não foram ainda. O terceiro critério é o bispo aceitar, se o bispo topa* (Córrego da Ferrugem, 51 anos, da Diocese de Governador Valadares).

vinculados à Diocese de Guanhães (28,6%): um residente em Conceição do Mato Dentro e outro em Morro do Pilar-MG. Duas religiosas da Diocese de Colatina (28,6%), residentes em Colatina-ES. Um padre da Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano (14,3%), residente em Ipatinga-MG. Um padre da Diocese de Caratinga (14,3%), residente em Tarumirim-MG e um frei, residente em Belo Horizonte, que disse não pertencer a uma diocese específica (14,3%), sendo seu território de atuação *o estado de Minas Gerais, onde precisarem dele*.

Como demonstra Brighenti (2021), no catolicismo, mesmo que não haja uma correspondência meramente por um fator cronológico do fenômeno, a idade e o ano de ordenamento podem influir sobre a visão de mundo, de Igreja e do exercício do ministério ao qual os padres e religiosas se alinham. Ou seja, a depender da idade e ano de ordenamento, o padre ou freira pode se identificar mais com uma perspectiva sociopastoral “evangelização/libertação”⁵⁰, mais anuente à realização da Romaria, ou a uma perspectiva “institucional/carismática”⁵¹, menos anuente.

Quer dizer, “além do tempo, é preciso considerar sempre outros fatores como espaço, vivências e concepções” (Martins; Brighenti, 2021, p. 35). Assim, há “padres novos”, alinhados à perspectiva “evangelização/libertação”, e há “padres das décadas de 1970/1980”, alinhados à perspectiva “institucional/carismática”, “embora em sua grande maioria os presbíteros recém-ordenados se alinhem à perspectiva ‘institucional/carismática’, assim como a grande maioria dos ‘padres das décadas de 1970/1980’ se alinhem à perspectiva ‘evangelização/libertação’” (Ibid., p. 34).

Fato que, conseqüentemente, pode se desdobrar em maior ou menor resistência dentro do Clero para a anuência e/ou apoio para a realização das *romarias de denúncia*; bem como, em graus variados de disposição ou comprometimento da paróquia ou diocese local para recebê-las. Como me contou um interlocutor, envolvido na coordenação da Romaria do Rio Doce, *nós trabalhamos, de fato, com a Igreja das periferias, a Igreja das comunidades de base, a Igreja da Libertação. [...] Muitas vezes as portas não estão abertas para nós* (Suaçuí Pequeno, 69 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 30.05.2024).

⁵⁰ “[...] em sintonia com a renovação do Concílio Vaticano II e com a tradição libertadora da Igreja, na América Latina, em torno às Conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Socialmente, é comum identificá-los, entre outros, como padres alinhados à Teologia da Libertação, às Comunidades Eclesiais de Base, à pastoral social e popular, à leitura popular da Bíblia e à memória dos mártires das causas sociais, embora existam outras influências, interpretações e visões que os caracteriza. [...]” (Martins; Brighenti, 2021, p. 33).

⁵¹ “Este segmento do clero alimenta uma tendência mais vinculada à observância da disciplina, preocupada com a doutrina da Igreja, assim como a dar respostas às necessidades imediatas das pessoas. Está mais voltado para questões eclesiais, à retomada da centralidade da Igreja no mundo, valoriza o papel e o poder dos presbíteros, enfim, os rituais e símbolos eclesiásticos. É um segmento que se distancia do modelo pastoral e eclesial proposto pela renovação do Vaticano II e a tradição libertadora latino-americana. [...]” (Ibid., p. 33).

Dito isto, interessado no quadro completo sobre a idade e ano de ordenamento de toda a hierarquia clerical abordada, durante as entrevistas, tanto os envolvidos com as tarefas de organização e coordenação, quanto em outros papéis no interior do processo ritual, agreguei, ao conjunto de dados desta categoria de entrevistado/as, as informações sobre a idade e o ano de ordenação de duas freiras entrevistadas como missionárias romeiras⁵². Assim, essas próximas duas variáveis descritas abaixo, consideram também os dados destas duas religiosas.

No que se refere à idade, pode se dizer que o Clero, envolvido com a romaria com quem conversei, está envelhecendo. Isto é, os membros do Clero entrevistados, em sua maioria estão na faixa entre 60 a 69 anos (42,9%), sendo dois padres com 60 anos e uma freira com 65 anos. Seguidos por 28,6%, na faixa entre 50 a 59 anos (uma irmã de 54 anos e um padre de 58 anos); 14,3%, na faixa entre 40 a 49 anos (um padre com 49 anos) e 14,3% na faixa entre 30 a 39 anos (um padre com 38 anos).

No tocante ao ano de ordenamento, temos duas religiosas consagradas em 2000 e uma em 2003, e um padre ordenado em 2001. Seguidos por dois padres ordenados em 1994, um padre ordenado em 2011 e outro em 2014, e uma religiosa consagrada em 1987.

Quadro 2 – Distribuição percentual por ano de ordenamento Religioso por década*

Década de ordenamento/consagração	Número de entrevistados/as	Percentual
1980-1989	1	11,1%
1990-1999	2	22,2%
2000-2009	4	44,4%
2010-2019	2	22,2%

*Incluindo aqui o ano de ordenamento de duas irmãs, que foram entrevistadas como missionárias romeiras.

Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Em relação à formação escolaridade, como a formação para a vida religiosa na Igreja Católica obrigatoriamente passa pela formação em filosofia e teologia, todos entrevistados possuem Ensino Superior completo. Variando na continuidade desta formação, com alguns/algumas com título de pós-graduação. Assim, um padre possui mestrado incompleto e o frei possui doutorado completo.

Nenhum dos padres ou religiosas são filiados a partidos políticos. Ao passo que, em termos de autoidentificação política, duas religiosas e três padres se autoidentificam como sendo de esquerda (71,4%) e dois padres disseram não se identificar com nenhum espectro

⁵² Uma religiosa de 44 anos, consagrada em 2000. E outra, de 41 anos, consagrada em 2003.

político (28,6%).

Vale ainda comunicar sobre as atuações deste Clero. No campo religioso, há padres e religiosas que fazem parte da Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana, que se envolvem com os organismos da Igreja como Cáritas, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Comissão de Brasileira Justiça e Paz (CBJP) e diversas pastorais como a Pastoral Carcerária, Pastoral da Comunicação, Pastoral da Criança, Pastoral da Ecologia, Pastoral da Pessoa Idosa e Pastoral Familiar, além de ter entrevistado padres que atuam no trabalho de animação bíblica pelo Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) ou da animação pastoral, via Secretariado de Pastoral da Diocese de Colatina. No campo político, no tocante ao ativismo em organizações da sociedade civil, alguns participam do Fórum Permanente de Defesa da Bacia do Rio Doce⁵³ e do Instituto Padre Nelito Nonato Dornelas e um padre, que atua na Assessoria das Ocupações Urbanas e Camponesas.

Das sete entrevistas realizadas, tendo em vista ser a quinta Romaria do Rio Doce, ocorrida em Conceição, a situação social ter sido priorizada para a descrição, transcrevi, analisei e trouxe à baila, para a escrita da tese, cinco entrevistas com membros do Clero, envolvidos na feitura da quinta Romaria. A saber: dois padres da Diocese de Guanhães – padre Rio Santo Antônio, residente em Conceição, ordenado em 2014, 38 anos, preto, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda e atua entre outras coisas junto à Pastoral da Comunicação e à Pastoral Familiar, em sua paróquia. E padre Rio do Peixe, residente em Morro do Pilar, ordenado em 1994, 60 anos, branco, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda e que, no momento da entrevista, disse não estar envolvido com nenhuma pastoral, movimento ou organização.

Um padre da Diocese de Itabira e Coronel Fabriciano, residente em Ipatinga, padre Rio Vermelho, ordenado em 2011, 49 anos, preto, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda, com uma atuação junto à Cáritas Diocesana, ao Instituto Padre Nelito Dornelas, à Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana e ao Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce.

Um padre da Diocese de Caratinga, residente em Tarumirim, ordenado em 2001, padre Serra do Caparaó, 58 anos, pardo, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda, com uma atuação junto à Comissão de Meio Ambiente Província Eclesiástica de Mariana, ao Fórum Permanente de Defesa da Bacia do Rio Doce, ao Instituto Padre Nelito Nonato Dornelas, à Pastoral da Pessoa Idosa, à Pastoral Carcerária, à Pastoral de Ecologia e um

⁵³ Que, como disse na introdução, origina-se como um dos resultados da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce, ocorrida em 2016, meses antes da primeira Romaria.

dos organizadores do Curso de Férias para Educadores Populares da Diocese de Caratinga.

E, por fim, Frei Serra do Espinheiro, sem diocese em específica a qual se vincule, residente em Belo Horizonte, ordenado em 1994, 60 anos, branco, sem filiação partidária e que se identifica como sendo de esquerda (*esquerda socialista*, como disse), com uma atuação junto à CPT, ao CEBI e à Assessoria das Ocupações Urbanas e Camponesas.

Em constante processo de interlocução, disputas e negociações com o Clero, as muitas mãos que fazem a Romaria do Rio Doce é composta por um coletivo de leigos e leigas e de parceiros e parceiras de vários movimentos sociais, sindicais, organizações, universidades e outras. Estes agentes desempenham várias funções e participam de diversos modos da feitura da performance a ser mostrada e experienciada, na rua, no dia da caminhada. Entre as muitas responsabilidades e importantes tarefas, envolvidas na realização do evento, é este grupo que, junto a alguns membros do Clero, coordena; gere e presta contas; planeja; pensa a liturgia e as místicas; faz interlocuções com o Clero e o poder público; informa, forma e mobiliza missionários e romeiros; faz *missões*; anima a romaria; faz divulgação do evento; constrói ou recicla os materiais que vão dar corpo à performance na rua, no espaço público; acolhe os missionários e romeiros em suas casas; faz caravanas e engrossa a coluna que ocupa a rua no *grande dia*.

Assim, abaixo, segue o perfil dos/as entrevistados/as que não fazem parte do Clero. Isto é, o perfil geral dos membros da coordenação; dos missionários romeiros; dos acolhedores locais; dos romeiros caminhantes; de um cantador, artista e animador de romarias e caminhadas; do restaurador quilombola, que construiu a cruz da quinta Romaria; de membras da Pastoral Afro Brasileira (PAB) da Arquidiocese de Mariana e de uma educadora e ativista ambiental, envolvida na quinta Romaria.

Membros da Coordenação

Na categoria de entrevistados, estão leigos e leigas, ligados a diversos movimentos e pastorais que coordenam a Romaria do Rio Doce⁵⁴. Nesta categoria de entrevistado, ao todo abordei onze pessoas, sendo seis homens (54,5%) e cinco mulheres (45,5%). Do ponto de vista da raça/cor, cinco entrevistados/as se autodeclararam brancos/os (45,5%), enquanto os que se

⁵⁴ Sobre coordenar, cf. Comerford (1999).

autodeclararam preta/o e parda/o representam 27,3% cada; que somadas, entendidas como negro/as, chega a 54,6%.

Quanto à idade dos membros da coordenação, pode-se dizer que, como os membros do Clero envolvidos com quem conversei, leigos/as, que coordenam a Romaria, também estão envelhecendo. Isto é, a idade dos envolvidos, na coordenação das Romarias que participei, com quem falei, está concentrada nas faixas mais altas. A maioria tem entre 60 e 69 anos (36,4%), seguida pela faixa de 50 a 59 anos (27,3%). Por fim, as faixas de 40 a 49 e 20 a 29 anos têm a menor representação, com 9,1% cada.

Uma vez que possua relação com o campo de possibilidades, para poder estar presente, contribuir e participar, é interessante também apontar os dados sobre o estado civil⁵⁵ dos/as entrevistados/as, uma vez que, entre outras coisas, essa condição (se solteiro/a, casado/a, divorciado/a, viúvo/a) – concatenada com a questão de gênero (se homem, se mulher) –, influencia diferencialmente nas motivações, possibilidades, dificuldades e arranjos que precisam ser feitos para estes leigos/as coordenadores/as poderem se movimentar pelas estradas, ficar uns dias fora de casa e participar da Romaria. Entre aqueles/as que declararam esta informação, pode-se dizer que existe um equilíbrio entre os casados/as (45,5%), solteiros/as (36,4%) e viúvos/as (18,2%).

Quando se olha para o nível de formação do grupo entrevistado, percebe-se que a escolaridade do grupo é alta, tendo a ampla maioria dos/as entrevistados/as (90,9%) concluído o ensino superior, com diferentes títulos de pós-graduação. Isto é, uma leiga está com uma pós-graduação em andamento e uma leiga e um leigo possuem pós-graduação completa. Com a escolaridade mais básica, há uma leiga que possui o fundamental incompleto (9,1%).

Dado que, assim como o gênero e o estado civil, as ocupações dos/as entrevistados também influenciam na disponibilidade para *estar no trecho*, se ausentar de casa e da família por uns dias, participar de reuniões, seminários, missões e da própria romaria, é interessante apontar os trabalhos de cada membro da coordenação. Assim, entrevistei um educador e coordenador da Cáritas Diocesana Governador Valadares; um agrônomo e coordenador geral da Cáritas MG; um bancário; uma agente pastoral e coordenadora geral da Assessoria Técnica Independente (ATI) Cáritas Diocesana de Itabira; uma agente pastoral da CPT-MG; uma costureira e artesã; uma professora e pedagoga; um comerciante; um auxiliar administrativo, uma auxiliar administrativa e um educador e agente pastoral da Cáritas Diocesana Governador Valadares.

⁵⁵ Dado que será descrito para esta e para as demais categorias de leigos e leigas com quem conversei.

Todos os membros da coordenação se declaram católicos, sendo a maior representação na coordenação vinda da Diocese de Itabira e Coronel Fabriciano, com três leigos e dois leigos (45,5%), seguido por dois leigos e uma leiga da Diocese de Governador Valadares (27,3%), dois leigos da Arquidiocese de Belo Horizonte (18,2%) e uma leiga da Diocese de Caratinga (9,1%).

Quanto à filiação partidária, a maioria dos coordenadores/as que abordei são filiados/as ao PT (54,5%), enquanto o restante (45,5%) não possui filiação partidária. Ao passo que, a autoidentificação política é predominantemente de esquerda, correspondendo a 90,9% dos entrevistados/as, com apenas um entrevistado se autoidentificado como de centro-esquerda.

No tocante ao ativismo dos/as membros da coordenação entrevistados/as, viu-se que se engajam em movimentos sociais e em grupos e movimentos religiosos, alguns, com maior inclinação para a atuação social como, por exemplo, as pastorais sociais da Igreja Católica. Assim, no campo religioso, os/as entrevistados/as participam de movimentos religiosos como o Movimento Fé e Política e a Rede Igreja e Mineração; de pastorais dentro da Igreja Católica⁵⁶; de comissões, grupos e conselhos em vários níveis eclesiais⁵⁷, de organismos da Igreja (como a Cáritas e a CPT), sendo que todos/as fazem parte da Comissão de Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana, de onde surgiu a ideia da Romaria do Rio Doce e onde são tomadas as principais decisões relacionadas à realização do evento.

No que se refere ao campo político, alguns dos membros da coordenação se engajam em sindicatos, alguns grupos organizados da sociedade civil e movimentos sociais, tais como o Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce, o Instituto João Calazans, o Instituto Padre Nelito Nonato Dornelas, o Movimento Negro e o Sindicato dos Bancários de Ipatinga e região. Ainda, alguns/algumas entrevistados/as, apesar de não terem apontado isso em suas entrevistas, atuam no âmbito das ATIs voltadas para as populações atingidas pelo rompimento da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton, especialmente nas regiões de Itabira e Governador Valadares.

As onze entrevistas realizadas foram efetivamente transcritas e serão trazidas à baila, para a escrita, dez entrevistas com os/as interlocutores/as diretamente envolvidos/as na coordenação das Romarias do Rio Doce, incluindo a quinta edição, ocorrida em Conceição. A saber: três leigos e um leigo da Diocese de Itabira e Coronel Fabriciano – Serra do Brigadeiro, mulher, residente em Nova Era, 57 anos, preta, viúva, com Ensino Superior completo, agente

⁵⁶ PAB; Pastoral Carcerária, Pastoral da Liturgia, Pastoral do Batismo e Pastoral Litúrgica.

⁵⁷ Comissão das Pastorais Sociais; Comissão Episcopal Regional para a Ecologia Integral e Mineração - CNBB Leste 2; Conselho Diocesano de Leigos e Grupo de animação das CEBs.

pastoral e coordenadora geral da ATI Cáritas Diocesana de Itabira, filiada ao PT, que se identifica como sendo de esquerda. Entre outros engajamentos, atua na Cáritas; na Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana; no Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce; no Instituto Padre Nelito Nonato Dornelas e no Instituto João Calazans. Ex-assessora da CPT, esteve à frente da organização de doze edições da Romarias das Águas e da Terra estaduais promovidas pela organização, desde sua primeira edição em 1996. Hoje, principal articuladora e coordenadora da Romaria do Rio Doce.

Carmo, residente em Ipatinga, 68 anos, branca, casada, com Ensino Superior completo, auxiliar administrativa, filiada ao PT, que se identifica como sendo de esquerda. Entre outros engajamentos, atua na coordenação da Comissão das Pastorais Sociais e na Pastoral Carcerária. Ela é articuladora do transporte dos missionários e de algumas caravanas de romeiros para a Romaria que sai da diocese.

Quatituba, mulher, residente em Ipatinga, 52 anos, parda, viúva, com Ensino Fundamental incompleto, costureira e artesã, filiada ao PT, que se identifica como sendo de esquerda. Entre outros engajamentos, atua na Secretaria do Conselho Diocesano de Leigos e na Pastoral da Liturgia.

Gualaxo do Sul, homem, residente em Ipatinga, 62 anos, branco, casado, com Ensino Superior completo, bancário, filiado ao PT, que se identifica como sendo de esquerda. Entre outros engajamentos, atua no Sindicato dos Bancários de Ipatinga e região, na Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana; no Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce; no Comitê da Bacia Hidrográfica do rio Piracicaba e no Instituto Padre Nelito Nonato Dornelas.

Dois leigos e uma leiga da Diocese de Governador Valadares, todos residente em Governador Valadares. Suaçuí Pequeno, homem, 69 anos, branco, casado, com Ensino Superior completo, educador e coordenador da Cáritas Diocesana Governador Valadares, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Entre outros engajamentos, atua na Cáritas; na Rede Igreja e Mineração; no Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce e na Comissão de Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana.

Sacramento, homem, 60 anos, branco, solteiro, com Ensino Superior completo, educador e agente pastoral da Cáritas Diocesana Governador Valadares, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Entre outros engajamentos, atua na Cáritas Diocesana; na Comissão de Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana; na Comissão episcopal regional para a ecologia integral e mineração da CNBB Leste 2; na Rede Igreja e Mineração e no Grupo de animação das CEBs.

Piracicaba, mulher, 39 anos, parda, solteira, com Ensino Superior completo e pós-graduação em andamento, agente pastoral da CPT-MG, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Entre outros engajamentos, atua na Cáritas, no Fórum Permanente em Defesa da Bacia Rio Doce e na Comissão de Meio Ambiente da Província de Mariana.

Dois leigos da Arquidiocese de Belo Horizonte, residentes em Belo Horizonte. Córrego da Ferrugem, 51 anos, branco, casado, com Ensino Superior completo, agrônomo e coordenador geral da Cáritas-MG, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Atua na Cáritas Brasileira. E Rio São José, homem, 23 anos, preto, solteiro, com Ensino Superior completo, auxiliar administrativo, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de centro esquerda. Atua na Pastoral do Batismo.

Por fim, uma leiga da Diocese de Caratinga, residente em Caratinga. Mombaça, mulher, 45 anos, preta, casada, com Ensino Superior completo com pós-graduação completa, professora e pedagoga, filiada ao PT, que se identifica como sendo de esquerda. Entre outros engajamentos, atua no Movimento Negro, na PAB e na Pastoral Litúrgica.

Missionários/as romeiros/as

Aqui, foram entrevistados/as leigos e leigas da Igreja Católica – muitos formados/as no âmbito da Pastoral Missionária ou Santas Missões Populares (SMP)⁵⁸ –, que participam não apenas no dia da caminhada, mas que chegam uma semana antes e se hospedam de maneira solidária na casa de famílias acolhedoras locais para realizar as *missões* preparatórias para a Romaria. Isto é, para fazerem visitas de porta em porta para divulgação da Romaria, *ouvir* e trocar experiências, rezas e orações entre eles (vindos de fora) e a comunidade local, que acolhe a romaria, durante a programação pré-romaria, durante a Semana Missionária.

Apesar de ter visto mais mulheres fazendo *missões* durante as três Romarias que acompanhei, há uma leve predominância masculina no grupo abordado. Isto é, ao todo abordei dezessete pessoas, sendo nove homens (52,9%) e oito mulheres (47,1%). Do ponto de vista da raça/cor, a maioria dos/as missionários/as romeiros/as se autodeclara como parda/o (64,7%); seguida por 23,5%, brancos/as; e 5,9%, indígena e não informado, respectivamente.

Com entrevistados/as abordados, com idade que vai de 18 a 77 anos, no que concerne à

⁵⁸ Iniciadas em 1989, no Pará, trata-se de um movimento pastoral fomentado pelo Clero de protagonismo leigo, nas bases, que visa formar pequenas comunidades e impulsionar a vida comunitária da paróquia. Como disse um missionário romeiro de Ipatinga, *essas nossas romarias, o incentivo, né, [de participar] das romarias, ela começou aqui quando o padre Guanhães, ele estava aqui, no seu comando da paróquia, ele começou com as Santas Missões Populares.*

distribuição por faixa etária, pode-se dizer que o grupo de missionários romeiros que entrevistei apresenta uma diversidade etária, com uma concentração notável de pessoas mais velhas. A faixa etária predominante é a de 70 a 79 anos, com 35,3% dos entrevistados/as, seguido por 17,6%, na faixa de 60 a 69 anos; 5,9%, entre 50 a 59 anos; 11,8%, entre 40 a 49 anos. Nenhum missionário/a romeiro/a se encontra na faixa entre 30 a 39 anos; 17,6% estão na faixa de 20 a 29 e dois jovens possuíam 18 anos (11,8%) quando entrevistados.

No tocante ao estado civil dos missionários/as romeiros/as entrevistados/as, a maioria dos entrevistados/as é solteira/o (41,2%), seguida por 29,4%, casada/o. Viúvos representam 11,8%, enquanto divorciado e não informado correspondem a 5,9% cada. A escolaridade no grupo é bem variada, sendo que a maior parte possui Ensino Médio completo (41,2%), seguido 29,4%, com Ensino Superior completo; 17,6%, com Ensino Fundamental incompleto e Ensino Superior incompleto e Fundamental completo, com 5,9% respectivamente (Gráfico 17).

Como coordenar, *fazer missão* também envolve um engajamento que exige maior tempo fora de casa, é importante registrar a profissão dos missionários/as romeiros/as, pois sua ocupação, assim como outros fatores, como gênero e estado civil, impacta na disponibilidade que possuem para contribuir com as *missões* e estar presente na romaria. É notável que a maioria dos/as missionários/as seja composta por aposentados/as (dez entre os dezessete entrevistados/as). O restante do grupo é constituído por duas freiras (que atuam também na educação, uma como professora e outra como pedagoga), um estudante, uma diarista, um agricultor, um administrador de loja e uma autônoma.

Todos se declararam católicos. Acerca das dioceses a qual se vinculam, nota-se que a Diocese de Itabira e Cel. Fabriciano é a mais representada entre os/as missionários/as romeiros/as, com uma expressiva maioria de 58,8%. A Diocese de Guanhães aparece em seguida, com 23,5%, e a Diocese de Caratinga, com 17,6%. De outro modo, conversei com dez missionários/as romeiros da Diocese de Itabira e Cel. Fabriciano, quatro da de Guanhães e três da de Caratinga.

No tocante à filiação partidária, a esmagadora maioria dos/as missionários/as romeiros/as que entrevistei não é filiada a partidos (88,2%), com apenas uma missionária romeira filiada ao PT e outra ao Partido Liberal (PL). Mais diversa, em relação ao espectro político que as outras categorias, entre os/as missionários/as romeiros/as, aqueles/as que se identificam como sendo de esquerda têm a maior representatividade, com 41,2%, seguidos por aqueles sem identificação definida (35,3%) e 23,5% do grupo de missionários romeiros, que se identifica com a direita completa o percentual total.

Acerca do ativismo religioso-político dos/as missionários romeiros entrevistados/as,

conforme informado pelos mesmos, no grupo abordado há os que se engajam em grupos e movimentos religiosos, alguns, com maior inclinação para a atuação social como, por exemplo, as pastorais sociais da Igreja Católica. Participam também de grupos de reflexão, grupos de oração, Terço dos Homens. Há ainda quem exerça ministérios e atue em frentes de ação leiga dentro da Igreja⁵⁹, em diversas pastorais da Igreja⁶⁰, em conselhos e coordenações paroquiais ou diocesanos⁶¹, em organismos da Igreja (tal como Cáritas e Sociedade São Vicente de Paulo) e também atue em grupos organizados da sociedade civil, como no Centro de Defesa dos Direitos da Natureza (CDDN)⁶².

Dezessete entrevistas realizadas foram efetivamente transcritas. Para a escrita da tese, treze entrevistas com missionários/as romeiros/as, diretamente envolvidos/as na quinta Romaria, foram trazidas à baila. A saber: dois jovens leigos e uma jovem leiga da Diocese de Guanhães, todos residentes em São Sebastião do Maranhão. Rio Prata, homem, residente em São Sebastião do Maranhão, 18 anos, pardo, solteiro, com Ensino Superior incompleto, estudante, sem filiação partidária, que não se identifica com nenhum espectro político. Atua na Juventude Missionária.

Rio Tanque, homem, 27 anos, pardo, solteiro, com Ensino Superior completo, administrador de loja, sem filiação partidária, que não se identifica com nenhum espectro político. Atua no Grupo de Teatro Farsa Companhia Teatral; na Pastoral da Juventude; na Pastoral do Dízimo; na Pastoral da Catequese; Pastoral da Liturgia e no Grupo de Oração. E Cachoeira Bonita, mulher, 18 anos, parda, solteira, com Ensino Médio completo, autônoma, sem filiação partidária, que não se identifica como sendo de direita. No momento da entrevista, disse não estar envolvida com nenhuma pastoral, movimento ou organização.

Todos/as aposentados/as, cinco leigos e quatro leigas da Diocese de Itabira e Cel. Fabriciano, excetuando uma das leigas, todos residentes em Ipatinga.

Gualaxo do Norte, homem, 67 anos, indígena, divorciado, com Ensino Fundamental incompleto, aposentado, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Entre outros engajamentos, é proclamador da palavra (Ministério da Palavra), participa do

⁵⁹ Como no Ministério da Palavra, no Ministério do Acólito, na catequese batismal, na Equipe Pastoral Paroquial, na Iniciação à Vida Cristã de Adultos.

⁶⁰ Como Pastoral Carcerária; Pastoral da Catequese; Pastoral da Comunicação; Pastoral da Criança; Pastoral da Esperança Paroquial; Pastoral da Família e Infância Missionária; Pastoral da Juventude; Pastoral da Liturgia; Pastoral da Música; Pastoral da Sobriedade; Pastoral de Animação Bíblico-Catequético; Pastoral do Dízimo; Pastoral do Idoso; Pastoral Missionária ou “Santas Missões Populares”; Pastoral Vocacional; Pastoral do Dízimo e Juventude Missionária.

⁶¹ Como coordenação paroquial; coordenação comunitária e Conselho de Justiça e Paz Diocesano.

⁶² Fundada em 1993, o CDDN é uma organização com sede em Ipatinga, cujas atividades estão focadas em atividades de defesa ambiental, áreas de proteção e reservas ecológicas. A entidade atua, sobretudo, no trabalho educativo comunitário sobre problemas ambientais, como a poluição.

Terço dos Homens, atua na Pastoral da Esperança Paroquial; na coordenação de Grupos de Reflexão; na Pastoral Missionária (ou “Santas Missões Populares”) e na Coordenação Paroquial.

Rio Turvo, homem, 59 anos, pardo, casado, com Ensino Fundamental completo, aposentado, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de direita. Entre outros engagements, é proclamador da palavra (Ministério da Palavra), atua na Iniciação à Vida Cristã de Adultos (IVCA); na Pastoral da Música e na Pastoral Missionária (ou “Santas Missões Populares”).

Xopotó, homem, 68 anos, raça/cor e estado civil não informados, com Ensino Médio completo, aposentado, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Atua na Catequese Batismal; na Pastoral da Esperança Paroquial; na Equipe Pastoral Paroquial (EPAP) e na Pastoral Missionária (ou “Santas Missões Populares”).

Rio José Pedro, homem, 72 anos, pardo, casado, com Ensino Fundamental incompleto, aposentado, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Participa de Grupo de Reflexão, em sua comunidade paroquiana, atua no Ministério da Palavra e na Pastoral do Dízimo.

Ribeirão Onça, 63 anos, pardo, casado, com Ensino Médio completo, aposentado, sem filiação partidária, que não se identifica com nenhum espectro político. Atua na Pastoral Carcerária; na Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP); na Pastoral da Criança e na Pastoral do Idoso.

Rio Eme, mulher, 77 anos, branca, viúva, com Ensino Médio completo e o magistério, aposentada, filiada ao PL, que se identifica como sendo de direita. Atua na Pastoral Missionária (ou “Santas Missões Populares”) e na Pastoral da Comunicação (Pascom).

Cachoeira do Sossego, mulher, 73 anos, parda, solteira, com Ensino Médio completo e o magistério, aposentada, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Entre outros engagements, é coordenadora comunitária e de grupo de reflexão, é proclamadora da Palavra (Ministério da Palavra) e atua na Pastoral da Esperança Paroquial, na Pastoral Missionária (ou “Santas Missões Populares”) e na Equipe Pastoral Paroquial (EPAP).

Corrente Grande, mulher, 74 anos, parda, casada, com Ensino Superior completo, aposentada, filiada ao PT, e que se identifica como sendo de esquerda. Atua no Conselho de Justiça e Paz Diocesano; na Cáritas e no Centro de Defesa dos Direitos da Natureza (CDDN).

Cachoeira da Bocaina, mulher, residente em Santa Maria de Itabira, 71 anos, branca, viúva, com Ensino Superior completo, aposentada, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Atua na Pastoral da Sobriedade; na Pastoral da Família e Infância

Missionária e na Pastoral Carcerária.

E, por fim, um leigo da Diocese de Caratinga. Rio Casca, homem, residente em Entre Folhas, 28 anos, pardo, solteiro, com Ensino Médio completo, agricultor, sem filiação partidária, se identifica como sendo de esquerda. É coordenador paroquial dos Grupos de Reflexão e dos plenários de encontro destes grupos, além de atuar na Pastoral Carcerária e na Pastoral da Liturgia.

Acolhedores/as locais

Acolhedores/as locais são, geralmente, leigos/as da Igreja Católica, residentes no município/Paróquia que recebe a Romaria do Rio Doce, que colaboram, participam da romaria e podem ou não abrigar os/as missionários/as romeiros/as, em suas casas, no período em que duram as *missões* preparatórias para a Romaria do Rio Doce, no local. Entrevistei acolhedores/as de Conceição, Diocese de Guanhães, que receberam a quinta Romaria do Rio Doce, em 2022, e acolhedores/as de Regência, Linhares, Diocese de Colatina, que receberam a sexta Romaria do Rio Doce, em 2023.

Ao todo, entrevistei catorze pessoas, sendo três acolhedores/as de Regência, Linhares e onze de Conceição. Porém, como a quinta Romaria é o foco da descrição nesta tese, nesta seção, apresentarei apenas o perfil geral dos/as acolhedores/as locais de Conceição. Assim, do público conceiçonnense entrevistado, abordei nove mulheres (81,8%) e dois homens (18,2%), todos declarados católicos, que, do ponto de vista da raça/cor, declararam-se 45,5% pardas/os; 27,3%, pretas/os (que junto, com pardos/as, entendidas/os como negras/os, somam 72,8%) e 27,3%, brancas/os.

Com entrevistados/as com idades entre 24 a 67 anos, pode-se dizer que a faixa etária predominante entre os acolhedores/as é a de 50 a 59 anos, com 36,4% dos membros, seguida pelas faixas de 30 a 39 anos e de 60 a 69 anos, com 18,2% e 27,3%, respectivamente. As faixas de idade de 40-49 anos e mais jovens (20-29 anos) são as menos representadas, com 9,1% cada.

Sobre o estado civil deste público interlocutor, a grande maioria é casada/o, correspondendo a 72,7% do grupo, sucedido por solteiros/as (18,2%) e viúvos/as (9,1%). Já sobre a formação escolar, pode-se dizer que o nível de escolaridade do grupo é alto. Em outros termos, a maioria (54,5%) possui o Superior completo. O Ensino Médio completo é a realidade de 27,3% dos entrevistados. E o Ensino Superior incompleto e o Fundamental completo, corresponde a 9,1% cada.

As ocupações dos acolhedores/as com quem conversei são bem diversas. Assim,

entrevistei uma estudante, uma diarista, uma professora e oficial de Cartório, um mecânico de automóveis, uma enfermeira, uma advogada/produtora rural, uma professora, um faxineiro, uma dona de casa e uma aposentada.

Relativo à filiação partidária, a quase totalidade dos acolhedores (90,9%) não possui filiação partidária, sendo apenas um acolhedor filiado ao Partido Novo. Sobre a identificação política, seis entrevistados/as disseram não se identificar com nenhum espectro político (54,5%) e cinco entrevistados se disseram de esquerda (45,5%).

Quanto ao envolvimento nas ações da Igreja Católica, constatou-se uma diversificada atuação dos/as acolhedores/as de Conceição. Há pessoas envolvidas com a catequese, o Grupo de Jovens, o Apostolado da Oração, o Conselho Paroquial, o Grupo de Meditação da Escola Franciscana de Meditação, o Grupo Madre Serafina e com diversas pastorais da Igreja⁶³. Sobre o ativismo, na esfera política, alguns os/as entrevistados estão envolvidos/as ou fazem parte de movimentos sociais e grupos organizados da sociedade civil, tais como Rede “Igrejas e Mineração”⁶⁴, o Instituto Cordilheira⁶⁵, o MAB, o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM)⁶⁶, o MovSAM e a Rede de Articulação e Justiça dos Atingidos do Projeto Minas-Rio (REAJA)⁶⁷.

Das onze entrevistas realizadas, foram efetivamente transcritas e trazidas à tona para a monografia apenas seis. A saber, Córrego Jardim, mulher, residente no bairro Jardim Bouganville, 39 anos, parda, casada, com Ensino Superior completo, estagiária em biblioteconomia, sem filiação partidária e sem identificação com algum espectro político. Contribui com o Natal Solidário e atua na Equipe de Liturgia e na Pastoral missionária, surgida após a passagem da quinta Romaria do Rio Doce pela paróquia.

Córrego Gurita, mulher, residente na comunidade rural atingida pela mineração de Passa Sete – Zona de Autossalvamento (ZAS), abaixo da barragem do empreendimento –, 24 anos,

⁶³ Tais como a Pastoral da Acolhida, a Pastoral da Liturgia, a Pastoral do Batismo, a Pastoral do Dízimo, a Pastoral do Missionários do Jubileu do Senhor Bom Jesus do Matosinho e a Pastoral missionária.

⁶⁴ Nascida em 2013, A Rede “Igrejas e Mineração” é um espaço ecumênico formado por comunidades cristãs da América Latina, equipes pastorais, congregações religiosas, grupos de reflexão teológica, leigos, leigas, bispos e pastores que buscam responder aos desafios dos impactos e violações dos direitos socioambientais, provocados pelas atividades minerárias nos territórios.

⁶⁵ O Instituto Cordilheira é uma associação civil com finalidade pública e sem fins lucrativos, fundado em 2021, que atua na defesa do meio ambiente, do patrimônio e dos direitos humanos e coletivos, buscando novas soluções frente à emergência climática, sobretudo em municípios onde ocorrem conflitos com a mineração.

⁶⁶ O MAM é um movimento social que começou sua organização em 2012, no contexto do enfrentamento ao Projeto Grande Carajás, no estado do Pará, e atualmente se encontra em nove estados mais o Distrito Federal, e busca pautar o debate sobre destinações e apropriações dos bens naturais do país, além de apoiar na luta contra as violações aos Direitos Humanos e conflitos nos territórios, onde a mineração se estabelece.

⁶⁷ A REAJA é um coletivo que organiza moradores de Conceição e região afetados pela mineração da empresa Anglo American. A rede luta contra violações de direitos, perdas socioambientais e exige reassentamentos justos.

preta, solteira, com Ensino Superior incompleto, estudante, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Atua no MAM.

Cuieté, mulher, residente no bairro Vila Caetano, 53 anos, parda, casada, com Ensino Fundamental completo, diarista, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. É envolvida com o trabalho social e de oração na Paróquia e atua junto ao Grupo Madre Serafina.

Cachoeira do Tabuleiro, mulher, residente na comunidade rural atingida pela mineração de São Sebastião do Bom Sucesso (Sapo), 50 anos, branca, casada, com Ensino Superior completo, professora e oficial de Cartório, sem filiação partidária e sem identificação com algum espectro político. É líder comunitária, catequista Catequeses e atual na Pastoral do Batismo.

Laranjeiras, mulher, residente no bairro Brejo, 52 anos, branca, casada, advogada e produtora rural, sem filiação partidária, que se identifica como sendo de esquerda. Atua no movimento Igreja e Mineração; no MAB; no MovSAM; na REAJA e no Instituto Cordilheira.

E Córrego Congonhas, mulher, residente no bairro Matosinho, 60 anos, preta, casada, com Ensino Superior completo, professora, sem filiação partidária e sem identificação com algum espectro político. É coordenadora da Pastoral da Acolhida e da Catequese, atua na Pastoral da Liturgia; no Conselho Paroquial e possui atuação na animação do Grupo de Jovens da paróquia.

Romeiros/as caminhantes

Romeiros e romeiras caminhantes são aqueles/as que se movem para participar da Romaria do Rio Doce somente no *grande dia*, o dia da caminhada pelas ruas em algum local da Bacia do Rio Doce. Estes caminhantes se deslocam em ônibus, vans e carros pequenos em direção ao local escolhido para abrigar o *santuário do povo*. A depender da distância, alguns começam a viagem à noite ou de madrugada, e ficam horas e horas na estrada até chegar ao local da romaria. Chegam bem cedo ao local da concentração e acolhida, em caravanas organizadas pela Igreja Católica ou por movimentos sociais, para participar da caminhada e demais atividades da programação do dia. Chegam para engrossar a multidão que caminhará ocupando o espaço público e fazendo o sagrado (*sacra facere*) por onde passa.

É importante dizer que consegui entrevistar apenas um jovem, da Diocese de Caratinga. A saber, Córrego Grande, homem, católico, residente em Inhapim, 30 anos, pardo, solteiro, com Ensino Superior incompleto, comerciante, filiado ao PT e que se identifica como sendo de

esquerda. Atua na Pastoral da Criança e participa da Legião de Maria.

Diga-se, apenas uma entrevista, mas importante, ajudando na reflexão e elucidação sobre alguns pontos e elementos notados e registrados durante a participação observante. Uma entrevista que conversa com o que ouvi dos missionários romeiros, revelando algumas particularidades sobre as motivações, dificuldades, arranjos para participar, como concebe e como se engaja quem participa apenas no dia da caminhada. Enfim, para seguir buscando a multivocalidade, os achados desvelados na entrevista serão complementados com as visões de mundo e percepções de romeiros caminhantes anotadas nos cadernos de campo, registrados durante a vivência das três Romarias.

Outros

Aqui, pensando-se especialmente na construção da romaria, abordei aqueles/as que contribuíram com a romaria, em alguns lugares específicos que, dentro do processo ritual, quis olhar mais de perto. Conversei com um antigo interlocutor, um cantador, artista popular e animador, que já fez a animação durante a terceira Romaria do Rio Doce; com o responsável pela construção cruz e a condução de seu levantamento, durante a quinta Romaria; com uma educadora e ativista ambiental, especialmente convidada pelos membros da coordenação, para dar um apoio na divulgação do tema da romaria nas escolas; e, duas antigas interlocutoras, membros da PAB.

Nesta categoria de entrevistado, portanto, abordei cinco pessoas, sendo três mulheres (60%) e dois homens (40%), entre os quais, quatro entrevistados/as se declararam pretas/os (80%). As idades estão entre 41 e 74 anos, isto é, a maioria dos entrevistados (60%) tem entre 41 e 50 anos, enquanto os grupos de 51 a 60 anos e de 61 anos ou mais representam 20% cada.

No que se refere ao estado civil, 40% são casados/as, 20% são solteiros/as e 20% são divorciados. A maioria dos/as entrevistados/as têm Ensino Superior completo (60%), seguida por 20% que possuem Ensino Médio completo e 20% que têm o Fundamental incompleto. As ocupações são bem diversificadas, sendo uma administradora, um servidor público e agricultor, uma professora, um restaurador e uma aposentada.

No que se refere à filiação partidária, quatro são filiados/as ao PT (80%) e uma não é filiada à partido político. Quatro se disseram de esquerda (80%) e um disse não se identificar com nenhum espectro político.

Em termos de adesão religiosa, quatro entrevistados/as se declaram católicas/os e uma entrevistada disse não ter uma religião, mas que se considera espiritualista. Entre os católicos,

duas entrevistadas são da Arquidiocese de Mariana, um da Diocese de Guanhães e um da Diocese de Caratinga. Todas as entrevistas realizadas foram transcritas e acionadas. A saber, Cachoeira de Baixo, mulher, residente em Ponte Nova, Arquidioceses de Mariana, 74 anos, preta, casada, com Ensino Médio completo, aposentada, filiada ao PT, que se identifica como sendo de esquerda. Atua na PAB; no Grupo Afro Ganga Zumba e no Fórum Mineiro de Entidades Negras (FOMENE).

Cachoeira Grande, mulher, residente em Viçosa, Arquidiocese de Mariana, 54 anos, preta, solteira, com Ensino Superior completo e mestrado completo, administradora, filiada ao PT e que se identifica como sendo de esquerda. Atua na PAB; na Escola Nacional de Energia Popular (ENEP) e no FOMENE.

O cantador, artista popular e animador, Córrego do Ouro, homem, residente em Manhumirim, Diocese de Caratinga, 48 anos, preto, casado, com Ensino Fundamental incompleto, servidor público e agricultor, filiado ao PT e que se identifica como sendo de esquerda. É colaborador junto à Pastoral da Juventude Rural (PJR) e, entre outras atuações, contribui com a PAB, o Movimento Negro e o movimento agroecológico.

No apoio ao trabalho de divulgação da Romaria, nas escolas, no período da Semana Missionária, Serra do Caraça, mulher, residente em Rio Acima, não se vincula a nenhuma diocese em específico, 41 anos, branca, divorciada, com Ensino Superior completo e o doutorado completo, professora, sem filiação partidária, que se se identifica como sendo de esquerda. Atua no MovSAM, no Movimento de Preservação da Serra do Gandarela, na Rede Latino-americana de Mulheres Defensoras dos Direitos Sociais e Ambientais e no Grupo de Pesquisa Educação, Mineração e Território (EduMiTe).

Por fim, o construtor da cruz da quinta Romaria e responsável pelo seu levantamento, Rio Três Barras, homem, quilombola da comunidade de Cubas, residente em Conceição do Mato Dentro, Dioceses de Guanhães, 47 anos, preto, divorciado, com Ensino Fundamental completo, restaurador, filiado ao PT, que disse *que está pela sociedade* e não se identifica nem com a esquerda e nem com a direita. É voluntário na Pastoral de Evento da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

O Quadro abaixo sintetiza a relação das quarenta entrevistas transcritas, analisadas e efetivamente colocadas em diálogo com os demais ‘dados’, construídos durante o período do trabalho de campo, durante a três edições da Romaria do Rio Doce, que me envolvi, e trazidas

para a descrição etnográfica que será desenvolvida nos capítulos desta tese.

Quadro 3 – Relação de entrevistas realizadas e analisadas

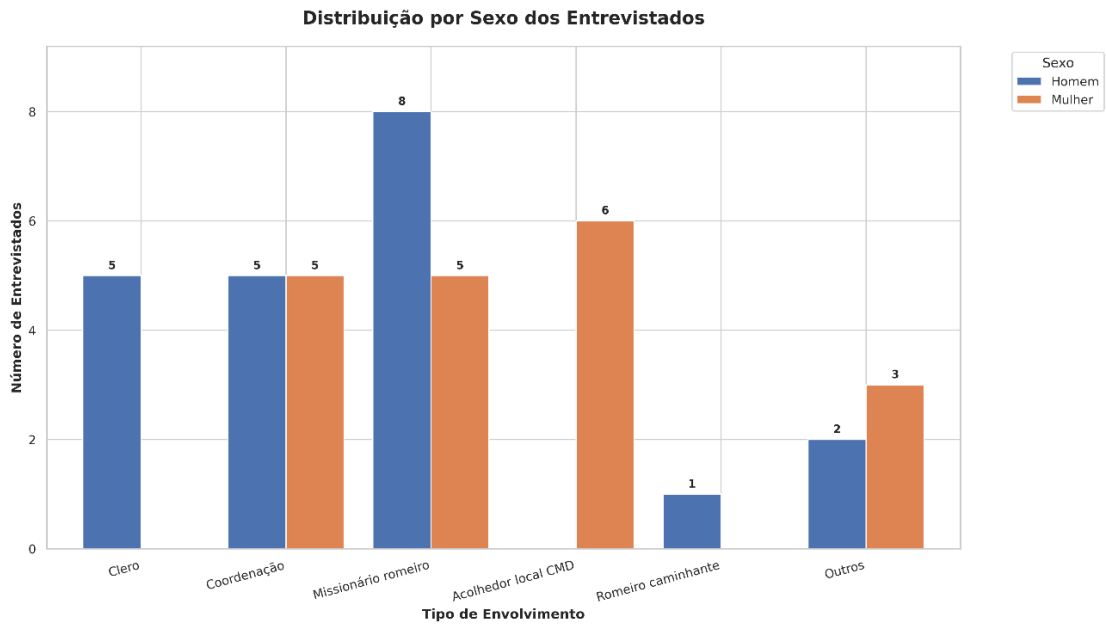
Categoria	Entrevistas feitas	Analisadas	Sexo		Faixa Etária
			H	M	
Membros do Clero	7	5	5	0	38-60 anos
Membros da Coordenação	11	10	5	5	23-69 anos
Missionários romeiros	17	13*	8	5	18-77 anos
Acolhedores locais de Conceição do Mato Dentro-MG	11	6	0	6	24-60 anos
Acolhedores locais de Regência, Linhares-ES	3	0	0	0	-----
Romeiros caminhantes	1	1	1	0	30 anos
Outros	5	5	2	3	41-74 anos
Total	55	40	21	19	18-77 anos

* Incluso o áudio de uma roda de conversa do dia 15.04.2024 com 6 missionários romeiros de Ipatinga, sendo 5 homens e 1 mulher

Fonte: Ramon Teixeira (2025).

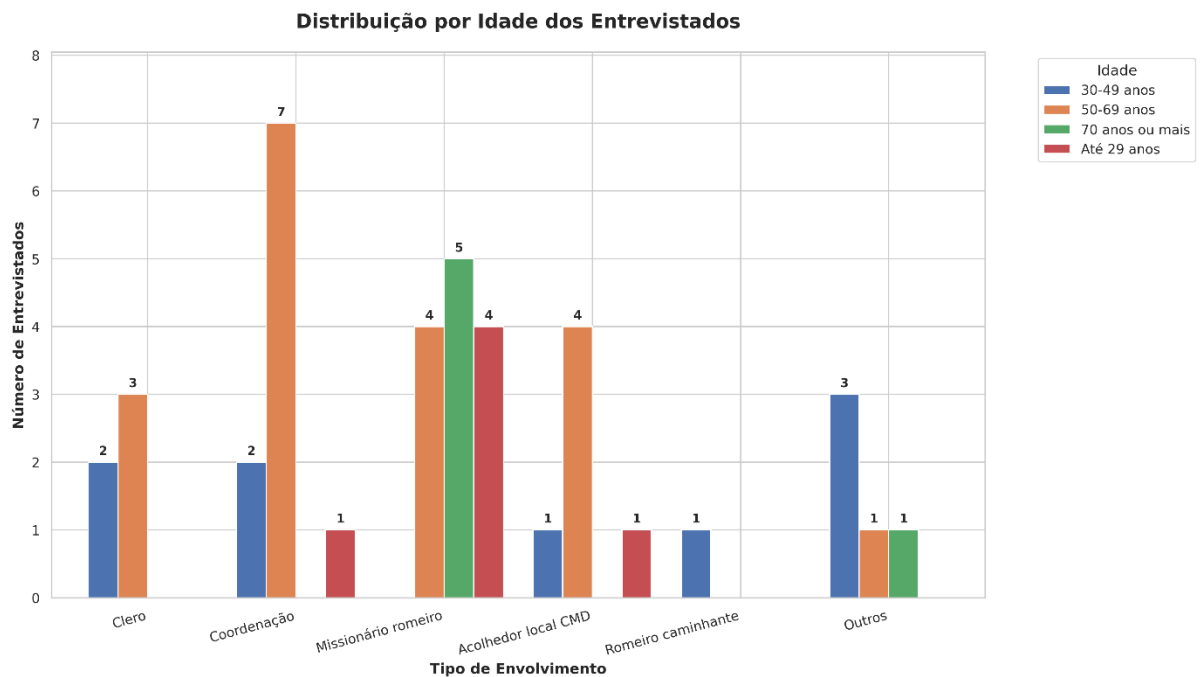
No conjunto das quarenta pessoas entrevistadas (Clero ou não), é interessante olhar para alguns indicadores. Conforme a distribuição apresentada nos Gráficos 7, 8 e 9, para o compósito do texto, revisei as perspectivas de vinte e um homens e dezenove mulheres. Em sua maioria, pessoas mais velhas – nove, na faixa de 30 a 49 anos; dezenove, na faixa de 50 a 69 anos e seis entrevistados/as na faixa dos 70 anos ou mais –, com apenas seis jovens, na faixa de 18 a 29 anos. As pessoas com que falei nas entrevistas são negras, com onze autodeclarados pretos/as e quinze pardos/as, seguidos de onze brancos/as, um indígena e uma pessoa que não informou esse dado.

Gráfico 7 – Distribuição por sexo dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias)



Fonte: Ramon Teixeira (2025)⁶⁸

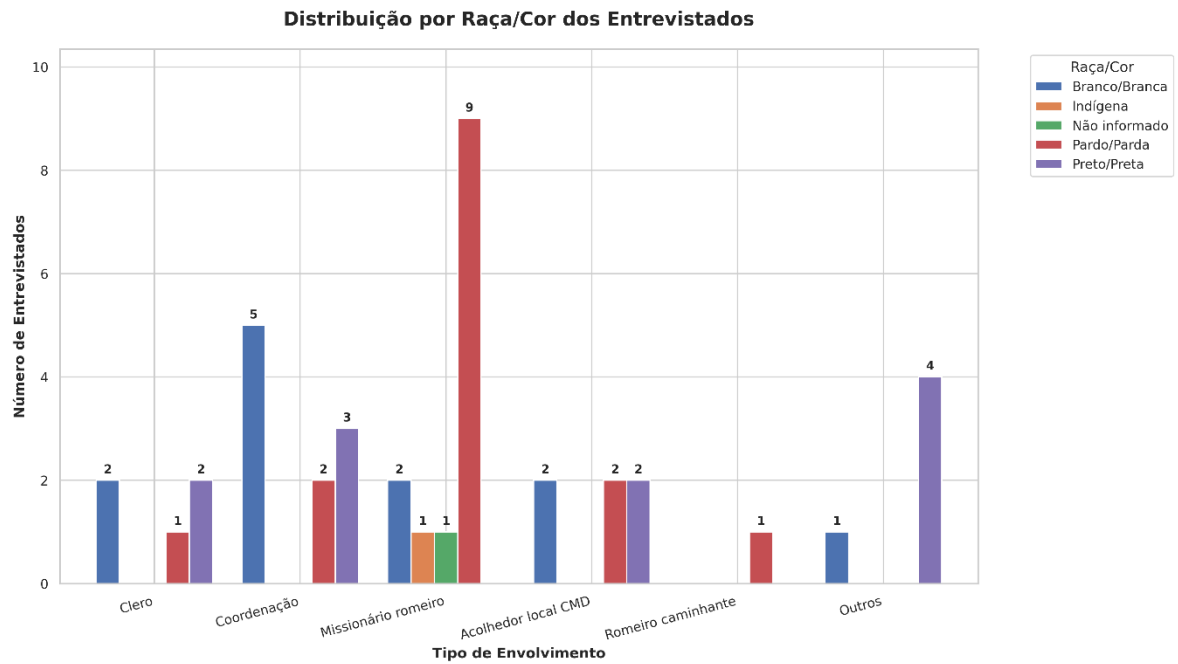
Gráfico 8 – Distribuição por idade dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias)



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

⁶⁸ Todos os gráficos desta seção foram elaborados com a utilização da ferramenta Manus 1.6 Lite para sistematização dos dados.

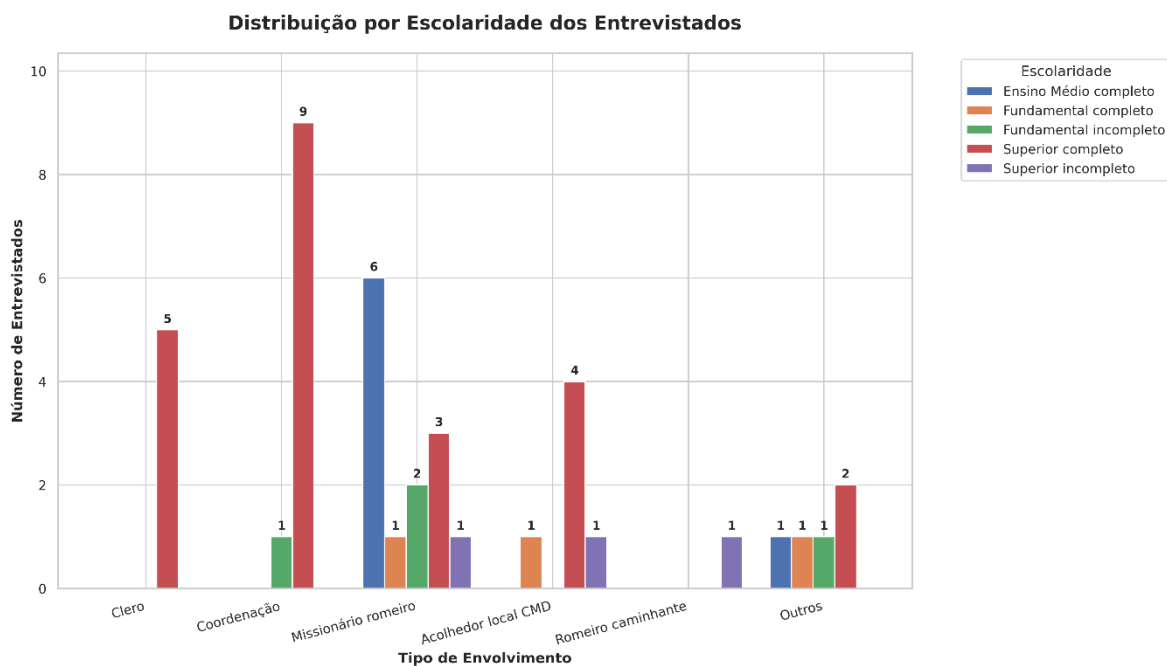
Gráfico 9 – Distribuição por raça/cor dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias)



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Em termos de formação escolar, chama a atenção o alto nível de escolaridade destes/as entrevistados/as. São vinte e três, dos/as quarenta entrevistados/as, com Ensino Superior completo, sete com o Ensino Médio completo, seguido de três com Ensino Fundamental completo, três com o Superior incompleto e quatro com o Fundamental incompleto (Gráfico 10).

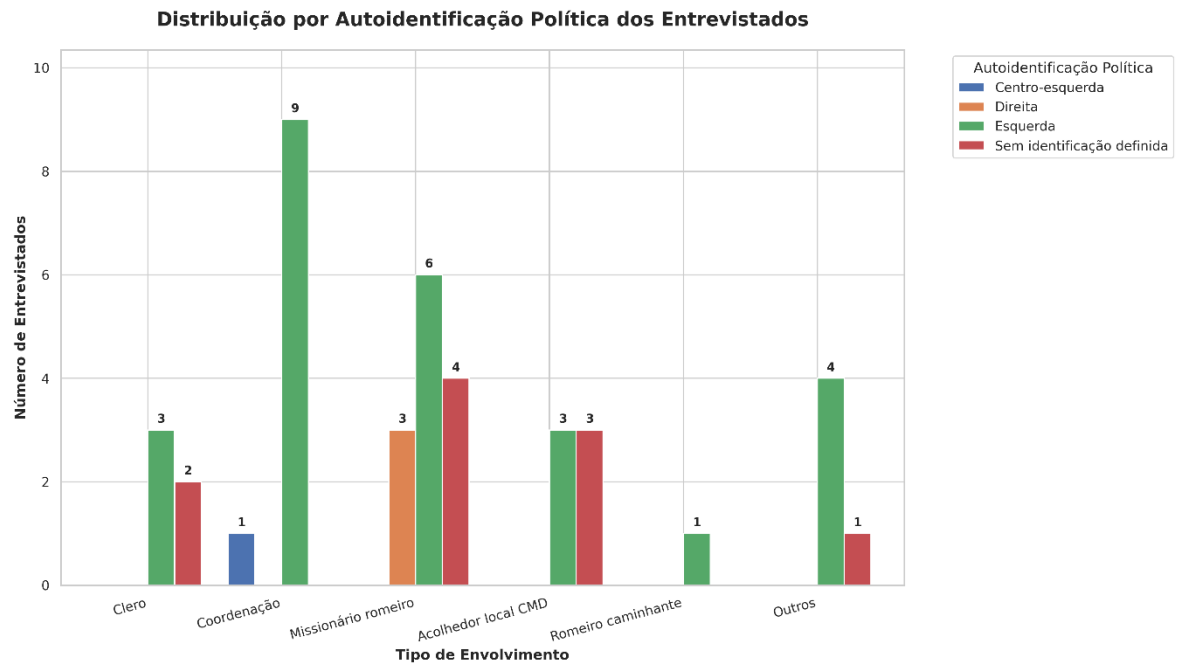
Gráfico 10 – Distribuição por escolaridade dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias)



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

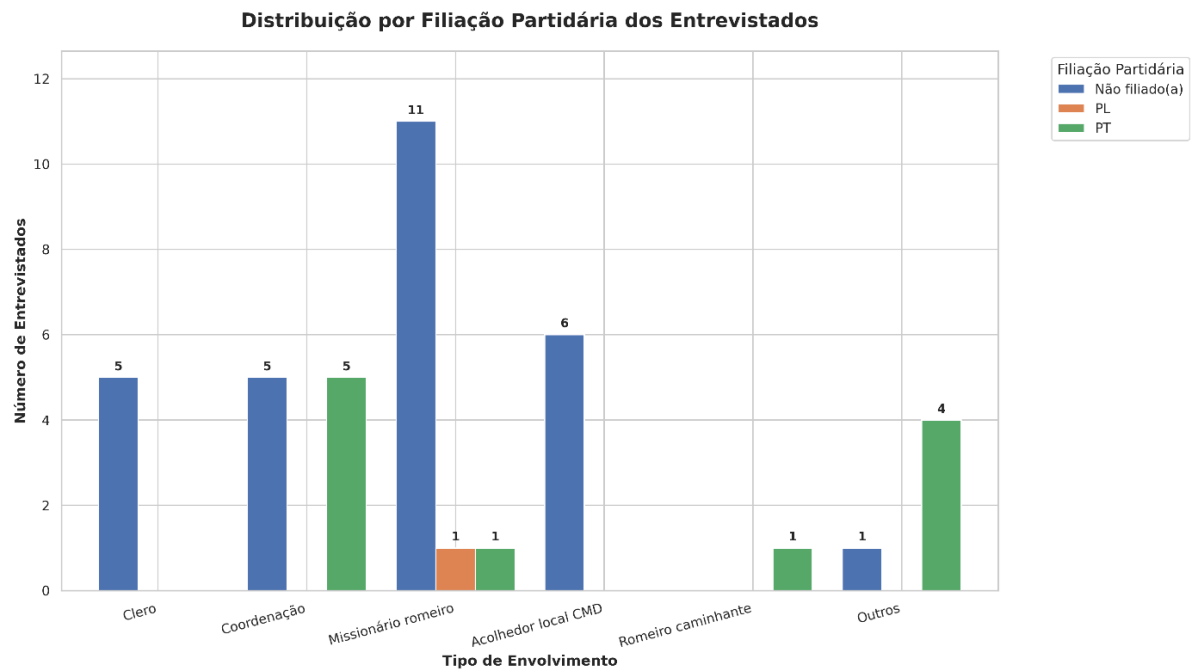
Politicamente, vemos entre esses quarenta entrevistados/as, cujas entrevistas foram transcritas e analisadas, uma propensão à esquerda, com vinte e seis entrevistados/as se autodeclarando de esquerda, seguidos de dez que não se autoidentificam com nenhum espectro político, três de direita e um entrevistado que se identifica com a centro-esquerda (Gráfico 11). Quando se olha para a filiação partidária, o resultado mostra que vinte e oito entrevistados/as não são filiados a nenhum partido, onze deles – em sua maioria, membros da coordenação da Romaria – são filiados ao PT e apenas uma missionária romeira é filiada ao PL (Gráfico 12).

Gráfico 11 – Distribuição por autoidentificação política dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias)



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Gráfico 12 – Distribuição por filiação partidária dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias)

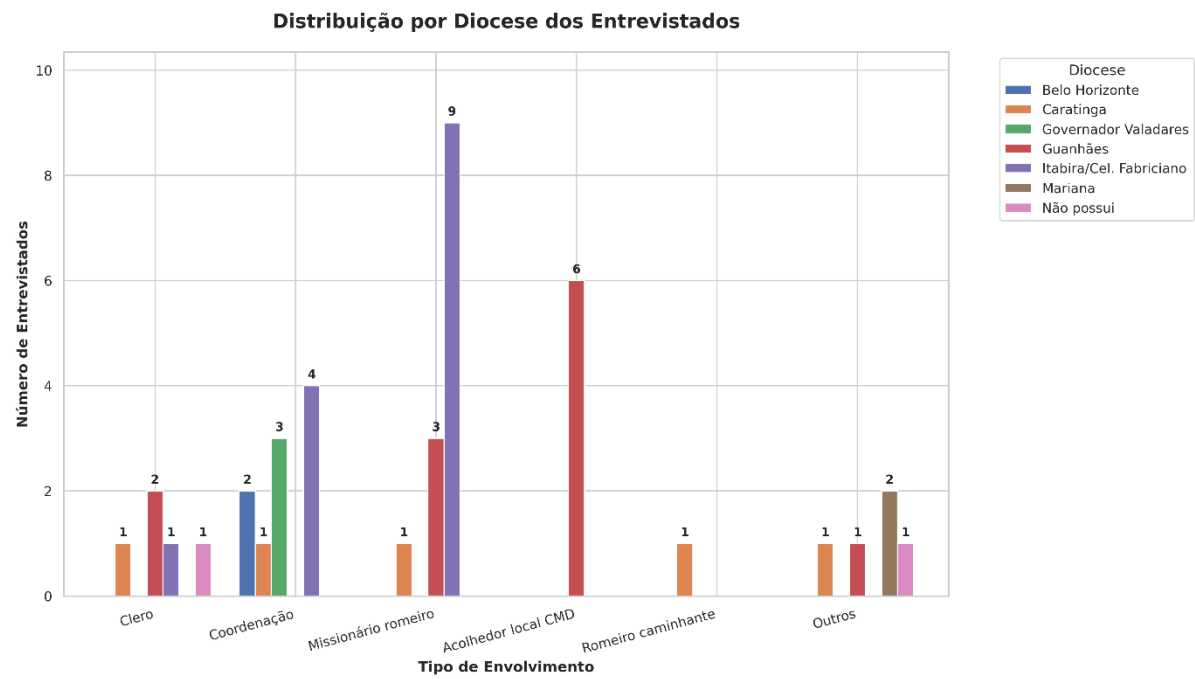


Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Por fim, é interessante também notar que a ampla maioria dos entrevistados/as que abordei são da Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano e da Diocese de Guanhães, com catorze e doze entrevistados, respectivamente. Seguidos de cinco da Diocese de Caratinga, três da

Diocese de Valadares, dois da Arquidiocese de Mariana, dois da Arquidiocese de Belo Horizonte e dois disseram não estar vinculados a nenhuma diocese (Gráfico 13).

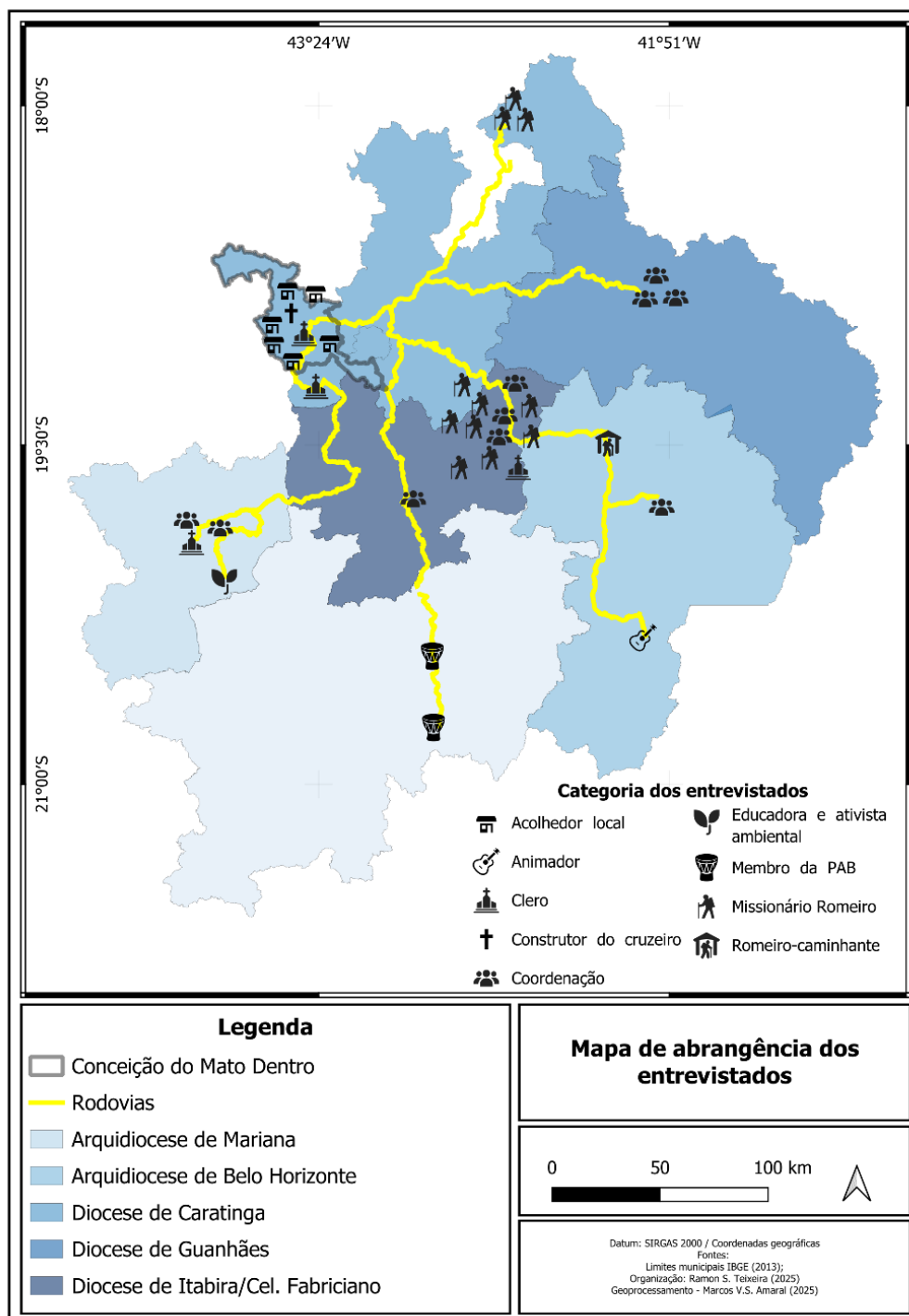
Gráfico 13 – Distribuição por diocese de origem dos/as entrevistados/as (Clero e demais categorias)



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Por fim, o Mapa 2 abaixo demonstra a abrangência dos municípios e diocese de origem de cada um dos/as quarenta entrevistados/as, cujas linhas de rotas até Conceição do Mato Dentro forma um emaranhado que liga essas diferentes pessoas que convergiram por ocasião da quinta edição da Romaria do Rio Doce.

Mapa 2 – Abrangência dos/as entrevistados/as transcritas e analisadas (Clero e demais categorias)



Fonte: Marcos Vinicius da Silva Amaral (2025).

Diferentes dificuldades e arranjos para participação

Como me disse um coordenador, para uma *dedicação mais concreta*, às vezes tem que deixar a família. [...] tem que [...] ficar fora de casa três, quatro dias (Suaçuí Pequeno, 69 anos,

Diocese de Governador Valadares, entrevista 03.05.2024). Ou, nas palavras de uma entrevistada, membro da coordenação e costureira responsável pela indumentária das místicas, estolas e outras da Romaria do Rio Doce, nos dias mais próximos à data do *grande dia* – em que as tarefas de montagem da Romaria se adensam –, *para a vida. Para tudo. Para a vida para viver a Romaria, para tudo [...] dez dias ali antes da Romaria* (Quatituba, 52 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 24.04.2024).

Nesse contexto, é importante lembrar que as dificuldades, os rearranjos e mesmo os riscos envolvidos em participar da Romaria do Rio Doce vão se diferir de acordo com a situação de cada romeiro e romeira. Fatores como a origem (se residente na paróquia anfitriã da romaria ou se de fora; se de fora, o quão distante está do local da romaria), o gênero, a idade, o estado civil e a ocupação do participante, impactam diferencialmente na disponibilidade que possui cada pessoa para viajar, ficar fora de casa, participar de reuniões, contribuir com as *missões* e estar presente na romaria.

Assim sendo, ter *tempo disponível* para participar das atividades relacionadas à Romaria, em especial, daquelas que envolvem o coordenar e o *fazer missões*, é uma dificuldade que apareceu diferentemente para todos/as entrevistados/as. Para alguns membros do Clero, a princípio com mais tempo livre e dedicados em tempo integral às atividades religiosas, dificulta ter nesse tempo o envolvimento com outras atividades ligadas à instituição como a gestão paroquial, os estudos e a atuação no magistério superior ou outros trabalhos e mesmo o conflito de agendas com outras ações promovidas pelas pastorais e movimentos sociais de que alguns participam.

A maioria dos missionários romeiros, que participam das missões, são aposentados/as, e, na condição de tempo livre, não foi um problema. Já para a maioria de coordenadores/as, missionários/as romeiros/as e demais pessoas, a maior dificuldade para participar por mais tempo no trabalho de *fazer a Romaria* é o impasse de ter que se afastar do trabalho. Como foi o caso da pesquisadora, ativista ambiental e professora da rede pública de ensino que fez o trabalho de educação ambiental e divulgação, durante a Semana Missionária da quinta Romaria do Rio Doce, nas escolas de Conceição. Residente a 210 quilômetros de Conceição, as maiores dificuldades para ela foram a distância e a *estrutura de sua vida*, que ela teve que adaptar. Como explicou,

[...]. Como eu estou na escola, eu trabalho dois dias. Então, assim, eu me reorganizei no sentido... como não bateu os meus dias escolares. Então foi possível por causa disso, porque eu não tive que deixar de estar na escola, que é uma coisa complicada, né? Até mesmo pelas minhas lutas aqui, eu faço possível para não faltar na escola para não dar motivos, questionamentos e tal. [...] (Serra do Caraça, 41 anos, sem

diocese, entrevista 26.04.2024).

No caso dos mais jovens, soma-se, à dificuldade de se afastar do trabalho, o entrave de se afastar dos estudos. Por exemplo, como disse o jovem membro da coordenação, que conseguiu estar presente nas Semanas Missionárias da terceira, quarta e sexta edições da Romaria do Rio Doce:

[...] por questões de estudo eu não consegui ir para uma semana, igual algumas pessoas vão. E nas outras três que eu ajudei, eu tinha tempo. [...]. Em 2018 eu estava estudando, mas [a Romaria] foi depois [do feriado] de Corpus Christi, então foi aquela semana que não teve aula. Consegui emendar. 2019 eu não estudava e nem trabalhava, então conseguir. [...]. E na de 2023, ano passado, mesma coisa. Eu tinha saído [do trabalho], estava lá em Nova Era, não tinha trabalho ainda, então eu consegui ir para passar uma semana para ajudar (Rio São José, 23 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista em 03.05.2024).

Ainda, no caso dos jovens missionários romeiros de São Sebastião do Maranhão, Diocese de Guanhanes, que, à época de suas participações nas *missões* da quinta Romaria em Conceição, estavam terminando o Ensino Médio. Os jovens precisaram de autorização dos pais e da escola para poderem se ausentar e, quando retornaram, tiveram que cumprir tarefas de reposição para compensar as aulas perdidas. Como disse um desses jovens, *um dos desafios foi a escola, porque eu ainda estava estudando* (Rio Prata, 18 anos, entrevista 12.04.2024). Ou, como colocou outra jovem, a principal dificuldade *foi a rotina da escola, né? Que a gente perdeu bastante coisas assim, depois teríamos que repor tudo* (Cachoeira Bonita, 18 anos, entrevista 02.05.2024).

Para esses jovens missionários romeiros, também foi um desafio o fato de ficarem por um longo tempo fora de casa, distante da rotina, de suas famílias e amigos, além de estarem indo para *um lugar meio que desconhecido, que você não sabe como as pessoas vão reagir, como que você deve conversar* (Rio Tanque, 27 anos, entrevista 19.04.2024). Isto é, *o mais difícil assim foi a saudades da família* (Rio Prata, 18 anos, entrevista 12.04.2024). Afinal, *é uma semana sem ver o pessoal, é uma semana sem a rotina diária ali, de todo dia, um almoço em família, de estar ali com amigos* (Rio Tanque, 27 anos, entrevista 19.04.2024).

Muitos integrantes da coordenação e do clero são “liberados” para se dedicarem a esse trabalho. Refiro-me especificamente a bispos, padres, irmãs, agentes pastorais e sindicais, assessores, ativistas, militantes de movimentos sociais, pesquisadores e trabalhadores autônomos que se disponibilizam a participar e contribuir com os preparativos da Romaria, durante o período “entre romarias”. Antes da Romaria do Rio Doce ir às ruas, para contribuir, esses voluntários incluem as tarefas de organização da Romaria em suas agendas de trabalho.

Como me explicou uma agente pastoral da CPT, membro da coordenação da Romaria,

Eu consigo colocar dentro da minha agenda de trabalho da CPT, como eu estou acompanhando a Comissão do Meio Ambiente [da Província Eclesiástica de Mariana]. Colocar dentro da agenda e constar como que é uma atividade enquanto Pastoral da Terra que eu estou acompanhando e estou fazendo parte, [...] contribuindo também com o processo da Romaria. [...] na Semana [Missionária], nos seminários, eu coloco que estou indo fazer missão, fazer o processo, mas também contribuindo como agente da pastoral. Então eu tenho lançado toda essa atividade que eu tenho lançado toda essa atividade que eu tenho feito na Bacia com a Romaria dentro do processo da CPT. Aí eu consigo vincular o que estou fazendo e aí coloco na minha agenda para dar conta de comprimir os compromissos que eu tenho que ter, específico da CPT, para fazer. Mas, eu consigo também [...] colocar as atividades da Romaria junto (Piracicaba, 39 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 23.04.2024).

Ou, como disse um outro membro da coordenação, que marcou presença nas reuniões da Comissão do Meio Ambiente da Província de Mariana, nas reuniões e demais ações preparatórias, nas Semanas Missionárias, apoiando em toda a logística e nas procissões de romaria das três edições, que observei,

[...] quanto a essa questão de sair, [...], há uma compreensão da parte do sindicato, [havendo dificuldade] só mesmo quando tem assim, por exemplo, campanha salarial, [...] [quando] o sindicato começa a fazer as lutas por melhorias salariais e a coisa toda. E aí, isso você já fica com o seu tempo mais comprometido, que você tem que dedicar. É, pode bater muita data. [...], mas assim, fora isso, a gente não tem problema (Gualaxo do Sul, 62 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 17.04.2024).

A distância, o cansaço, o desconforto e os riscos que envolvem a viagem de ida e volta pelas autoestradas até o local da caminhada é uma dificuldade que afeta a todos/as. Como disse uma das articuladoras e organizadoras de caravanas de missionários romeiros e romeiros caminhantes, *hoje a maior dificuldade [...] é mais o deslocamento mesmo, é ficar fora de casa (Carmo, 68 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 13.05.2024)*. Ou ainda, como comentou um jovem missionário romeiro, *eu tenho uma dificuldadezinha com as viagens, [...], a gente ser quase um continente dentro do estado de Minas Gerais [...], então assim, [...] queria estar logo. Se a gente pudesse estalar os dedos e chegar mais rápido na rua (Rio Casca, 28 anos, Diocese de Caratinga, entrevista 25.04.2024)*.

Entre os romeiros caminhantes, que vão em caravanas ou em carros particulares para participar da procissão de romaria no *grande dia*, conforme observei e escutei em conversas com essas pessoas, as dificuldades possuem mais relação com os recursos para empreender a viagem por si mesmos ou com a disponibilidade de vagas nas caravanas organizadas pelas paróquias ou foranias, por vezes, a única maneira de chegar para muitos/as romeiros/as caminhantes. São, geralmente as paróquias ou as foranias⁶⁹ que, junto aos movimentos sociais

⁶⁹ Conjunto de paróquias vizinhas dentro de uma diocese, organizado para facilitar a administração, cooperação pastoral e a evangelização.

parceiros, custeiam e organizam as caravanas. Nesse processo, costumam trabalhar com cotas por comunidade ou por representação de pastorais e movimentos sociais locais, para o preenchimento das vagas nos ônibus e vans. Como disse o jovem romeiro caminhante,

[...]. A dificuldade é a conta, né, cara. Que tipo assim, como a gente vai pela Igreja, [...], tem, por exemplo, duas vagas, vai essa menina que tá à frente, [...], vai ela e mais um, [...]. Eu acho essa cota pouca. [...]. Porque se para a Igreja já é difícil, né, para a gente pagar um carro para levar, quem não tem carro, é complicado (Rio Mutum, 30 anos, Diocese de Caratinga, entrevista 13.05.2024).

Para os leigos locais, que se voluntariam e recebem os missionários romeiros em suas casas, apareceu como atribulação a dificuldade de poder apoiar no traslado do missionário pelo território, onde ele atuou, e a disponibilidade de tempo para acompanhá-lo nas *missões*, em decorrência de suas vidas cotidianas. Foi o que disse, por exemplo, a moradora de uma das comunidades atingidas pelo Minas-Rio, em Conceição. Ela e sua família receberam um missionário romeiro de Ipatinga, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, de 71 anos, aposentado. Sobre essa experiência, ela contou:

Geralmente as dificuldades que a gente tem é de carro. [...]. A dificuldade da zona rural é transporte. Porque nem todo mundo tem carro. E, às vezes, você tem e não tem quem dirige, né? Como, por exemplo, aqui em casa. Eu tenho, mas eu não dirijo, né? Então, eu tinha que ter oportunidade do meu marido para poder buscar [o missionário designado no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, na cidade de Conceição, no dia da benção e do envio dos missionários/as romeiros/as]. Então, geralmente, zona rural onde tem essas romarias e festividades de buscar algum missionário, a dificuldade é o transporte. [...]. o tempo também, [...] igual eu falei para ele [o missionário romeiro acolhido] para não reparar porque eu não tenho tempo. Gosto de trabalhar, gosto de ajudar na Igreja, mas a minha vida é muito apertada, mas, isso aí foi controlado, deu certo, né? (Cachoeira do Tabuleiro, 50 anos, Diocese de Guanhães, entrevista 09.04.2024).

Como toda romaria envolve “atribulações” (Fernandes, 1990), não é diferente com a Romaria do Rio Doce. Neste caso, coordenar, fazer *missões*, chegar e retornar da romaria exige de quem se envolve uma série de movimentações, acordos familiares ou no trabalho e reorganização da agenda de estudos e labor. É “por meio desse compartilhamento de dificuldades que a Romaria possibilita a criação de uma política do encontro (Ferdinand, 2022, p. 221) já ‘que visa reunir as alteridades e reconhecer um no outro algo em comum, que não pertence a ninguém’” (Brito, 2025, n. p.).

De outro modo, deslocar-se para participar da Romaria do Rio Doce, demanda engajamento, disposição física para viajar – em alguns casos, por longas horas na estrada –, alguns recursos e rearranjos, nas relações cotidianas de trabalho e familiares, principalmente para aqueles que se propõem a colaborar com a coordenação e as *missões*, no território que acolhe a romaria, pois precisam viajar mais para uma agenda de reuniões no “entre romarias”

e, na proximidade do evento, por precisarem ficar uma semana ou mais fora de casa.

Mas, o que agrega?

O que vincula essas diferentes pessoas, vindas de diversos lugares, reunidas para colocar a Romaria do Rio Doce na rua? O que gera identificação e a política da aliança? Muitos membros da coordenação, missionários/as romeiros/as, romeiros e romeiras que se mobilizam para fazer acontecer a Romaria do Rio Doce, na rua, podem ser compreendidos a partir de um processo transformador decorrente do desastre. Após o desastre, que deixou marcas indeléveis por toda a Bacia do Rio Doce, os temas da mineração e suas consequências para a população, para o meio ambiente e a preservação do meio ambiente, *nossa Casa Comum*, passou a sensibilizar diversas pessoas.

Como observou Losekann (2017, p. ??):

[...] algumas pessoas vivenciaram o desastre no Rio Doce como uma “experiência singular”. Houve uma transformação nessa pessoa de tal forma que ela se percebeu como uma afetada e decidiu se envolver - o que pode ser pensado, dentro do pensamento de Dewey, como uma consumação. Usamos o termo “decisão” aqui no sentido usado por Dewey: não como um processo mental estritamente racional que ocorre discretamente, mas sim como uma sequência de atos que compõem uma direção para a ação. O afetado vivenciou o desastre de uma maneira que canaliza essa experiência para outro campo de ação - o da ação coletiva. Mas é claro que o desastre é transformado nesta experiência singular na medida em que provoca emoções específicas, que estimulam a ação dos afetados (Losekann, 2017, p. 10, tradução minha).

Como dito por um coordenador, a realização da Romaria do Rio Doce *demonstra força de organização, poder de organização [...] o poder que você tem de mobilizar [...] o poder que você tem de colocar o povo na rua hoje* (Sacramento, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024). Portanto, a Romaria se trata de um evento religioso público e de massa, que busca incidir, no debate público, sobre o rompimento da barragem da Samarco, Vale S.A. e BHP. Para isso, mobilizados por um “sentimento de injustiça” e se aliando em “redes de indignação” (Pinheiro-Machado, 2019), muitos e muitas se mobilizam para colocar a Romaria do Rio Doce, na rua, todos os anos e para disputar os seus sentidos.

Vista ‘do alto’ e à distância, a procissão de romaria com os romeiros e romeiras do Rio Doce parece uma multidão uniforme, como diz o poeta, “se arrastando que nem cobra pelo chão”⁷⁰. Todavia, ao se aproximar e adentrar o olhar por entre a multidão que caminha, o que

⁷⁰ Trecho de “Procissão” (1965) de Gilberto Gil. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3OAKLAzOU84ZEdeT8xfrr3?si=7cc65d76b7b246c6>. Acesso em: 30 mar. 2026.

nos é revelado, na verdade, é uma situação social (Gluckman, 1987), resultante de uma longa história de ativismo por direitos e pela questão ambiental (*em defesa da vida*), em Minas Gerais; de um processo “entre-romarias” de construção ‘contínua’ e coletiva feito à diversas mãos, por diversos indivíduos, em suas singularidades, imersos em suas relações *multiplex* (Gluckman, 1962).

Certamente, não se tratando “de um fluxo de comunicação perpetuamente harmonioso” (Velho, 2003, p. 22), a princípio, o que motiva os diferentes missionários romeiros, membros da coordenação, ou mesmo os padres e irmãs a ficarem fora de casa ou longe de suas paróquias, por alguns dias, e romeiros e romeiras do Rio Doce a se deslocarem e se reunirem todos os anos, abandonando “temporariamente não apenas as preocupações, mas também as recompensas da vida comum” (Turner; Turner, 1978, p. 7, tradução minha) não é uma “dívida” ou “pedido” a um santo específico.

Ao ir à Romaria do Rio Doce, o que parece estar em jogo é uma outra natureza de economia religiosa. Configurando conjunturalmente “um quadro do que poderíamos chamar de consistência cultural” (Velho, 2003, p. 17). No *grande dia*, momentaneamente se unem diversos corpos-biografias em público para *uma caminhada sobre o tema [...] do meio-ambiente*. De outro modo, para realizarem uma caminhada para *rezar*, lembrar o *martírio* do Rio Doce e sua população, *denunciar* as injustiças, reivindicar direitos e *anunciar* as lutas que vêm sendo feitas no território.

Entre a diferentes razões e emoções que sensibilizam e movem as diferentes pessoas envolvidas, a sensibilidade com a questão ambiental é quase unânime entre todas as pessoas envolvidas que entrevistei⁷¹. Nos termos postos por Velho (2003), pode-se afirmar que, durante a caminhada, se formou

[...] um grupo com uma ação coletiva organizada, sustentada em crenças e valores compartilhados [...], [em que] produziu-se um interesse, um foco de atenção que congregou indivíduos e categorias sociais nitidamente distintos e diferenciados [...], expressão de uma *rede de significados* nos termos de Geertz [...]. Enquanto estiveram juntos, participaram do mesmo interesse, tinham um foco comum de atenção e suspenderam, ou adiaram, outras atividades e compromissos. Compartilharam, por algum tempo, de uma *definição comum da realidade*, operaram na mesma *província de significado*, nos termos de Alfred Schutz. Interagiram através de uma *rede de significados*, [...]. Atuaram dentro de um sistema compartilhado de crenças e valores. Mesmo admitindo uma certa variação individual, o comportamento e a atitude dos participantes apresentavam notável homogeneidade. [...]. Ali, naquele espaço, naquele período de tempo, cruzaram-se várias trajetórias e trilhas sociológicas e culturais” (Ibid., p. 14, 17-19).

⁷¹ O que dialoga com a recorrência apontada em recente pesquisa de uma sensibilidade ecológica predominante em vários grupos e diferentes agentes (padres, leigos/as, jovens, seminaristas, religiosas), dentro da Igreja Católica, atualmente, tanto entre os setores progressistas, quanto entre conservadores. Cf. Brighenti (2021, p. 56-78).

Portanto, a Romaria do Rio Doce é um sistema de peregrinação que congrega “redes de escolhas pessoais competindo por recursos escassos e valiosos” (Boissevain, 1987, p. 202). Nos termos de Gluckman (1976, p. 16), podemos pensá-la como “um emaranhando de lealdades e fidelidades, um amontoado de identidades e diferenças socioculturais, além de ser um encontro de homens com homens, mulheres com mulheres, em colaboração competitiva”. Uma multidão de diferentes indivíduos, com diferentes condições de existência e disponibilidade, interesses, motivações – que configura diferentes graus de “*adesão, commitment, comprometimento*” (Velho, 2003, p. 26) –, reunidos em “uma participação comum naquele contexto religioso” (Ibid., p. 17).

Dito isto, no próximo capítulo, apoiado na abordagem de Daniel Cefaï e em teorias da performance, analiso a Romaria do Rio Doce como um processo social e ritual, focando na trama de sua feitura e no “trabalho de base”, realizado no período “entre romarias” para mobilizar a rede de atores parceiros e construir a performance pública da romaria. Assim, abordando a lógica de itinerância da Romaria, que percorre diferentes dioceses da Bacia do Rio Doce, para *fazer santuário (sacra facere)*, discuto como o ator-rede “cebista” se articula para “fazer o público”.

CAPÍTULO 2: “TRABALHO DE BASE” PARA FAZER SANTUÁRIO NA BACIA DO RIO DOCE

Seguindo a trilha proposta pelo antropólogo francês Daniel Cefaï (2009, 2011), reflito sobre como esse extenso e diverso ator-rede “romeiro” – cujos/as entrevistados/as apresentados/as no capítulo anterior são alguns ‘pontos’ e ‘nós’ – se compromete com a realização da Romaria do Rio Doce. Partirei de uma abordagem que tome como ponto de partida os contextos de experiência e de ação dos atores, realizando-se em uma situação dada. Assim dizendo, trago à baila “as categorias de ação coletiva (capital, recurso, coerção, oportunidade...) [...] recapturadas a partir de sua base nos contextos de sentido dos atores” (Cefaï, 2011, p. 32).

Recuperando a trama de feitura da Romaria em seu momento pré-ritual, o objetivo é reconstituir uma série de ações, fluxos e encruzilhadas, que aglutinam diferentes atores, em torno de sua realização, como performance nas ruas, no *grande dia*. Esforcei-me para compreender os diferentes envolvimento, motivações e sentidos. Ou seja, pela observação dos papéis, vínculos e filiações dos atores, atento ao que ouvi durante as conversas e entrevistas, usando mapas e alguns esquemas, busco

[...] comprender cuál es la situación problemática a la que las personas están confrontadas y qué las lleva en un momento dado a comprometerse en una acción colectiva, [...]. [...] mostrar procesos de coordinación, de interacción o de comunicación. [...] de comprender cómo, en contextos de experiencia de los actores, estos se encargan de tales entidades, u otras, y cómo son tomadas en cuenta, restituyendo la manera en que los actores se transforman en “actores”, y cómo crean “organizaciones” y hacen “política” (Cefaï, 2011, p. 140).

Interessa investigar “as atividades dos membros para coproduzir um sentido situado” (Cefaï, 2009, p. 13). Assim, entendida como uma ação coletiva ao mesmo tempo religiosa e política, *i. e.*, que combina *reza* e *denúncia*⁷², aqui, a análise da Romaria do Rio Doce leva em conta como essa ação: (i) aglutina diferentes atores e entidades, em torno de um “centro de devoção” (Fernandes, 1994; Turner, 2008) e (ii) faz referência à realidade concreta (*i.e.*, o lugar/*chão* ao longo da bacia do Rio Doce que a romaria escolhe para pisar e marcar), para coproduzir um sentido situado, em torno de um problema público, e modelar simbolicamente racionalidades e legitimidades (Cefaï, 2009).

[...] Nessa perspectiva, os atores não obedecem a uma lógica da ação: em suas operações de apreciação e de julgamento sobre a “ação que convém” (THÉVENOT, 1990), agem em “vários mundos” (DODIER, 1991), que se esbarram ou se compõem uns com os outros. Eles o fazem encontrando apoios pragmáticos (DODIER, 1993)

⁷² Mais um caso etnográfico entre outros (Barreira, 1986; Steil, 1996, p. 250-288; Adam, 2002; Vieira, 2015; Souza, 2016, 2019; Guimarães, Silva e Faria, 2020; Rolemberg, 2021; Dupin; Martins, 2023).

em seu ambiente, a fim de agir de modo pertinente, coerente e consequente. [...]. A questão de base não recai mais sobre os “determinantes estruturais” e os “cálculos racionais” da ação: substitui a platidão da ação instrumental por arquiteturas complexas da situação, da pessoa e do coletivo. Os atores não são mais apenas marionetes movidas por condições objetivas às quais obedecem, não são mais somente pequenos demiurgos que calculam, em termos de rentabilidade ou de produtividade. Eles são confrontados a mundos, dos quais provam a realidade e a justiça em relação a suas maneiras de se engajar, são submetidos a coerções ecológicas fortes, mesmo dispondo de uma margem de manobra que lhes confere alguma liberdade. E, sobretudo, dispõem de uma *capacidade de julgamento estético, moral e político* (Cefaï, 2009, p. 14-15, grifo do autor).

Assim, estou interessado na pragmática dos regimes de ação (Cefaï, 2009); em compreender situacionalmente “a grande confusão de lógicas de racionalidade e de legitimidade que se imbricam em seus cursos de ação, e de decifrar os modos de organização da experiência de seus atores e espectadores” (Ibid., p. 23). Em outros termos, interpretar como essas “ligações que chamamos ‘familiares’, ‘pessoais’ ou ‘íntimas’ contribuem a ‘fazer o comum’ e a ‘fazer o público’” (Ibid., p. 15) da Romaria do Rio Doce.

Como “[...] a procissão de romaria é tradicionalmente concebida como um espetáculo” (Sanchis, 1983b, p. 85), analiso esse “público” feito pela Romaria do Rio Doce como uma performance (Tambiah, 2018; Taylor, 2013; Dawsey, 2005, 2006a, 2006b), simultaneamente “real” e “construída” (Taylor, 2013), que “calcula o lugar olhado das coisas” (Dawsey, 2005, p. 26).

Campos (2021) observou, durante os anos de 2018 e 2019, duas marchas: as Marchas contra a Intolerância Religiosa e a Marcha para Jesus em Pelotas-RS,

[...] o que levou a compreender a tomada de exercício das ruas como um espaço de produção e agência religiosa. A partir da presença das marchas religiosas nas ruas, a performatividade tornou-se categoria-chave para repensar acerca do lugar do religioso no espaço público e revelar as diferentes estratégias dos coletivos de se apresentarem publicamente. [...] (Campos, 2021, p. 7).

Como me disse Serra do Brigadeiro (coordenação, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano), a romaria é feita pra ser vista. Por meio de uma estética da persuasão (Meyer, 2018), visa tocar os corações e mentes com sua *liturgia*. Deste modo, concebo a Romaria do Rio Doce como

[...] um sistema de comunicação simbólica construído culturalmente [...] constituído por sequências de palavras e de atos padronizadas e ordenadas, frequentemente expressas em diversos meios, cujo conteúdo e arranjo são caracterizados, em graus variados, pela formalidade (convencionalidade), estereotipagem (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). [...] (Tambiah, 2018, p. 139).

Com isso, quero dar destaque para a teatralidade (Taylor, 2013) que supõe um “sentido englobante e construído da performance. [...] um cenário, uma estrutura paradigmática que se

ampara em participantes supostamente ‘vivos’, armada ao redor de uma trama esquematizada, com um ‘fim’ previsto (embora ajustável)” (Ibid., p. 14). Em outros termos, compreendo a Romaria do Rio Doce como um “‘comportamento restaurado’ [que] implica a ideia de uma repetição permanente, mas efêmera e que nunca se dá a conhecer ou se repete da mesma maneira” (Martins, 2021, p. 37).

Assim é que esse ator-rede se vale de velhas práticas, que são renovadas a cada ano para a realização de um novo projeto social (Vieira, 2015). Destarte, as Romarias do Rio Doce são portadoras de uma tradição (Hobsbawn, 1997) – a tradição de Romarias das Águas e da Terra Estaduais itinerantes e outras práticas e ritos ‘acessórios’, organizadas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), em Minas Gerais, desde 1996⁷³ – que é reinventada continuamente por lideranças, clero, romeiros e romeiras e acolhedores locais, sempre sendo uma romaria das águas e da terra, mas, permanentemente singular, a cada ano,

[...] no caso do ritual e do cerimonial, a própria execução é elástica e dinâmica. Embora o texto básico de um ritual repetido possa permanecer fundamentalmente inalterado [...] a maneira exata pela qual se apresenta o cerimonial pode variar, o que por si só serve apenas para acrescentar uma nova dimensão às mudanças de “significado”. [...] assim, dependendo tanto da natureza da apresentação quanto do contexto em que ela se realiza, o “significado” de uma cerimônia visivelmente igual pode sofrer mudanças profundas. [...] (Cannadine, 1997, p. 116).

Portanto, para falar desse extenso e diverso ator-rede romeiro agindo, vamos pensar na cadeia de ações que antecede a caminhada ritual nas ruas. Com uma performance, cujo culto será associado aos movimentos sociais, como um protesto, incorporando em seu discurso as reivindicações populares e as tensões com o Estado (Steil, 1996) e as corporações, são muitas as ações realizadas no “entre romarias” (momento no processo ritual que agrega “pós-” e “pré-romaria”)⁷⁴, para que uma próxima edição possa acontecer. Há uma série de ações que antecede a celebração pública da *fé do povo*, com sua *fileira de romeiros e romeiras*, carro de som, cores vibrantes, andores enfeitados com flores e outros adornos, standartes, bandeiras, cartazes, faixas, cruzeiros, a cruz da Romaria, camisas com a arte da romaria, chapéus de palha com fitas com a arte da romaria, pinturas faciais, místicas, cantorias, sonoridades, arranjos em algumas casas que se preparam para celebrar a Romaria passar, enfim, toda a materialidade que faz a performance da Romaria do Rio Doce.

Como um “dispositivo de sensibilização” (Rolemberg, 2021), cujos “agenciamentos operados durante o ritual [...] permitem a emergência e a circulação de emoções, tais como

⁷³ Veja o cartaz da primeira Romaria das Águas e da Terra organizada pela CPT em Minas Gerais, cf. Anexo 1.

⁷⁴ Em outro contexto etnográfico, mas de modo semelhante, Cavalcante (2024) utiliza a categoria “entre-marchas” para compreender o recorte temporal presente entre uma edição e outra da Marcha das Margaridas.

indignação, revolta, alegria, comunhão, esperança, e sua incidência para renovar o engajamento na comunidade instaurada pela mobilização” (Ibid., p. 1), para poder sensibilizar, a realização desta romaria possui algumas etapas definidas, em um processo de articulado trabalho coletivo de planejamento, mobilização, organização e manufatura e/ou reciclagem de seus símbolos materiais, no período “entre romarias”, que culmina na performance rupestre que ocupará/sacralizará o espaço público por onde passa, relembrando com *reza* e *luta* o crime da Samarco.

Entre outras ações que serão demonstradas adiante, como disse um coordenador: *a gente elabora uma cartilha, a gente conversa com os padres* e – sabendo dos riscos e das implicações de se *comprometer* com uma *romaria de denúncia* que busca *incomodar*⁷⁵ com sua *mensagem* pública – *conversamos com a comunidade sobre as consequências* (Sacramento, coordenação, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024). Deste modo – analisando, sobretudo, o processo de organização e feitura que materializou a quinta Romaria, em Conceição –, para compreender o complexo mosaico de papéis, motivações e propósitos, em ato que envolve colocar uma romaria *de denúncia* como essa na rua, olharemos adiante para a longa etapa do processo ritual, trazendo à tona o que se almeja com a Romaria e os momentos e respectivas ações, que antecedem a procissão da romaria, no *grande dia*.

Coordenar a Romaria do Rio Doce

Verbalizado nas conversas e entrevistas, mas, também notado na leitura de alguns documentos (projeto de custeio da romaria, cartas da romaria, material de divulgação etc.), no contexto do pós-rompimento da barragem de rejeitos da Samarco, Vale S. A. e BHP, com esta Romaria do Rio Doce, a coordenação leiga e alguns membros do clero, que a coordenam, objetivam *tornar público situações que pedem socorro* (Rio Vermelho, padre, 49 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 16.04.2025) e *dar visibilidade aos impactos e conflitos silenciados e ocultados pela mídia* (trecho projeto da quinta Romaria do Rio Doce, 2020, p. 13).

Esses objetivos têm relação com a atitude ou valor moral de vivenciar um catolicismo

⁷⁵ Letra de música “Pão da Igualdade (Se calarem a voz dos profetas)” (2004) de Antonio Cardoso, ouvida durante o momento do rito da comunhão nas missas das Romarias do Rio Doce. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X6yE5Qd6daE&list=RDx6yE5Qd6daE&start_radio=1. Acesso em: 31 mar. 2026. A música em seu refrão afirma: *É Jesus este pão de igualdade/Viemos pra comungar/Com a luta sofrida de um povo/Que quer, ter voz, ter vez, lugar/Comungar é tornar-se um perigo/Viemos pra incomodar. Com a fé e a união nossos passos um dia vão chegar.*

que seja *profético*, amplamente reconhecido como importante pelas pessoas vinculadas à rede “cebista”. A palavra profeta vem do grego *prophétes*, “aquele ou aquela que fala à frente”; no hebraico é *nabí*, falar com entusiasmo ou “proferir um grito”. Em seu sentido mais comum, remete àquele/a que fala em nome de uma divindade, transmitindo mensagens ou revelações divinas à humanidade, podendo também estar associada com a capacidade de ter visões, de prever o futuro. Diferentemente, no contexto deste ator-rede “cebista” de que falo, ter a atitude de um profeta, ou melhor, *ser profético* tem a ver com a atitude concreta de não se calar perante as injustiças sociais, de *denunciar* os problemas que afetam a comunidade.

Nestes termos, como refletido por Rio Vermelho, a Romaria é um espaço *profético* de *anúncio*, *denúncia*, conforto e renovação da esperança, diante dos sofrimentos decorrentes do crime. Para ele, santuários não são apenas os lugares de devoção conhecidos como tais⁷⁶, mas *onde eu piso*. Assim, para ele, a romaria é uma forma de tornar públicas as *situações de morte* e o *clamor* por socorro na sociedade. Como ressalta o entrevistado, na força da Romaria do Rio Doce, residem *fé* e *protagonismo cristão* expressos durante a romaria, em que *a voz, o grito, o canto, a reza* de milhares de pessoas se manifestam. Nas palavras do padre,

[...] a Romaria, ela vem de Roma. [...] A palavra Romaria, ela é da mesma raiz da palavra Roma. [...] Dificilmente a gente pode ir a Roma. [...] Até pelas questões de custo, gastos, né? E assim, o valor aqui, capital, é muito alto. Né? É muito alto. E [...] se eu não posso vir a Roma, eu posso fazer de Roma o meu lugar, mas fazer de Roma o meu lugar numa visão crítica, política, numa visão de mostrar também que aqui há situações de morte, situações que clamam, né? Situações que pedem socorro [...]. Isso. Sim. Tornar público. E nada mais do que expressar a publicidade da nossa fé, do nosso protagonismo cristão, do nosso profetismo, no quê? Numa romaria. [...] Como calar a voz, o grito, o canto, a reza de 5.000 pessoas no município. Então, isso é de bradar o céu. Né? É de bradar o céu (Rio Vermelho, 49 anos, Diocese de Itabira/Ce. Fabriciano, entrevista 16.04.2025).

Como disse uma das organizadoras de caravana e pelo envio de missionários romeiros, a Romaria *chama muito a atenção, que é um momento de relevância para nossa região. De expressão do povo na rua. Isso mexe comigo* (Carmo, 68 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 13.05.2024). Tal como se vê nos desfiles de carnaval, nos últimos anos, que pela “macumbização do carnaval”, encantam o espaço público (Bártolo, 2025), podemos entender a sacralização da natureza e a naturalização do sagrado (Carvalho; Steil, 2008), performadas nas Romarias do Rio Doce, como uma maneira de “[...] ‘encanto/encantamento’ como contraponto ao desencantamento neoliberal, que aniquila corpos e saberes, ampliando sua noção para além da acepção weberiana” (Bártolo, 2025, n. p.).

⁷⁶ Como, p. ex., os santuários fixos de Bom Jesus da Lapa - BA, de Nossa Senhora Aparecida em Aparecida-SP, de Nossa Senhora da Penha no Rio de Janeiro, do Senhor Bom Jesus de Matosinho em Conceição e Congonhas-MG, o Convento da Penha em Vitória-ES etc.

Como disse uma liderança, educador popular, cantador, que já animou algumas Romarias do Rio Doce, [...] *se existe Ramon uma coisa que tenha capacidade imensa de movimentar o povo, de animar, de alegrar, são as Romarias das Águas e da Terra. Porque ela vai além da dimensão espiritual. Ela é cultura, é memória, é ancestralidade, traz a diversidade.* [...] (Córrego do Ouro, 48 anos, Diocese de Caratinga, entrevista em 16.05.2024).

Assim, podemos ver estas romarias como “ritos de crítica à estrutura social” (Bártolo, 2025, n. p.), tornando-se importantes instrumentos de luta pelo reconhecimento, reparação e redistribuição aos *pequenos e indefesos* (trecho Carta da quinta Romaria do Rio Doce, 2022) – i. e., às populações da bacia do Rio Doce, atingidas pelo rompimento *que sofrem as consequências desta destruição* (trecho Carta da sexta Romaria do Rio Doce, 2023). Ano a ano, rememora-se o crime desastre e se dá visibilidade aos *clamores* dos atingidos, no espaço público, *anunciando uma nova bacia do Rio Doce* que estar por vir.

Num contexto de disputa pela narrativa sobre o desastre (Silva, 2024), em que há quem, dentro das instituições de justiça, do Estado e da empresa dona da mina, que diga que foi um “acidente”⁷⁷, a Romaria do Rio Doce reúne um grande contingente de pessoas para, pela caminhada ritual (Sanchis, 1983a), ocupar as ruas e afirmar que o desastre sociotécnico do rompimento da barragem da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton foi *um gravíssimo crime socioambiental* (trecho Carta da segunda Romaria, do Rio Doce, 2017), que os responsáveis não foram punidos e que muitas vítimas não foram ainda reparadas.

Como é complexa a construção desse “sentimento de injustiça” que, no contexto pós-rompimento se estende do micro ao macro e pode levar o sujeito da resignação ao engajamento em movimentos sociais e ações de protesto, tal como refletido por Losekann (2017), pode-se dizer que a consistência cultural da *mensagem* pública da Romaria do Rio Doce gravita em torno de alguns elementos cognitivos principais⁷⁸.

Além de engrossar os *gritos* de protesto, identificados pela antropóloga de que o rompimento “não foi acidente!”, de que “as empresas são as culpadas!” e que, com o desastre-crime, “fomos todos afetados!” (Losekann, 2017), a Romaria do Rio Doce também gira em torno dos *gritos* de que os *atingidos clamam por justiça!!* e de que *queremos o Rio Doce vivo!* Isto posto, a Romaria do Rio Doce dinamiza “redes de indignação” (Pinheiro-Machado, 2019), na busca por justiça, reconhecimento de identidades e direitos (Fraser, 2006). Neste caso,

[...] ser visto significa passar a compor as esferas em que a opinião pública é formada. Remete-se aqui à definição da esfera pública como um lugar que realça a visibilidade

⁷⁷ Cf., p. ex., Ronan (2021) e Santos (2023).

⁷⁸ Isto é, palavras, crenças, frames e narrativas que criamos (Losekann, 2017)

dos sujeitos, tomando como ponto de referência a conceituação trazida por Arendt (1995): ‘o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos’ (ARENDT 1995 apud AGUIAR, 2015, p. 59) (Weitzman, 2016, p. 32-33).

Objetivam, assim, “fazer o público” para *denunciar e fazer memória* do crime; *anunciar* ações de contraposição aos projetos das megacorporações e *conscientizar* sobre a questão ambiental e os impactos da mineração predatória. Em síntese, por meio de *um evento que aglomerasse tanta gente, envolva bispos, padres, religiosos, religiosas, diáconos, leigos, lideranças* (Sacramento, coordenação, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024),

A realização das romarias pretende ser um espaço de formação e debate sobre a realidade da bacia e, em especial do local escolhido para a realização da mesma. As romarias vêm reunindo o povo do local escolhido para a realização da mesma. As romarias vêm reunindo na mística da caminhada para celebrar a vida e denunciar os projetos que destroem pessoas, terra, animais e a natureza, desrespeitando o direito de viver do homem e da mulher; e anunciando projetos alternativos, experiências construídas pelas populações afetadas, que se contrapõem aos projetos destruidores (trecho Projeto quinta Romaria do Rio Doce, 2020, p. 13).

Além, também, pretende *conscientizar e convocar as comunidades e o povo de Deus sobre as ameaças das mineradoras, dos minerodutos e do Novo Código da Mineração a partir da motivação principal da encíclica Laudato Si* (trecho Projeto quinta Romaria do Rio Doce, 2020, p. 14).

Anunciando, denunciando e conscientizando

Como romaria martirial que é, como vimos, a Romaria sai às ruas para *entender uma outra história* (Serra do Brigadeiro, 57 anos, coordenação, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 17.04.2024), *numa visão crítica, política, numa visão de mostrar também que aqui, na Bacia do Rio Doce, há situações de morte, situações que clamam, né? Situações que pedem socorro* (Rio Vermelho, padre, 49 anos, Diocese de Itabira Cel. Fabriciano, entrevista 16.04.2025). Ou seja, uma história ligada à

[...] outra visão, né, do que que a Romaria quer. Porque a Igreja, as vezes o povo vai só rezar, vai só orar, e acha que a Igreja não tem que denunciar. Então a visão de outra Igreja, povo de Deus, a Igreja de Jesus Cristo que denuncia, que coloca as mãos nas feridas, né. [...] uma nova Igreja, [...], a Igreja que quer uma nova Bacia do Rio Doce, uma nova Bacia do Santo Antonio, né. Que quer a água e a terra da região cuidada e dividida de maneira fraterna, né. [...] pra pessoas enxergar os conflitos que existem na região. [...] (Córrego da Ferrugem, 51 anos, coordenação, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024).

Sobre os objetivos de *anunciar, denunciar e conscientizar*, apontados pelos membros

da coordenação e do Clero como principais motivos para a realização da Romaria, são motes que advêm de um repertório enunciativo-moral, aprendido na prática de coletivos, pastorais e movimentos sociais “cebistas”, cuja práxis advêm de uma história que remonta à emergência da Teologia da Libertação, cuja

[...] práxis religiosa-política expressa nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e nas Pastorais. Com uma ascese religiosa intramundana – afinal, os “sinais do Reino de Deus” devem começar neste mundo [...] –, TL e CEBs foram leituras e práticas críticas das desigualdades sociais e dos autoritarismos políticos no continente latino-americano. No centro das discussões da TL, o mote da “opção preferencial pelos pobres” era tanto informado por um diálogo com posições teológicas antifundamentalistas (como a Teologia da Esperança, de Jürgen Moltmann, e o Evangelho Social, de Walter Rauschenbusch e Harvey Cox) como por um referencial analítico marxista que baseava a leitura socioeconômicas da realidade latino-americana. Isto resultou em produções teóricas e engajamentos políticos de muitos católicos da Libertação, como na formação do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), entre outros movimentos sociais (Almeida; Guerreiro, 2023, p. 216).

No caso desta *assemblage* de católicos da Libertação, que coordenam e organizam a Romaria do Rio Doce – muitos/as formados/as pela ‘metodologia’ do Mobon (Comerford, 2001; Oliveira, 2005, 2012; Rabelo, 2019; Teixeira, 2020)⁷⁹ –, o vocabulário moral, aprendido nos cursos de formação/evangelização, que circula pelos roteiros, livretos, cartilhas, músicas etc., aproxima *luta, ação e obras*, incutindo-se no meio das “famílias católicas” socializadas e formadas no seio das CEBs. Como bem analisou Comerford (2001), nesse contexto “‘A fé sem obras é morta’ é um lema recorrente entre as lideranças das CEBs” (Ibid., p. 230).

Entre essas pessoas, há um entendimento de que “a ‘missão’ do cristão. [...] exige o ‘movimento’, deslocar-se para espalhar a ‘Boa Nova do Evangelho’” (Rabelo, 2019, p. 142), de modo que se proponha “planos, tarefas e mobilizações” (Ikoi, 1996, p. 16) para *confortar* (Rio Vermelho, 49 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista em 16.04.2025) e *ajudar as pessoas no sofrimento* (Cachoeira da Bocaína, missionária romeira, 71 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 15.05.2024). Assim, podemos entender esses objetivos no contexto de uma atuação católica progressista, em que pessoas escolarizadas e lideranças religiosas mobilizam pessoas para ações coletivas, no intuito de promover mudanças religiosas, melhores condições de vida, justiça e transformações culturais, a fim de resistir ou promover uma mudança social (Oliveira, 2005).

Um horizonte ético moral cebista de vivenciar o catolicismo, informado pela Teologia da Libertação, reproduzida na América Latina, desde o final da década de 1960, por religiosos, intelectuais e lideranças religiosas e comunitárias, influenciadas pelo chamado *aggiornamento*

⁷⁹ Movimento católico responsável pelo “trabalho de base” de formação e animação de CEBs em Minas Gerais.

da Igreja Católica com o Concílio Vaticano II (1962-1965). No caso da Romaria, uma teologia (re)produzida por religiosos, intelectuais e lideranças religiosas e comunitárias, em sua ampla maioria, pessoas escolarizadas, em que o deslocamento – de si mesmo rumo ao outro, de um lugar ao outro – para implementar a *Igreja em saída* e ajudar o outro (seja se engajando sociopoliticamente ou, mesmo para alguns, fazendo caridade) é valorizado.

Aprende-se fazendo, um “saber [que] na medida mesma em que, participando de uma prática que é social, faz coisas” (Freire, 1989, p. 26-27). Faz-se movimento em movimento. E, nesse processo, “que tem como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim o movimento” (Martins, 2021, p. 23), partilha-se e se reproduz repertórios de saberes, valores, vocabulários e posicionamentos, que atuam como alicerces para a prática político-religiosa (Weitzman, 2016). No fim, as pessoas aprendem a aprender (Bateson, 1972) e se transformam em um tipo de sujeito moral específico (Rabelo, 2019, p. 57).

Estamos diante de uma comunidade moral (Bailey, 1971), cujas pessoas que se engajam estão envolvidas por uma “matéria da fé” (*matter of faith*), *i. e.*, um conjunto de categorias, valores e “regras acordadas para vincular essas categorias uns com os outros” (Ibid., p. 5, tradução minha). Pode-se, portanto, dizer, que “elas têm uma cultura comum” (Ibid., tradução minha). Ou seja:

[...] as pessoas compartilham algumas ideias sobre como as coisas são e como as coisas podem ser; elas possuem um conjunto comum de categorias (‘palavra’) com as quais eles nomeiam as coisas do mundo social e natural em torno deles e eles compartilham uma definição das coisas boas e as coisas ruins na vida. [...] (Bailey, 1971, p. 8, tradução minha).

Entre outras coisas, no ato de *denunciar* o que parece estar em jogo, na articulação simbólico-discursiva da Romaria, é um interesse em *conscientizar* – para ‘dentro’ (os *participantes-testemunhas da [...] Romaria*) e para ‘fora’ do grupo mobilizado (os outros que entram em contato com a *mensagem* da Romaria, incluindo aqueles que, ocasionalmente, a veem passar). Melhor dizendo, relaciona-se com o “despertar a consciência dos pobres” (Theije, 2002, p. 76), para os problemas que os afetam, na busca de tornar esses romeiros e romeiras do Rio Doce em “romeiros conscientizados” (Steil, 1996, p. 251). No caso em tela, *conscientizar* sobre a questão ambiental, lembrando e lutando por justiça, para as vítimas do crime do rompimento da barragem da Samarco.

Como disse um padre apoiador da Romaria:

[...] nós já aprendemos que para gente continuar lutando por justiça e por reparação integral, a gente precisa despertar, né, uma relação de encantamento, reverência, de amor, de respeito a toda natureza, né? Porque a natureza tem direitos. O rio e toda bacia hidrográfica não é apenas uma coisa, território, é algo sagrado. [...] O Watu,

os espíritos do rio estão ali. Então a gente cultivar a Romaria da Terra e das Águas é esse instrumento para contribuir para que as pessoas façam uma revisão na forma de se relacionar com a natureza. [...] (Frei Serra do Espinhaço, 60 anos, sem diocese, entrevista 10.05.2024).

Retomando Steil (1996, p. 276-280), o que se vê é uma forma de catolicismo que se reconfigura após o Vaticano II, a partir de “uma *espiritualidade político-militante*” e de um “*discurso da conscientização*”. Num movimento de “politização do discurso religioso e de sacralização da política” (Steil, 1996, p. 260), para mediar o discurso religioso, líderes religiosos se apropriam da linguagem analítica, na qual as palavras são utilizadas para desvendar, descrever e argumentar sobre a sociedade, prescrevendo, por consequência, uma outra relação com o sagrado a ser vivenciada no culto (Steil, 1996). Assim, ao mesmo tempo que é um ritual religioso no interior do catolicismo, como disse um organizador, a Romaria do Rio Doce também:

É uma caminhada de reflexão, principalmente após o rompimento da barragem de Fundão, a qual nós perdemos o Rio Doce. E entendemos que é necessário dialogar com o povo, com a comunidade, sobre as consequências da extração mineral, ou qualquer outra interferência das grandes empresas no meio ambiente que venha a prejudicar a qualidade de vida das pessoas, seja ela do ar, da água, da terra. [...]. Eu penso que nossa ação é de anúncio, mas também de denúncia e a favor daqueles que sofrem com as consequências [...] (Sacramento, coordenação, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024).

Como escreveu a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado,

[...] o Estado capitalista tem fracassado sistematicamente em assegurar o bem comum ou garantir os direitos dos cidadãos contra os abusos do mercado, atuando para legitimar a violência sobre o mais frágeis. [...] naturalizamos tragédias, chamando-as de ‘acidentes’ quando, na verdade, são violência estrutural praticada pelo Estado – uma máquina que ‘permite morrer’. [...] Nessa perspectiva, grandes escândalos de fraudes em licitações e fiscalizações que culminam em desastres ambientais, coo o que ocorreu em Brumadinho e Mariana, constituem regra, e não exceção (Pinheiro-Machado, 2019, p. 115).

Nesse contexto, a cada ano, por meio de uma cadeia de ações, que antecedem e conjuntamente compõem a caminhada ritual, de diferentes artifícios, recursos e rituais (Souza, 2011; Turina, 2024), o grupo coordenador da Romaria, com a anuência do bispo da diocese acolhedora e o apoio de alguns padres e religiosas progressistas, visa desvelar e relembrar, aos que se envolvem com o processo de organização e participação, sobre a realidade da mineração em Minas Gerais, suas contradições e a violência estrutural praticada pelo Estado – que, no contexto das transformações do neoliberalismo contemporâneo, flexibiliza cada vez mais sua política ambiental em razão do *lobby* corporativo, como no flagrante caso de Minas Gerais (Almeida, 2024).

Pretendem assim – para tomar de empréstimo o que escreveu o importante educador Paulo Freire –, construir uma “ação cultural problematizadora”, um espaço para a “admiração” (Freire, 2017), que contribua para, mesmo que momentaneamente, colocar em evidência “contradições principais e secundárias em que estão envolvidos os indivíduos da área” (Ibid., p. 143). Destarte,

[...]. O que antes já existia como objetividade, mas não era percebido em suas implicações mais profundas e, às vezes, nem sequer era percebido, se ‘destaca’ e assume o caráter de problemas, portanto, de desafio. A partir deste momento, o “percebido destacado” já é objeto da “admiração” dos homens, e, como tal, de sua ação e de seu conhecimento. [...] (Freire, 2017, p. 100).

De outro modo, desde 2016, a Romaria tem o duplo propósito de não deixar que o rompimento de Fundão e suas vítimas caiam no esquecimento e, de modo geral, evidenciar para a população os efeitos da mineração, que transcendem os simplistas argumentos econômicos de “superávit primário” e “equilíbrio da balança comercial” (Zonta; Trocate, 2016).

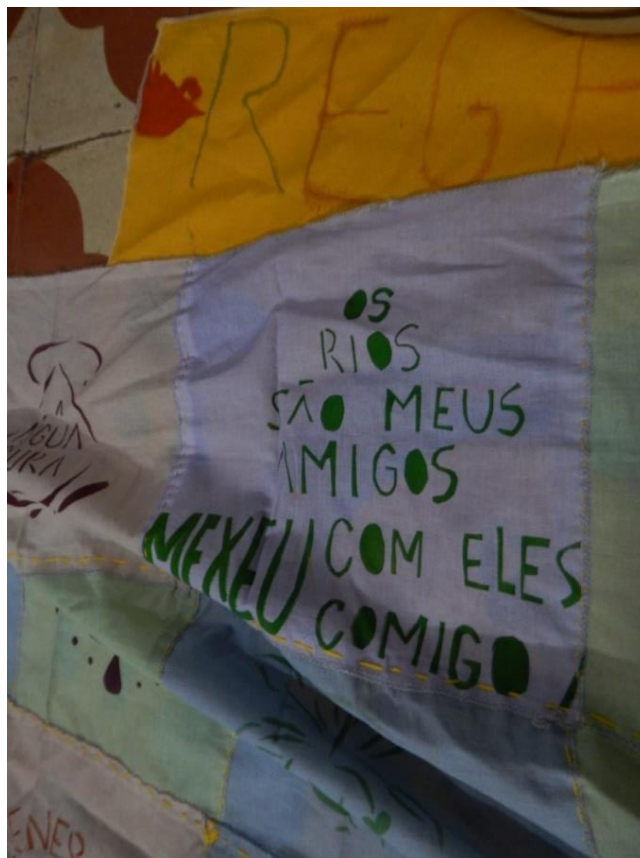
Na Romaria do Rio Doce, pode-se dizer que, em diferentes níveis, os interlocutores/as, com quem tive contato, estão interagindo num contexto de relacionamentos multiplex, “composto de muitos papéis diferentes, como uma corda contém muitos feixes” (Bayley, 1971, p. 6, tradução minha). Estendendo essa qualidade de participação, podemos pensar que o campo das relações da Romaria é poroso e capilar (Weitzman, 2016), reunindo uma infinidade de pessoas, católicas ou não, que, naquele momento da caminhada – a assembleia, de que fala Butler (2018) – se reúnem conjuntamente em torno de uma causa comum.

Há, portanto, uma “economia moral da multidão” (Thompson, 1998), em que, apesar da admitida variação individual e dos diferentes níveis de adesão ao ritual, supõe-se noções definidas, voluntárias e afetivamente defendidas. No caso em tela, relacionadas a uma causa comum, que sensibiliza, de diferentes maneiras, a todos e todas envolvidos/as. Isto é, *a causa do meio ambiente*, apontada pela maioria dos/as diferentes entrevistados/as (padres, coordenadores, missionários romeiros, acolhedores locais, entre outros) como o principal motivador para seu envolvimento, na organização e participação, na Romaria do Rio Doce.

No contexto do pós-rompimento, a questão ambiental ganhou mais destaque. A *causa do meio ambiente e a necessidade de guardar um bem tão precioso que é a água, que é [...] a maior fonte de vida* (Quatituba, 52 anos, coordenação, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 24.04.2024), sensibiliza, está presente e se expressou de diversas maneiras, nas motivações das diferentes pessoas entrevistadas. O Rio Doce é um *amigo* próximo, cujas agressões sentidas por muitos, exige uma reação que aproxima as pessoas. A defesa dos rios e sua gente sensibilizam e congregam. Como vi em um mosaico de tecidos costurados, usados

nos cenários de reuniões, celebrações e na caminhada da quinta Romaria, *os rios são meus amigos, mexeu com eles, mexeu comigo*.

Figura 6 – Detalhe de estêncil aplicado a um mosaico de tecidos costurados, usados nos cenários de reuniões, *místicas*, celebrações e na caminhada da quinta Romaria.



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

Para isso, tematizam a água e a terra, a partir de uma perspectiva heurística religiosa-política que se fundamenta em um horizonte ético-político ambiental holístico, sem esquecer da noção teológica de “opção preferencial pelos pobres” que historicamente orienta a prática desses coletivos (Ikoi, 1996). Atualmente, sintetizado pela noção teológica de *ecologia integral*, conforme referido pelos católicos “cebistas” desde a publicação da encíclica *Laudato Si’* (cf. Turina, 2025).

Nesta carta, o papado de Francisco (2013-2025) “reconheceu abertamente o consenso científico sobre o aquecimento global e exortou os católicos a agirem contra a crise climática que se agrava” (Turina, 2025, p. 298, tradução minha), muito em decorrência de uma

[...] assimetria de poder entre países ricos e pobres. [Em que os] [...] primeiros promovem o capitalismo desenfreado e o consumismo, esgotando rapidamente a Terra e obtendo uma considerável vantagem econômica, enquanto os últimos pagam o preço

mais alto, faltando-lhes recursos para enfrentar a deterioração de seu ambiente. [...] (Turina, 2025, p. 298, tradução minha)

Partindo, pois, deste pressuposto, na concepção deste programa ambiental, no que se à vida no planeta Terra – “[...] nossa casa comum [...], nossa irmã, a mãe terra, [...]” (Francisco, 2015, p. 3) –, “tudo está interligado” (Ibid., p. 91). Isto é, “Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender. [...] (Ibid., p. 107), devendo ser assim “[...] inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior” (Ibid., p. 10).

Consequentemente, “hoje, não podemos deixar que *uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social*, que deve integrar a justiça nos debates sobre meio ambiente, para ouvir *tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres*” (Francisco, 2015, p. 39, grifos do autor). É preciso cuidar de si, do outro e do planeta, de modo que as soluções, para “uma única e complexa crise socioambiental. [...], requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (Ibid., p. 108).

Como ‘traduzido’ pela carta da sétima Romaria (2024), realizada em Naque,

[...] [os] sinais dos tempos, que clamam através das mudanças climáticas, [...]. [...] está a exigir o cultivo de uma espiritualidade que nos faça perceber que estamos todos interligados e que não se pode compreender e nem sustentar a vida humana sem as outras criaturas. De fato, ‘nós e todos os seres do universo, criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde’ (LD 67).

Em tal visão de mundo, a resolução da crise socioambiental, exige uma *conversão ecológica* (ou *conscientização*). Isto é, exige, como disse um dos padres que entrevistei, *que as pessoas façam uma revisão na forma de se relacionar com a natureza. [...] para despertar essa relação de encantamento, de veneração, de respeito e de denúncia intransigente desses projetos que são projetos de morte* (Frei Serra do Espinhaço, 60 anos, sem diocese, entrevista 10.05.2024).

Diferente de uma lógica técnico-jurídica fragmentária⁸⁰, que orienta a autodenominada ‘indústria minerária’ em seu avanço, em nome do desenvolvimento, sobre os territórios dos “oprimidos da terra”, o que a Romaria do Rio Doce faz, por meio da religião vivida – por seus

⁸⁰ Como por exemplo, no caso visto em Conceição, para o qual o licenciamento ambiental do Minas-Rio, apesar de ser um projeto integrado, passou por um processo de licenciamento em três esferas, dos estados de Minas e Rio de Janeiro, e junto a esfera federal, pelo Ibama (Zucarelli; Santos, 2014, p. 3).

símbolos e discursos (falados, escritos, encenados, cantados) –, é procurar demonstrar nas ruas que devemos ser *guardiões de nossa Casa Comum, a Bacia do Rio Doce, comprometidos com a promoção e a defesa da vida, lembrados de que tudo está interligado* (trecho da Carta da sexta Romaria do Rio Doce, 2023).

Como se vê, neste discurso se produz

[...] uma aproximação entre o discurso religioso e a crítica ao modelo explorador vivenciado pelo capitalismo tardio latino-americano. [...] em que, ao separar o conhecimento teológico do filosófico, toma do marxismo os conceitos de luta de classes, de desenvolvimento desigual e de liberdade, e os aproxima dos valores cristãos da Salvação e do Reino de Deus, modificando-os e recriando-os pela prática social. [...]. A aproximação de ambos se explicita como em um processo de fusão química, cujos componentes permitem a formação de uma substância nova. [...] (Ikoi, 1996, p. 16).

De outro modo, como bem analisa Turina (2025, p. 309), o argumento da justiça social é que ampara esse compromisso ecológico católico (*Catholic ecological commitment*). No caso em tela, dadas as contradições colocadas pela expropriação e exploração – sobretudo, a exploração mineral – de territórios em Minas Gerais e a simbiose entre religião e política, tal comprometimento se traduz em um *permanente compromisso na defesa da Bacia do Rio Doce, porção preciosa de nossa casa comum* (trecho da Carta da quinta Romaria do Rio Doce, 2022), ou ainda um

[...] compromisso de avançar no processo de conscientização, mobilização e participação das nossas comunidades de fé e de toda a sociedade no sentido de contemplar, a partir de nossa Bacia do Rio Doce, a vida humana e o planeta dentro da mística do cuidado e da fraternidade. [...] (trecho da Carta da sexta Romaria do Rio Doce, 2023).

Compromisso que, a partir da coordenação feita por algumas lideranças católicas, com o apoio de alguns padres e irmãs, pragmaticamente se converte em mobilização e ação política através da aliança de diferentes pessoas e coletivos que se organizam em solidariedade aos clamores das populações atingidas pela *lama da Samarco, denunciando uma*

[...] economia predatória, colocada a serviço do lucro e não da vida, que desrespeita a soberania popular, que vitima as populações locais, que ceifa vidas e que leva, à exaustão, os bens da natureza. Uma economia que se contrapõe ao Plano amoroso de Deus, destruindo matas e rios, escravizando a mão de obra humana e produzindo miséria, violência, injustiça e morte e não vida, dignidade e bem comum (trecho da Carta da quinta Romaria do Rio Doce, 2022).

E anunciando:

[...] a luta dos/as atingidos/das, das Assessorias Técnicas Independentes, das Comissões e entidades religiosas, sociais e ambientais em prol da regeneração de nossa Bacia do Rio Doce, da defesa de direitos e da construção da sociedade do bem

viver (trecho da Carta da quinta Romaria do Rio Doce, 2022).

Como refletiu um coordenador sobre o tema fixo das Romarias do Rio Doce (*Rio Doce, nossa Casa Comum*), *manteve sempre o mesmo porque é o debate [...] A Bacia do Rio Doce é a casa comum do nosso território. Todos habitam, moram e sofrem as consequências, né, do, do que vem, né, de poluição, [...] que o povo vive* (Sacramento, coordenação, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024). Portanto, o discurso da *Laudato Si'* – que circula, desde sua publicação, pelo estudo e reflexão coletivos, seja da própria encíclica, seja por meio dos roteiros de grupos de reflexão, de livretos de cursos da Campanha da Fraternidade e materiais de tantos outros cursos e atividades de evangelização/formação que a tomam como referência para a reflexão – se ajusta ao contexto concreto local, territorializa-se⁸¹.

Fazer memória

O rompimento da Barragem da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton redesenhou a realidade social das populações, ao longo dos 600 km, nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, por onde percorreu o *rastro de lama* até chegar ao Oceano Atlântico. Apesar da comoção de grande parte da sociedade, até os dias de hoje tal evento crítico encontra sua memória social e seus significados públicos em disputa na arena pública (Cefai, 2009, 2011). Como analisa Silva (2024, p. 135):

Na emergência do rompimento, a disputa se deu em torno da nomenclatura para descrever o ocorrido, dividindo entendimentos distintos: alguns afirmando ser um acidente ou uma catástrofe natural (às vezes até chamando de desastre natural), sobre os quais não há agência humana causadora e, portanto, todos são vítimas de uma tragédia do acaso; outros afirmando se tratar de um desastre (nas perspectiva sociológica) ou um crime, com uma parte sendo responsável ou criminosa (as Samarco e suas mantenedoras) e outra parte, vitimada.

Frente às “estratégias corporativas de criação da realidade” (Silva, 2024, p. 131), tal como analisam Dupin e Martins (2023), a propósito da Romaria pela Ecologia Integral a Brumadinho, as Romarias do Rio Doce podem ser vistas como “contramonumento de memória”, que põe na rua anualmente (desde a oitava edição, de dois em dois anos), por meio de um ato-memória performado nas ruas, “as narrativas construídas pelas próprias pessoas atingidas” (Silva, 2024, p. 131), transformados em *denúncias* e *anúncios* que comporão “a disputa sobre a memória e o futuro desse processo” (Ibid.).

⁸¹ Para outros exemplos interessantes de apropriação dessa mensagem que ‘vem de cima’, em outros contextos etnográficos, vale cf. Silva (2020, p. 97-109) e Turina (2024).

O *slogan* do jornal “A Sirene”, produzido por voluntários e pessoas atingidas da Barragem da Samarco, desde 2016⁸², e que se vê circular nas Romarias do Rio Doce, é “bom para pensar” acerca de um dos importantes propósitos desta romaria: “para não esquecer”. O propósito comunicado pelo *slogan*, que marca a capa de cada edição do jornal, é válido para a romaria em questão. Na *luta* pela terra, pelo meio ambiente e pela vida, somados à *luta* por justiça, punição dos responsáveis e reparação integral pelo ocorrido, no caso da Romaria do Rio Doce, a coordenação objetiva não deixar esquecer a tragédia, o crime do rompimento da Samarco. Como disse um coordenador, em se tratando da realização da Romaria do Rio Doce, *a motivação principal é ser testemunha do desastre socioambiental do Rio Doce* (Suaçuí Pequeno, 69 anos, Diocese de Governado Valadares, entrevista 05.04.2024).

Portanto, semelhante a outros casos (Vieira, 2015; Souza, 2016, 2019; Rolemberg, 2021; Dupin, Martins, 2023), a Romaria do Rio Doce se trata de uma romaria para “fazer memória”. Assim, ano a ano, rompe o efêmero e marca a memória através do tempo lento, da caminhada ritual pelas ruas, desfazendo a coação de produção, marcado pelo tempo extensivo, que não preza pela memória, mas que descarta, que esquece (Han, 2021).

Memória “que se configura como denúncia” (Dupin, Martins, 2023, p. 165), expressa por um ato-memória do *martírio* do Rio Doce e sua gente, no contexto de um desastre que é permanente e projeta seus prejuízos “mesmo hoje, como um devir que não tem tempo certo para findar” (MPF, s. d., n. p.).

O que será mais bem observado adiante e no próximo capítulo, *fazer memória* no caso da Romaria do Rio Doce é também lembrar de quem esteve na *luta* e não está mais, sacralizando os mortos. De outro modo, está em vista da coordenação fazer memória, também, aos mortos (Vieira, 2015; Souza, 2016, 2019); *i. e.*, os mártires da *caminhada* e da *luta*, fazendo-os presentes na procissão, nos símbolos, cartazes, camisas, estandartes, que são conduzidos junto às imagens dos santos (outros mortos sacralizados).

Por fim, ao caminhar, em um tempo que não se mede apenas pelo tempo cronológico (Turner, 2008), recorre-se à memória sobre o desastre, atualizando-a. De outro modo, paradigmaticamente e, ao mesmo tempo, criativa e ineditamente, se “re-encena cineticamente as sequências temporais sacralizadas e permanentes pela sucessão de eventos nas vidas de deuses encarnados, santos, grous, profetas e mártires” (Ibid., 2008, p. 193). Como analisa Vieira

⁸² O jornal é veículo de comunicação e construção da memória das comunidades atingidas. É produzido pelos moradores/as das comunidades atingidas pelo rompimento, nos municípios de Mariana e Barra Longa, com a parceria da Universidade Federal de Ouro Preto, Coletivo “Um Minuto de Sirene” do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e a Arquidiocese de Mariana.

(2015, p. 134), pode-se dizer que “[...] através da memória dos acontecimentos e da mística [...] a romaria se renova, se refaz e refazem-se também os compromissos com a própria comunidade a partir da transformação pessoal”.

Entendido os objetivos que amparam o *coordenar* a Romaria do Rio Doce, como bem refletiu um coordenador, é importante apontar que:

A Romaria não acontece por três quatro idealistas. Não é padre Nelito que fez criar a Romaria, não é padre Manhauçu, não é Dom Geraldo Lira, né, [não é a] Comissão do Meio Ambiente, ela [a Romaria do Rio Doce] existe e teve sucesso que o povo abraçou, né? Onde tem alguns idealistas que a promoveram, quando promove e tem retorno, é porque o povo acreditou, abraçou e ela aconteceu e ela se fortaleceu, né? (Sacramento, coordenação, 60 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 15.05.2024).

Assim, coordenar uma Romaria pressupõe saber articular diferentes pessoas e organizações para a realização de uma ação conjunta. Pode-se dizer que fazer esta Romaria de *denúncia, anúncio e memória*, envolve uma dialética: é preciso saber *ouvir* os *clamores* que emergem na convivência com a realidade local que acolherá a Romaria, em um processo de articulação que dura meses até a romaria ocupar as ruas.

“Trabalho de base” e “entre romarias

Para “fazer o público” nas ruas, no “entre romarias” existe uma estrutura paradigmática (Taylor, 2013), um passo a passo, que se expressa em “trabalho de base” para a mobilização de romeiros e romeiras e a manufatura da performance da Romaria. Isto é, para *conscientizar e convocar as comunidades e o povo de Deus sobre as ameaças da mineração e mobilizar entidades, comunidade e pessoas atingidas*, encadeia-se um conjunto de ações de divulgação, formação e conhecimento da realidade local, que se estrutura a partir da elaboração, produção e circulação de materiais gráficos (santinhos, cartazes, cartilhas, folders etc.), produção material dos símbolos que serão mostrados durante a procissão da Romaria (camisas, standartes, faixas, indumentária para as místicas etc.), participação em mobilizações, realização de diferentes reuniões virtuais e presenciais com diferentes públicos, missões e seminários preparatórios e de avaliação.

Ou seja, um conjunto de

[...] recursos que possam tornar inteligíveis seus dogmas e articular suas práticas ritualísticas. Elementos musicais, textuais para instruir, legitimar e disseminar valores

e preceitos. [...] mecanismos [...] organizados de maneira a possibilitar a permanência de seus seguidores, assim como alcançar novos membros através de aproximação social, cultural e identitária. [...] (Souza, 2011, p. 1-2).

Com os objetivos de *denunciar, anunciar, fazer memória e conscientizar sobre a questão ambiental, a partir da motivação principal da Laudato Si*, a coordenação persegue os objetivos específicos (e complementares) de fazer *a Romaria dar certo* e de fazer que ela *tenha sucesso*, ambos relacionados com a (re)produção e manutenção da própria Romaria.

Neste nível da análise, é interessante adensar as diferenças de sentido. A *Romaria dar certo* tem uma relação com um saber gerir projeto, pois envolve a dimensão organizacional da Romaria que, por sua vez, concatena-se com o saber lidar com a burocracia; saber fazer reuniões; saber relatar e registrar; saber escrever projetos; saber produzir relatos, relatorias e relatórios; saber prestar contas dos recursos; saber falar; saber mobilizar e fazer movimento; saber fazer interlocução com o poder público etc. Saberes que foram aprendidos e incorporados em meio à vivência das CEBs, na atuação em pastorais da Igreja, na atuação em sindicatos, em movimentos sociais, ONGs e partidos. Isto é, conhecimentos culturais aprendidos e incorporados, “saberes de várias ordens [...], sejam eles de natureza filosófica, estética, técnica, entre outros. [...] conhecimentos esses emoldurados por uma certa cosmopercepção e filosofia” (Martins, 2021, p. 21-22). Tal como as interlocutoras de Weizman (2016, p. 22),

[...] [meus] minhas interlocutoras [es] são fortemente marcadas [os] por sua imersão nas instituições religiosas. Para a maior parte delas, a igreja foi a primeira instituição da qual elas fizeram parte, inaugurando sua entrada no berço das demais instituições. [...] seu engajamento na CEBs intensificou mais ainda sua capacidade para liderar processos organizativos, [...].

Assim, tem a ‘utopia’, tem a vontade de ir para a rua, mas também há a burocracia, a articulação e o “trabalho de base” que pressupõe esse saber liderar processos organizativos. Organizar e colocar a romaria na rua envolve uma habilidade para ‘improvisar’, em um misto de imitação e improvisação, próprio do ato de “dar forma” (Ingold, 2010). Envolve um saber avaliar a conjuntura e o *zeitgeist* que se tem, para agir. Assim, apropriando-se de conhecimentos anteriores e difusos, reinventam a cada ano a romaria, numa tecitura feita de vários feixes de saberes advindos de uma longa trajetória de atuação militante, especialmente, aqueles saberes mobilizados para a organização de outras *romarias de denúncia* em várias regiões de Minas, desde, pelo menos, a década de 1990.

Como nos lembra Fernandes (1982), “não se deve esquecer tampouco de que ela [a romaria] custa dinheiro” (p. 27). Assim, além do apoio da paróquia e diocese, que acolhem a

Romaria, que contribuem com alguns recursos (transporte, alimentação, hospedagem, apoio com as equipes paroquiais e acólitos jovens e adultos), para a viabilização das Romaria do Rio Doce, a coordenação⁸³ escreve um projeto enviado à Adveniat⁸⁴ para captação de recurso financeiro, a fim e custear as despesas da romaria. Cabendo, portanto, aos membros da coordenação, submeter, executar, e prestar contas desse projeto, que viabiliza financeiramente a maior parte da Romaria.

O projeto, no entanto, não trata apenas de gestão financeira. Tem o objetivo de articular, fortalecer e *unificar, a partir do ensinamento social da Igreja, as organizações de igrejas e da sociedade civil no enfrentamento da situação atual desta bacia [do Rio Doce], após o crime sócio ambiental, [...] com o rompimento da barragem de Fundão [...]*, envolvendo *toda a bacia neste processo de articulação* (trecho Projeto quinta Romaria do Rio Doce, 2020, p. 10). Executar um projeto deste pressupõe um saber fazer “trabalho de base” para: (i) *ampliar a rede* (padre Rio do Peixe, 60 anos, Diocese de Guanhães, entrevista 25.04.2024); (ii) convocar e mobilizar *toda população e suas organizações do Estado de Minas Gerais e do Espírito Santo*, romeiros e romeiras e (iii) materializar numa multidão⁸⁵ o apoio e a aliança para ocupar/sacralizar as ruas *em prol da recuperação da Bacia do Rio Doce* (trecho Projeto quinta Romaria do Rio Doce, 2020, p. 13).

Lembremos que o espaço público não está dado, as ações coletivas requerem o “espaço de aparecimento” (a rua, a *polis*), que a rua aqui não é apenas sua localização física (calçadas, ruas e praças), mas os corpos que se congregam, se movem, falam juntos e reivindicam um determinado espaço como público (Butler, 2018). Em outros termos, esse espaço é

‘[...] a organização das pessoas, conforme ela surge da ação e da fala conjuntas, e o seu verdadeiro espaço está entre pessoas que vivem juntas com esse propósito, não importa onde estejam’. O ‘verdadeiro’ espaço está, então, ‘entre as pessoas’, o que significa que assim como qualquer ação acontece em um lugar localizado, ela também estabelece um espaço que pertence à aliança propriamente dita. [...] (Butler, 2018, p. 53).

Para agregar, há que se fazer o “trabalho de base”.

O quadro de objetivos e as atividades correspondentes para sua realização especificados,

⁸³ Especificamente, o projeto foi apresentado pela Cáritas Regional Minas, entidade proponente e juridicamente responsável, sob a orientação da Comissão de Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana.

⁸⁴ Organização católica alemã de ajuda financeira e pastoral à Igreja Católica na América Latina e Caribe.

⁸⁵ Segundo dados do projeto da quinta Romaria, seis mil romeiros na primeira Romaria; dez mil, na segunda; quatro mil, da terceira; seis mil, na quarta, seguido de duas mil, durante a quinta.

no projeto da quinta Romaria, são “bons para pensar” o encadeamento de ações de “trabalho de base”, bens e recursos que compõem o ciclo ritual da romaria, sendo o dia do deslocamento pedestre pela rua o ápice, o momento-síntese (um nó de diferentes feixes) para, conforme o documento, *denunciar a ação dos grandes projetos e o impacto direto nas comunidades e cobrar responsabilidade dos que causam este mal e dar visibilidade aos impactos e conflitos silenciados e ocultados pela mídia.*

Figura 7 – Quadro de objetivos e atividade projeto quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro

Objetivos Específicos	Atividades
1. Denunciar a ação dos grandes projetos e o impacto direto nas comunidades e cobrar responsabilidade dos que causam este mal	A1.1 Organização e execução da 5ª ROMARIA DAS ÁGUAS E DA TERRA DA BACIA DO RIO DOCE, no dia 19/07/2019, em Conceição do Mato Dentro – MG
2. Conscientizar e convocar as comunidades e o povo de Deus sobre as ameaças das mineradoras, dos minerodutos e do Novo Código da Mineração a partir da motivação principal da encíclica <i>Laudato Si</i>	A2.1 Impressão do material gráfico convocando para a Romaria e outros eventos de denúncia; A2.2 Impressão da cartilha para as comunidade em preparação da Romaria A2.3 Realização das missões prévias preparando para a Romaria na Diocese de Itabira; A2.4 Divulgação da romaria nas mídias locais A2.5 Registro de toda a preparação da romaria e no dia da realiação da romaria A2.4 Realização de 2 seminários regionais na Diocese, enfatizando o tema da Romaria;
3. Mobilizar entidades, comunidades e pessoas atingidas, favorecendo a organização do Povo de Deus	A3.1 Participação nas mobilizações, promovendo reuniões com os atingidos; A3.2 Realização de reuniões comissão de meio ambiente da província e comunidades locais locais em preparação da Romaria; A3.3. Realização de uma reunião ampliada do Fórum Permanente da Bacia envolvendo todas as entidades; A3.4. Reuniões de avaliação e continuidade do trabalho na região onde aconteceu a romaria. A3.5 Contato com outras igrejas, movimentos sociais para a organização da Romaria incentivando o ecumenismo e a participação;

Fonte: Cáritas (2020).

Para sensibilizar as bases a se movimentar, o trabalho é feito de pouco a pouco, de porta em porta, em reuniões e formações nos salões paroquiais, nas comunidades das dioceses do Rio Doce. Torna-se preponderante aqui todo o repertório acumulado do método “ver, julgar, agir” (Oliveira, Zangelmi, Schiavo, 2010, p. 35; Souza, 2011; Castelhana, 2017; Beozzo, 2017; Teixeira, 2020, p. 47-48). Gestado pelo religioso Joseph Léon Cardjin, no seio do mundo operário belga, ainda na década de 1930 até ser incorporado pelo Concílio Vaticano II, o método é baseado nas noções de “revisão de vida”, “trabalho em equipe”, “descoberta do evangelho” e “inquérito-campanha” (Castelhana, 2017, p.14).

Como me disse há um tempo, um dos fundadores do Mobon,

[...] é a Igreja na base, é a Igreja nas famílias, é a Igreja nas varandas... em qualquer lugar tá lá o grupo discutindo a palavra de Deus e a Igreja ali presente. [...] No começo nós mostramos pra eles como é que conversa em torno de um texto bíblico. Aí eles começavam a conversar. Aí ia pro grupo de reflexão. Lá no grupo de reflexão fala, comenta o texto bíblico, comenta os fatos da vida, como é que é, porque lá em casa a coisa tá desse jeito (Guandu, 86 anos, missionário consagrado, Diocese de Caratinga, entrevista 08.02.2018).

Uma metodologia de trabalho pastoral de ação-reflexão, que parte “da realidade para julgá-la aos olhos da fé e atuar nela a partir desse julgamento” (Brito, 2010, p. 83 apud Souza, 2011, p. 14). Para tanto, articula-se em torno de uma *Igreja em saída*, ou, de uma *Igreja missionária*, que se movimenta para poder “ver” e *ouvir* os *clamores*. Um catolicismo feito *em caminhada*, no movimento, de casa em casa, em reuniões, encontros, cursos, formações e missões, nos quais leigos formam leigos e se aprende fazer-fazendo (Teixeira, 2020; Silva, 2020).

Tomando de empréstimo uma boa síntese que encontrei, ao ler um caderno de formação para o “trabalho de base” do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), que apoia e constrói a Romaria do Rio Doce, aqui

Conhecer é mais do que ter informações, ainda que necessárias. Conhecimento é aproximação pelo contato direto e cotidiano. Nesse conhecimento da realidade, as informações vêm da observação, conversas, visitas, pesquisas e convivência. [...] (MAM, 2016, p. 45).

Sendo assim, como disse um membro da coordenação, com as missões realizadas na paróquia que sedia a Romaria, *você imerge na realidade do povo, e imergir é ouvir, e ouvir vai propiciar você trazer um monte de denúncias, né, da realidade que o povo tá vivendo, de você fazer anúncios que já tem na realidade acontecendo* (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024), ou seja, de conhecer e *anunciar* alguns *gestos concretos*⁸⁶ que acontecem no território onde a Romaria acontecerá. Desse jeito, as *missões*, porta a porta, *propicia você ter uma visão da realidade e também fazer anúncio*.

Assim, antes de ecoar os *clamores* das populações atingidas pela *lama da Samarco*, no espaço público (pela carta da Romaria, das falas e testemunhos públicos no carro de som e durante a missa, nos símbolos e *místicas* etc.), é preciso percorrer o território onde a Romaria irá pisar, para conhecer melhor a realidade local, aproximar-se para *ouvir*, inquerir e refletir sobre este contexto. Tal processo é feito pelo “trabalho de base”, nas visitas à paróquia

⁸⁶ Entendidos como soluções para regenerar o Rio Doce, retomar a vida econômica, fomentar e/ou reaver o ânimo associativista dos afetados pelo rompimento; ações de preservação do meio ambiente; pastorais ecológicas; iniciativas agroecológicas etc.

acolhedora da romaria, reuniões diversas na paróquia anfitriã e outros lugares, seminários preparatórios e *missões* para – à luz de princípios e valores “cebistas” –, no “entre romarias”, melhor se apropriar da realidade local, sintetizar os seus *clamores* e *anúncios* e construir um sentido situado para marcar simbolicamente aquela data e aquele *chão*, com a edição da Romaria que está em jogo.

Nesse período, “entre romarias” circulam padres e lideranças leigas para mediar e participar de reuniões, celebrações, formações ligadas ao tema da Romaria, Seminários Temáticos Preparatórios e outros. Circulam junto com essas pessoas trechos, troços e coisas (Miller, 2013). Quero dizer, cartazes, santinhos com a carta convite e oração da Romaria, folders com informações sobre a romaria, a programação e contatos dos principais organizadores da Romaria e de algumas caravanas, que vão sendo distribuídos e espalhados, pelo território da Bacia do Rio Doce, até onde esse ator-rede “romeiro” alcança (Figura 8).

Figura 8 – Coisas, troços e coisas que circulam, no período “entre-romarias”. Cartazes, santinhos com oração da Romaria, folders, carta convite, com informações sobre a romaria, cartilhas, camisas de várias edições da Romaria do Rio Doce



Fonte: Ramon Teixeira (2026).

A Romaria do Rio Doce entra na agenda de festas religiosas das paróquias. Como mostra a fotografia que fiz no dia do Seminário Temático em Conceição, logo na entrada do salão paroquial, na Casa dos Romeiros (Figura 9). Há um quadro de comunicados e notícias, ao lado dos cartazes da do 235º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (13 a junho de 2022), e da Festa do Aniversário Do falecimento do Servo de Deus Lafayette (12 a 21 de setembro de 2022)⁸⁷

Figura 9 – cartaz da quinta Romaria do Rio Doce visto no quadro de notícias e comunicados da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, na entrada do salão da Casa dos Romeiros, no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

Por onde circulam, essas coisas vão espalhando a informação sobre a Romaria, animando a vida comunitária com leituras bíblicas, orações e convites à *reflexão* e adoção de

⁸⁷ Anualmente, milhares de pessoas, de várias cidades e outros estados, visitam o túmulo do Cônego Lafayette, em Santa Maria do Suaçuí, atraídas por sua fama de santidade, especialmente na data de seu falecimento (21 de setembro), ocorrido em 1917.

gestos concretos em favor do meio ambiente e do meio social, gerando interesse para a participação na feitura da Romaria, seja no voluntariado na realização das *missões*, seja em marcar presença no *grande dia*, o dia da procissão da romaria.

Destaque para as cartilhas da Romaria que são elaboradas e distribuídas como subsídio para a formação dos/as missionários/as romeiros/as e dos/as romeiros/as caminhantes que irão participar, nas comunidades de base da Bacia do Rio Doce, articuladas a esse ator-rede “romeiro”. As cartilhas também são utilizadas para dinamizar a celebração do Tríduo preparatório para o *grande dia*, durante a Semana Missionária, na paróquia que acolhe a Romaria do Rio Doce, contribuindo para refletir e inquerir sobre a realidade local.

Se reapropriando de um tradicional modelo de reunião/celebração, fundamentado no método “ver, julgar e agir” visto nos grupos de reflexão, no interior das CEBs, e nos cursos do Mobon (Oliveira, Zangelmi, 2009; Silva, 2020, p. 97-109; Teixeira, 2024), geralmente, estas cartilhas reproduzem a carta convite, oração e programação da Romaria do Rio Doce daquele ano e disponibiliza informações sobre o histórico das edições anteriores, além de uma estrutura de três encontros com uma celebração de encerramento.

Estes encontros são paradigmaticamente compostos por um *canto de abertura*, seguido dos momentos de *recordação da vida* (onde são evocados criticamente os *fatos da vida* que afetam a sociedade de modo amplo e/ou especificamente o grupo reunido, especialmente aqueles *fatos* relacionados à mineração, ao latifúndio, às monoculturas e aos megaempreendimentos), de meditação sobre esses *fatos da vida* e de proposição de alguma ação concreta para os problemas (a *partilha: um convite à reflexão* e o *nosso gesto concreto*, cujas questões problematizadoras ajudam a interrogar a realidade local e a vislumbrar soluções para o problemas) de *iluminação bíblica*, de pedidos e ofertas (as *preces da comunidade* e a *oferta das nossas vidas*), de *benção das oferendas* e *benção final*.

Como se pode notar, no box abaixo, os *fatos da vida*, as questões problematizadoras e o vislumbre de alguma solução para os impasses, que compõem a cartilha da romaria, passam a pautar criticamente (ou, em termos êmicos, *profeticamente*) os momentos de *reza* e *reflexão/formação coletiva* nas comunidades e capelas no período “pré-romaria”, seja entre aqueles/as que, de longe, organizam-se para se deslocar, fazer *missões* e/ou participar da Romaria, seja entre os moradores/as da paróquia, que receberá a caminhada ritual, no *grande dia*.

Quadro 4 – *Fatos da vida*, questões problematizadoras e *gestos concretos*, em um trecho do segundo encontro, na Cartilha da quinta Romaria do Rio Doce (2022)

**Segundo Encontro:
MINERAÇÃO PRA QUE E PRA QUEM?**

[...]

Recordação da vida:

[...]

Leitor/a 2: *Com a apuração dos crimes ocorridos em Mariana e Brumadinho soubemos que os riscos de um possível rompimento já eram conhecidos pelas empresas [de] mineração e pelas autoridades ambientais em data anterior ao dessarte-crime. Isto é suficiente para deixar evidente a agressividade das empresas – amparadas pelo Estado, que promove um fictício licenciamento ambiental, no controle dos territórios e das vidas das pessoas, transformando tudo em número, lucro e morte. O modelo atual de controle ambiental está corrompido e mergulhado em uma crise profunda. E não é só o rompimento de barragens atestadas e garantidas por pareceres técnicos que evidenciam esta realidade. As cotidianas violações dos direitos das comunidades atingidas e de toda a população, os efeitos perversos de uma atividade que degrada rios e nascentes, inviabilizam a produção das comunidades atingidas e o bem viver, principalmente dos mais vulneráveis, comprovam que as atividades minerárias só fazem aprofundar uma economia neocolonial degradadora. Uma economia mineral baseada em recursos não renováveis com a adoção de um modelo de município, estado e país cliente das transacionais mineradoras gera uma série e impactos sociais negativos nas comunidades locais. Nossa diversidade ecológica substituída por monoculturas do eucalipto e pela mineração marcada pela exploração de nossos bens naturais – florestas e minerais – apenas para “manter a balança comercial”, empobrecendo as regiões mineradoras deste recurso que é finito: **Isso serve a quem?***

[...]

Partilha: um convite à reflexão

- *Como você vê as atividades de exploração das grandes mineradoras em sua região?*
- *Como os poderes públicos cuidam da água desde sua produção, captação, qualificação e distribuição?*
- *Que lutas de enfrentamentos aos graves danos gerados pela mineração temos assumidos em nossa comunidade?*
- *Temos apoiados os pequenos grupos de lutas e ajudados na diminuição desastrosa de exploração mineral?*
- *O que podemos fazer para encontrar novas formas de extração dos bens minerais em nossa região?*

Nosso gesto concreto:
Como usar da água e da terra, bens tão preciosos, fonte de vida, comprometidos com o meio ambiente e o meio social?

[...]

Fonte: Cartilha da quinta Romaria do Rio Doce (2022, p. 15-19).

Como reflete Han (2021, p. 41), os rituais intermediam “uma referência ao mundo” e “criam uma comunidade de ressonância capaz de um acorde, de um ritmo comum: [...] ao longo dos quais se tornam experienciáveis relações de ressonância *verticais* (com Deus, o cosmos, o tempo e a eternidade), *horizontais* (na comunidade social) e *diagonais* (em relação às coisas)” (Ibid., p. 23, grifos do autor).

A Romaria do Rio Doce, por conseguinte, é vertebrada pelo que se *ouve*, se vê e se discute, nas reuniões, visitas, Seminários Temáticos, Semana Missionária, criando um movimento de convergência, culminando na amplificação pública dos *clamores* locais e regionais, durante sua performance pública. O esquema conceitual desenhado abaixo sintetiza bem esse *processo* de imersão.

Figura 10 – “Trabalho de base” no “entre romarias” e a amplificação pública de *clamores* na caminhada



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Como se discutiu, a Romaria do Rio Doce transcende o mero deslocamento físico para se constituir como um *processo* de reconhecimento do território, de escuta atenta e de articulação com as “bases”, nas paróquias da Bacia do Rio Doce. Esse movimento, centrado especialmente na região escolhida para acolher a caminhada ritual, tem o poder de amplificar as vozes dos participantes perante a sociedade, “fazendo o comum” e construindo o “público”.

Procissões de romaria são feitas para serem vistas. Como lembra Vilhena (2015),

Romarias, procissões, [...], sobretudo quando convocadas e organizadas pelo clero, constituem também ocasiões para dar visibilidade pública da extensão do número de adeptos, afirmar e consolidar o poder religioso sacerdotal, [...], transfigurar, momentaneamente espaços públicos em espaços religiosos, [...] (p. 98-99).

Não é diferente no caso da Romaria do Rio Doce. Assim, com um *grande evento de*

massa, que ocupa as ruas temporariamente, o ator-rede “romeiro” objetiva disputar o espaço público (Butler, 2018), para fazer ver e ouvir os *clamores* dos afetados pelo rompimento da Samarco, Vale S. A. e BHP. Assim, há entre a coordenação da Romaria do Rio Doce uma expectativa quanto ao impacto visual e estético, possibilitado pela fileira de pessoas reunidas. Espera que só se apazigua no *grande dia*, ao se começar a ver os convidados/as e as caravanas chegando, ao notar que, quem foi mobilizado, conseguiu chegar.

Como já dito, as Romarias do Rio Doce testam “uma ampla rede de relações” (Fernandes, 1982, p. 29), ou “uma multiplicidade de emaranhados existenciais” (Britto, 2025, n. p.). Ela *demonstra [...], poder de organização [...] o poder que você tem de mobilizar [...] o poder que você tem de colocar o povo na rua hoje* (Sacramento, coordenação, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024).

Portanto, *ter sucesso* possui relação com o “fazer o público” e tem a ver com o poder ou a capacidade da coordenação e do clero “cebista” de fazer um “trabalho de base” eficiente; mobilizar uma rede que se agregará em multidão para ocupar e sacralizar o espaço de aparecimento das ruas (Butler, 2018); impressionar com o volume de pessoas (para o qual voltam-se ‘todos’ os olhares), dando visibilidade à *causa do meio ambiente* (expresso na causa do Rio Doce e sua gente) e propiciar *incidência política*.

Assim, como me contou um coordenador, o *grande dia*

[...]. É um dia de oração, um dia de reza, mas que teve toda uma preparação e que nesse dia cê dá uma grande visibilidade, né, com a presença de bispos, com a presença de padres, com a presença de uma grande quantidade de leigos, com a presença de movimentos sociais, com a presença de parlamentares, né. Então esse dia é também um dia de mobilização, é um dia de incidência política, é um dia de construção de uma nova Igreja, né. [...]. Então é a romaria porque ela propicia uma série de mobilizações, de denúncias, de anúncios e de incidência política e de mostrar que a Igreja tem poder, que a Igreja existe, e até de apontar uma nova Igreja, e de uma nova Bacia do Rio Doce (Córrego da Ferrugem, coordenação, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024).

Como será mais bem exemplificado, no capítulo a seguir, na disputa pela memória do desastre e no processo de *conscientização* sobre a *questão do meio ambiente*, esse coletivo se vale de uma “estética persuasiva” (Rolemberg, 2021), cuja linguagem analítica é mediadora do discurso religioso (Steil, 1996). Assim, além do volume de pessoas que comparecerão no *grande dia*, a coordenação calcula também o “lugar olhado das coisas” (Dawsey, 2006a, p. 17).

Tal como analisa Geertz (1997), pode-se dizer que na Romaria do Rio Doce a imaginação é alegórica, didática e pictórica. Assim, abstrações morais são transformadas em símbolos de *denúncia*, *anúncio* e *memória*, tornando-se “crenças visíveis”. Como me disse uma das principais coordenadoras da Romaria, *O imaginário é o que você consegue ver, [...] e na*

romaria, o cuidado que a gente deve ter, [é] como que você trabalha o imaginário, uma perspectiva de você ter quatro mil pessoas, então, nem todo mundo vê, né (Serra do Brigadeiro, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 08.05.2024).

Há, então, uma preocupação em se ocupar as ruas com a multidão, mas também uma consideração sobre o que será mostrado e como serão mostrados os símbolos e *místicas*, de maneira que tanto as pessoas dentro, quanto fora da multidão possam ver. Por exemplo, avaliando uma *mística* que foi encenada, durante o ato penitencial, durante a missa de encerramento da sexta Romaria do Rio Doce, em Regência, como disse a coordenadora mencionada, apesar de o ato ter sido muito bonito, *um dos maiores erros*, foi que *ninguém viu*. Por ter sido feito no chão, à frente do altar, a *mística* executada pelos indígenas Tupiniquim e Guarani da região teve a visão dificultada para quem estava mais atrás, em meio à multidão.

Triste com o ocorrido, como me explicou, *não [se] pode esquartejar a liturgia*. Ao se pensar a romaria para cinco mil pessoas, tem que ser de uma forma que todo mundo vê (Serra do Brigadeiro, coordenação, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 08.05.2024).

Considerando a “estrutura processual” de uma romaria (Turner; Turner, 1978), o desenho abaixo é “bom para pensar” o *processo* da Romaria do Rio Doce.

Figura 11 – Processo ritual das Romarias do Rio Doce



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Analiticamente, cada nova edição da Romaria do Rio Doce é composta por três etapas distintas, a “pré-romaria” (o período de mobilização, preparação e montagem da performance), o “intra-romaria”, que é o momento alto do ritual; a realização da procissão de romaria em si e o “pós-romaria”, marcada por seu encerramento e retorno à vida cotidiana (—). Nos meses e dias mais próximos à caminhada ritual, esta etapa “pré-romaria” é paradigmaticamente constituída por (a) Seminários Temáticos; (b) Semana Missionária e (c) Vigília, no sábado, uma noite antes da romaria, sair às ruas.

Os Seminários Temáticos Preparatórios podem ser presenciais ou híbridos (*i. e.*, presencial e transmitido ao vivo). Organizados de distintas maneiras e a partir de diferentes metodologias a cada edição, o propósito dos seminários é sempre o mesmo, fomentar o debate sobre o tema e o lema da Romaria, já pisando no *chão* da diocese, onde a caminhada ritual irá acontecer. Esses seminários também são momentos de realização de uma análise de conjuntura sobre os fatos, desdobramentos e injustiças que envolvem o caso do desastre do Rio Doce e sobre a mineração em Minas Gerais e no Espírito Santo.

Na Semana Missionária, é feita a acolhida e o *envio* dos missionários/as romeiros/as vindos/as de outras paróquias para as *missões*, nas comunidades urbanas e rurais da paróquia acolhedora. Este trabalho envolve a divulgação da romaria nas escolas; as *missões* de casa em casa; a celebração do Tríduo, nas capelas e na matriz; o reencontro dos/as missionários/as romeiros/as e a partilha dos *testemunhos* do que vivenciaram, viram e ouviram, nos territórios por onde andaram.

Com muitos elementos estéticos, visuais e sonoros, atuando em conjunto para sensibilizar o público que participa, a Vigília é um momento de celebração e *mística* realizado uma noite anterior ao *grande dia*, que abençoa e *envia* o coletivo para a procissão de romaria, preparando o próximo passo rumo ao momento alto do ritual.

Passada essa fase “pré ritual”, o *grande dia* (“intra-romaria”) é o *ponto alto da Romaria* (trecho notícia sobre a quinta Romaria do Rio Doce no Facebook da Diocese de Guanhães, 13.08.2022), momento seguindo as imagens de São Francisco, padroeiro da romaria e do santo local, carregando a cruz da Romaria, os olhos e o corpo são afetados por uma

[...] participação “metacínésica” do espetáculo ou na comunhão de uma marcha livremente adaptada ao ritmo [...] do canto dos cânticos, [em que] a comunidade de certa maneira toma posse dos lugares do seu trabalho, dos seus amores, da sua história, simbolicamente projectados para além do quotidiano pela decoração que os transfigura. [...] (Sanchis, 1983b, p. 36).

Assim, a performance pública da Romaria do Rio Doce produz um

[...] sentimento de estar vivo no coletivo, uma espécie de auge da possibilidade da existência social, de transformação, e a esperança, [...]. [...], uma força que move os corpos e a mente e dá sentido a relacionamentos entre indivíduos próximos e distantes. [...] a sensação de que o nosso “eu” se funde com a multidão [...]. [...], [e] a distância entre indivíduo diminui. (Pinheiro-Machado, 2019, p. 28).

Paradigmaticamente, a caminhada ritual da Romaria do Rio Doce é uma *caminhada de reflexão*, em que a multidão caminha de um ponto ao outro, em direção ao local situacionalmente tornado “centro de devoção”. Num contexto em que atingidos/as pela mineração, militantes de movimentos sociais e ativistas ambientais precisam lidar com a

violência cotidiana (Turina, 2025), a caminhada ritual é um momento de encontro dessa ator-rede “cebista”; garante o anonimato⁸⁸ e promove uma efervescência coletiva (Durkheim, 2008) que possibilita um “dizer coletivo”.

Em meio à multidão, sente-se *coragem* para dizer o que individualmente e no cotidiano, em razão da vulnerabilidade ao risco da violência simbólica e física, evita-se falar. No caso da quinta Romaria do Rio Doce, orientados pelo tema *Bacia do Rio Doce, nossa Casa Comum* e pelo lema desta edição, *Aos pés do Bom Jesus, cuidar da Mãe Terra, das Águas e da Vida*, foi o momento de romeiros e romeiras materializarem coletivamente os *anúncios* e *denúncias* que se viveu, viu e *ouviu*, naquele território que acolhe o ritual.

A fase “pós-romaria” se funde com a preparação da edição seguinte (“pré-romaria”). Quero dizer, a avaliação feita ao final do evento que acaba de se encerrar define o andamento e contribui para ‘acertar o passo’, ao longo do ano que separa uma romaria da outra. Esse período de transição, que chamo “entre-romarias” (~~~~~), é essencial para alinhar os passos rumo à próxima edição. Neste momento, avalia-se (na Comissão do Meio Ambiente da Província de Mariana e na paróquia local que anfitriou a romaria), o que deu certo e errado; faz-se a prestação de contas do projeto de custeio e a busca por apoio e novos recursos para a realização da próxima edição.

Sendo a própria realização da Romaria do Rio Doce um *gesto concreto de fazer alguma coisa em termos de meio ambiente [...] [um] embate com essa questão do meio ambiente* (Gualaxo do Sul, 62 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 17.04.2024), no “pós-romaria”, as *denúncias*, que foram *ouvidas* durante as reuniões, Seminários Temáticos e Semana Missionária, trazidas ao “público”, na performance pública da romaria e na Carta da Romaria, que é distribuída ao público presente e publicada na mídia, podem se tornar *gestos concretos*. Ou seja, denúncias formais direcionadas aos órgãos de justiça, ao legislativo e à mídia. Como me explicou um coordenador,

Essas denúncias podem ser feitas ao Ministério Público, essas denúncias podem ser feitas às Câmaras de Vereadores, podem ser feitas também à sociedade, através da mídia. Então propiciar a denúncia [...] ter uma continuidade, porque q quando você vai numa missão [...] depois você tem, [...] o encontro dos romeiros que tiram uma série de encaminhamentos, né, e depois com o diálogo com o pároco local, tem um encontro de avaliação da romaria, tem uma série de encaminhamentos que ficam (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Mariana, entrevista 08.04.2024).

Além dos símbolos que seguem circulando e marcando materialmente o lugar (as pessoas usando as camisas do evento; as cruzes com as fitas brancas, vermelha e preta, nas

⁸⁸ Cf. Para uma reflexão sobre o anonimato em protestos e manifestações, cf. Thompson (1998) e Lopes (2016).

portas das casas; o cruzeiro; as *lembrancinhas* espalhadas pelas comunidades etc.), soube por uma leiga local que, após as *missões* da quinta Romaria, foi formado um grupo missionário na paróquia.

Como ao caminhar, no caso em tela, a ordem das romarias é processional, sendo “cada passo [...] um desenvolvimento do anterior e uma preparação para o seguinte” (Ingold, 2015c, p. 98). Portanto, como *processo*, é possível afirmar que a Romaria do Rio Doce compartilha da mesma dinâmica que ouvi no contexto de outra romaria, “a gente já termina uma festa pensando na outra”.

Mesmo com menor visibilidade que a procissão de romaria, realizado em salões e casas paroquiais, capelas, em ambientes virtuais (principalmente, depois da pandemia de Covid-19) e de porta em porta, o “entre romarias” é considerado, por alguns membros da coordenação, o momento mais importante do *processo*, exatamente por ser o momento que se desce nas “bases” e se conhece a realidade local. Assim, o “entre romarias” possui significativa importância no processo de vertebração da performance pública da Romaria do Rio Doce.

Como disse padre Manhuaçu, da Arquidiocese de Mariana,

Pra muitos [participantes] ela [a Romaria do Rio Doce] se torna um evento, mas pra nós [organizadores/padres], ela é um processo, houve uma construção anterior, o momento da realização desta romaria e o pós-romaria, que é o esforço de nos sensibilizarmos e de nos movimentarmos mais, articulando melhor os nossos grupos eclesiais, os movimentos populares e sociais, batalhando realmente, como sinal de esperança e de vida pra toda nossa Bacia do Rio Doce (transcrição de fala durante a quarta Romaria do Rio Doce, em vídeo no Youtube)⁸⁹.

Considerado pela coordenação como o momento de trabalho mais desafiante, para a coordenação, no “entre romarias” pode arrefecer a intensidade do trabalho, mas nunca cessa a Romaria. A busca por anuência da próxima diocese a sediar a romaria; o trabalho de divulgação, o “trabalho de base” (reuniões, articulação, mobilização e formação de missionários/as romeiros/as, realização dos seminários temáticos etc.) é realizado para se poder chegar à Semana Missionária da nova edição, momento em que o trabalho preparatório e a presença em torno do santuário se adensa novamente, com a equipe de coordenação da Romaria, missionários/as romeiros/as, membros do clero de fora e demais parceiros passam a se hospedar na paróquia em hospedagens solidárias, na casa dos acolhedores locais.

Um *processo* que gera um trabalho incessante – principal fator para, por exemplo, após dez anos de crime e oito Romarias organizadas anualmente, a coordenação decidir estender este prazo entre uma romaria e outra, para dois anos⁹⁰. Como disse um coordenador,

⁸⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dYJvjC2fEVQ>. Acesso em: 20 set. 2021.

⁹⁰ A começar depois da oitava edição ocorrida em 2025, ano em que se completou dez anos do crime.

[...]. O trabalho maior é durante o ano, de você definir o local, dialogar com os atores, com os responsáveis da diocese, de você definir o local, mostrar a comunidade se eles aceitam ou não, [...]. Então, esse período de um ano, de uma romaria para a outra, a questão de prestar conta das despesas feitas no ano anterior, depois a avaliação daquela romaria, depois pensar o local da outra, dialogar, conseguir recursos, [...]. Então, exige muito tempo, dedicação, presença no processo de construção de uma romaria dessa (Sacramento, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024).

Orientados por um saber incorporado de fazer “trabalho de base”, aprendido nos grupos de reflexão, a partir da prática do método “ver, julgar e agir”, para *ouvir* os *clamores* e poder trazer essas súplicas e *anúncios* a público, na rua – no momento alto de exemplaridade proporcionado pela performance –, uma série de ações e momentos de encontro, formação e mobilização são realizadas no “entre romarias”. Por exemplo, para a realização da Quinta Romaria do Rio Doce, marcada pelo tempo da pandemia de Covid-19, o trabalho começou no início de fevereiro de 2020 e findou (para dar início a um novo começo, uma nova romaria), em setembro de 2022. No período, foram realizadas reuniões virtuais e presenciais, visitas, missas, celebrações e outras.⁹¹

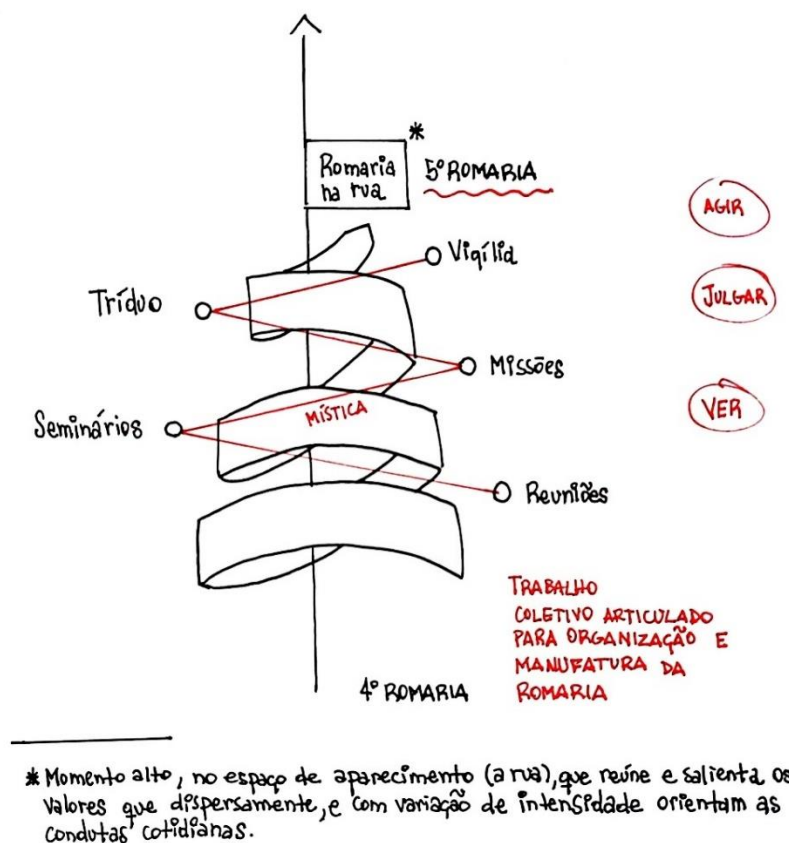
A negociação com o bispo para a anuência visando à realização da romaria; à articulação com o pároco e a comunidade local; à elaboração da carta convite da romaria, à divulgação boca a boca, de mão a mão (em que circulam cartazes, folders, santinhos com a oração da romaria), e nas redes sociais da romaria reuniões remotas e presenciais, no local que acolherá a Romaria ou em outros locais; à elaboração da cartilha do Tríduo com suas questões problematizadoras (*um convite à reflexão*) e a proposição de *gestos concretos*; à realização dos seminários preparatórios; ao contato com as autoridades locais, para pensar a logística, segurança e planejamento da rota da romaria.

Portanto, objetivando tanto construir o ato-romaria, quanto *uma nova Bacia do Rio Doce*, os *anúncios* e *denúncias* são decantados em um longo processo de ver, *ouvir* e refletir (“julgar”) para melhor “agir”. É o “trabalho de base” que possibilita a interlocução e circulação de pessoas, bens e valores morais. É este momento que possibilita a articulação, o *ouvir*, se aproximar e convidar para estar junto na rua. E é o “trabalho de base”, tanto para mobilizar e formar missionários romeiros entre as paróquias das dioceses do Rio Doce, quanto as próprias missões na cidade acolhedora da Romaria. É este trabalho que possibilita a veiculação, reflexão e um aprendizado de uma Igreja cebista que, desde a *Laudato Si*, fala de uma *conversão ecológica*. É assim nos cursos do Mobon, nos grupos de reflexão, com as campanhas da fraternidade; é assim também nas missões e na Romaria do Rio Doce.

⁹¹ Para acesso ao cronograma de ações da Quinta Romaria do Rio Doce para o período de 2020 a 2022, cf. Apêndice 4.

No desenho abaixo (Figura 12), condenso as reflexões apresentadas,

Figura 12 – Momentos rituais da Romaria do Rio Doce (exemplo, quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição, em setembro de 2022)



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Seminário Preparatório

Na quinta Romaria do Rio Doce (2022), por exemplo foram encontros presenciais, com a realização de dois seminários, um em 30 de julho e outro em 13 de agosto, respectivamente, no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Conceição, e no salão paroquial da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Guanhães. Com a participação das comunidades e paróquias dos municípios, a atividade foi promovida pela comissão organizadora da Romaria, formada por pessoas e organizações da Província Eclesiástica de Mariana e da Diocese de Guanhães.

Na quinta Romaria, os seminários contaram com a participação de lideranças católicas comunitárias locais, organizadores da Romaria e clero local. Entre jovens, adultos e idosos,

participaram vinte e três pessoas em Conceição e vinte e nove em Guanhães. Em Conceição, a cidade onde a caminhada ritual aconteceu, compareceram lideranças da cidade e das comunidades rurais de Córregos, Itacolomi, Tabuleiro, Tijucal, e as comunidades quilombolas de Três Barras e Candeias.

Figura 13 – Grupo de lideranças comunitárias locais reunidas para o Seminário Temático Preparatório, no salão da Casa dos Romeiros, no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Conceição do Mato Dentro, 30 de julho de 2022



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Nesses seminários da quinta Romaria, como metodologia para dinamizar a conversa, os mediadores utilizaram a técnica da “cartografia social” para olhar e refletir sobre quais são as *denúncias* os *anúncios* do território. Mediado por membros da coordenação da Romaria e apoio de alguns padres, como nos cursos do Mobon ou em plenários de grupos de reflexão. O grande grupo foi dividido em pequenos grupos, nos quais os mapas em branco foram, pouco a pouco, reflexão a reflexão, sendo alimentados com informações sobre as águas (quantas e onde estão as nascentes, nomes dos rios e córregos afluentes do rio Santo Antonio e do Rio Doce e reunidos os *anúncios* e *denúncias* do território com o uso de ícones e *post-its*).

Foram disponibilizados a princípio alguns ícones representativos de “agricultura familiar”, “comunidade indígenas”, “comunidade quilombola”, “comunidade atingida por mineração”, “movimentos sociais”, “monoculturas”, “mineração”. Os demais *anúncios* e *denúncias* que os ícones não foram representativos foram escritos no próprio mapa ou em *post-*

its e afixados no mapa (Figura 16). Ao final das discussões, os grupos retornam ao grande grupo para apresentar o mapa e o que se discutiu (Figura 14 e 15).

Figura 14 – Pequeno grupo reunido para discussão sobre os *anúncios* e *denúncias* da Diocese, durante o Seminário Temático Preparatório, para a quinta Romaria do Rio Doce, no salão paroquial da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Guanhães, em 13 de agosto de 2022



Fonte: Diocese de Guanhães (2022).

Figura 15 – Grupo apresenta os *anúncios* e *denúncias* da Diocese, durante o Seminário Temático Preparatório para a quinta Romaria do Rio Doce, no salão paroquial da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Guanhães, em 13 de agosto de 2022



Fonte: Diocese de Guanhães (2022).

chão), onde missionários e missionárias romeiros/as foram acolhidos/as, onde pisaram e, além de ter se transformado em um painel que foi às ruas, junto a outros símbolos materiais.

O mapa foi estampado no tecido, com uma sobreposição com colagens de ícones representativos dos *anúncios* e *denúncias* e ornado com bordas de chita costuradas. Assim, saiu às ruas anexado ao fundo do carro de som, ornando-o junto às faixas laterais da romaria e alguns cartazes pintados com cruzes, aleatoriamente, afixados em torno do veículo e uma faixa com *gritos* de protesto (como *atingidos clamam por justiça!!*; *Vale-Samarco-BHP mentirosas e queremos o Rio Doce vivo!*) (Figura 17).

Figura 17 – Mapa das *denúncias* e *anúncios* da quinta Romaria do Rio Doce, estampado em tecido com colagens e bordas de chita costuradas, produto dos Seminários Temáticos Preparatórios, ornando o carro de som, em Conceição do Mato Dentro, em 04 de setembro de 2022



Fonte: Ramon da Silva Teixeira (2025).

Semana Missionária

Como me explicou uma coordenadora, tal como na tradição das Romarias Estaduais da CPT, as Romarias do Rio Doce sempre são precedidas por *missão* (Serra do Brigadeiro, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 17.04.2024). Ou seja, a caminhada da Romaria da Bacia do Rio Doce é precedida por uma Semana Missionária, momento em que um grupo de leigos e leigas da Igreja Católica – como lembrou a coordenadora, ligados *principalmente às comunidades das CEBs* (Serra do Brigadeiro, entrevista 17.04.2024) e

formados no seio das Santas Missões Populares⁹³ –, sobretudo, mulheres idosas e aposentadas, realizam visitas de porta em porta nas casas e também nas escolas, no campo e na cidade, no município onde irá ocorrer a romaria.

Ação feita em duplas ou em grupos, com o apoio ou não de leigo ou leiga da comunidade católica anfitriã, as *missões*, como me disse uma missionária romeira, é *ser Igreja fora do templo* (Rio Eme, 77 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 15.04.2024). O grupo de missionários/as romeiros/as também pode ser composto por fiéis de outras igrejas cristãs. Durante o trabalho de campo no contexto da Semana Missionária da sexta edição (capixaba) da Romaria, o grupo de missionários/as romeiros/as que acompanhei, fazendo *missão* em Colatina, havia um jovem missionário indígena pataxó, vinculado à Igreja Assembleia de Deus, que chegou a Colatina no ônibus de missionários/as organizado, vindos das comunidades da Diocese de Governador Valadares.

Durante a Semana Missionária, a densidade de pessoas agindo em torno do *santuário* é maior, quando começam a chegar as vans com as missionárias e missionários. Alguns, chegam em carros próprios ou vem de carona. Nas *missões* feitas uma semana antes da romaria, missionárias/os romeiras/os andam pelas ruas e estradas, entram nas casas, *rezam, ouvem*, falam, convidam a população e ajudam na divulgação local da romaria. Neste momento, como foi no “entre romarias”, circulam pessoas e coisas, como os cartazes, santinhos da romaria, cartilhas, folder, jornais entre outros materiais (Figura 18).

⁹³ Grupo de missionários e missionárias organizado e formado na Diocese de Ipatinga/Cel. Fabriciano por pe. Ernesto, tão lembrado por todos, romeiros-missionários, membros da coordenação e demais padres como uma pessoa importante para a história desta romaria.

Figura 18 – Material da quinta Romaria do Rio Doce, distribuído durante a Semana Missionária, em Conceição do Mato Dentro



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

Como ouvi, nas *missões*, encontram resistências (portas fechadas, famílias que não atendem e não recebem os missionários romeiros). Mas, há também, como me disseram, muita troca entre os missionários e anfitriões. Devidamente orientados/as, durante as formações, a partir da leitura da cartilha da Romaria e durante o *envio* para as *missões*, há da parte dos missionários/as uma maneira de abordar as famílias para *ouvir*; ir ao encontro do outro para cuidar, *confortar* e contribuir com a superação do sofrimento (associado ou não ao crime do rompimento). Além, a circulação pelos bairros e comunidades rurais, faz parte de um processo de tomar contato com a realidade local pela escuta, vivência, troca de experiências e cuidado que, posteriormente, traduzir-se-á em um conhecimento sobre a realidade local, em *denúncias* e *anúncios*, em símbolos que serão mostrados no dia do ato-romaria.

As missões e os seminários preparatórios são orientados por uma “‘evangelização anunciativa’, cujo compromisso era a educação, a conscientização e a realização do trabalho conjunto ao povo atingido” (Brito, 2025, p. 15). Essa compreensão das missões como momentos para poder *ouvir* e ajudar o outro, saber o que está acontecendo naquele *chão* que acolhe a Romaria, motiva a muitos jovens e velhos/as missionários/as romeiros/as a se voluntariarem para tal ação de base.

Como disse Rio Tanque, 27 anos, de São Sebastião do Maranhão, Diocese de Guanhães, *o que motivou é saber o tanto que as pessoas precisam, que muitas vezes as pessoas não têm noção do que está acontecendo*. Como me disse uma missionária romeira, que conheci em

Conceição e que depois encontrei novamente na Semana Missionária, em Regência, na sexta edição, o que a motiva se voluntariar, todos os anos, *é justamente para ouvir as pessoas e ajudar as pessoas no sofrimento* (Cachoeira da Bocaína, 71 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 15.05.2024). Como me disse outra missionária,

[...]. A gente encontra muitas pessoas que estão precisando de uma palavra amiga, de uma conversa e às vezes tem filhos, mas os filhos não tem aquela atenção que elas precisam, de conversar. [...]. Então você fica, descobre coisas e muitas vezes você não está levando nada, você traz conhecimentos para sua bagagem (Rio Eme, 77 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista em 19.04.2024).

De porta em porta, na celebração do Tríduo, ao fim do dia de *missões*, é o momento em que não só se reza, mas também se partilha e se reflete sobre os problemas do lugar (sobretudo, os relacionados à mineração) e se busca encontrar uma solução concreta (um *gesto concreto*) para eles, a partir das questões que vão refletir sobre os *fatos da vida*. Uma espécie de pedagogia da escuta do outro, a partir do *chão*, do *terreno onde eu piso*, que se dispõe a desvelar conjuntamente as contradições em que estão imersos, suas consequências, possíveis alternativas e soluções. É o momento, como ouvi, o missionário/a romeiro/a se abre para *a necessidade* do outro.

Como me disse uma missionária-romeira de Ipatinga-MG, *missão não é passeio, é compromisso*; é o momento de *ouvir os clamores* do lugar (Corrente Grande, 74 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 16.04.2024) Trata-se de um *compromisso ético com as famílias que acolhem* os missionários, os romeiros e a romaria em sua comunidade. Assim, as missões têm uma importância capital para as Romarias do Rio Doce, por serem, por meio delas que se faz o trabalho de divulgação “boca a boca”, visitando-se o maior número de casas do lugar, católicas ou não, a fim de se *ouvir os clamores, denúncias e anúncios* do local, falar sobre o tema e o lema da romaria e mobilizar as pessoas locais, convidando-as, para participarem da caminhada, no domingo, dia da romaria.

São oportunidade também para as/os missionárias/os-romeiras/os, vindas/os de outras cidades/paróquias/dioceses, conhecerem a realidade local. Tudo isso, para que, no dia da caminhada, o que se ouviu, viu, viveu, rezou-se e se debateu, durante a semana – nas visitas, nas celebrações nas comunidades do Tríduo da romaria e na reunião de avaliação das missões –, possa ser mais bem *traduzido*, por meio de palavras (faladas e cantadas), sons, cores e gestos, durante a caminhada da romaria. Em síntese,

[...] a missão é uma coisa que é... um mergulho na realidade local. [...] a construção de uma Bacia do Rio Doce tem que ser construída a partir de ouvir o povo, a partir do diagnóstico da realidade local, do saber e do acúmulo do povo, a partir de olhar a realidade local, é que a gente quer construir uma nova Bacia do Rio Doce. Então,

nesse sentido, [...], as missões são muito importantes. Você vai na comunidade, você ouve o povo, o povo fala como é que deveria ser, o povo fala como é que a mineração está atacando eles, né. [...] (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024).

Ciclo de romarias: percorrendo a Bacia do Rio Doce para *fazer santuário do povo*

A Romaria do Rio Doce é *um caminho de chegar até as comunidades* (Sacramento, coordenação, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024). Assim, sabendo que o rompimento da barragem da Samarco é *um crime que se renova* (Serra do Brigadeiro, coordenação, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 08.05.2024) e cujas consequências se derramam multidimensionalmente, agravando as vulnerabilidades das comunidades afetadas (Silva, 2024), a romaria é itinerante, e vem circulando a Bacia do Rio Doce. Itinerância – expressa em *fazer santuários* para não esquecer do crime e lutar por justiça às vítimas (Vecchioli; Cotoggio, 2019), num gesto que tem a ver com a necessidade da permanência e fortalecimento

[...] das lutas [dos] camponeses, indígenas e quilombolas, bem como de ser denúncia dos impactos negativos sobre povos nativos e tradicionais causados pelo uso de agrotóxicos, pela concentração de terra, dificuldade de acesso à água de qualidade, mineração, especulação fundiária, construção de grandes barragens e canais, assim como tantos outros projetos do grande capital. [...] (Roteiro liturgia da vigília da quinta Romaria do Rio Doce, 2022, f. 4.).

Diante de um desastre “em curso” (IBAMA, 2015, p. 3), cujo *rastro de lama e destruição* gerou e continua a gerar uma série de afetações, dor e sofrimento e injustiças (Das, 1995), e cuja previsão para a resolução dos problemas, tendo em vista a morosidade da justiça e de recuperação do Rio Doce, como disse uma coordenadora,

[...], esse processo nosso de continuidade, de caminhada, de celebrar e de fazer naquele território, esse espaço, não existe um limite de encerrar. A gente espera que as pessoas nos precedam, [...]. [...] não existe uma temporalidade, se a gente tem o debate de ser um santuário, que você transforma um espaço num santuário, não se fecha santuários (Serra do Brigadeiro, 57 anos, Diocese de Itabira/Ce. Fabriciano, entrevista 08.05.202).

De maneira mais ampla, como me disse outro interlocutor, *enquanto tiver mineração em Minas Gerais, ela [a Romaria] vai ser necessária, e não vai acabar tão cedo, né, a mineração em Minas Gerais* (Córrego da Ferrugem, coordenação, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024). Portanto, tem-se *o entendimento que não existe uma temporalidade* para a Romaria se encerrar. Como me explicou, quando foi feita a conversa com os bispos da Província Eclesiástica de Mariana, a princípio, a romaria estava prevista para ser

realizada apenas nas quatro dioceses que integram a província (Arquidiocese de Mariana, Diocese de Caratinga, Diocese de Governador Valadares e Diocese de Itabira-Cel. Fabriciano), todavia se ampliou para *o que a gente está chamando de Província de Mariana estendida* (Córrego da Ferrugem, coordenação, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024), sendo incluídas na rota das visitas rituais as dioceses de Guanhões e Colatina.

Neste contexto, fala-se de um *ciclo* de romarias, conectado pelo “entre romarias”. A explicação que o membro da coordenação me deu, para como se escolhe o próximo local onde irá acontecer a próxima romaria, desvela a lógica deste *ciclo*, dando sentido para a circulação da caminhada ritual com base no que se quer *dar visibilidade* com a Romaria. Como conversamos:

[...] como se dá a escolha do próximo local em que a romaria será realizada? Qual o critério utilizado para a escolha do próximo local a ser realizada a Romaria?

Então, como é uma Romaria da Bacia do Rio Doce pra ampliar o crime, né, então, os critérios primeiro foi ser no que a gente está chamando de Província [Eclesiástica] de Mariana estendida, [...] ser uma diocese ou arquidiocese da Bacia do Rio Doce, né. Então esse é um critério, claro. Nós começamos por Resplendor, que no momento era o que a gente queria dar visibilidade, e depois também são as conversas que são feitas com os bispos que eles se dispõem a receber, né. E aí nós fomos indo, nós passamos pelos cinco territórios que a gente considera. Começou lá em Resplendor, que é Diocese de Valadares, depois veio para Caratinga, depois veio para Itabira, depois veio para... não, antes, na terceira em Mariana, né, a quarta em Itabira, depois em Conceição, né. E depois Regência, e fechou o ciclo, né. Ai agora voltou pra primeira (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista, 08.04.2024).

Com o objetivo de construir uma *nova Bacia do Rio Doce*, a partir de uma *mística de rodar para ouvir os clamores* dos que sofrem e *torná-los públicos*, acompanhando o caminho das águas do Rio Doce e seus afluentes, da nascente à foz do Rio Doce, a romaria percorre (e objetiva percorrer) toda a Bacia do Rio Doce. Assim, desde sua primeira edição em 2016, já foram realizadas oito romarias, cada qual em uma diferente paróquia de alguma das dioceses desta *Província de Mariana estendida*.

Em outros termos, a Romaria do Rio Doce configura um “centro de devoção” plástico, que se move a cada ano pelo território da Bacia do Rio Doce e se adapta ao local, a fim de marcá-lo e sacralizá-lo. Assim, tal ‘centro’ não é um lugar fixo, mas a narrativa sobre o crime socioambiental do rompimento da barragem da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton, que funciona como força aglutinadora; reúne romeiros e romeiras todos os anos para *denunciar* a morte/martírio do rio Doce e rezar pela sua ressurreição/regeneração.

Em 2016, em Resplendor-MG, Diocese de Governador Valadares. Em 2017, em Caratinga-MG, Diocese de Caratinga. Em 2018, em Ponte Nova-MG, Arquidiocese de

Mariana. Em 2019, em Itabira-MG, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano. De 2020 a 2022, em Conceição do Mato Dentro, Diocese de Guanhães. Em 2023, em Regência, Linhares-ES, Diocese de Colatina. Em 2024, em Naque-MG, Diocese de Governador Valadares. E, por fim, em Mariana, Arquidiocese de Mariana, em 2025.

Ela. [...] a Romaria das Águas da Terra Bacia do Rio Doce foi... é um debate, uma discussão toda da Província [Eclesiástica de Mariana]. Então, os bispos aprovaram fazer nas quatro [dioceses da Província]. [...]. Aí depois a gente estendeu [para a Diocese de Guanhães e para o estado do Espírito Santo] para continuar fazendo na... fechando a bacia (Serra do Brigadeiro, 57 anos, coordenação, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 17.04.2024).

Em seu primeiro ciclo, a romaria se iniciou em Resplendor (em 05.06.2016) e percorreu todas as dioceses do Rio Doce até o Espírito Santo, na seguinte ordem: segunda em Caratinga (em 04.06.2017); terceira em Ponte Nova-MG (em 03.06.2018); quarta em Itabira-MG (em 02.06.2019); a quinta em Conceição (excepcionalmente em 05.09.2022) e sexta na Vila Regência, Linhares-ES (em 18.06.2023), concluindo *um processo iniciado em 2016 com a realização de romarias que percorreram, em nossas dioceses toda a extensão da Bacia do Rio Doce* (trecho da Carta da sexta Romaria, 2023). De 2016 a 2023, este *ciclo* durou oito anos e contou com seis romarias na rua.

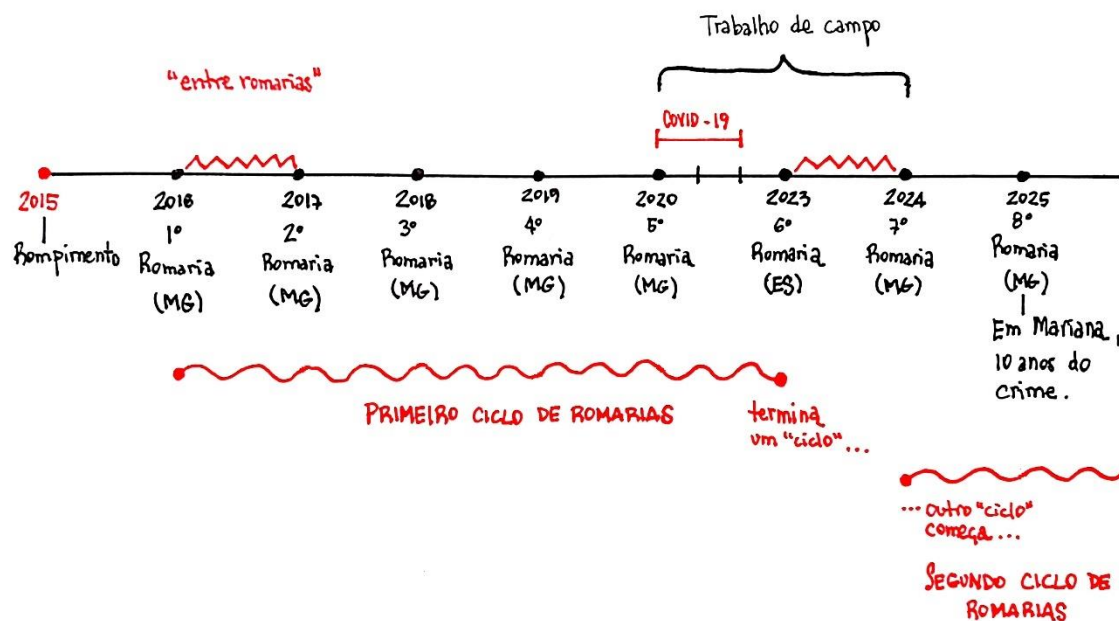
Terminado o primeiro *ciclo* – *i. e.*, depois de percorrido toda a bacia do Rio Doce até sua foz –, como disse um membro da coordenação, *estamos voltando para* [a Diocese de Governador] *Valadares novamente, onde aconteceu a primeira Romaria* (Sacramento, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024), começando um segundo *ciclo* de romarias. Neste segundo ciclo, consideram-se a sétima Romaria, ocorrida em Naque-MG (em 16.06.2024) e a oitava edição, realizada na cidade de Mariana (em 09.11.2025), no ano em que se completaram dez anos do rompimento. No Mapa 3, é possível ver a dinâmica de circulação ao longo da Bacia do Rio Doce, ao longo de dez anos de crime, das oito romarias realizadas.

Um adendo importante. Às vésperas da sexta Romaria do Rio Doce (que encerrou o primeiro *ciclo* destas romarias), é interessante lembrar que a edição em Conceição, que escolhi olhar melhor, concluiu *o ciclo das romarias no Estado de Minas Gerais* (trecho publicação Facebook da Diocese de Guanhães, 13.08.2022) e, como cravado na placa de alumínio polido rebitada diretamente no madeiro da cruz, desta edição, após seu afincamento, também marcou *o fim da pandemia do Covid-19*.

O desenho abaixo sumariza a dinâmica da realização das oito Romarias do Rio Doce, realizadas em um conjunto de dois *ciclos* marcados por um simbolismo temporal e geográfico, conectando o “marco zero” da romaria, o rompimento da barragem da Samarco, Vale S. A. e

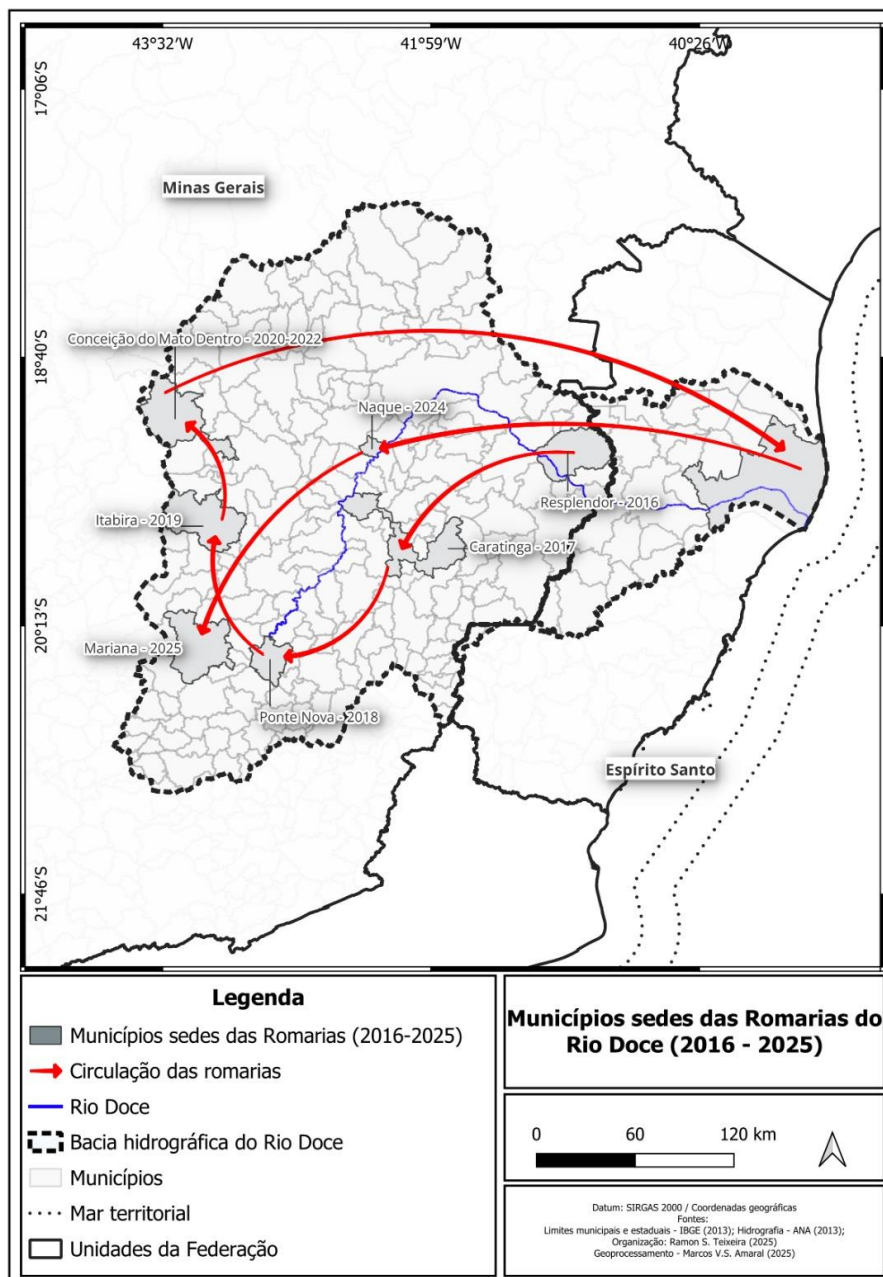
BHP em 2015, com um processo cíclico de resistência e memória em uma década do desastre-crime.

Figura 19 – Ciclos das Romarias do Rio Doce (2016-2025), uma década depois do crime-desastre do rompimento da barragem de rejeitos da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Mapa 3 – Locais de realização e circulação da Romaria do Rio Doce, ao longo de dez anos do crime



Fonte: Marcos Vinicius da Silva Amaral (2025).

A contento, as Romarias do Rio Doce podem ser vista como idas *celebrativas* para fazer um *santuário* em alguns pontos da bacia, no local onde se propõe a pisar, numa devoção complexa, conectando em várias linhas, diferentes mortos que são sacralizados (Souza, 2016, 2019). Como ouvi, a romaria é a expressão de celebrar, em que a gente pode nesses momentos fazer uma celebração como denúncia ao processo de injustiça vinculado ao desastre. Celebrar também é:

[...] tornar memorável momentos de nossas vidas. [...] é um momento de celebração de lutas, vitórias, cultura, arte, espiritualidade e de denúncia de tudo que ameaça a vida e a natureza, criação de Deus. [...] celebração trazendo a memória de tantos irmãos/as [...] (trecho do roteiro liturgia da vigília da quinta Romaria do Rio Doce, 2022, f. 2-4).

Como disse Lucimere, *romaria é carregada de santo, carregada de simbolismo*. Considerando que, exceto a devoção ao Espírito Santo, na devoção católica “é sempre um ser humano concreto – um morto – que cristaliza a presença do sagrado” (Sanchis, 1983b, p. 35), nas Romarias do Rio Doce, não é diferente. Só que, no caso da romaria em questão, são lembrados os mortos humanos, não humanos e o próprio Rio Doce, que figura no discurso de meus interlocutores como um “outro que humano” (Cadena, 2019), isto é, como um ser senciente que foi morto pela lama de rejeitos tóxicos.

Deste modo, nas Romarias do Rio Doce materializa-se a devoção que move romeiros e romeiras, em direção a um “centro de devoção”, imagens de santos e estandartes, faixas, cartazes e místicas que recordam os mártires da luta – sobretudo, aqueles e aquelas que foram assassinados em razão da defesa do meio ambiente, da Reforma Agrária – e “outros que humanos” martirizados pela extrativismo predatório e os megaempreendimentos (como é o caso do Rio Doce, além de outros rios, ribeirões, córregos, serras, montanhas, matas), que são expostos aos olhos e sentidos pelos símbolos, presentificados e sacralizados⁹⁴.

Nesta devoção, que estou chamando “ecológica”, vi se relacionarem, durante as três romarias que vivenciei: São Francisco (padroeiro da Romaria), Nossa Senhora da Conceição, Senhor Bom Jesus do Matosinho, São Benedito, Caboclo Bernardo, Santo Antônio, Nossa Senhora da Abadia da Água Suja, mortos pelo crime da Samarco, mortos no crime da Vale em Brumadinho (as *joias de Brumadinho*), o *Mártir Jesus*, os *mártires da luta* que tombaram em defesa da vida, da reforma agrária, das águas, das serras, dos rios – sendo o Rio Doce ou *Watu* (rio/divindade morto pela lama tóxica), o ‘nó’ que amarra o ‘panteão’.

Os *ciclos* se referem, portanto, ao conjunto de visitas *proféticas* a um local/território da bacia do Rio Doce, para ali fazer um *santuário do povo*, uma *reflexão* e uma *caminhada sobre o tema [...] do meio-ambiente* (Sacramento, coordenação, 60 anos, Diocese de Governador Valadares, entrevista 15.05.2024), *denunciando*, *anunciando*, *fazendo memória* para nunca esquecer; e, ao mesmo tempo, com *fé*, devoção e movimento, esperar um *Rio Doce vivo* de novo, *limpo e sem rejeitos* (trecho Carta da sexta Romaria do Rio Doce, 2023) e *clamar* para que não se repitam crimes como o rompimento da Samarco.

⁹⁴ Sobre os processos de sacralização da natureza e de naturalização do sagrado, cf. Carvalho e Steil (2008).

Seguindo o ciclo: a Romaria do Rio Doce vai à Conceição do Mato Dentro

Como evento grande que é, para escolher uma cidade que acolha a Romaria do Rio Doce, como me disse uma interlocutora da Diocese de Caratinga, pensa-se *onde passa o rio [Doce], [...] onde passa o rio, que faz parte do Rio Doce. [...] A gente olha a logística de uma cidade que possa receber um número expressivo de participantes. [...] Então é mais pela questão de logística também e onde nós temos os afluentes do Rio Doce* (Mombaça, coordenação, 45 anos, Diocese de Caratinga, entrevista 26.04.2024). Mas, não só.

Por exemplo, Conceição do Mato Dentro, uma cidade já acostumada a receber todos os anos milhares de romeiros e romeiras do Senhor Bom Jesus do Matosinho, apesar de não ser uma cidade atingida pelo crime da Samarco, foi escolhida pela *logística* e por ser o berço da nascente de um importante *afluente* do Rio Doce (o rio Santo Antônio), mas também por ser um local onde a mineração de ferro, a céu aberto, com uma barragem de rejeitos que avança e ameaça as águas e a vida, sendo um contexto de conflitos socioambientais.

Além, a escolha desse local foi influenciada pelo fato de Conceição sofrer o impacto da mineração, pelo apoio institucional, conseguido junto ao clero – com a anuência do bispo diocesano e a adesão e parceria de padres locais – e pela experiência de “saber receber” romeiros/as acumulada em 239 anos de Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Somaram-se, a esses fatores, a presença de movimentos sociais de resistência à mineração, atuantes no território, como o MAM, o REAJA e o MoveSAM, reforçando a decisão por esse ponto na Bacia do Rio Doce e a articulação com os esses movimentos. Em outros termos, como me explicou um membro da coordenação,

A gente sempre falou, né, que Conceição do Mato Dentro, Diocese de Guanhães, tem um afluente muito importante, que é o rio Santo Antonio, que a gente acredita para o Rio Doce voltar ter vida, o rio Santo Antonio é muito importante, porque é um dos rios que desagua no Rio Doce que tem mais fitoplâncton e peixe, né. Então, é muito a partir da Bacia do Santo Antonio, muito a partir da Anglo American. Então, esses dois critérios. É atingido pela mineração, a Anglo American é forte. E aí vem o Serpentina⁹⁵ agora também, né. E o afluente, e também por ter um bispo sensível, né, o Dom Otacílio é um bispo sensível, é um bispo da ação social, ele é o responsável na CNBB pela Comissão da Ação Social Transformadora, então, muito a partir desses, dessa questão aí, né. Ter afluente forte, ter mineração forte, Serra da Serpentina e Anglo American, e o Minas-Rio, né, e a sensibilidade de Dom Otacílio (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024).

⁹⁵ No contexto da expansão das operações de extração de minério de ferro, localizado a apenas 3 km de Conceição, a iniciativa empreendida pela Anglo American com participação acionária da Vale S. A., entre outros impactos, prevê a abertura de dezoito cavas e a construção de um mineroduto de 107 km até Nova Era-MG (Dotta, 2022; MG: comunidades..., 2023; Vale..., 2024).

Dois anos de espera para ir às ruas: uma romaria em meio a uma pandemia

Conforme projeto da quinta Romaria do Rio Doce, a edição foi planejada para acontecer em 20 de julho de 2020. Contudo, a pandemia de Covid-19 e as medidas de isolamento social interromperam a sequência anual regular do evento, adiando sua realização nas ruas e estendendo significativamente o período “entre romarias”. O tempo *sui generis* que o mundo inteiro viveu com a pandemia, que vitimou milhares de vidas e impôs, a quarentena social com todas suas implicações para a dinâmica da ação coletiva, alterou o andamento do planejado.

Como forma de manter o vínculo com as comunidades, missionários e romeiros, a coordenação resolveu realizar uma “romaria virtual” (Guimarães, 2022). Isto é, nos anos de 2020 e 2021, diante da pandemia, foi realizada e transmitida através do Facebook e YouTube, uma programação pré-romaria, de forma que o *processo* de construção da Romaria não fosse interrompido. Num período “entre romarias”, que se estendeu por um pouco mais que dois anos, em 2021, no período de 16 a 19 de julho foi realizado um Tríduo e uma missa no domingo, realizada com a presença de Dom Otacílio, na Catedral de São Miguel Arcanjo e Almas em Guanhões (Diocese de Guanhões) e transmitida virtualmente; em 2021 foi realizada, no dia 04 de junho, uma missa transmitida ao vivo, direto da paróquia de Sant’Ana, na cidade de Abre Campo (Arquidiocese de Mariana), terra natal do padre Nelito Dornelas (1962-2021), um dos idealizadores da romaria, vitimado pela Covid-19.

Como disse Santa Maria do Rio Doce, a pré-romaria virtual esteve

[...] em sintonia com o cenário de pandemia que estamos vivendo. Ela surge considerando a importância das missões que são realizadas nas comunidades da cidade que acolhe a Romaria. Como neste período não podemos fazer as missões dessa forma, precisamos nos reinventar e criar novas metodologias que mantenha ativo o processo de evangelização articulado com a proposta da Igreja em saída. [...] Considerando que nossos lares se tornaram espaços de celebração e vivência da fé, constituímos assim a Igreja Doméstica, e com as lives chegaremos a muitas famílias⁹⁶.

Como se vê, a tradição da Romaria do Rio Doce precisou se adaptar no período da quarentena e esse processo foi incorporado no período pós-pandemia, com a ampliação do virtual, com seus efeitos positivos e negativos para a ação coletiva. Por exemplo, na quinta Romaria, o saber fazer *lives* e transmitir missas e celebrações, foi crucial para sua continuidade e manutenção do “trabalho de base” e manter as dioceses mobilizadas (Guimarães, 2022). Durante a entrevista, a conversa que tive com um coordenador sobre o impacto da pandemia de

⁹⁶ In: Cantarino Silva (2021).

Covid-19 para a Romaria do Rio Doce sintetiza bem o “novo normal” que passou a se colocar para coordenar e organizar um *evento de massa* e de rua como uma romaria como essa. Como conversamos,

Na sua opinião, qual foi o impacto da pandemia de Covid-19 para a realização da quinta Romaria, que foi aqui, em Conceição do Mato Dentro? Ou, das romarias de modo geral, qual foi o impacto da pandemia de Covid-19 na sua opinião?

Então nós fizemos duas romarias virtuais para poder ser a de Conceição. [...] a Romaria de Conceição foi a mais impactada com isso, né. E o medo do povo, né. Ainda há, né, até hoje. Primeiro a facilidade do virtual, o povo acostumou com a questão virtual. A pouca participação no processo preparatório, principalmente dos seminários, né. O povo estava acostumado com o seminário virtual. [...] é uma comodidade. Você perde o corpo a corpo. A pandemia influencia nesse negócio do virtual, que tem pontos positivos, né. Se você faz um seminário presencial e amplia através do modo híbrido, então, isto é, isto é, isto é. Mas, por outro lado, você tem essa questão de diminuir a participação também, né (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Diocese de Belo Horizonte, entrevista 08.04.2024).

Como disse Pancas, no momento de arrefecimento das mortes com a vacinação, o retorno ao presencial, *manter essa romaria é um a grande oração entre nós*. Depois da última reunião presencial, antes do início da pandemia, pelo *chamado* do pároco, em fevereiro, no grupo de Whatsapp, com coordenadores e parceiros, a coordenação só se reuniu novamente presencial em Conceição, para começar a pensar a romaria na rua, apenas em 29 de março de 2022.

Repetindo um passo a passo que possibilitasse a viabilidade do ato-memória, previsto para se realizar no dia 09 de setembro de 2022, de março a setembro, o trabalho foi intenso, com calendários de reuniões remotas e presenciais, em Conceição (29 de março; 4 de maio; 1º e 2 de junho); participação, nos últimos dias no 235º Jubileu do Bom Jesus do Matosinho, ocupando a Tenda da Palavra com uma programação de *místicas* e distribuição de santinhos com a oração da romaria e folders para o público de romeiros e romeiras do Bom Jesus de Matosinhos (23 e 24 de junho); trabalho de divulgação; elaboração e distribuição da cartilha da romaria e formação e mobilização de missionários romeiros nas dioceses, nas comunidades, para participarem da Semana Missionária; realização de dois Seminários Preparatórios na Diocese de Guanhanes, em Conceição (30 de julho) e Guanhanes (29 de agosto).

Realização da Semana Missionária, com as missões, trabalho de divulgação da romaria, nas escolas, e a celebração do Tríduo, nas capelas, ao fim do dia (29 de agosto a 1º de setembro), uma reunião de avaliação (2 de setembro), culminando no dia 3 de setembro com a celebração da Vigília, no adro do Santuário do Bom Jesus do Matosinho, um dia antes do *grande dia*.

Vigília

No caso das Romarias do Rio Doce, precede também à caminhada uma celebração de Vigília, no sábado, na noite anterior à caminhada. Nesse momento, as representações simbólicas estão em primeiro plano, na celebração e durante a *mística* que é performada. Uma prática política estabelecida para este coletivo “cebista”, a *mística* desvela um discurso coletivo de “uma categoria social por meio de uma linguagem simbólica e ritual” (Castro et al., 2009, p. 183).

A *mística* é uma atividade vivenciada por vários movimentos sociais populares, com base em experiências compostas de reflexões políticas e afetivas das lutas sociais, caracterizada pela implementação de atividades cênicas com a finalidade de representar a luta, a prática militante e a história conhecida e vivida (BARBOSA, 2019, p. 10-11). [...]. A *mística* desempenha papel fundamental nos espaços políticos, proporcionando uma dimensão simbólica e emocional que vai além da análise e discussão puramente intelectual. Integrada de forma efetiva às lutas dos movimentos, a *mística* é incorporada como ferramenta estratégica para fortalecer a coesão, a identidade e a motivação das(os) participantes [...]. Esses elementos, quando combinados, criam uma experiência rica e simbólica que fortalece a identidade, a coesão e a motivação dentro do espaço. [...]. Portanto, a *mística* pode apresentar estruturas concretas de uma luta interessada em construir uma organização consciente do papel político místico (Santos, 2024, p. 28-29).

Geralmente, é onde os *clamores* são materializados na *mística*, na fala de quem celebra (padres e leigos) e de algumas pessoas da paróquia local, convidadas a contribuir com a liturgia ou que se dispõem a falar sobre sua realidade. Em Conceição, esse momento ocorreu por volta das sete horas da noite, no dia 3 de setembro de 2022, na noite anterior ao *grande dia*.

A celebração foi composta por onze momentos, coordenados por membros da coordenação com o apoio do clero local. Foram eles, a chegada, o acendimento do Círio, a abertura, a o momento da recordação da vida, cantoria de um hino, a leitura do Salmo, a iluminação bíblica com a leitura de um evangelista (Mateus 5, 13-16), momento de reflexão e partilha do Tríduo na Semana Missionária, preces da comunidade, e o momento de *envio* para a procissão de romaria no dia seguinte.

Figura 20 – Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, na noite da Vigília da quinta Romaria do Rio Doce, em 3 de setembro de 2022



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

Transmitido ao vivo pela Pascom da paróquia, através do Youtube e outras redes sociais, no adro em torno do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Em uma grande roda se reúnem acolhedores locais, missionários romeiros, leigos e leigas locais, pessoas convidadas pelos missionários, durante as missões, alguns romeiros caminhantes que já chegaram, padres e o bispo da diocese; enfim, homens e mulheres, jovens, adultos, idosos presentes para *rezar, anunciar, denunciar e fazer memória*.

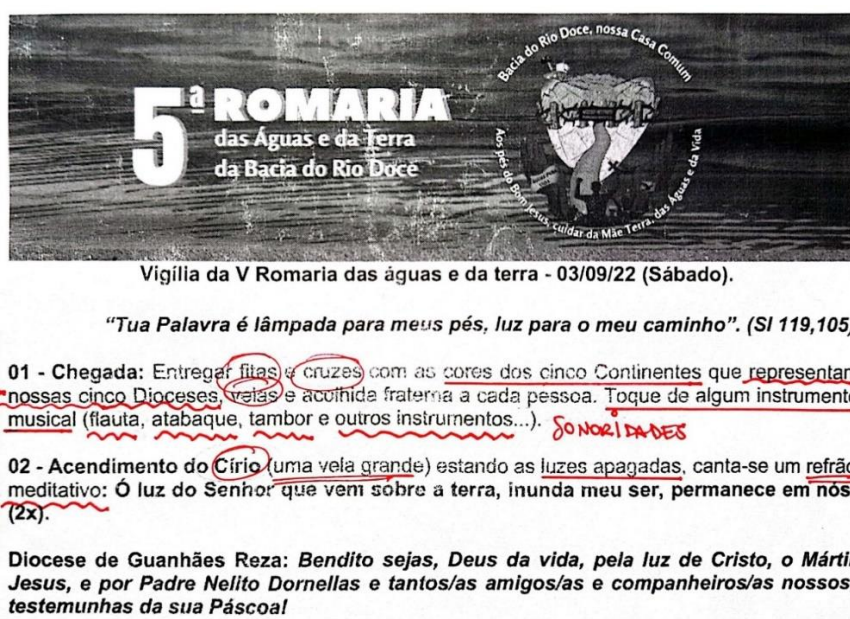
Uma memória que, somada à memória do crime e suas vítimas, como entoadado, lembrou-se também

[...] do nosso Patriarca: Dom José Maria Pires [...] as testemunhas da Esperança: Dom Antônio Felipe, Dom Tomaz Balduino, Dom Helder Câmara, Dom Luciano Mendes, Dom José Mauro, Dom Pedro Casaldáliga, padre Ernesto Barcelos, Sebastião (Tião), padre Itamar [...] o Mártir Jesus! [...] todos nossos mártires: Dom Oscar Romero, padre Gisley, padre Josino, padre Ezequiel, Irmã Dorothy, Irmã Adelaide, Margarida Alves, Chico Mendes, João Calazans, Marielle [Franco], Bruno Pereira, Dom Phillips... [...] Irmã Nicole, Hélio Martins, [...] Patrono da nossa Romaria, padre Nelito Nonato Dornellas [...] todas as vítimas do COVID-19, as de perto e as de longe, e também seus familiares, que mesmo em meios ao luto buscam em Deus a força e o ânimo para continuar suas vidas [...] (trecho Roteiro liturgia da vigília da quinta Romaria do Rio Doce, 2022, f. 1-2).

Assim, sob a coordenação de uma equipe de liturgia (que pensou “o lugar olhado e sentido das coisas”), com o apoio do animador, convidado para fazer a animação da Romaria e

uma equipe de canto, o rito ocorreu com a participação de todos e todas presentes, que vão sendo envolvidos/as e vão se envolvendo na cantoria e no som dos instrumentos musicais, dividindo as leituras, observando gestos dos outros ou reproduzindo gestos, palavras e orações em uníssono, num enlace que vai produzindo em ato a *mística* da quinta Romaria do Rio Doce. A abertura com a *chegada* e o *acolhimento* da celebração, no trecho do roteiro da liturgia abaixo, ajuda a recordar aquele dia⁹⁷.

Figura 21 – Recorte do roteiro da liturgia da Vigília da quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro, ocorrida em 3 de setembro de 2022



Fonte: Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana (2022).

Fitas, faixas das Romarias realizadas e da quinta Romaria, jarros d’água, cruzes, cores, Círio (vela grande) e velas, refrões meditativos, água, fumaça, cheiros, gestos, tecidos e chitas, mapas, estandartes, flores, violões, tambores, cantos e cantorias, mandioca, inhame e batata doce (partilhados antes da benção de *envio* dos romeiros e romeiras) “mobilizam-se e são mobilizadas, ativam-se, enredam-se e entram em operação” (Menezes, 2021, p. 11) para fazer o sagrado (*sacra facere*) e dar visibilidade às *lutas, vitórias, cultura, arte, espiritualidade e de denúncia de tudo que ameaça a vida humana e a natureza, criação de Deus*.

É sobre essa visibilidade *profética* que se deve dar às *denúncias* e *anúncios*, uma atitude valorizada moralmente por esse coletivo “cebista”, promotor da Romaria do Rio Doce, como já apontado; é interessante lembrar da leitura feita durante a Iluminação Bíblica. Neste

⁹⁷ O roteiro completo pode ser conferido no Anexo 2.

momento, com as velas da espiral, feita com tecidos de chita, foram acendidas; um incenso foi queimado, defumando o local e a equipe litúrgica selecionou um trecho do “Sermão da Montanha” (Mateus 5, 13-16) que, após o gesto de persignação⁹⁸, feita pela maioria dos presentes, foi lido de maneira pausada, com uma atitude de veneração própria do ato de ler evangelhos, que marca a ritualística católica, e foi ouvido atentamente por todos/as.

Assim, foi lido:

13 Vocês são o sal da terra. Ora, se o sal perde o gosto, com que poderemos salgá-lo? Não serve para mais nada; serve só para ser jogado fora e ser pisado pelos homens. 14 Vocês são a luz do mundo. Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte. 15 Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma vasilha, e sim para colocá-la no candeeiro, onde ela brilha para todos os que estão em casa. 16 Assim também: que a luz de vocês brilhe diante dos homens, para que eles vejam as boas obras que vocês fazem, e louvem o Pai de vocês que está no céu.

Como se nota, no teatro das ações daquela noite, a leitura e toda materialidade religiosa mobilizadas buscaram sensibilizar a todos e todas presentes, exatamente sobre a força do *testemunho*. Isto é, sobre a necessidade de se dar visibilidade às injustiças e de, então, assumir um compromisso com os “pobres” e “oprimidos” para louvar a Deus.

Figura 22 – Vigília e *mística*, no adro do Santuário do Senho Bom Jesus do Matosinho, em 3 de setembro de 2022



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

⁹⁸ Popularmente conhecido como “sinal das três cruzes”, a persignação consiste em traçar uma pequena cruz com o polegar na testa, na boca e no peito, pedindo que a Palavra de Deus ilumine a mente, esteja nos lábios e seja guardada no coração.

Sendo um momento de celebração, a Vigília lembrou o caminho percorrido até ali, recordando *momentos fortes das Romarias anteriores* (também materializada nos painéis dispostos no entorno da Casa Paroquial, de modo a circundar todo o público), momento em que foi trazido um pouco do que foi cada uma das quatro romarias anteriores, além de ser momento de lembrar e fazer ecoar os *clamores, anúncios e denúncias* que se ouviram, durante a Semana Missionária, no momento de reflexão/partilha do Tríduo, na semana da Romaria.

Assim, a Vigília olhou para trás, para recordar a *luta*, e para o futuro, rogando proteção para o caminho, a caminhada e os/as caminhantes. No caso da quinta Romaria do Rio Doce, uma benção de *envio*, dita ao microfone pelo mediador do rito – *missionários, romeiros e romeiras*, “*Como o Pai me enviou, assim eu vos envio!*” (trecho Roteiro liturgia da vigília da quinta Romaria do Rio Doce, 2022, f. 5) – *envia* os romeiros e romeiras (tanto os leigos locais quanto os de fora que já chegaram, quanto os que já estavam nas estradas e, durante a madrugada, viajaram para chegar) para o *grande dia*, cujas atividades tiveram início nas primeiras horas do domingo, 4 de setembro de 2022.

CAPÍTULO 3: A QUINTA ROMARIA DO RIO DOCE NA RUA

Montando o cenário

Sem abandonar uma “estrutura romeira” (Sanchis, 2006, p. 92), que se vê nas tradicionais romarias penitenciais ou devocionais (Sanchis, 1983a, 1983b, 2006; Fernandes, 1982, 1994; Steil, 1996; Menezes, 2000; Turner, 2008; Jácome, 2016), as Romarias do Rio Doce se diferenciam em muitos aspectos destas. Por exemplo, diferentemente das devocionais que possuem santuários fixos visitados por romeiros e romeiras (em alguns casos, durante o ano todo), as Romarias da Bacia do Rio Doce são romarias itinerantes, e não possuem santuário permanente, sendo realizado em diferentes locais da Bacia do Rio Doce a cada ano, fazendo o sagrado por onde passa.

Destarte, tais romarias se aproximam mais das romarias martiriais (Adam, 2002; Vieira, 2015; Souza, 2016, 2019; Rolemberg, 2021) ou por defesa de direitos, como é o caso das Romarias do Trabalhadores e Trabalhadoras que ocorre na Arquidiocese de Mariana (Guimarães; Silva; Faria, 2020). São, ao mesmo tempo, um fenômeno religioso e um acontecimento sociopolítico, que congrega um amplo repertório de modos de viver a religião e fazer política.

Como me explicou uma das principais coordenadoras da Romaria do Rio Doce, falando um pouco sobre a história desta romaria, as Romarias da Terra nascem *do martírio*. Quer dizer, *em muitos lugares ela nasceu a partir [...] da morte. [...], [...] onde teve um assassinato, teve um processo de luta forte* (Serra do Brigadeiro, coordenação, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista em 08.05.2024). No caso da Romaria do Rio Doce, não é diferente. Como já assinalado, em meio à emergência de outras ações coletivas de protesto e reivindicação, ao longo da Bacia do Rio Doce no pós-rompimento, ela surge como uma resposta ao *crime da Samarco*, encontrada por algumas lideranças “cebistas”, em articulação com membros do Clero reunidos na Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana, organizada em parceria com ou lideranças, pastorais sociais e movimentos populares. Como me disse a coordenadora,

[...] em 2015 estoura a barragem e 2016 a gente então faz a primeira Romaria da Bacia do Rio Doce na Diocese de Governador Valadares. [...] a gente se desafiou e vamos fazer o debate, vamos fazer a discussão. [...] A Romaria já foi pensada, definida a partir do rompimento da barragem (Serra do Brigadeiro, coordenação, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista em 17.04.2024).

Assim como me explicou em outro momento, *aqui no Rio Doce, a gente traz a morte*

do rio (Serra do Brigadeiro, coordenação, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista em 01.05.2024). Assim, a Romaria do Rio Doce *nasce, a partir da morte de um rio*, como uma forma de *fazer o debate e a discussão* dos impactos sofridos pelas pessoas e o meio ambiente, em toda a Bacia do Rio Doce. Isto porque *mataram um rio, mas mataram pessoas* (Serra do Brigadeiro, entrevista em 01.05.2024). Ou, nas palavras de pescadoras e pescadores de Naque-MG em depoimento para o documentário “Águas da esperança: encontro dos rios Doce e Santo Antônio na 7ª Romaria das Águas e da Terra” (2024)⁹⁹, o rompimento *foi devastador; a Samarco matou tudo, a lama da Samarco*.

A denúncia que a Romaria do Rio Doce, portanto, faz é a de uma situação de *martírio* do Rio Doce, narrado como uma pessoa, um “outro que humano”, que foi assassinado pela *lama da Samarco*, que, contagiosamente, viajou por dezesseis dias até chegar ao Oceano Atlântico por onde se espalhou por uma extensa área, afetando praias e o ecossistema local, matando peixes e prejudicando a fauna marinha, impactado a pesca e o turismo até os dias de hoje. É este fato que mobiliza e propulsiona a formulação e continuidade da romaria nesse contexto.

Até 2025, celebrada anualmente, geralmente em junho, para possibilitar a participação dos/as trabalhadores e trabalhadoras, as romarias são sempre realizadas em um domingo, o mais próximo ao Dia Mundial do Meio Ambiente (5 de junho). Neste *grande dia*, caracterizado pela “experiência pedestre” e pela “ira profética e celebração mística-cultural” (Brito, 2025, p. 11) da procissão de romaria, logo no raiar do dia começam a chegar as caravanas vindas das várias cidades, que foram mobilizadas e se organizaram para estar presentes. Logo que chegam, já encontram uma acolhida com café da manhã, preparado e oferecido pela paróquia local e pela organização da romaria, com a contribuição de muitos missionários-romeiros, leigos e leigas locais. A animação começa desde cedo, assim que o caminhão de som chega. Quando se vê que as caravanas, algumas autoridades do Clero e alguns convidados importantes chegaram, dá-se a abertura da romaria e o início da caminhada.

A caminhada do ponto de concentração até o local de chegada/celebração de encerramento da romaria é feita com paradas para reflexão, que podem envolver ou não a realização de uma mística e do afincamento da cruz, momentos em que algumas pessoas são designadas a falar no carro de som, para fazerem *denúncias* e/ou *anúncios*. A distância a ser percorrida varia a cada ano, podendo ser longa ou curta, a depender da rota que se procura evidenciar (por exemplo), em Conceição, na quinta edição, andamos um pouco mais que quatro quilômetros, e, em Regência, na sexta edição, andamos ‘meros’ novecentos metros).

⁹⁹ Disponível em: https://youtu.be/YwAHdF_Hnlw?si=kB9DKa_JxlAUh5u4. Acesso em: 04. abr. 2026.

Geralmente, na escolha dos locais de início, meio e fim da romaria, dá-se destaque a locais tidos como marcantes para a comunidade local como capelas, santuários, catedrais e outros, bem como lugares que possuem relação com as águas, rios ou mesmo com a mineração ou o crime-desastre do rompimento, como a portaria da Vale (em Itabira), margens de rios e pontes sobre os mesmos (Resplendor, Ponte Nova, Conceição e Naque) ou mesmo a foz do Rio Doce (Regência, Linhares).

Caminha-se até o local da celebração da missa, onde todos romeiros participam da missa campal, com a leitura ao final da carta-compromisso da romaria, rito que pode ser seguido de afincamento da cruz, se não feito em alguma das paradas, durante a caminhada. O encerramento se dá com a distribuição das *lembrancinhas* da romaria e um almoço, seguido do retorno das caravanas para seus locais.

Isto é, em cada romaria, além das lembranças que podem ser compradas (camisas e faixas para amarrar no chapéu ou na cabeça com a identidade visual da romaria), quem participa leva para casa uma série de *souvenirs* do evento distribuídos pela organização, como o santinho com a oração da romaria, cancioneiro, cartilha do Tríduo, cruzeiros, bem como as *lembrancinhas* da romaria entregues ao final da romaria (p. ex., vidrinhos plásticos adesivados com a identidade visual da respectiva edição da romaria cheios com água do Rio Doce junto com a areia da praia de Regência, ou com água da nascente do rio Santo Antônio, benzidas pelos bispos) e a carta-compromisso impressa com os *clamores* reunidos ao longo do processo de preparação e vivência missionária, no local onde a romaria ocorreu, que circulam “pós-romaria”, e passam a ser reapropriados na vida cotidiana, por exemplo, compondo altares ou ornando estantes, protegendo entradas das casas, assim por diante.

Marca também toda edição da romaria, o rito do afincamento da cruz, que pode ser carregada ou não pelos romeiros e romeiras, durante a caminhada. Como dito, o afincamento pode ser feito durante alguma das paradas da caminhada ou após a celebração da missa de encerramento.

O patrono da romaria é São Francisco, santo cuja invocação está relacionada à simplicidade, ao amor pelos pobres, à natureza e à proteção dos animais. Assim, durante a romaria, *sempre é o São Francisco e uma Maria* (Serra do Brigadeiro, coordenação, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista em 17.04.2024) que são carregados nos andores, podendo, em alguns casos, contar também com a presença da imagem de mais algum santo – como foi na sétima edição Romaria, que, além das imagens de São Francisco e de Nossa Senhora da Abadia da Água Suja, contou com a imagem de Santo Antônio, padroeiro da paróquia anfitriã. Na oitava edição, a imagem de São Francisco esteve novamente ao lado da imagem de

Nossa Senhora da Abadia da Água Suja e da imagem de São Bento, padroeiro de Bento Rodrigues.

Como testemunhei, para alguns dos desafios enfrentados pela organização para a realização da romaria, ou mesmo em relação aos obstáculos identificados ao longo do percurso no dia da romaria, a proteção de São Francisco (as vezes, de Santa Clara) é invocada.

A mesma romaria, mas permanentemente outra a cada edição, todas as Romarias do Rio Doce celebram o mesmo tema, “Bacia do Rio Doce, Nossa Casa Comum”, e, em decorrência da adaptação às diferentes águas, povos e questões pertinentes a cada diocese/paróquia/território, onde acontecem, variados lemas.

Na primeira edição da romaria, o lema foi *Corresponsabilidade de todos frente à vida ameaçada*. Na segunda, foi *Povos, terras e águas clamam por justiça*. Na terceira, *Cuidando da terra e plantando água, com justiça e soberania popular*. Na quarta, *Vão-se os bens da Criação, ficam miséria e destruição! E agora, José?* Na quinta, *Aos pés do Bom Jesus, cuidar da Mãe Terra, das Águas e da Vida*. Na sexta, *“No princípio, o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1, 1-2)*. Na sétima, *Construindo novos céus e nova terra, com repactuação justa e participação popular*. E, em 2025, *10 anos do crime: memória, justiça e esperança*. Assim,

Como forma de atender a cada região, a Romaria vai incorporando novas características, se moldando e tornando-se próxima à realidade local, visto que as demandas pautadas para a reflexão são trabalhadas previamente nas bases, tanto da paróquia que sedia o evento quanto das demais que são convidadas a participar (Guimarães; Silva; Faria, 2020, p. 37).

Enfim, com mudanças conjunturais necessárias para a realização da romaria em diferentes contextos, em linhas gerais, o que narrei até aqui é o cenário que se vê desenrolar a cada edição da Romaria da Bacia do Rio Doce. A seguir, apresentarei os principais aspectos da quinta edição, ocorrida em Conceição do Mato Dentro, buscando comunicar alguns dados de pensar a situacionalidade e as tensões que envolveram o fazer *romaria de denúncia*, nessa cidade minerária, bem como refletir sobre como se fez a memória do desastre do Rio Doce.

Conceição do Mato Dentro e a quinta Romaria do Rio Doce

Distante cerca de 170 km de Belo Horizonte, o município de Conceição do Mato Dentro está situado na Região Central de Minas Gerais, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, na vertente oriental da Serra do Cipó da Cordilheira do Espinhaço, mesma cordilheira onde está situada a mina de Fundão, da Samarco, Vale e BH Billiton, em Mariana, onde ocorreu o desastre que a Romaria do Rio Doce busca todo ano lembrar. Conhecida como “capital mineira do

ecoturismo”, por conta de suas belezas naturais, como zona de transição, seu bioma é composto por Mata Atlântica e Serrado (ambos, biomas ameaçados pelo “progresso”) e local onde nasce o rio Santo Antônio, um dos principais afluentes do Rio Doce, hoje ameaçado pela mineração.

Como informa Jácome (2016),

[...] se no período entre 1943 e 1989 o Departamento Nacional de Produção Mineral registrou 26 direitos minerários para o município de Conceição do Mato Dentro, entre 2001 e 2009 totalizavam 193 os direitos minerários registrados, o que confirma a rápida expansão da exploração minerária, bem como suas consequências ambientais e sociais para essa região” (p. 39)¹⁰⁰.

Surgida da expansão violenta do projeto colonial extrativista da Coroa Portuguesa para os sertões do país, na época do ciclo do ouro e diamantes no século XVIII, atualmente, o município possui uma população de 23.163 pessoas (IBGE, 2022) e vive o segundo ciclo da mineração, iniciada com a extração do minério de ferro em 2014, cuja licença prévia se deu em 2008, acompanhando o *boom* das *commodities* no setor mineral, no início do século XXI.

No município, está situada a mina de minério de ferro a céu aberto Sapo-Ferrugem, com vida útil prevista para 40 anos, que integra o complexo minerário Minas-Rio, da corporação transnacional Anglo American. O projeto consiste em um sistema integrado que compreende a referida mina, um mineroduto de 530km – cuja água para o bombeamento da polpa de minério e demais processos industriais é captada no rio do Peixe, bacia do Rio Doce, no município de Dom Joaquim – atravessando 32 municípios de Minas Gerais e Rio de Janeiro e um porto, em São João da Barra-RJ.

Um projeto que possui o “maior moinho de minério do mundo”¹⁰¹ e o “maior mineroduto do planeta” (Maior moedor..., 2015, p. 8), que se utiliza de um “um dos recursos naturais mais caros à população, a água” (Milanez, 2012 apud Jacomé, 2016, p. 39), para o envio da polpa de minério, com uma vazão que “envia por hora aproximadamente 2.500 litros de água que são despejadas no mar do Rio de Janeiro” (Agenda ambiental..., 2015, n. p.) – assim, “as entranhas da terra mineira fluem para o litoral como lama cinzenta, antes de serem exportadas pelo mundo” (Ortenblad, 2025, n. p.).

Compõem também o complexo minerário Minas-Rio uma série de diques (barragens menores) e uma barragem de rejeitos a jusante, com aproximadamente 92 metros de altura e uma capacidade de armazenar 167 milhões de metros cúbicos de rejeitos, com comunidades

¹⁰⁰ Sobre os impactos diretos ao rio Santo Antônio, cf. Mortandade de peixe... (2015), Tubulação de mineroduto... (2018) e Rodrigues (2018).

¹⁰¹ Título de uma matéria de jornal que uma interlocutora – Laranjeiras, 52 anos, católica, nascida e criada em Conceição – me fez questão de enviar, após entrevista realizada em 10.04.2024, para ter nos meus arquivos da pesquisa.

situadas a jusante, tornadas Zonas de Autossalvamento (ZAS), o projeto pleiteia junto ao estado a ampliação da barragem. Como noticiado,

Com a expansão, a empresa visava aumentar a capacidade de 167 milhões de metros cúbicos de material tóxico para 254 milhões de metros cúbicos. A título de comparação, isso significaria uma barragem quatro vezes maior que a da mineradora Samarco que rompeu em Mariana e 11 vezes maior que a barragem da Vale que rompeu em Brumadinho (Vasconcelos, 2025, n. p.).

O projeto também inclui a exploração da Serra da Ferrugem (Jacomé, 2016) e, mais recentemente, a Vale firmou um acordo com a Anglo American para adquirir 15% de participação acionária e estabelecer uma parceria para a exploração da Serra da Serpentina (Vale..., 2024). A Serra da Ferrugem e o projeto de exploração mineral que a ameaça, como será discutido adiante, será tema de reflexão em uma das paradas da quinta Romaria.

Diferentemente de Mariana, neste contexto de exploração mineral, não ocorreu um rompimento de barragem, mas, nem por isso o território se encontra livre dos impactos, violações de direitos humanos, conflitos e lutas sociais decorrentes do empreendimento que faz, consequentemente, emergir uma série de atores e ações coletivas de enfrentamento e denúncia do problema. Em síntese, tanto por disputa por terra/território, quanto por água, o território é marcado por uma série de conflitos socioambientais, desde que o empreendimento se implantou¹⁰².

No fim, como reflete Taussig (2010), em Conceição, os conflitos se dão pelo choque entre dois cosmos, duas economias políticas (uma regida pela racionalidade tradicional/ancestral/camponesa e outra por uma racionalidade produtivista/jurídica) e dois modos de atribuir valor à água e à terra (*valor de uso* e *valor de troca*), que acabam por legar diferentes regimes de verdade. De maneira mais estrita, no que se refere ao contexto dos simbolismos das águas presentes na Romaria, o que se vê é o desvelamento de uma “guerra de mundos (Júnior Zardo, 2021) de forma a criar polaridades entre água-mercadoria e água-viva” (Brito, 2025, n. p.).

Do ponto de vista religioso e cultural, a região é muito rica e diversificada. Quero dizer, trata-se de um contexto etnográfico, que guarda ‘reminiscências’ de um catolicismo muito antigo, cuja paróquia tem muito a oferecer em termos de repertório, pelos entrelaçamentos de seu ator-rede, baseados em uma série de festas religiosas populares e seus saberes-fazer. Isto é, além das tradicionais festas, organizadas pelos grupos de congadas e marujadas, as procissões até os cruzeiros nas zonas rurais, Conceição possui um dos mais antigos jubileus ligados à

¹⁰² Para uma ficha técnica completa dos conflitos, da luta e resistência ao projeto, cf. GESTA/UFGM (2019).

devoção do Bom Jesus de Matosinhos.

Assim, Conceição conta com um importante santuário, o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (Figuras 23 e 24), um *santuário na colina*, “palco de romarias” (Turner; Turner, 1978) em torno do qual, em decorrência da devoção ao santo, realiza-se anualmente, desde 1787, a festa do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinho, que congrega romeiros e romeiras, vindos de diversos lugares do país, para pedirem e agradecerem as bênçãos e prestarem homenagem ao santo (Jácome, 2016), que conta com várias missas e procissões, ao longo de sua programação, e uma grande procissão em seu encerramento. Tal festa de santo é “uma das maiores festas religiosas do Brasil” (Celebração do Jubileu..., 2018) e “a maior festa da cidade” (Jácome, 2016, p. 31), isto é, contra a qual não é possível competir em agenda¹⁰³.

Figura 23 – O santuário na “colina”: vista de Conceição do Mato Dentro e do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, abraçados pela Serra da Ferrugem e vigiados pelo Pico do Soldado



Fonte: Ortenblad (2025).

¹⁰³ Para saber mais sobre o Jubileu do Senhor Bom Jesus do Matosinho, cf. Jácome (2016).

Figura 24 – O Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, durante o 231º Jubileu do santo, em junho de 2018



Foto: Pamela Ribeiro. Fonte: Celebração do Jubileu... (2018).

A devoção ao Bom Jesus de Matosinhos, de tão central para a comunidade católica concepcionense e para o município e região de um modo geral, fez-se presente no lema da quinta Romaria da Bacia do Rio Doce, que foi “*Aos pés do Bom Jesus, cuidar da Mãe Terra, das Águas e da Vida*” (grifo meu).

Vestígio outro no tempo, na fotografia abaixo, encontrada em um porta-retrato pendurado na parede da sala da casa de uma interlocutora atingida pelo Minas-Rio, vê-se a Serra do Sapo antes da exploração minerária.

Figura 25 – Foto da Serra do Sapo, em um porta-retrato pendurado na parede da casa de uma interlocutora atingida pelo Minas-Rio



Foto: Ramon Teixeira (2024).

A serra está situada na vila de São Sebastião do Bom Sucesso, popularmente conhecida como Sapo, que lhe empresta o nome. As histórias sobre esse nome (Sapo) são muitas e estão em disputa, mas, no tempo que vivi na região, a história que mais ouvi contarem foi esta que o colunista Alberto Ortenblad escreveu para o site Alta Montanha. Como escreveu:

É ninguém menos do que um Promotor de Justiça que conta como o Distrito de São Sebastião do Bonsucesso veio a ser conhecido como Sapo. A rica dona da Fazenda da Conquista tinha um escravo, que comia sentado ao chão os restos de comida que ela lhe deixava. *Isso mesmo é o que Sapo quer*, dizia ele. Mais tarde, João Sapo recebeu uma terra onde ergueu uma capela em honra a São Sebastião, que foi a origem do vilarejo (Ortenblad, 2025, n. p.).

A Serra do Sapo é *sagrada* para os povos camponeses e tradicionais que habitam seu entorno – hoje atingidos pela mineração, os espoliados da terra. Considerando os significados e usos atribuídos às serras, rochedos e montanhas, na dinâmica do sagrado (Hertz, 2016; Menezes, 2004), nessa cidade – cujo principal santuário de romaria é em uma *colina* (Figuras 23 e 24) –, a Serra do Sapo, como ouvi no convívio com o povo do campo local, durante o período em que vivi no município, era chamada de *medicina*, local de onde se tirava lenha, plantas medicinais e que ornava com sua bela estepe verde o vilarejo, sobretudo, nos dias de festa e cortejos de São Sebastião (em janeiro) e durante a Festa de Maria, no mês de maio. Como disse um membro do clero, 60 anos, durante sua fala de *denúncia* à mineração predatória

no local, no carro de som, durante a procissão de romaria da quinta Romaria do Rio Doce, *Conceição do Mato Dentro*, [...] *era um santuário natural e ecológico, ambiental, sagrado, cultural, histórico. Uma maravilha*. Todavia, a serra e os usos tradicionais e coletivos que se fazia dela, não são mais os mesmos. A serra vem sendo morta.

Desde a implantação e operação do complexo-Minas-Rio, “o Sapo tem o ambíguo orgulho de abrigar as impressionantes instalações da mina que leva o seu nome: nada menos de 4 mil hectares de planta industrial, quase o tamanho de um parque natural” (Ortenblad, 2025, n. p.), que junto ao mineroduto e o porto de Açú, compõem um complexo de extração de minério de ferro “para escoar todo ano mais de 26 milhões de toneladas de nosso solo” (Ibid.). Assim, se a vida de um sapo ou perereca pode durar em média de 10 a 15 anos na natureza, a da Serra do Sapo “deverá estar extinta em 40 anos, quando a mina acabar” (Ibid.).

A propósito desta conjuntura, é ilustrativo de um estado de coisas, pós Minas-Rio, foi o que disse uma romeira do Bom Jesus de Matosinhos, de Colatina-ES, entrevistada por Graziela A. Jácome. A romeira, refletindo sobre como era a festa antes e depois da chegada da Anglo American, respondeu:

Antes as ruas ficavam mais limpas, mesmo com esse tanto de barracas com roupa e comida. Mesmo com esse tanto de romeiros. Até com o estrume dos cavalos da cavalgada a gente lidava bem. Mas tem umas coisas estranhas que acontecem agora. Eu vivo a rezar pra esse povo daqui. Tem a tal da mineração e o povo conta que tem muita água suja, é verdade mesmo. Tem a cachoeira do Baú e das Ninfas, umas aqui de perto mesmo, a gente já nem vai mais lá. Tá tudo sujo. Disseram por aí que tem fazendeiro que vendeu as terra pra empresa, que o gado estava morrendo, então era melhor vender o que tinha e ir pra outro canto. **Imagina, só? Nós vem de longe pra vê o Bom Jesus e esse povo tem que ir embora pra manter vivo o que restou, deles.** Estranho isso, não sei falar melhor do que falo, a senhora me entende? O Senhor Bom Jesus que abençoe pra não acabar a cidade, não é mesmo? (silêncio) (Jácome, 2016, 37-38, grifo meu).

Ao ser perguntado sobre o porquê a romaria foi parar em Conceição, um membro da coordenação explicou:

[...] *a Romaria de Conceição ela tem um caráter diferenciado porque nós estamos falando da Bacia do Rio Doce, mas, Conceição em si não é atingido pelo crime da Vale, né. Porque tem um afluente, o rio Santo Antônio, né, que faz parte... pra recuperar o Rio Doce vai precisar do rio Santo Antonio, mas Conceição é muito atingido pelo... a Anglo American e pelo mineroduto da... o Minas-Rio, né. [...]* (Córrego da Ferrugem, 51 anos, Arquidiocese de Mariana, entrevista 08.04.2024).

Sobre essa importância do rio Santo Antônio para a recuperação do Rio Doce, ouço desde meu contato com a organização da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce. Acredita-se que o rio Santo Antônio é o rio que pode *recuperar o Rio Doce* e ajudá-lo a reestabelecer a *vida*. A crença em ter o *Rio Doce vivo* de novo move e engaja diferentes pessoas, com

diferentes interesses, filiações religiosas e políticas, em torno de um propósito comunicativo, condensado na fala de um membro da coordenação.

[...] primeiro propósito de memória, a romaria mantém uma chama viva de denunciar que há problemas no processo de reparação, que não teve... a impunidade. Então, a memória ela é muito importante. E a Romaria manteve isso. O processo de denúncia da não reparação integral. A Romaria mantém isso. [...], as paradas são faladas essa questão, da reparação integral. A Romaria mantém viva a construção de uma nova Bacia do Rio Doce, [...]. [...], mas nós também queremos anunciar, e já existem experiências. Seja de plantio de água, seja da agroecologia, seja da recuperação de nascentes, dessa questão de repovoamento de peixes, dos afluentes, de mata ciliar, então já existem experiências, nós já estamos construindo um novo mundo. [...]. Então a Romaria manteve essa chama viva, né. Que é um processo de luta, né. A Romaria é um processo de luta para que não seja esquecido, para que haja reparação integral, pra que haja construção de uma nova Bacia do Rio Doce, né, pra que não tenha repactuação injusta. Então, o processo de luta da romaria, ele é muito importante nesse sentido. Então a Romaria é... (Córrego da Ferrugem, coordenação, 51 anos, Arquidiocese de Mariana, entrevista 08.04.2024).

Adaptando a mensagem veiculada pela Romaria do Rio Doce ao contexto local, o contexto de conflitos e a crítica à mineração se fez presente em um dos símbolos mais veiculados, a identidade visual da romaria. Na arte desenhada pelo artista Samuel Ulhôa (Figura 26), expressam-se as *denúncias* em elementos como as cercas com a placa “acesso restrito: propriedade particular”, tão comuns hoje pelas redondezas de Conceição, que formam uma coroa de espinho, a *coroa de Cristo*, símbolo de *martírio* do Bom Jesus, mas também das águas, rios, ribeirões, córregos e serras, e do *martírio* dos/as atingidos/as pelo Minas-Rio e pelo rompimento da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton.

Aparece também na *máquina que mói a rocha*¹⁰⁴ (escavadeira hidráulica e a cabo, comumente chamada de *shovel*, usada para retirar o minério de ferro, após o desmonte com explosivos), estilizada com um cifrão e no veículo “fora de estrada” (caminhão basculante de mineração), que transporta o minério. Por fim, o terreno desmatado e a água poluída, que desce desde o alto do coração rochoso, – que busca mimetizar a cadeia de rochas que abriga as águas do Ribeirão do Campo, que verte da Cachoeira do Tabuleiro, a mais alta cachoeira de Minas Gerais e a terceira maior do Brasil, com 273 m de queda livre, um dos cartões-postais de Conceição, situada no povoado de mesmo nome – selam as *denúncias*.

O *anúncio* a que se propôs a Romaria do Rio Doce também se fez presente na arte representada pelas mãos negras, com as chagas de Cristo, acolhendo esse coração montanhoso martirizado, que surgem em destaque em meio a uma multidão de romeiros e romeiras, cujo

¹⁰⁴ O termo utilizado pelo pároco, à época da acolhida da romaria no município, padre Suaçuí Grande, quando me explicou o rascunho feito por ele para a identidade visual da quinta romaria, em Conceição. Como disse ele, explicando-me seu desenho feito a lápis, para compor a arte *eu até pensei, de repente um símbolo da mineração, aquela máquina que mói a rocha, por exemplo* (trecho conversa Whatsapp, 2020).

brado coletivo *águas para a vida* pode ser se lido em um dos cartazes conduzido pelo grupo.

Figura 26 – Identidade visual da quinta Romaria da Bacia do Rio Doce



Arte: Samuel Ulhôa (2020).

Tal arte foi estampada nos materiais de divulgação e formação, circulou pelas dioceses do Rio Doce e, sobretudo, nos cartazes, folders, santinhos, camisas e cartilhas; circulou por Conceição e região nos dias que antecederam a caminhada, além de ter marcado a paisagem, podendo ser vista no comércio, nas igrejas, nas escolas e nas ruas de modo geral (Figuras 27 e 28). No dia da caminhada, estampada nas camisas, faixas de cabeça e nas faixas que vão à frente da caminhada, também marcou a paisagem, conferindo uma identidade *sui generis* para os romeiros e romeiras que participaram desta edição da romaria.

Figura 27 – Cartaz da quinta romaria do Rio Doce, na entrada de uma papelaria local, em Conceição do Mato Dentro, em agosto de 2022



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

Figura 28 – Cartaz da quinta Romaria do Rio Doce, colado durante trabalho de divulgação nas escolas, em agosto de 2022



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

Em decorrência das adversidades causadas pela pandemia de Covid-19, a quinta edição da Romaria do Rio Doce durou três anos (2020-2022). De outro modo, durante pandemia, como “uma forma de manter o vínculo dos fiéis” (Guimarães, 2022, p. 121), *a preparação para a romaria seguiu com a realização de eventos pré-romaria virtuais, transmitidos via Facebook e Youtube. Assim, em 2020 foi celebrado um Tríduo (de 15 a 17 de julho) e uma missa, no dia 19, presidida por Dom Otacílio, bispo diocesano de Guanhães, na Catedral de São Miguel, em Guanhães*¹⁰⁵.

Dando seguimento, em 2021, foi realizada uma missa na Paróquia de Sant’Ana, em Abre Campo-MG, Arquidiocese de Mariana, celebrada em memória da *luta e missão* dos padres Ernesto (1955-2019) e Nelito Dornelas (1962-2021) – apontados como principais idealizadores e organizadores da Romaria do Rio Doce, que vieram a óbito no período da pandemia, sendo o último uma vítima direta da doença, e ambos permanecendo presentes “na luta” (Vieira, 2015; Souza, 2016, 2019), como *testemunhos de fé*, nos estandartes que são carregados, junto com os demais estandartes dos *mártires da caminhada*, durante as Romarias.

Somente em 2022, a romaria pôde ocorrer presencialmente em terras concepcionenses, acontecendo excepcionalmente – em razão de não ser possível a realização em junho, por conta do Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos – em setembro, o que trouxe diversas implicações para a organização do evento e para a articulação e participação de alguns missionários e romeiros, inclusive, com um impacto no número de participantes na caminhada.

O mês de setembro, marcado no calendário de lutas sociais e religiosos por eventos como o Grito dos Excluídos (7 de setembro), também se mostrou um período de intensa atividade para o coletivo “romeiro”, envolvido com a Romaria. Em 2022, contudo, a agenda foi significativamente impactada pelo contexto eleitoral. As eleições majoritárias, cujos efeitos não são objeto de aprofundamento nesta monografia, tiveram como consequências alguns efeitos importantes, como a ausência de alguns/as aliados/as tradicionais do evento devido a compromissos de campanha, e lideranças costumeiras – como animadores e autoridades que costumam fazer suas falas públicas; por estarem candidatas/os a cargos estaduais ou federais, viram-se impossibilitados de subir ao caminhão de som. O cenário urbano também refletiu a disputa política, como lembro, em um extenso trecho da Avenida JK. As calçadas exibiam um corredor de bandeiras de propaganda de um dos candidatos a deputado estadual, em campanha naquela data.

¹⁰⁵ A propósito desse evento, vale cf. Guimarães (2022).

Para a Semana Missionária compareceram em torno de quarenta missionárias/os, que rodaram pelos bairros e zonas rurais de Conceição, de 30 de agosto a 2 de setembro de 2022. Um dado interessante, como me contou uma acolhedora local, esposa de um funcionário terceirizado da empresa, que reside no bairro Jardim Bougainville, bairro onde se concentram muitos moradores que trabalham na mineradora (tanto em cargos diretos e quanto terceirizados), e também local onde residem alguns assentados/as atingidos/as pela mineradora.

Tal bairro, sob a orientação do pároco local, não recebeu as missões da Romaria do Rio Doce, e os católicos do local, como a moradora do bairro, não puderam receber missionários/as romeiros/as em suas casas. Num contexto conflitivo de Conceição, por uma questão de segurança e também de cuidado, os moradores do bairro foram orientados a não se envolverem tanto, para *não se comprometerem*. Quando lhe perguntei se recebeu missionários/as romeiras/os em sua casa, durante a semana missionária da quinta Romaria, ela me contou:

[...]. Então, como eu moro no [bairro] Bougainville, o padre Suaçuí Grande não quis que os missionários passassem lá. Por quê? Porque a maioria que estão lá são pessoas que trabalham na Anglo, e de qualquer forma, iriam se comprometer. E aí ele falou, “olha, vocês, missionários, não passem no Bougainville”, que, de qualquer forma, de repente, pra alguma pesquisa que eles estavam fazendo poderia comprometer algum funcionário lá, poderia até ser mandado embora, alguma coisa assim. Então, o padre Suaçuí Grande não deixou. Eu insisti muito pra poder acolher na minha casa. Tanto é que, como eu te falei, a gente recebeu aqui na cidade, o Rio do Peixe, que ele é lá de Nova Era, queria muito que ele ficasse lá em casa, mas padre Suaçuí Grande não deixou, padre João não quis que ele ficasse lá. Ele disse, “olha, no momento não, eu prefiro não arriscar nem você, nem sua família, nem outras pessoas. Mas, o bairro Bougainville não vai participar”.

E... bom, então você não recebeu missionários, você insistiu, mas, não foi possível, por conta de uma ordem, de certa forma, é... do Clero, né. Mas, passou missionários lá, fazendo missão?

Não passou. O padre Suaçuí Grande não deixou.

Então as missões não tiveram contato com o Bougainville.

Não teve contato com o Bougainville, porque o padre João não quis.

Você que mora lá, você que procurou então?

Sim, eu que procurei. Eu que quis.

Você participou no que foi possível participar, você então que procurou?

*Sim. Até então, igual o padre Suaçuí Grande falou: “você vai participar, mas eu não quero você envolvida nisso, até porque o seu marido trabalha na Anglo, então, de qualquer forma pode ser que pode prejudicar, **ele estava com esse medo, esse receio**. Mas, aí eu falei: “padre, então deixa eu participar, pelo menos assim, fazendo um comentário”, né...*

Fazendo uma leitura...

*Fazendo uma leitura. Ajudando ali no momento reflexivo. Aí ele falou, “**você pode***

participar, mas sem se comprometer”. Então por isso eu participei.

Então teve essa preocupação com quem tem algum vínculo, querendo ou não, com o empreendimento, né? Então ele [padre Suaçuí Grande] chegou a enunciar isso mesmo, então você não chegou a receber ninguém, por mais que você quisesse.

Não consegui, e ele também colocou assim, uma objeção pra que não convidar mais pessoas do Bougainville pra participar. Então, foi por isso que eu participei. Como eu já estava lá na comunidade, então, eu quis participar pra poder ver. Mas, outras pessoas assim, né, é... também, não cheguei a convidar lá do Bougainville, então por isso, do Bougainville mesmo... se você for fazer a pesquisa lá, você vai ver, ninguém, ninguém foi visitado, por conta disso. O padre não quis.

[...]

Interessante isso, eu não sabia que tinha tido essa... esse cerceamento ali do Bougainville, né. Então não passou nem missão lá. Eu pensei que as missões tinham passado lá. [...]. Mas, foi na [comunidade] São Judas?

Foi na São Judas, foi no Córrego Pereira, no bairro Barro Vermelho, na Vila São Francisco, que é tudo pra cima ali do Bougainville.

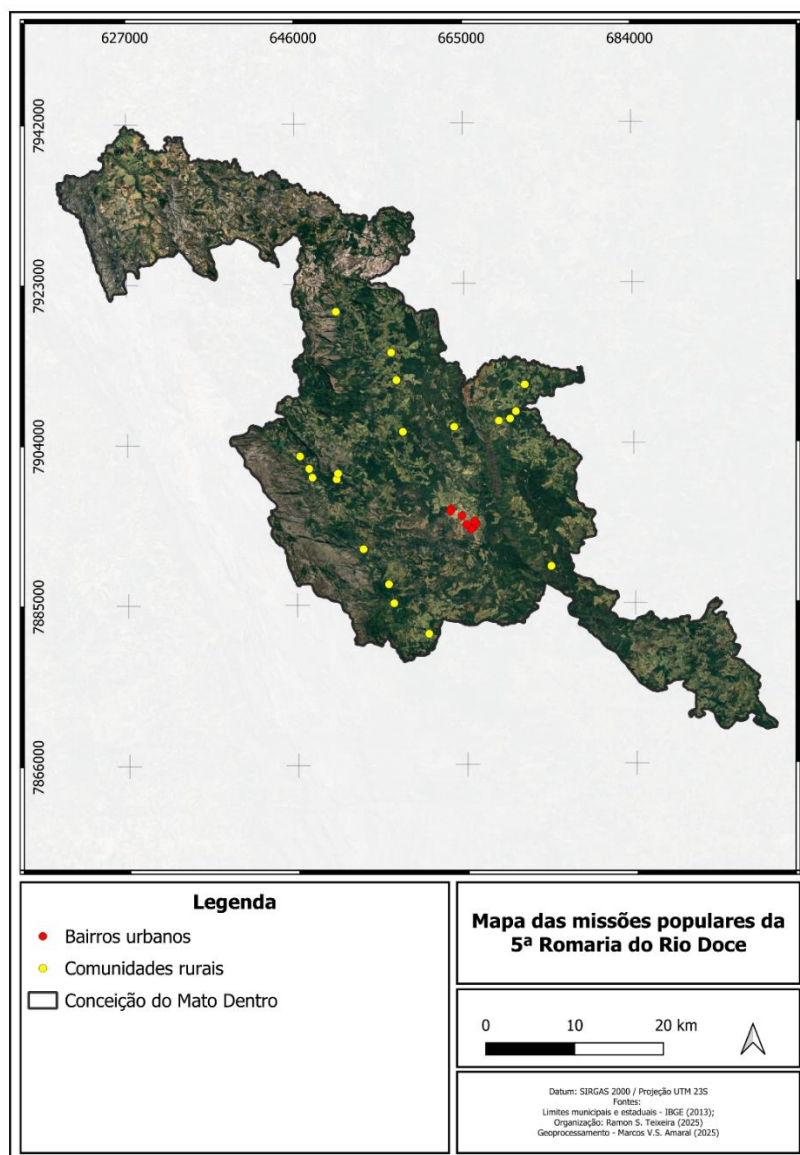
Tudo no entorno ali, né.

Isso. Mas, no Bougainville mesmo não foi.

(Córrego Jardim, 39 anos, moradora do bairro Jardim Bougainville, Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Diocese de Guanhães, entrevista 04.04.2024).

Os mapas abaixo são “bons para pensar” a territorialidade que assumiu a quinta Romaria do Rio, durante a semana missionária (pré-quinta Romaria). Baseando-me em algumas listas de *distribuição dos missionários, na cidade, e dos missionários, nas comunidades rurais*, para o período 29 de agosto a 04 de setembro de 2022, ao todo foram visitados (i) treze bairros urbanos (Bandeirinha; Matosinhos; Sant’Ana/Cruzeiro; Brejo, Saudade/Bela Vista, Maranhão/Cuiabá, Vila Caetano; Centro; Bairro Vermelho; Córrego Pereira; Vila São Francisco) e (ii) dezenove comunidades rurais (São Sebastião do Bom Sucesso, “Sapo”; Turco; Cabeceira do Turco; Beco; Gondó; Meloso; Córregos; Tapera; Ouro Fino “Santo Antônio do Cruzeiro”; Farinha Fina; Fazenda Tambú; Cachoeira da Fumaça; Parauninha; Itacolomi; Tijucal; Tabuleiro e as comunidades quilombolas Cubas, Candeias e Três Barras/Buraco. No Mapa 4, está toda essa grande área que foi visitada.

Mapa 4 – Abrangência das missões populares da quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro, em agosto de 2022

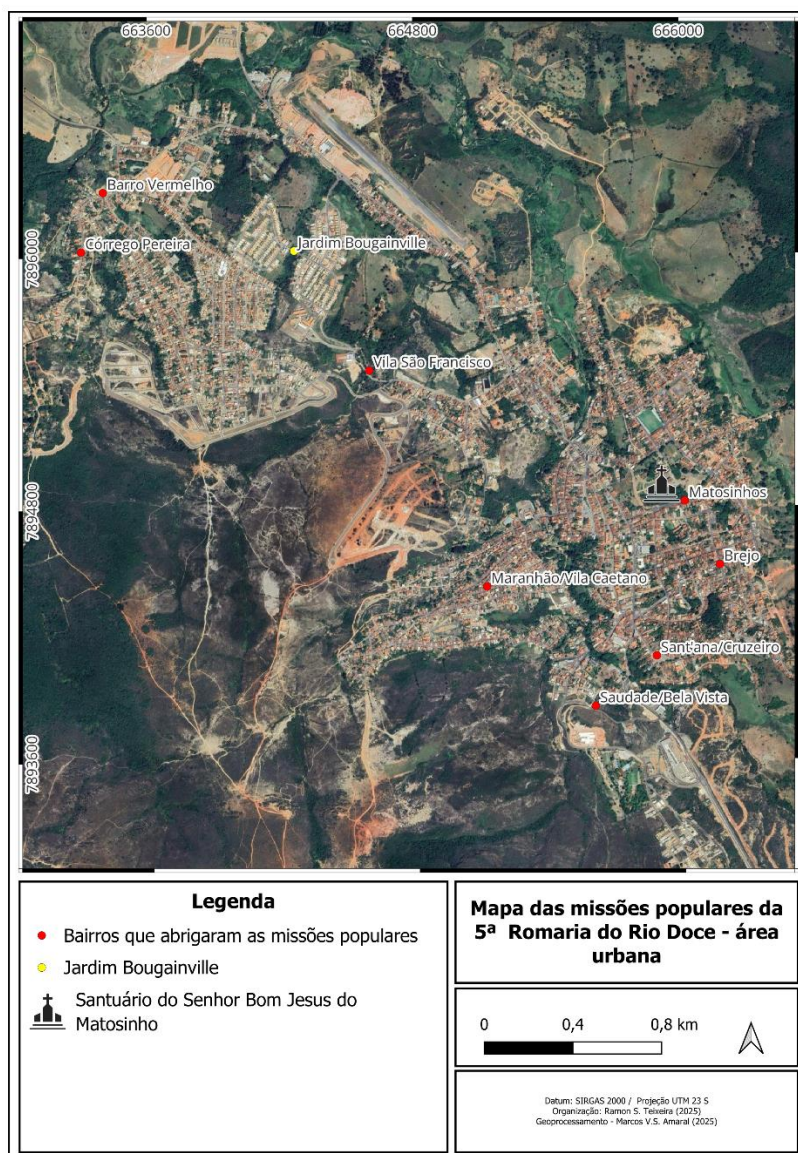


Fonte: Marcos Vinicius da Silva Amaral (2025).

No Mapa 5, vemos uma relação mais próxima ao Santuário do Bom Jesus do Matosinho e suas capelas ‘assessorias’, contrastando e relacionando os bairros que foram visitados. Situação que diz muito da forte presença da mineração e de um contexto de vigilância e silenciamento acerca das críticas à essa atividade e à empresa na cidade, muito por medo de processos e de não se conseguir emprego na área. Da parte dos missionários/as romeiros/as, muitos foram os relatos da insatisfação das pessoas com a situação a que a cidade está submetida, após a mineração, mas também houve relatos de pessoas que defendem a atividade

e o empreendimento, bem como relatos de famílias que não abriram suas portas para recebê-los.

Mapa 5 – Abrangência das missões populares da quinta Romaria do Rio Doce, na área urbana, em agosto de 2022



Fonte: Marcos Vinicius da Silva Amaral (2025).

Ao longo da semana, também foi momento de todos envolvidos – os moradores locais, os missionários romeiros/as, membros da coordenação e membros do Clero – se organizam para fabricar os diversos símbolos materiais da Romaria, os estandartes, as *lembrancinhas* (como as cruzes com as *três fitas* coloridas, as garrafinhas com água da nascente do Santo Antônio), as bandeiras e tecidos, cartazes, faixas, ornamentos ao redor do Santuário, o ornamento dos

andores, construir o cruzeiro da Romaria.

Reúnem-se e trabalham pregando coisas, cortando e colando coisas, costurando, pintando, cozinhando, fotografando, enchendo garrafinhas, separando materiais para a distribuição nas missões populares, dobrando papéis, amarrando coisas e assim por diante. Também, separam o material para ornamentação do palco da missa campal e do caminhão de som; visitam as escolas; fecham e testam a rota da caminhada; terminam de preparar a liturgia da Vigília, da abertura da romaria e da missa de encerramento; avaliam o que foram as missões, para terminar de redigir a carta-compromisso da romaria; preparam a construção da cruz e pensam o local a ser marcado para o afincamento desse símbolo de *martírio* e de memória da passagem da Romaria do Rio Doce pelo local; terminam de organizar a sonorização da caminhada e da missa; conferem e confirmam as caravanas que estariam presente, que horas chegariam e onde estacionariam os ônibus; combinam o preparo do café da manhã da acolhida e o almoço do encerramento.

Todo esse processo, geralmente, é marcado por tensões, desentendimentos e alguns desgastes entre a coordenação da Romaria (em sua maioria, vinda de fora da paróquia) com o pároco e com o poder público local. No caso de Conceição, essas querelas, para citar um exemplo emblemático, se deu em decorrência da mudança de rota da romaria¹⁰⁶.

A rota originalmente negociada com a prefeitura por padre Suaçuí Grande, sofreu alterações na semana da realização da Romaria. No trajeto originalmente planejado, foram interditadas duas ruas por obras da prefeitura para a manutenção nas redes de esgoto, em dois pontos da rota. Um dos sentidos da rua São Francisco, nas proximidades da praça da Bandeirinha, o primeiro ponto de parada planejado da quinta Romaria (fechada antes de a romaria passar). E todo o trajeto da rua Joaquim Américo, fazendo com que a fileira de romeiros e romeiras, muitas pessoas idosas, tivesse que caminhar por toda a av. JK, subindo em sentido à Câmara de Vereadores, para acessar a rua do Ginásio Poliesportivo, na rua Principal, o que fez aumentar a distância e a inclinação do trajeto com destino ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (Figura 29).

Outra questão envolvendo a rota foi a romaria não ter seguido pela avenida principal da cidade (que é também trecho da MG-010), após a primeira parada de reflexão, na praça Bandeirinha. No trecho da rodovia estadual, a rua Farmacêutico Orlando Guerra, a romaria seguiu por uma rua paralela, a rua Capitão Sincero Costa, até chegar ao local planejado para a segunda parada, no entroncamento entre três ruas, nas proximidades da ponte Lava Pés, sobre

¹⁰⁶ Para acesso à rota original, cf. mapa “Romaria das Águas – Conceição do Mato Dentro, 04.09.2022”, no Anexo 3.

sob o córrego Praia, e limite com a avenida JK. Esse trecho estava previsto desde o início. Depois, ouvi que sua escolha como rota para a romaria foi feita por questões de segurança e também para não paralisar o fluxo do trânsito na MG-010, como ouvi dos agentes de trânsito e de segurança no dia, mas, como ouvi de uma das minhas interlocutoras, moradora da cidade, católica e ativista de movimentos de resistência à mineração, foi para *esconder a romaria* (Caderno de Campo, nota de 03.09.2022, f. 57).

Como ouvi, em diversos relatos e histórias, lembradas pelos membros da coordenação e missionários/as romeiros/as, em cada cidade que a Romaria escolhe para pisar e sacralizar, os coordenadores, missionários romeiros, romeiros e romeiras caminhantes e moradores locais envolvidos se deparam com contendidas, riscos de processo, vigilância das empresas mineradoras por meio de diversas estratégias, às vezes, parceria, às vezes, dificuldades com as prefeituras. Como me disse um coordenador, *é sempre a mesma história onde acontece a romaria* (Caderno de Campo, nota de 02.09.2022, f. 53).

Figura 29 – Interdição de rua próximo ao Santuário, por onde a quinta Romaria do Rio Doce passaria, na semana antes de sua ocorrência, em 1º de setembro de 2022



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

A escolha do local de estacionamento dos ônibus da caravana, combinado pelo pároco com o poder público, também gerou controvérsia. Na concepção de uma das principais coordenadoras, o local ficou muito distante do local da concentração da romaria, dificultando o deslocamento a pé dos romeiros/as caminhantes, muitos idosos/as, cansados da viagem. Foram motivos de dissenso também algumas mudanças na liturgia da missa final que, para alguns, ‘amenizou’ a mensagem mais crítica da homília e, também, a dificuldade para se

comunicar com o pároco, nos dias que antecederam a romaria e mesmo no dia da caminhada, com o pouco aparecimento do padre, nos no carro de som, durante a caminhada (geralmente, espera-se que os párocos façam falas no carro de som e nas missas).

Presenciei também um conflito acerca dos materiais sobre conscientização ambiental e com informações sobre os atrativos naturais do município, que a Secretaria Municipal de Meio Ambiente se propôs a distribuir, no dia da caminhada. Muitos dos materiais, por conterem a logo da empresa, não foram aceitos e não foram permitidos de serem distribuídos. No dia da caminhada, a prefeitura montou uma tenda para comunicação e apoio à Romaria, para realizar um trabalho de educação ambiental: fornecerem informações turísticas e divulgarem as belezas naturais do município. A tenda, montada no gramado, ficou afastado do local da missa, à margem do centro de atenção do ritual, realizado no altar, próximo à Casa Paroquial.

Como disse padre Serra do Caparaó, 58 anos, da Diocese de Caratinga e membro da Comissão de Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana, relatando alguns casos de perseguição e dificuldades enfrentadas em outras edições da romaria (recorrentes também nas falas de organizadores/as que entrevistei), quando a mineração já está avançada, no local designado para se fazer a Romaria do Rio Doce, é muito difícil colocar a romaria na rua. Valendo-se da metáfora que nos remete a época da Casa Grande e da Senzala, ele disse: *simbolicamente [...] [é o mesmo que] celebrar a missa na capela da fazenda* (padre Serra do Caparaó, 58 anos, Diocese de Caratinga, entrevista 30.04.2024).

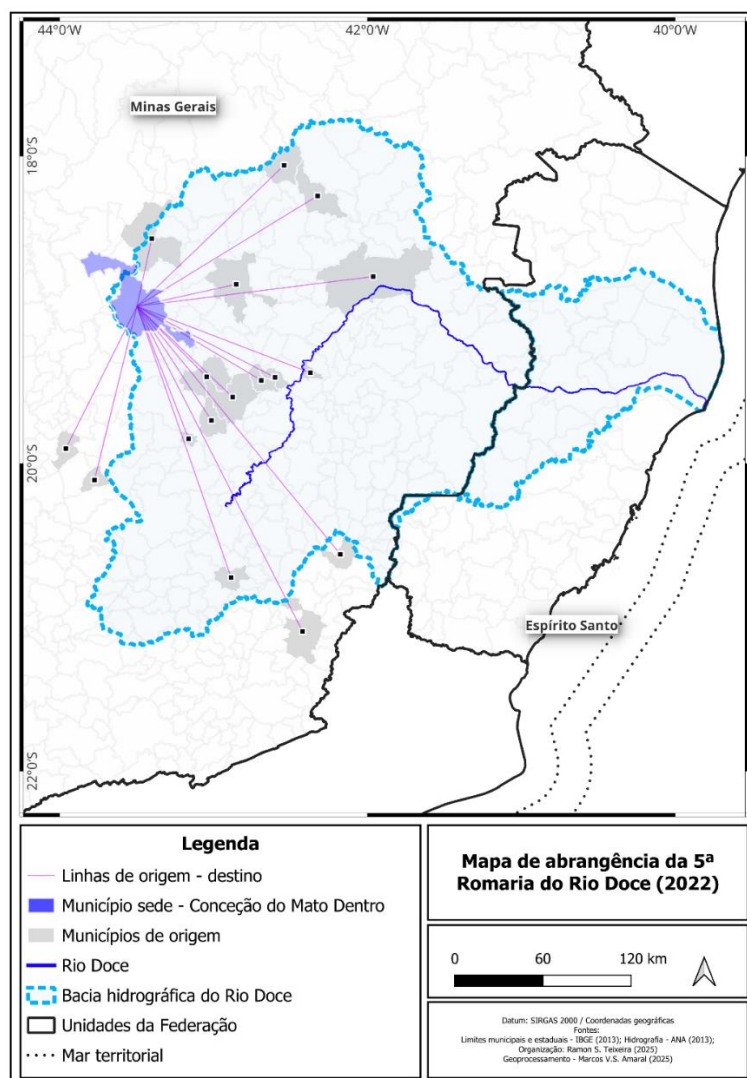
No dia 4 de setembro, ao nascer do sol de domingo, começaram a chegar as caravanas de romeiras/os, vindas das paróquias das dioceses da bacia do Rio Doce. Como disse Turner (2008), as peregrinações “podiam muito bem constituir uma rede interligada de processos, cada qual envolvendo uma viagem de e para um lugar específico” (p. 176). Assim, foi com a quinta Romaria da Bacia do Rio Doce, que contou com a presença de romeiros/as e vindas das quatro dioceses do Rio Doce, da Diocese de Guanhães e, em menor número, de outras dioceses e localidades de Minas Gerais, especificamente, das microrregiões do Vale do Rio Doce, Metropolitana de Belo Horizonte, Zona da Mata e Central Mineira.

Estiveram presentes missionários/as e romeiros/as de paróquias de Serro, Guanhães, São Sebastião do Maranhão, Santa Maria do Suaçuí, Governador Valadares, Santa Maria de Itabira, João Monlevade, Nova Era, Antônio Dias, Coronel Fabriciano, Ipatinga, Ipaba, Belo Horizonte, Rio Acima, Viçosa, Muriaé e Divino (Mapa 6).

Observando as camisas que vestiam os romeiros e romeiras, suas bandeiras e faixas, vi

que muitos eram ligados às CEBs, mas também a outros movimentos e pastorais da igreja, além de pessoas ligadas a movimentos sociais e organizações da sociedade civil, como, para citar alguns, ao Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), ao *Movimento pela Soberania Popular na Mineração* (MAM), ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento pelas Serras e Águas de Minas (MovSAM), ao Centro de Defesa dos Direitos da Natureza (CDDN), aos sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais e outros. A romaria contou ainda com a presença de um grupo de indígenas pataxó de Carmésia, convidados a falar durante a primeira parada da Romaria, na Praça da Bandeirinha.

Mapa 6 – Abrangência da quinta Romaria da Bacia do Rio Doce (2022), em Conceição do Mato Dentro



Fonte: Marcos Vinicius da Silva Amaral (2025).

Como disse uma interlocutora membro da Coordenação, o local que já possui um

Santuário, tornou-se um outro tipo de santuário, um *santuário do povo*, onde as pessoas vão para a rua para *entender uma outra história* (Serra do Brigadeiro, coordenação, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista em 01.05.2024) em outros termos, em torno de Conceição do Mato Dentro, cujo ponto nodal foi o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, formou-se um “círculo de devoção” (Fernandes, 1994), com um centro sagrado que irradiou o numinoso, pelas proximidades e ruas do local, onde se celebrou a quinta Romaria, congregando um grande contingente de romeiros/as de Conceição e, em menor número, romeiros e romeiras vindos de longe (muitos das comunidades rurais), formando “um desenho semelhante a uma estrela cujos raios refluíam sobre o seu centro” (Ibid., p. 22).

A pouca presença de pessoas locais foi explicada pela pandemia de Covid-19, mas não só. Nos dias que antecederam a caminhada, muito ouvi sobre a participação de leigos e leigas de Conceição em outra romaria, em Curvelo-MG, no âmbito da 105ª Oitava de São Geraldo. Pelo que conversei na cidade, é costume de os concepcionenses frequentarem essa festa, todavia, os rumores à época da Romaria do Rio Doce, em Conceição, é de que foram vinte ônibus para Curvelo que, conforme boatos que circularam entre membros da coordenação e membros do clero, só podiam ter sido custeados com apoio da empresa mineradora para boicotar a quinta Romaria.

Impactada ainda pelo tempo da pandemia de Covid-19, a Romaria contou com a presença de um pouco mais que duas mil participantes (Azevedo, 2022; 5ª Romaria..., 2022), entre pessoas locais, de Conceição e membros da coordenação, clero, missionários, romeiros/as vindas de fora. Considerando uma “estrutura paradigmática” (Taylor, 2013), vista em todas as Romarias, a *liturgia* se assemelhou à narrada por Guimarães, Silva e Faria (2020). Ou seja, com a coordenação em ação desde a madrugada e com as caravanas chegando de todos os cantos, logo no raiar do dia, a *liturgia* deste dia é composta por três partes, “(i) a concentração com o momento de abertura; (ii) a caminhada, e; (iii) a festa de encerramento” (Ibid.b, p. 47). O *grande dia* foi organizado tendo em vista a seguinte programação (Figura 30):

Figura 30 – Folder de divulgação da quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro

5ª ROMARIA
das Águas e da Terra
da Bacia do Rio Doce

BACIA DO RIO DOCE, NOSSA CASA COMUM
AOS PÉS DO BOM JESUS, CUIDAR DA MÃE
TERRA, DAS ÁGUAS E DA VIDA

Organize sua caravana!
Traga suas bandeiras, faixas e cartazes!
Fé e cidadania, com justiça e soberania popular,
a serviço da vida e da esperança!

PROGRAMAÇÃO

06h30 – Acolhida dos romeiros e romeiras no ginásio São Francisco.
08h00 – Abertura da Romaria.
08h30 – Início da caminhada.
11h00 – Chegada no Santuário e celebração da missa.
13h00 – Encerramento com almoço.

Obs.: levar prato, caneca e talheres. Não haverá descartáveis.

CONTATOS E INFORMAÇÕES

Diocese de Guanhões – Paróquia N. S. Conceição: (31) 3868-1248
Cáritas Diocesana de Itabira – Lucimere: (31) 9 8766-2201
Ana Maria: (31) 9 8821-0342
Cáritas Diocesana de Gov. Valadares – Xavier: (33) 9 9919-0248
Wellington: (33) 9 8414-5513
Comissão Pastoral da Terra – Laiza: (33) 9 8436-9634
Diocese de Caratinga – Padre João Batista: (33) 99946-1264
Luciano (33) 9 9117-2138
Arquidiocese de Mariana – Leleco (31) 9 8617-9582
Padre Marcelo (31) 9 9913-3938

Fonte: Arquivo do autor (2022).

Com a concentração convocada para o Ginásio São Francisco (atualmente, onde funcionam os cursos do SENAI), e a abertura da caminhada prevista para as oito horas da manhã, a caminhada começou com aproximadamente 30 minutos de atraso, e “foi conduzida pela missionária da Romaria, Selma Damasceno, e pelo pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em João Monlevade, padre Marco José de Almeida” (5ª Romaria..., 2022, n. p.), que contaram com o apoio do artista popular Antônio Baiano, na animação; de algumas mulheres da Pastoral Afro-Brasileira (PAB), na cantoria, e de alguns membros do MAM, na percussão (Figura 31).

Figura 31 – Concentração da quinta Romaria do Rio Doce, no Ginásio São Francisco, em Conceição do Mato Dentro



Fonte: Secom-Cáritas (2022).

Por conta da interdição da rua Joaquim Américo, com uma rota mais alongada, os romeiros e romeiras caminharam do Ginásio São Francisco por aproximadamente quatro quilômetros e meio até o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (ver Mapa 7 e Figura 33). O percurso foi feito em um pouco mais de uma hora. A caminhada foi feita ao som da cantoria, reza e as palavras de ordem mediadas pelo padre Rio Vermelho e outros padres; a coordenadora das missões desta edição da Romaria, com o apoio do animador, iam rezando e puxando os cantos da romaria, gritos de ordem, e convidando algumas pessoas para falarem no carro de som. As conversas, os gritos de protesto, a cantoria de romeiros e romeiras, animados pelos mediadores do carro de som, iam marcando o ritmo da caminhada (Figura 32).

Figura 32 – Início da caminhada, saindo do antigo ginásio São Francisco, em direção ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, na quinta romaria do Rio Doce



Fonte: Secom-Cáritas (2022).

Reunidos e acompanhando o cancionário distribuído, durante a concentração ou não, a multidão ia cantando pelas ruas, em sentido ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, músicas muito conhecidas por esse coletivo “cebista”, que marcam diversos momentos de luta deste ator-rede, como “Religião Libertadora”¹⁰⁷, “Bendito dos Romeiros”¹⁰⁸, “Momento Novo”¹⁰⁹, “Caindo Fulô”¹¹⁰, “Utopia”¹¹¹, “Negro Nagô”¹¹², “Bandeira de Luta”¹¹³, “Baião das Comunidades”¹¹⁴, “Ordem e Progresso”¹¹⁵ e outras. Assim, os “problemas que querem combater” foram sendo “explicitados nas faixas que os romeiros carregam; nos cartazes; nas oferendas e nos cantos; nos sermões na hora da missa, celebrada ao final da caminhada” (Vieira, 2015, p. 110).

¹⁰⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/115HzjH61Q7JWxgvabARQU>. Acesso em: 31 mar. 2026.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1dDC4uj80cB09ypn2hBeg3?si=51328290b9d74a2e>. Acesso em: 31 mar. 2026.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p9FBM5DEaLQ&t=28s>. Acesso em: 02 mar. 2026.

¹¹⁰ Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4k7CizxbTWodol1lloiQpf?si=79e7e9fb294342fd>. Acesso em: 31 mar. 2026.

¹¹¹ Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/263TJv2Gc4HjPhxm2JxQF7?si=57286a3467aa4434>. Acesso em: 31 mar. 2026.

¹¹² Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3qADTz69ahvXu9aeSEm9pQ?si=ecbbe3e2c9ca4e3a>. Acesso em: 31 mar. 2026.

¹¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TiO4-JGMfyM&list=RDTiO4-JGMfyM&start_radio=1. Acesso em: 31 mar. 2026.

¹¹⁴ Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2MtTCx3gMMSnBdcCkrnu2O?si=9d9d24241ddd4a3c>. Acesso em: 31 mar. 2026.

¹¹⁵ Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1M5rBYV4Ijgi3Spu0eETFL?si=9a78bc449e344a18>. Acesso em: 31 mar. 2026.

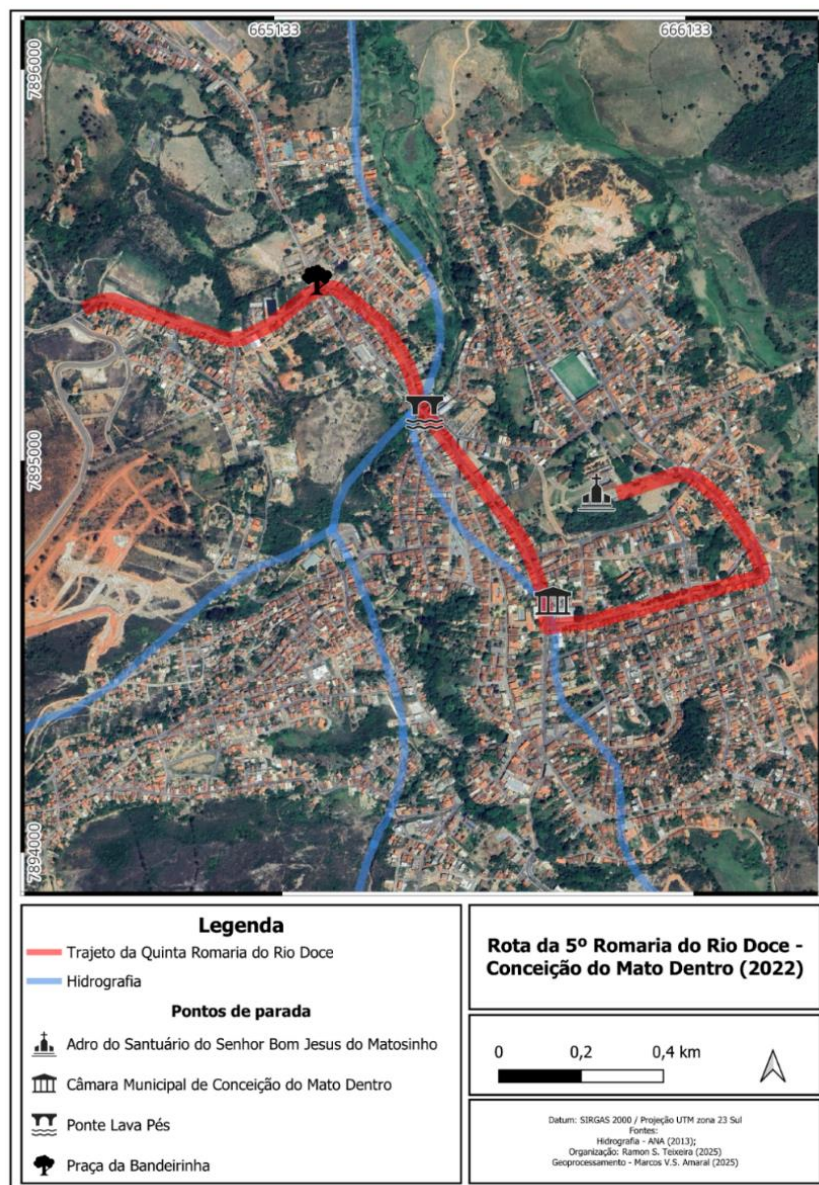
Figura 33 – Partida e destino da quinta Romaria do Rio Doce: o Ginásio São Francisco (1) e o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (2)



Fonte: O autor (2024).

No mapa abaixo é possível ver a “topografia” do sagrado pelas ruas de Conceição, naquele 4 de setembro de 2022.

Mapa 7 – Rota da quinta Romaria do Rio Doce (2022), em Conceição do Mato Dentro, com as paradas para reflexão, em 4 de setembro de 2022



Fonte: Marcos Vinicius da Silva Amaral (2025).

A caminhada contou com três paradas que, em síntese, podem ser assim descritas:

Na primeira parada, os romeiros ouviram o clamor dos povos originários, por meio do depoimento de um representante do povo Pataxó, que vive no município de Carmésia. O genocídio dos povos indígenas e os impactos ambientais causados pelas mineradoras e pelos grandes empreendimentos foram os principais pontos denunciados pelos Pataxós que estavam presentes na caminhada. A segunda parada da Romaria foi marcada pela cerimônia do lava-pés, fazendo memória aos romeiros que vinham das comunidades rurais para o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos e paravam na ponte sob o córrego que leva justamente o nome de Lava Pés. As romeiras e os romeiros lavaram seus pés contra as mineradoras e a sentença de morte decretada contra os rios, denunciando o sofrimento e a morte generalizada causada pelos grandes empreendimentos, que visam o lucro em detrimento da vida. A

terceira e última parada foi marcada pelo levantamento da cruz da Romaria da Bacia do Rio Doce, momento em que se fez memória à Santa Cruz de Jesus, do povo oprimido, dos atingidos pela mineração e dos mártires que tombaram em defesa da vida. Nessa parada, romeiras e romeiros receberam a benção do cruzeiro (5ª Romaria..., 2022, n. p.).

Do Ginásio São Francisco até a primeira parada para reflexão, na Praça Bandeirinha, a quinta Romaria foi marcando com os pés da multidão, com seus chapéus de palha, cruces, cartazes, faixas, símbolos, andores, carro de som, as falas no carro de som e as falas da multidão, foram comunicando as *denúncias* e *anúncios* da quinta Romaria, sacralizando as ruas e marcando a memória do local (Figura 34).

Figura 34 – Romeiros e romeiras, foto feita de cima do caminhão de som, antes da primeira parada para reflexão, durante a quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro, em 4 de setembro de 2022



Fonte: Secom-Cáritas (2022).

Sobre a primeira parada, a conceiçenense, moradora do bairro Vila Caetano, refletiu sobre o que mais lhe chamou a atenção naquele dia:

Eu participei sim. Sai a pé, na graça de Deus, acompanhando, parando, refletindo. Agora o que me chamou mais a atenção? [...] Teve uma parada em frente a pracinha lá da Bandeirinha, um índio começou a falar sobre as realidades da Amazônia. A gente vendo na televisão é uma coisa, a gente vê assim, ouvir, ao vivo, uma pessoa falar, parece que mexe mais com o coração da gente, sabe? Ele falava sobre o desrespeito com eles, com a natureza, isso eu fiquei muito pensativa, que eles também são humanos, né? São diferentes, mas, são humanos (Cuieté, acolhedora local, 53 anos, Diocese de Guanhanes, entrevista 06.04.2024).

Precedida pelo canto de “Utopia” (1978) de Zé Vicente, cantada pela multidão – que, juntos entoavam a esperança, cantando sobre *Quando as cercas caírem no chão/Quando as*

mesas se encherem de pão/ [...] Quando os muros que cercam os jardins/Destruídos, então os jasmims/Vão perfurar//Vai ser tão bonito se ouvir a canção/Cantada de novo/[...] —, a animadora e coordenadora das missões, em Conceição, do carro de som anunciou a segunda parada, na ponte Lava Pés, em uma altura da avenida JK próximo ao cemitério e a uma das subidas (a mais íngreme) de acesso ao Santuário. Lendo um roteiro previamente preparado pela equipe de liturgia formado para aquela edição da romaria, ela enunciou:

Está aqui é nossa segunda parada. [pausa]. Nessa segunda parada nós faremos um lava pés. A cerimônia do Lava pés, fazendo memória das pessoas quando vinham de suas comunidades para participar da santa missa. Era aqui que o povo parava, numa aguinha limpa, numa água tão bonita, para lavar os pés e calçar os seus calçados para ir à santa missa. A religiosidade do povo, a religiosidade de um povo que vivia a sua fé, com os seus pés para poder ir e se encontrar com a comunhão eucarística, rezando a missa em sua comunidade (transcrição de fala pública de liderança, durante a quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição, 04.09.2022).

Entre uma fala e outra, convidava a multidão a cantar. Assim, na sequência, a multidão cantou “És água viva” (1990)¹¹⁶, que canta em seu refrão *És água viva, é água nova/E todo dia me batiza outra vez/Me fazes renascer, me fazes reviver/Eu quero água desta fonte de onde vens*, os romeiros e romeiras designados a realizarem a *mística* começaram a lavar os pés dos atingidos/as pelo projeto Minas-Rio e outros atingidos/as pela mineração, convidados/as para comporem a cerimônia.

A mediadora, do carro de som, prosseguiu lendo pausadamente o roteiro, refletindo sobre o ato que era feito e indagando sobre a realidade social que envolve a mineração. Prosseguiu ela:

[...]. A criação geme em dores de parto. Lavamos os pés contra as mineradoras, pela sentença de morte que foi decretada contra nossos rios, contra a Mãe Terra e contra a natureza. Denunciamos o sofrimento e morte generalizada. Por que lavamos os nossos pés hoje? Lavamos os nossos pés hoje porque a morte não tem a última palavra. Lavamos os pés contra a hipocrisia dos grandes negócios, que não pensa a vida, mas degrada, agride e mata em vista do lucro e pelos interesses do capital financeiro. Por que lavamos os pés hoje? Por que os pobres e a Terra estão bradando. Lavamos os pés contra aqueles e aquelas que buscam apenas benefícios à custa dos pobres e da Terra, e denunciamos os donos do poder e do dinheiro. Por que lavamos os pés hoje? Porque somos chamados a sermos incansáveis testemunhas da verdade e da justiça. Lavamos os pés contra toda forma de violência que ameaça toda a vida materializada com o crime socioambiental das mineradoras. Por que lavamos os pés hoje? Porque a vida dos nossos rios, nascentes e cachoeiras alimenta a biodiversidade. Lavamos os pés contra todo o pecado da ganância, da exploração e do lucro colocada acima do valor da vida (transcrição de fala pública de liderança, durante a quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição, 04.09.2022).

Para dar início ao ato da lavagem dos pés, a mediadora puxou o refrão da música

¹¹⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4lpnFNL59hSQ4iraOYV4s5?si=395430fa76dc4c4a>. Acesso em: 31 mar. 2026.

“Desamarrem as sandálias” (2000)¹¹⁷ de Joel Franz, convocando a multidão, *vamos desamarrear nossas sandálias e cantar*. E, repetindo duas vezes, cantou e pediu à multidão cantasse o refrão, que diz *desamarrem as sandálias e desamarrem/Este chão é terra santa, irmãos meus/Venham, orem, comam, cantem, venham todos/E renovem a esperança no Senhor*. A música faz referência ao ato bíblico de Moisés, que conduziu o *povo de Deus* rumo à *libertação* da escravidão, em desamarrear as sandálias ao se aproximar da Terra Santa, simbolizando o fim do êxodo e simbolizando um gesto de humildade e veneração ao sagrado. Assim, a música enfatizou a sacralidade do local onde se pisa – neste caso, Conceição, um dos territórios que compõe a Bacia do Rio Doce, que sofre com a mineração.

Figura 35 – Segunda parada, na Ponte Lava-Pés, durante a quinta Romaria do Rio Doce em Conceição do Mato Dentro, em 4 de setembro de 2022



Fonte: Secom-Cáritas (2022).

¹¹⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2UMBEVGMbdOD8faqqb0QtI?si=9afdc1c57a324ec2>. Acesso em: 31 mar. 2026.

Figura 36 – Mística do lava-pés durante a segunda parada para reflexão durante a quinta Romaria do Rio Doce



Fonte: Secom-Cáritas (2022).

Terminada a lavagem dos pés dos/as atingidos/as pelo Minas-Rio e outros, afetados pela mineração, com a multidão voltando a se aglomerar em uma coluna para prosseguir a caminhada pela avenida, ainda sobre o efeito emocional das palavras de *denúncia*, enunciadas e cantadas, a animadora finalizou o momento com a oração do Pai Nosso, pedindo a todos que rezassem junto. Com a multidão em movimento novamente, foram andando e rezando. Na esteira do Pai Nosso, seguem caminhando cantando “Pai Nosso dos Mártires” (sem data)¹¹⁸ de Cirinou Kuhn. A canção, inspirada no assassinato do padre Ezequiel Ramin (1953-1985), assassinado em 1985, em Rondônia, por defender a causa indígena e ambiental. Como visto, padre Ezequiel foi um dos *mártires da luta* feito presente nos estandartes conduzidos pela multidão, nesta e em outras edições da Romaria do Rio Doce de que participei.

O local para a segunda paragem de reflexão foi escolhido pela coordenação da quinta Romaria para marcar a memória coletiva dos romeiros, romeiras e transeuntes com base em vivências proporcionadas na fase “pré-romaria”, em Conceição, o que possibilitou o conhecimento das histórias que ligam o córrego e a ponte a uma memória local. Como os símbolos são multivocais, aglutinando diversos significados, para os propósitos do que se discute aqui, vale relembrar o que me disse uma das coordenadoras da romaria, durante uma entrevista. A propósito da *mística* do Lava Pés, como conversei com uma coordenadora,

[...] a questão da água. [...] essa questão do rio, que ele vem como força, [...]. Como é... qual... como que você traz esse elemento, da água. Em Conceição a gente não trouxe, né. É, que você caminhar, você olhar, você observar, você ouvir o lamento e o clamor

¹¹⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ie2I-blUGc&list=RD_ie2I-blUGc&start_radio=1. Acesso em: 31 mar. 2026.

do próprio rio. Que essa é a diferença também desse sentido do santuário que a gente traz, é o que... aquela terra, e o que aquelas águas estão pedindo pra gente? [...]. Então acho que esse é um pouco, é isso também que a gente quer trazer de elemento forte, que a própria natureza nos traz, né.

[...] Eu lembro que a parada lá da, da Ponte Lava Pés, foi o momento em que a gente fez uma reflexão, e praticou, né, uma reflexão mais próxima do Santo Antonio ali, porque passa um rio, mas bem pequenininho [na verdade um córrego, o Córrego da Praia, que desagua no Santo Antonio], né, debaixo daquela ponte... teve o lava-pés mesmo, né. O ato do lava pés. Que foi lembrado em algumas entrevistas, né, lá em Conceição. É... me fala um pouco mais essa relação? Como você viu essa relação, né? Já que você falou do lamento, né... como é que foi lá?

Então... foi, foi a forma que a gente achou. É... como é que, aquele córrego, praticamente morto. Então como é que você trazia é... porque o problema, as pessoas elas trabalham com o que elas veem, né. O imaginário é o que você consegue ver, não é o... e a Romaria tem, na romaria... o cuidado que a gente deve ter, como que você trabalha o imaginário, uma perspectiva de você ter quatro mil pessoas, então, nem todo mundo vê, né. E simbolismo... e símbolo você não explica, né. [...]. Mas, na romaria, você acaba que, tem que trazer um pouco, né... a narrativa do que você está fazendo, as pessoas que estão longe não conseguem ver. Ali, a ideia foi isso, né. Como é que você [...] traz a... como é que você, naquele momento, com a água, você pede perdão, que o lava-pés envolve isso, né, é você... você fazer, você fazer o que o outro está fazendo, entendeu? É você igualar o outro e você pedir perdão, né. Então neste aspecto [inaudível], dessa atitude mesmo, de estar lavando os pés, mas ao mesmo tempo pedir perdão por tudo que tem feito com nossas águas. Aquele momento ali. Que é uma forma que a gente encontrou também... de mostrar que ali tem um córrego, que aquele córrego está morto, como é que a gente pode trabalhar a ideia do perdão e do sentido de, da recuperação daquele córrego (Serra do Brigadeiro, coordenação, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 08.05.2024, grifos meus).

Realizada sob um intenso calor, entre a segunda parada e terceira, se viu aumentar e diminuir o ritmo da caminhada, conforme a multidão ia avançando pela avenida que vai se inclinando. O ritmo ia sendo marcado pela cantoria e pela fala de algumas pessoas – militantes de movimentos sociais, atingidos/as, padres, lideranças leigas – convidadas ao carro de som para falar, dar seus *testemunhos*, fazer *denúncias* e *anúncios*. Por exemplo, subiu ao carro de som um representante do MAM, da comunidade quilombola de Queimados, em Serro-MG, que vem sofrendo com o avanço da mineração na região. Como falou ao microfone:

Estamos aqui hoje enquanto comunidade, como cidadão, mas também enquanto movimento social, o MAM, Movimento pela Soberania Popular na Mineração, [que] caminha junto nessa luta contra o poder capitalista, contra essa pauta, de consciência do meio ambiente, de consciência de que aqui existem vidas. [...]. O MAM está aqui na caminhada, está nos territórios, né. Se ainda tem muitos ugares que não são minerados, que não sofrem muitas perseguições é graças a nossos movimentos aqui [aponta para a multidão], igual a gente está fazendo hoje, é o movimento na rua, que sai de casa e decide estar vindo aqui para fazer esse movimento lindo (transcrição de fala pública de militante do MAM, quilombola, durante a quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição, 04.09.2022).

Interessante notar que, tanto na fala, durante a mística do Lava Pés, quanto nessa fala do representante do MAM, viram-se críticas feitas às mineradoras, mas – sintoma de um *medo*

da perseguição –, não se pronunciavam os nomes das empresas mineradoras, seja da Anglo American, que opera o Minas-Rio, seja os nomes da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton, donas da barragem de rejeitos, que destruiu o Rio Doce.

Na sequência, tendo em vista a diminuição do ritmo, numa parte mais íngreme da avenida, houve uma ‘quase’ parada de reflexão, próximo à Câmara dos Vereadores, quando um membro do clero, 60 anos, agente pastoral da CPT – como me informou em entrevista, ameaçado de morte por algumas vezes e respondendo por alguns processos movidos por megaempresas –, fez a fala mais contundente (ou, em termos êmicos, *profética*) da quinta Romaria.

A fala foi feita do caminhão, como ouvi entre coordenadores, acolhedores locais, vinculados ou não a movimento de resistência à mineração; foi o momento mais esperado (para a coordenação), tenso e crítico da romaria. Nas ruas, por aproximadamente sete minutos, o religioso fez ecoar, no autofalante do carro de som, para a multidão de romeiros e romeiras que subia a avenida JK – nessa altura da avenida, em razão do período eleitoral, toda cheia de propaganda política do candidato Cadinho e outros candidatos –, debaixo de um sol muito quente:

[...] Essa região aqui, de Conceição do Mato Dentro, do estado de Minas Gerais era um santuário natural e ecológico, ambiental, sagrado, cultural, histórico. Uma maravilha. Mas, chegou na região o Dragão do Apocalipse, chamado mineradora Anglo American, com a cumplicidade do Estado Brasileiro. E nós precisamos ter a clareza, porque no segundo versículo da Bíblia está escrito que o Espírito de Deus está nas águas, permeia, perpassa as águas. Água é fonte de vida, [...]. Então, quem, por omissão, cumplicidade ou por projeto de idolatria do capital, vai matando as fontes de água comete o pecado mortal, o pecado contra o Espírito Santo. O pecado que não tem perdão. [...]. Então mineração, meus caros irmãos e irmãs, romeiros e romeiras... é claro que ninguém é ingênuo, um pouquinho de mineração precisa, mas é o mínimo pra gente ter o estilo de vida simples e austero. Mas, a mineração capitalista, com essa gula sem fim é uma coisa satânica, diabólica. Gera lucro e acumulação para uma minoria de acionistas, que, principalmente internacionais, está sacrificando o nosso querido estado de Minas Gerais. Então, em nome da vida, em nome das crianças, em nome das próximas gerações [...]. Sigamos firmes, com a luz e a força divina, com a presença dos mártires que caminham vivos e ressuscitados em nosso meio, com a presença da mãe terra, da força da vida, com a presença da irmã água e da [inaudível] biodiversidade. Sigamos firmes lutando para construirmos uma sociedade com justiça agrária, com justiça urbana, com justiça ambiental com a superação de todas as discriminações, porque o Deus da vida, invocado sob tantos nomes, quer sejamos construtores da paz [...]. Sigamos firmes, unidos, irmanados e irmanadas nessa caminhada, sendo não apenas aqui na romaria, mas todos os dias de nossa vida (trecho de transcrição de fala pública de padre, 60 anos, agente da CPT, durante a quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição, 04.09.2022).

Como se pode notar, nos discursos públicos pronunciados pelos diferentes convidados/as, a falar no carro de som, o “sentimento de injustiça”, conforme Losekann (2017), atua como uma bússola moral que orienta a construção dos enquadramentos explicativos.

A Romaria do Rio Doce reitera e realiza (Taylor, 2013) a *via sacra do Rio Doce* (Serra do Brigadeiro, coordenação, 57 anos, Diocese de Itabira/Cel. Fabriciano, entrevista 17.04.2024). Ou melhor, como definiu outro coordenador, a Romaria do Rio Doce é

O povo de Deus a caminho da terra prometida. Então, é esse sentir a romaria como uma coisa dinâmica. Povo andando, povo atrás numa cruz, que é a cruz de Cristo, Sim, carregando os símbolos [...], carregando os mártires, atrás dos santos, isso na frente, o povo carregando uma cruz nas costas, tem um símbolo aqui, teologia, teológica muito forte, muito viva, muito atual, né? (Gualaxo do Sul, 62 anos, Diocese de Itabira/Coronel Fabriciano, entrevista 17.04.2024).

A Romaria do Rio Doce, que é uma romaria *de denúncia*, vinculada a um histórico de romarias da Terra e das Águas, organizadas com a participação das pastorais sociais da Igreja e alguns movimentos sociais, produz

[...] um sentimento de identificação entre a luta dos oprimidos e a Paixão de Cristo. [...], associando a caminhada dolorosa do Messias à travessia do deserto pelo povo judeu. Interpreta-se a via-sacra recordando as palavras de Jeová, segundo o livro do Êxodo (3: 7-8): ‘Eu vi a miséria do meu povo e ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; conheço, pois, a sua dor; estou decidido a libertá-lo.’ Como Cristo, o povo, e com ele cada um de nós, é chamado a vivenciar a dialética do sofrimento, morte, ressurreição, numa caminhada histórica, sem volta, de superação das iniquidades deste mundo (Fernandes, 1990, p. 117).

E para realizar tal caminhada e veicular uma *mensagem* nas ruas, como venho demonstrando, envolve riscos. Por exemplo, há um risco envolvido em criticar a empresa. Até o momento da caminhada da fala do religioso agente da CPT, não tinha havido nenhuma fala que mencionasse diretamente o nome da empresa. Como descrevi, houve críticas à mineração, mas ainda não se tinha ouvido o nome da mineradora. Conversando com uma conceiçonense, sobre o que marcou sua memória ao ter participado, no dia 4 de setembro de 2022, o *medo* e a *coragem* de falar nos dá uma dimensão do risco que se sente.

Uma coisa também que eu achei muito interessante, que, assim, pela coragem, pela fé. [...]. Teve uma parada, por ali, onde cê mora mesmo [próximo ao bairro Brejo]. Teve uma parada que as pessoas... [...] teve um momento que as pessoas falavam assim [abaixando o tom de voz, quase que me contando um segredo]: “fora a mineradora”.

Eu lembro desse momento também.

Cê lembra?! É, eu fiquei... muita gente estava de máscara, né, eu lembro que ficava pensando assim, “mesmo por trás da máscara, quantas pessoas que falou, né?”. Falava “Fora Anglo”. Eu fiquei observando e pensando, “são pessoas corajosas”, porque nós não somos nada diante deles. Então, assim, são pessoas corajosas, que teve coragem de falar... que a gente sabe que eles são os poderosos aqui da terra, então nós não somos nada diante deles aqui na terra. Mas, nós somos, diante de Deus,

né, abençoados.

Porque no dia a dia, aqui na cidade, como que você sente assim? Como que é falar sobre a empresa assim? Você acha que é tranquilo ou não é tranquilo? Como que você acha que é, tipo, fazer críticas, por exemplo, como é que você avalia hoje aqui em Conceição, você que mora, é daqui? Como é que você avalia isso?

Olha, a todo momento, Ramon, eu sou assim... eu sou preocupada com essa empresa. Eu sou preocupada. Claro que traz desenvolvimento, traz emprego. É importante? É. Mas, o que vai deixar pra trás é gravíssimo, né? É gravíssimo, que vai restar pra nós.

E falar sobre isso, você acha que é tranquilo ou não? Você acha que as pessoas podem falar essas coisas, no dia a dia, aqui?

Ah, tem muitas pessoas que tem vontade de falar e não pode. É, é... tem vontade de falar e tem medo. Tem vontade de falar e não pode.

Por isso, você acha que foi corajoso quem disse lá no dia?

Ahan. Fiquei ouvindo e pensando, “são pessoas corajosas”, né, pra falar. E nós temos que ser pessoas de coragem, né. Nós temos que ser pessoas de coragem.

Eu lembro desse momento, foi ali perto da Câmara.

Foi perto da Câmara?

Foi. Na hora que virou pra pegar aquela rua ali do posto de saúde, né, aí, antes de virar ali [referindo-me à quase-parada, isto é, uma parada não planejada, na avenida JK, no trecho entre a Câmara dos Vereadores e a virada para a rua Prefeito José Natalício, próximo ao Poliesportivo], aí que... [o religioso] que começou a falar no carro de som, né, aí todo mundo “fora Anglo, fora Anglo”, né. Foi ali.

Eu achei muito interessante, muito interessante (Cuieté, acolhedora local, 53 anos, Diocese de Guanhões, entrevista 06.04.2024).

Dialogando com o que disse a acolhedora local, sobre o *medo* de dizer só – isto é, de *denunciar* sozinha durante a vida cotidiana em Conceição –, e a *coragem* que a multidão deflagra, vale mencionar o que disse outro conceiçonense, o construtor da cruz da quinta Romaria:

[...] acredito que se uma Romaria das Águas tivesse pegado o início de uma mineração, muita coisa teria sido diferente, porque não teria ficado só debaixo dos panos dos políticos. Faltou gente. [...], faltou esse movimento. Eu acho que quando tem alguma coisa em relação a mineração, um movimento desse leva... porque muitas pessoas querem dar o seu grito, mas ele não tem coragem de ir sozinho, ou se ele for sozinho, ele é perseguido pela política local, então, a partir do momento que entra um órgão desse, um movimento desse, aí a pessoa se sente segura ali no meio, entendeu? Ela não está só, é mais um em meio de centenas que estão ali, aí sim faz valer, entendeu? E eu acho que se isso fosse trabalhado, entendeu, muita coisa seria diferente, muitas coisas seriam garantidas pra população, entendeu, pra sociedade civil e não só para o bolso de alguns políticos e pessoas influenciadoras, entendeu? Isso é fato (Rio Três Barras, 47 anos, Diocese de Guanhões, entrevista 30.04.2024).

O que dialoga frontalmente com o que escreve Thompson (1998), a propósito da resistência aos cercamentos, em defesa das terras comunais, ainda no século XVIII, na

Inglaterra:

[...]. Os protestos urbanos a respeito dos direitos comuns eram frequentemente mais grandiosos e visíveis do que os rurais, [...]. A razão mais óbvia do sucesso urbano é simplesmente **o maior número de pessoas e dessa forma o anonimato possibilitado aos amotinados**. [...] (Thompson, 1998, p. 102, grifo meu).

A força da aliança (Butler, 2018) para ocupar as ruas (esse espaço de risco e de aparecimento) e o anonimato possibilitado ao estar em meio à multidão (Thompson, 1998; Lopes, 2016), somado a toda a “efervescência coletiva”, que os ritos promovem, animada por um mediador experiente, possibilita animar uma voz coletiva dizer aquilo que não se pode dizer sozinho, ou fora do corpo coletivo. A Romaria do Rio Doce atravessa esse risco, essa ameaça, transformando-se, para alguns moradores do local, na voz de quem tem *medo de abrir a boca*.

Após essa fala, romeiros e romeiras seguiram a caminhada, rumo ao Santuário, onde fizeram o afincamento da cruz da romaria, como marco de memória do evento no local, e onde a missa de encerramento foi celebrada por D. Otacílio e concelebrada por inúmeros padres, diáconos, seminaristas, romeiros e romeiras, concluindo com a leitura da Carta da quinta Romaria do Rio Doce¹¹⁹ e a partilha do almoço para todos os presentes. A seguir, falo um pouco mais do simbolismo envolvido no rito.

O afincamento da cruz

Um dos ritos centrais de cada edição da Romaria é o afincamento da cruz. Este rito, que pode ocorrer durante a caminhada ou ao final dela, é descrito como um momento significativo. Na quinta Romaria, o afincamento da cruz ocorreu durante a terceira e última parada da caminhada. Como disse uma coordenadora da Romaria, o *cruzeiro quanto maior, mais forte é a mensagem*, o momento. No caso da quinta Romaria, não era nem muito o tamanho que impressionava, mas o seu peso. Feita de braúna (*Melanoxylon brauna*)¹²⁰, vinda da demolição de fazendas desapropriadas por conta da abertura da mina de minério de ferro, na Serra do Sapo. Uma madeira muito densa e pesada, era usada para ser a estrutura dos casarões das fazendas da região. Conforme disse o pároco, tendo em vista a densidade e resistência da madeira escolhida, a cruz foi feita para *durar mais 200 anos*. Ou, nos dizeres do construtor da cruz, *a gente precisava de alguma coisa histórica* (Rio Três Barras, 47 anos, Diocese de Guanhães, entrevista

¹¹⁹ Para acesso à Carta da quinta Romaria na íntegra, cf. Anexo 4.

¹²⁰ Árvore nativa do Brasil, ela é conhecida por sua madeira densa e durável, de coloração escura.

30.04.2024).

A cruz da Romaria do Rio Doce geralmente é carregada pelos romeiros e romeiras, durante a caminhada. Todavia, na quinta edição, em decorrência de seu peso e prezando pelo cuidado com a segurança dos romeiros e romeiras, atipicamente o madeiro não foi carregado pelo *povo de Deus*. Na verdade, o pesado cruzeiro se ‘fragmentou se multiplicou em um conjunto de cruzes pequenas, feitas aos montes, durante a semana que antecedeu a caminhada, enfeitadas com três *fitas*, conduzidas por cada romeiro e romeira, durante a caminhada até o Santuário. Essas cruzes foram levadas para casa por cada romeiro/a como uma *lembrancinha* da quinta Romaria. As fitas, nas cores branca, preta e vermelha, que foram grampeadas na cruz (ver Figura 37 e 38), são as mesmas cores dos panos que envolveram o madeiro da cruz que foi levantada em torno do Santuário (Ver Figura 39).

Figura 37 – Lembrancinha da quinta Romaria do Rio Doce (2022), em Conceição do Mato Dentro. A cruz com as fitas branca, preta e vermelha



Fonte: Secom-Cáritas (2022).

Figura 38 – Lembrancinha da quinta Romaria do Rio Doce (2022). A cruz com as fitas conduzida pelos romeiros e romeiras, durante a caminhada da quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição, em 4 de setembro de 2022



Fonte: Secom-Cáritas (2022).

No momento da última parada para a reflexão, a cruz da Romaria da Bacia do Rio Doce foi levantada por um mecanismo cuidadosamente preparado por um restaurador local, da comunidade quilombola de Cubas, que esperava a multidão para subir a pesada cruz. Solicitando um espaço de segurança às pessoas, para evitar algum acidente, o responsável manuseando o mecanismo de roldanas e correntes, fez a cruz levantar (Figura 39). Depois, de levantada, a cruz foi ajustada e parafusada ao esteio profundamente enterrado no solo que a sustentava.

Figura 39 – Afirmamento da Cruz, durante a terceira parada para reflexão durante a quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro



Fonte: Secom-Cáritas (2022).

A cruz, neste contexto, transcende seu papel unicamente religioso para se tornar um símbolo potente de luta e resistência. Ela representa a justiça e a resistência, e está ligada à ideia de martírio. A simbologia da cruz, portanto, está intrinsecamente ligada à prática e à experiência religiosa dos romeiros, tornando-se um ponto focal tangível para sua fé: a memória do desastre e a expressão de sua resistência política. Representa, portanto, um embate simbólico direto entre o espaço sagrado e a exploração mineral predatória que impacta a vida, a terra e as águas da região. É um ato que demarca a resistência, em um território sob forte influência e controle da mineração. É um ato que demarca a resistência e a persistência da luta, em um território onde o controle da mineração busca silenciar e interditar as vozes dissonantes.

A princípio julguei o lugar que o cruzeiro foi colocado, pois na minha leitura, o marco se encontrava *escondido*, ‘nas costas’ do Santuário. Todavia, ouvir a explicação vinda do

construtor e arquiteto do ato que se viu, durante a caminhada, essa minha visão se desfez. Não há uma relação com a ‘frente’ (mais valorizado) ou as ‘costas’ (menos valorizado) do Santuário. Mas, sim, toda a técnica e engenharia do rito teve a ver com a mensagem religiosa (*Aos pés do Bom Jesus*) e uma mensagem política, tudo ao mesmo tempo, em uma questão de um jogo de movimento em torno da cruz, e uma consequente mudança de perspectiva (e de relações significativas entre os termos relacionados: “cruz-santuário-serra da Ferrugem”).

Se olha por onde a quinta Romaria chegou, vê-se o Santuário (religioso/sagrado). Se olha indo embora do Santuário, por onde se chegou com a Romaria, vê-se a Serra da Ferrugem (sagrado). A Serra da Ferrugem, onde a mineração ameaça, possui nascentes, uma mina d’água com água na bica e é passagem de romeiros e romeiras do Bom Jesus de Matosinhos, ponto de peregrinação com capelinhas de Santa Luzia e Nossa Senhora Aparecida e utilizada para as oferendas das religiões de matriz afrobrasileira. Como conversamos:

Você lembra porque foi escolhido aquele ponto pra colocar o cruzeiro?

A gente precisava... aquele ponto ali, foi... teve um estudo antes, né. É... o que que acontece... ali nós precisávamos... ia falar da água, da mineração, que está na serra, né, e de um local de, de, de... que as pessoas chegassem, e já visse, ter uma boa visão, né. Então a gente pensou nisso tudo.

A Romaria ia chegar por ali também, né?

A romaria ia chegar por ali. Então precisava ser uma coisa na chegada, que se você tirar foto dele da pista de caminhada, você pega o santuário, você pega uma foto que você tem a cruz, mas a torre do Santuário. Então ali tinha um ponto bacana. Se eu estou do Santuário, saindo, e quero fotografar o cruzeiro, tiro a foto, ela pega a Serra [da Ferrugem]. Então ela pega a cidade e pega a Serra, onde tem nascentes, entendeu? Então achamos esse eixo, e fizemos esse estudo, essa análise, e falamos, “pronto, aqui é o lugar”, entendeu?

Entendi.

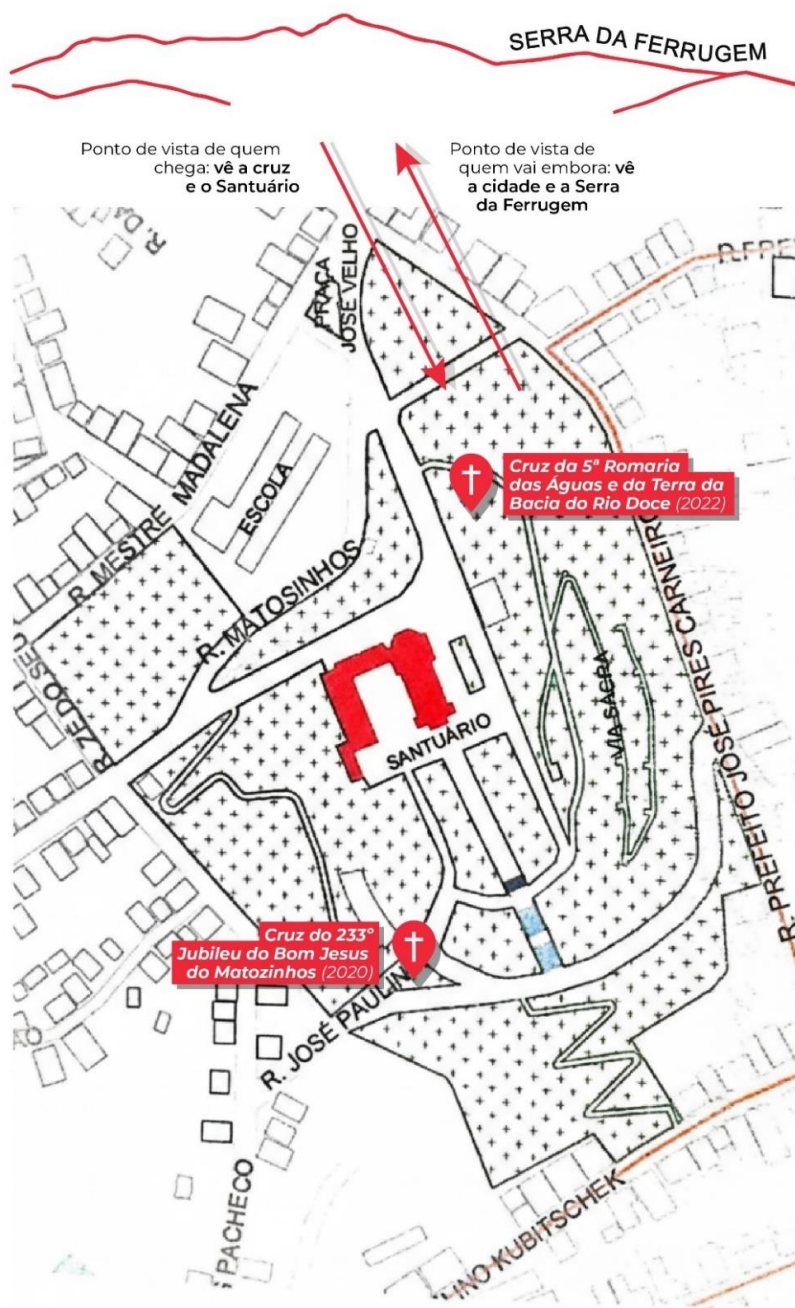
Ela vai passar duas mensagens, você tá chegando, tá passando uma mensagem parte religiosa, e você está saindo, eu estou tendo uma mensagem da Serra, mineração, preservação. Então foi esse o contexto (Rio Três Barras, 47 anos, Diocese de Guanhães, entrevista 30.04.2024, grifos meus).

Para entender, vale a pena ver o croqui abaixo (Figura 40), onde se vê a cruz do 233º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, subido em junho de 2020 – marco de um tempo de pandemia que rogava, conforme escrito em seu marco *pela cura dos males que assolavam a humanidade, especialmente pelo fim da pandemia do corona vírus* (Figura 41) –, e a cruz subida, durante a terceira parada, antes da missa de encerramento, da quinta Romaria do Rio Doce (Figuras 42 e 43).

Lá, no Jubileu (2020), e cá, na quinta Romaria do Rio Doce (2022), respectivamente, o

“grande tema” das orações e o lema da Romaria eram compostos por *Aos pés do Bom Jesus*¹²¹, bem como marcam o tempo de início e fim da pandemia de Covid-19.

Figura 40 – Croqui da posição da Cruz da quinta romaria, em relação a outros elementos sagrados, em torno do Santuário do Senhor Bom Jesus do Matosinho



Fonte: Inventário de Patrimônio Cultural Imaterial de Conceição do Mato Dentro (s. d.), modificado por Rodrigo Teixeira (2026).

¹²¹ No Jubileu o tema das orações foi “Aos pés do Bom Jesus, defenderemos a vida e imploramos pela cura”. E na 5ª Romaria foi “Aos pés do Bom Jesus, cuidar da Mãe Terra, das Águas e da Vida”.

Figura 41 – Cruz do 233º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, afincada em junho de 2020, no auge da pandemia de Covid-19, em Conceição do Mato Dentro, situado em uma área na frente do Santuário



Figura 42 – Cruz da quinta Romaria do Rio Doce, afincada em setembro de 2022, marcando o fim da pandemia de Covid-19, em Conceição do Mato Dentro, situado em uma área na parte de trás do Santuário



Fonte: Ramon Teixeira (2023).

Figura 43 – Marco da quinta Romaria do Rio Doce marca a passagem da *romaria de denúncia* por Conceição do Mato Dentro e o fim da *pandemia do Covid-19*



Fonte: Ramon Teixeira (2023)

Sacralizando as ruas de Conceição

Esse coletivo de romeiros e romeiras da Bacia do Rio Doce, transformou com suas cores, gestos, vozes, sons, estandartes, cruzes, faixas e cartazes o tempo pacato do domingo de Conceição e suas ruas – cotidianamente, marcadas pelo vai-e-vem de homens e mulheres uniformizados, carros 4x4, ônibus indo e vindo da mina, em meio ao cotidiano de uma cidade do interior, com suas outras temporalidades (Figura 44 e 45). Em algumas casas, inclusive, foi possível ver as janelas e sacadas devidamente preparadas para a passagem da romaria (Figura 46).

Figura 44 – Multidão reunida para a Quinta Romaria do Rio Doce marca as ruas de Conceição do Mato Dentro, na av. JK, em direção ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos logo no alto e à frente, na manhã quente de domingo, 4 de setembro de 2022



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

Figura 45 – Multidão reunida para a Quinta Romaria do Rio Doce marca as ruas de Conceição do Mato Dentro, próximo ao poliesportivo, no bairro Brejo, em direção ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, na manhã de domingo, 4 de setembro de 2022



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

Figura 46 – Casa preparada para ver a quinta Romaria do Rio Doce passar, em Conceição do Mato Dentro, na manhã de domingo, 4 de setembro de 2022



Fonte: Secom-Cáritas (2022).

Durante a caminhada da romaria, pode se dizer que houve “uma apropriação simbólica” do espaço, em que “sobre ele se sobrepõe uma série de representações, inclusive com associações a passagens bíblicas” (Menezes, 2000, p. 321). As romarias qualificam o espaço (Fernandes, 1982). Como escreveu o antropólogo, “A romaria é mística do espaço, transformação da paisagem” (Fernandes, 1994, p. 14). Assim, ela nos leva do profano ao sagrado por caminhos rotineiros que mudam de feição conforme se avança. Nas romarias, é com os pés que se ora e

[...] no jogo tenso das oposições entre o profano e o sagrado, que constituem o espaço em que existimos, os romeiros em seu percurso afirmam a centralidade do sagrado e, por conseguinte, sacralizam a totalidade do território percorrido. [...], o sacrifício da caminhada adquire o seu sentido próprio, *sacra facere*, faz sagradas as coisas e pessoas ao redor. [...] (Fernandes, 1994, p. 25).

Assim,

O espaço ganha uma função metafórica e se apresenta como um texto que possibilita o acesso às múltiplas interpretações sobre os quais se funda esta sociedade entre os homens, santos e anjos se encontram diretamente implicativos, através de diferentes formas de trocas e de convivências (Steil, 1996, p. 23).

Nesse processo, “A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto” (Bosi, 2003, p. 16). Como debatido na teoria sobre romarias de Sanchis (1983b), nas romarias é onde:

[...]. O sentimento de natureza, [...], encontra, sem dúvida alguma, [...] uma reactivação periódica, fora do labor quotidiano, e ao mesmo tempo uma consagração. Por vezes, um outro elemento da natureza reveste-se de um significado religioso característico: água [...], fontes milagrosas, árvores ou plantas [...], rochedos. Mas, [...], sempre relacionado com o objecto principal de devoção, [...] (p. 31).

Que, no caso das Romarias da Bacia do Rio Doce, é direccionado à *mãe natureza*, à *irmã água*, ao *Watu*, em síntese, para *a criação de Deus, nossa Casa Comum*. Deste modo, tal como se vê nas romarias devocionais, “O ‘centro’ [sagrado] não é metáfora ou sinal. O sagrado está ali, concreto, material, sensível, passível de ser visto e tocado” (Fernandes, 1994, p. 24).

A Romaria do Rio Doce é, ao mesmo tempo, um fenómeno religioso e um acontecimento sociopolítico. Uma “caminhada ritual” (Sanchis, 1983a, 1983b) que se manifesta no interior do catolicismo, sobretudo, pós-Vaticano II (1962-1965). Em termos etnográficos, uma expressão de “religião vivida”, no interior de um catolicismo plural (Teixeira; Menezes, 2009) que, tal como a Romaria da Terra observada em Bom Jesus da Lapa (Steil, 1996) e em outros lugares (Barreira, 1986; Barros, Peregrino, 1996; Adam, 2002; Souza, 2019), integra uma tradição de Romarias da Terra no Brasil (Chaves, 2000), como experiências “do catolicismo do Vaticano II” (Steil, 1996, p. 272), que reproduz e transforma esse “moderno gesto antigo” (Arosio, 1998) – as romarias cristãs católicas – em um processo de reinvenção da tradição pelo imbricamento entre religião e política, devoção e protesto.

[...] ao lado das tradicionais romarias e procissões rumo aos santuários consagrados pela religiosidade popular, e das marchas políticas promovida pelo MST, uma nova tradição foi inventada, a das romarias da terra. Assumindo um carácter simultaneamente religioso e político, elas são freqüentemente organizadas pelas pastorais populares da Igreja, muitas vezes sob oposição da hierarquia clerical. Algumas delas realizam-se nos santuários das romarias tradicionais, como é o caso de Canindé (CE), Juazeiro do Norte (CE), Bom Jesus da Lapa (BA) e Trindade (GO). Outras, porém, definem-se, ano a ano, por **locais marcados pelo conflito e luta de terras – renovando o sentido do martírio – ou naqueles lugares em que a conquista da terra permite a celebração da vitória e a realização da “festa da colheita”**. [...] Nas romarias da terra no Brasil, [...], a fronteira entre o religioso e o político perde a nitidez. [...] (Chaves, 2000, p. 22, grifo meu).

Em síntese:

[...] a prática antiga da romaria tornou-se uma nova maneira de reivindicar direitos e um valioso instrumento de luta e solidariedade. [...] São velhas práticas, renovadas para a realização de um novo projeto social que seja mais justo. [...] (Vieira, 2015, p. 101).

A Romaria do Rio Doce tem como objetivo principal *não esquecer* o rompimento e propor um outro modelo econômico, político e social para prevenir a repetição de tal tragédia. Trata-se, como definida por membros da coordenação, romeiros-missionários e padres, de uma romaria *de denúncia*, ao modelo mineral brasileiro (Trocate; Coelho, 2020), e *anúncio* de uma

outra ecologia, a ecologia integral. Nos termos do Clero, a Romaria do Rio Doce *vem anunciar o Reino de Deus e denunciar toda a espécie de injustiça* (Rio Vermelho, 49 anos, Diocese de tabira/Cel. Fabriciano, transcrição de vídeo da segunda Romaria do Rio Doce)¹²². Ao se refletir sobre o que se *quer com a romaria*, sobre qual seu propósito, em três pontos, nas palavras de outro coordenador, ligado à Cáritas Brasileira, a romaria

[...] tem trecho pra refletir, primeiro sobre a memória do crime, né. Segundo, é... essa questão de uma reparação justa, uma reparação integral. E um terceiro, a construção de uma nova Bacia do Rio Doce, né. [...] [que] tem que ser construída a partir de ouvir o povo, a partir de olhar a realidade local, de... a partir do diagnóstico da realidade local, e do saber e do acúmulo do povo [...] (Córrego da Ferrugem, coordenação, 51 anos, Arquidiocese de Mariana, entrevista 08.04.2024).

Embora siga a tradição das Romarias estaduais organizadas pela CPT, em Minas Gerais, a Romaria do Rio Doce possui a particularidade de articular outras organizações da Igreja Católica, outras igrejas e movimentos em sua organização, muitos deles que passaram a ter contato após a realização da Caravana Territorial do Rio Doce que, nas palavras do membro da coordenação, *foi bem incorporada*, sendo que os *atores* envolvidos na realização da Caravana e da Romaria, *a maioria deles, são os mesmos* (Córrego da Ferrugem, coordenação, 51 anos, Arquidiocese de Mariana, entrevista 08.04.2024).

A Romaria demonstra grande amplitude, envolvendo a participação de paróquias de várias cidades e agregando diferentes movimentos sociais e religiosos. A Romaria estende sua atuação por diversas dioceses da Bacia do Rio Doce, em Minas Gerais e Espírito Santo. Ela se torna um *santuário do povo*, um espaço no qual as pessoas se colocam na rua, para fazer o *debate* sobre o problema da mineração.

Como “uma tradição que é continuamente *reinventada*” (Steil, 1996, p. 59, grifo do autor), as Romarias do Rio Doce surgem de uma ruptura com essas romarias da CPT, sem perder de vista “um estoque de referências religiosas e práticas rituais que foram sendo acumuladas [...], [...], mas que hoje são usadas para socializar seus sistemas de ideias e padrões de comportamento” (Ibid.) que agrega às ‘velhas questões’ da CPT, concernentes à luta pela terra (Romano, 1995), uma ‘nova’: a “questão mineral brasileira” (Trocate; Coelho, 2020), ou melhor, a megamineração, as mineradoras e suas barragens como um problema público (Cefäi, 2009, 2011), que exige justiça socioambiental. Como *romaria de denúncia*, a Romaria do Rio Doce é itinerante e vai onde o *problema está*.

A Romaria do Rio Doce é um espaço de luta, de memória e de ressignificação do sofrimento (Vecchioli; Catoggio, 2019). Ao longo de seu percurso, a Romaria se conecta com

¹²² Cf. 2ª Romaria... (2017).

as marcas da mineração, revelando as feridas abertas na paisagem e no corpo social. A relevância da Romaria reside em seu papel na construção da memória e na resistência, funcionando como um contramonumento em memória das vítimas do crime-desastre da mineração (Dupin; Martins, 2023). Elementos simbólicos presente na Romaria, como a cruz, adquirem um significado profundo relacionado à religiosidade vivida e à luta dos atingidos, sendo um símbolo de martírio, resistência e memória.

Por exemplo, a cruz com as fitas branca, preta e vermelha, conduzida durante a caminhada que se transformou em *lebrancinha* (junto a outras *lebrancinhas* e materiais da quinta Romaria), foi “uma forma de materializar esse processo, exportando para a vida cotidiana do devoto a experiência vivenciada no tempo/espaço da romaria” (Menezes, 2000, p. 329-330).

Pensada para suprir a ausência do cruzeiro da Romaria, conduzido pela multidão e para *fazer memória*, as *lebrancinhas* estenderam a quinta Romaria para além daquele tempo-espaço, de 4 de setembro, em Conceição. Assim, o/a romeiro/a deixa um pouco de si, de sua caminhada e sacrifício, nas ruas, em Conceição, e leva para casa um pouco do que se vivenciou na Romaria do Rio Doce. Deste modo,

*[...] Cada romeiro recebeu uma cruz com três fitas (branca, preta e vermelha). A **fita Branca** fazemos memória da passagem de Jesus pela Cruz, sua morte, mas a sua **Ressurreição**. Sua entrega e doação por nós testemunhando a paz. A **fita Preta** fazemos memória do **luto** de tantas famílias e amigos que perderam suas vidas na pandemia, na guerra e nos diversos tipos de violência. Com tristeza lembramos os crimes ambientais com a destruição da terra, da fauna, da água e toda a biodiversidade. A **fita Vermelha** fazemos memória do **Sangue do Mártires da caminhada** nas veias da mãe terra, de nossos rios e do **coração** pulsante de quem faz do **luto à luta** de cada dia* (trechos do Relatório Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce 2020-2022, 2023, p. 13, grifos do texto).

Como disse, essas *lebrancinhas* como outros materiais da Romaria (Figura 47), seguem circulando e vão ganhando outros usos e significados, como foi o caso que ouvi, durante uma entrevista, com uma atingida, 30 anos, de São José do Jassém, uma das comunidades na Zona de Autossalvamento (ZAS) abaixo da barragem de rejeitos do Minas-Rio, que me disse que a família, após a quinta Romaria, fez render em um descartável de 2 litros, diluindo em água filtrada, a água da garrafinha com a água do rio Santo Antônio, benzida na missa e entregue ao fim da quinta Romaria. Segundo ela, o fizeram para a água da Romaria ser usada como uma água benta para cura e proteção da família. Bem como, as várias camisas da quinta Romaria, que vi circular com as pessoas pelas ruas de Conceição, a *lebrancinha* da cruz, que vi na entrada de algumas casas, ou mesmo a referida garrafinha, que vi compondo o altar doméstico, na casa da Cuieté, 53 anos, quando a visitei, em 6 de abril de 2024, para entrevistá-la (Figura

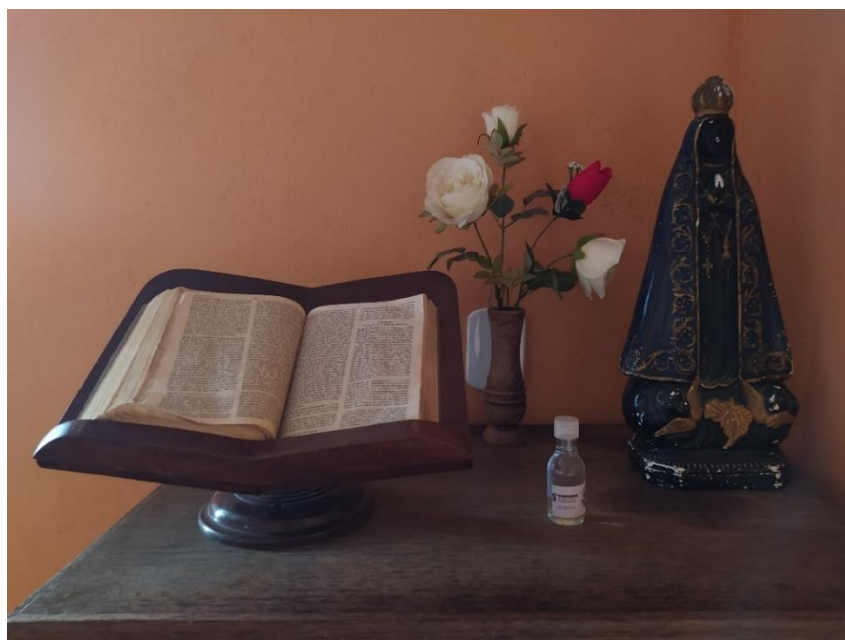
48).

Figura 47 – Cartas e *lembrancinhas* das Romarias do Rio Doce de várias edições, que circulam e estendem a *mensagem* desta romaria no “pós-romaria”



Fonte: Ramon Teixeira (2025).

Figura 48 – Garrafinha com água da nascente do rio Santo Antonio, uma das *lembrancinhas* da quinta Romaria do Rio Doce, junto com a Bíblia Sagrada, a imagem de Nossa Senhora Aparecida, compondo o altar doméstico de uma acolhedora local de Conceição do Mato Dentro



Fonte: Ramon Teixeira (2024).

A Romaria do Rio Doce também faz memória dos atingidos, do *povo oprimido* pela mineração e dos *mártires* que tombaram em defesa da vida, *denunciando a sentença de morte* decretada contra a terra, os rios e suas gentes. Objetos físicos como estandartes com os *mártires*

da luta e os *testemunhos de fé* (ver Quadro 5 e Figura 49) ajudam a perpetuar essa memória e resistência. Deste modo, a Romaria atualiza continuamente a memória sobre o ocorrido, tornando-a uma ferramenta de *denúncia* e reflexão, renovando suas práticas a cada edição. Como notou Souza (2019),

[...] O ato narrativo e a caminhada sugerem a modificação do estatuto da vida e da morte (traduzida em violência) ao recolocar o líder martirizado e encantado no centro do enfrentamento cotidiano por direitos humanos à terra, água, floresta e vida, descritos como fundamentais. **A partir de narrativas orais (cantos, falas) e visuais (fotografias, objetos pessoais, painéis, camisetas, entre outros) estes grupos trazem à tona a dimensão criativa e reivindicativa destas romarias e assembleias**, que homenageiam suas lideranças assassinadas, e transformam mártires e encantados em operadores de relações entre pessoas e mundos (p. 11, grifo meu).

Figura 49 – Estandartes com os *mártires da luta* e *testemunhos de fé* que foram conduzidos pelos romeiros/as, durante a quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro, em 4 de setembro de 2022



Fonte: Ramon Teixeira (2022).

Figura 50 – *Mártires da luta e testemunhos de fé*, carregados por romeiros e romeiras, durante a oitava Romaria do Rio Doce, em Mariana, em 9 de novembro de 2025



Fonte: Cáritas Diocesana de Itabira (2025). Foto: Tainara Torres

Quadro 5 – *Mártires da luta e testemunhos de fé*, nos estandartes conduzidos, durante a quinta Romaria do Rio Doce

<i>Mártires da caminhada</i>	<i>Testemunhos de fé</i>
Rio Doce/Watu	
272 vítimas em Brumadinho	Dom Felipe
Chico Mendes	Dom Luciano Mendes
Margarida Alves	Dom Tomás Balduino
Irmã Adelaide	Padre Ernesto
Indigenista Bruno	Dom José Maria Pires
Dom Philips	Dom José Mauro
Mariele Franco	Padre Itamar
Padre Josimo	Dom Oscar Romero
João Calazans	Dom Pedro Casaldáliga
Padre Gisley	Hélio Martins
Padre Ezequiel	Tião
Irmã Dorothy	
Padre Nelito (vítima da Covid-19)	

Fonte: Ramon Teixeira (2025).

A Romaria enfrenta desafios significativos em cidades dominadas pela mineração. Em Conceição, houve tentativas de silenciamento e bloqueios. Por exemplo, a própria rota da

Romaria precisou ser alterada em alguns momentos, devido a interdições da prefeitura, o que impactou a caminhada dos romeiros. Moradores locais chegaram a se sentir impedidos de participar. Isso demonstra como o contexto minerário exerce uma pressão concreta sobre a realização do evento e a mobilização dos participantes. A identidade visual da Romaria, em Conceição, chegou a incorporar elementos locais da pressão minerária, como cercas e placas de “acesso restrito”, transformando-os em símbolos de martírio e resistência.

A Romaria utiliza o espaço público, como as ruas, para se manifestar. Essa ação transforma ruas pacatas em um cenário de resistência coletiva, fazendo ver e ouvir o sagrado e a *denúncia*, nesse “espaço de aparecimento”, inerentemente um “espaço político”. Os participantes utilizam a materialidade religiosa – imagens de santos, cruzes, estandartes, faixas, cartazes – para se manifestar.

Parece óbvio, mas não é. Como reflete Diniz (2007, p. 33), “É por meio do corpo que se reclama o direito de estar no mundo”. Deste modo, como escreve Butler (2018, p. 87), “A rua, o espaço e a via pública [...] são um bem público pelo qual as pessoas lutam”. Ocupá-los nas manifestações de massa (como o é a Romaria em tela), passa pelo “direito de ter direitos” (Ibid., p. 57), de ter o direito de poder existir e se manifestar, cobrar justiça. Como escreve Butler, “os corpos congregam, [...] se movem e falam juntos e reivindicam um determinado espaço como público”, agregando o próprio espaço, congregando a calçada, organizando e animando a arquitetura (Ibid., p. 52).

Fazer o sagrado, no caso da Romaria do Rio Doce, é *fazer ver* e *ouvir* o sagrado na rua, que se materializa na mística em movimento, por toda a materialidade religiosa que faz o catolicismo cebista e militante, em sua diversidade de engajamentos, interesses e sentido atribuídos, com suas imagens de santos padroeiros da romaria (São Francisco e uma maria, as vezes mais algum santo), cruzes, estandartes dos “mártires da caminhada” e “testemunhos de fé”, faixas, cartazes e ações diretas de protesto, gestos, cheiros, sons, cantos e rezas, falas e gritos de ordem.

Um sagrado, portanto, que colabora para *mostrar*, como se ouviu nas conversas entre os organizadores, a força de mobilização das massas, a partir da Igreja, ou melhor, de uma rede de relações – corpos em aliança (Butler, 2018) – que se congregam, majoritariamente, segundo um catolicismo da libertação vivido, em sua articulação com outros movimentos religiosos (mesmo aqueles teologicamente equidistantes como, p. ex., o movimento carismático) e alguns movimentos sociais, para *fazer memória* e *denunciar* (Rolemberg, 2021) o crime da Samarco, cobrar justiça e *anunciar* um outro mundo possível.

Como reflete Turner (2008), a peregrinação, a caminhada, conduz o peregrino

[...] de um tipo de tempo para o outro. Ele não está mais envolvido naquela combinação de tempo sócio-estrutural e histórico, e que constitui o processo social em sua comunidade nativa rural ou urbana, mas re-encena cineticamente as seqüências temporais sacralizadas e permanentes pela sucessão de eventos nas vidas de deuses encarnados, santos, gurus, profetas e mártires (p. 193).

Assim, ao caminhar, por um tempo que não se mede apenas cronologicamente (Turner, 2008), recorresse-se à memória do crime e dos mortos (Vieira, 2015; Souza, 2016) – o Rio Doce; o *Watu*; as dezenove vítimas da lama da Samarco, entre eles duas crianças e três idosos; as 272 *joias* perdidas com a lama da Vale em Brumadinho; os *mártires da caminhada* e *testemunhos de fé*, e daqueles que, em vida, estão definhando em razão da predação da mineração – e a atualiza conjunturalmente por meio da romaria (Souza, 2016)¹²³.

De outro modo, como vimos, no capítulo 2, pela romaria que é a mesma (sempre a Romaria da Bacia do Rio Doce), mas permanentemente outra, a cada ano (no caso em tela, a quinta Romaria, marcada pelo *zeitgeist*, em que foi realizada), faz-se memória com os pés, em uma combinação de *reza* e *denúncia*, atualizando “uma memória que se configura como denúncia” (Dupin; Martins, 2023, p. 165), ao adicionar, à memória do rompimento da Barragem da Samarco/Vale/BH Billiton, fatos novos, os *clamores* locais (sobretudo, aqueles relacionados ao convívio conflitivo com a mineração, no caso de Conceição e região). O que, para além de lembrar aos romeiros e romeiras, e a quem vê a romaria passar, do crime *em si*, faz lembrar um fato que, até o rompimento, estava fora do radar da população de modo geral e, especialmente, de Minas Gerais.

Nas Romarias do Rio Doce, o romeiro/a entra “em contato com novas realidades, tanto sagradas como profanas, posteriormente retornando à sua comunidade ‘transformado’” (Menezes, 2000, p. 329). Em outras palavras, “[...] através da memória dos acontecimentos e da mística [...] a romaria se renova, se refaz e refazem-se também os compromissos com a própria comunidade a partir da transformação pessoal” (Vieira, 2015, p. 134).

Quero dizer, desde 2016, todo ano a romaria lembra – na caminhada em si, e, também, nos seus marcos (cuja cruz afincada é o símbolo maior), deixados nas cidades onde ocorrem, ou por meios das *lembrancinhas* que os romeiros e romeiras levam para suas casas – como ouvi, também, durante as entrevistas com alguns interlocutores envolvidos com a romaria, que o “rompimento de Fundão não acabou” (Serra, 2018, n. p.).

De modo mais amplo, lembrar à população que, desde “novembro de 2015, quebrou-se o elo convencional e o estigma, que ainda se resguardava, de uma contínua contradição, de não nos

¹²³ “[...]. O presente da romaria é, sem dúvida, revelador da conjuntura histórica em que se encontra, e o seu perfil é ele mesmo conjuntural. [...]” (Fernandes, 1994, p. 31).

percebermos como um país minerador” (Zonta, Trocate, 2016, p. 7). Afinal, os “34 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro despejados na natureza; cerca de 660 quilômetros percorridos pela lama no curso do Rio Doce; 38 municípios atingidos; 14 toneladas de peixes mortos recolhidas no rio; centenas de milhares de moradores da bacia sem água potável” (Serra, 2018, p. 13), de modo indelével (mesmo que se queira esquecer), marcou a memória coletiva da população para “os efeitos da indústria da mineração para além dos lacônicos bordões ‘superávit primário’ ou ‘equilíbrio da balança comercial’” (Zonta, Trocate, 2016, p. 7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evento crítico do rompimento da barragem de Fundão da Samarco, Vale S. A. e BHP Billiton, em Mariana, transformou a vida na Bacia do Rio Doce, com a destruição causada pela *lama* que percorreu todo o rio até o mar, matando *Watu*, um ente ancestral para o povo Krenak, e inviabilizando a convivência, o sustento e o lazer, a partir do Rio Doce. O *rastro de lama e destruição* gerou um legado de injustiças e desequilíbrios que perduram, geram sofrimento social e indignação, reconfigurando a sociedade e, de onde pude observar, a própria tessitura dos movimentos sociais, com os quais mantenho contato e parceria até os dias de hoje. Este evento é o “marco zero” das Romarias do Rio Doce.

Iniciadas em 2016, com periodicidade anual, as Romarias do Rio Doce são sediadas em diferentes paróquias da região. Herdeiras da tradição de Romarias das Águas e da Terra, promovidas pela CPT, em Minas Gerais, desde 1996, essas romarias são organizadas pela Comissão do Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana, as dioceses da Bacia do Rio Doce, o Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce, o Instituto Padre Nelito Dornelas, a CPT-Minas, a Cáritas Diocesana de Itabira, de Governador Valadares, a Cáritas Brasileira, em parceria com movimentos sindicais, movimentos sociais e movimentos e pastorais da Igreja Católica, com o apoio financeiro e pastoral de uma organização católica alemã, a Adveniat. Nessa articulação, constroem um discurso coletivo de defesa da vida e de oposição à mineração, no contexto pós-rompimento.

Nesta monografia, busquei compreender como o coletivo “romeiro”, que coloca a Romaria do Rio Doce na rua, se apropria de um antigo repertório de “saber fazer” romarias, caminhadas, marchas, protestos para poder construir esta romaria, a fim de *fazer memória* do desastre, *denunciar* os riscos e os danos do extrativismo mineral e seus efeitos predatórios para as vítimas humanas e não humanas do desastre-crime e de outros contextos, atingidos pela mineração, bem como *anunciar* as iniciativas voltadas para a regeneração do Rio Doce e preservação do meio ambiente.

Busquei também compreender como este ritual religioso e político aglutina diferentes pessoas e coletivos religiosos, em uma rede “romeira” que se desloca em direção a algum ponto da Bacia do Rio Doce, para caminharem refletindo sobre a *questão do Rio Doce* e a *questão ambiental*. O processo é marcado por conflitos e negociações de sentidos e rotas, a cada edição.

Esses atores heterogêneos e instáveis se juntam situacionalmente para evidenciar a mineração como um “problema público”. Como notei, por exemplo, olhando-se para as características de classe, gênero, raça/etnia, ocupação, escolaridade e outras características, dos

romeiros e romeiras, as oportunidades e os desafios, para o engajamento nas ações de construção e realização desta romaria se distribuem diferencialmente entre os diversos romeiros e romeiras, como demonstrado no Capítulo 1. Quero dizer, como se viu nas entrevistas, o gênero e o estado civil, as ocupações dos/as entrevistados também influenciam na disponibilidade para *estar no trecho*, ficar fora de casa e da família para participar de reuniões, seminários, missões e da própria procissão de romaria.

No momento em que as comunidades de base não são mais hegemônicas, a pesquisa identificou que esta romaria é sustentada por um extenso ator-rede “cebista”, composto por movimentos sociais e religiosos, majoritariamente vinculados às CEBs. Assim, a Romaria do Rio Doce é uma forma social elementar que articula, religião, memória e política, configurando-se para esse coletivo como uma estratégia de *luta* e de *fazer memória*, diante do crime-desastre do rompimento da barragem da Samarco, Vale S. A. e BHP, em Mariana.

Com o objetivo de não deixar esquecer o crime-desastre em Mariana, a Romaria do Rio Doce marca a memória coletiva com sua *mensagem* pública. De outro modo, percorrendo o caminho das águas da Bacia do Rio Doce, de sua nascente até sua foz, todo ano a Romaria do Rio Doce faz uma ida *celebrativa* a algum ponto da Bacia do Rio Doce para marcar a memória coletiva e fazer incidência política. Com a multidão reunida, seus símbolos e discursos (falados, escritos, encenados, cantados), disputa o espaço de aparecimento das ruas para demonstrar que devemos ser *guardiões de nossa Casa Comum, a Bacia do Rio Doce*. Assim, romeiros e romeiras reunidos materializam e dão corpo a um “sagrado ecológico”, em que se vê um entrecruzamento entre ecologia e espiritualidade.

Na busca por modelar racionalidade e legitimidades, em favor do meio ambiente e dos atingidos pelo rompimento, colocar uma Romaria do Rio Doce na rua envolve uma técnica e um artifício, que busca sensibilizar as emoções pela modelagem de símbolos como a água, a terra, a lama, a cruz, as imagens sagradas, paisagens, serras e montanhas e assim por diante. Nesse sentido, essas romarias são concebidas para serem vistas com sua multidão, suas *místicas*, seus cheiros, suas falas públicas, seus estandartes, suas camisas, seus cartazes, suas faixas e transfigurarem o tempo e o espaço por onde ocorrem.

É um cenário alarmante, no qual, das novecentas e dezessete barragens de rejeitos no Brasil, noventa e sete estão em Minas Gerais – estado que lidera o ranking de municípios com o maior número de barragens em Nível de Alerta ou Nível de Emergência. A Bacia do Rio Doce concentra um volume de resíduos significativamente superior ao das demais bacias do

Quadrilátero Ferrífero Aquífero¹²⁴, alcançando a marca de 671.005.957 m³. Entre os municípios da bacia, Mariana se destaca com o maior volume por município, com 179.439.517 m³, distribuídos em dezoito barragens (EduMite, 2025). As Romarias do Rio Doce surgem como um movimento de *denúncia*, *anúncio* e *memória*, buscando dialogar com a população sobre a urgência de cuidar do meio ambiente, das águas e da vida.

Portanto, a Romaria do Rio Doce se configura como um fenômeno religioso que incorpora o protesto, fundindo *reza* e *denúncia*. Este ato-memória do *martírio* do Rio Doce visa não apenas recordar o desastre-crime, tornar presente os *mártires da luta*, ativistas, sindicalistas, religioso/as, indígenas e outros, que tombaram na *luta* pela reforma agrária, pela preservação ambiental, na luta antirracista e *lutar* por direitos, mas também *anunciar* um outro modelo socioeconômico, político e ecológico possível.

A realização de cada edição da Romaria do Rio Doce coloca à prova um “saber fazer romaria” antigo; no caso desse coletivo, estruturado pelo menos desde a década de 1990, que se adapta às circunstâncias conjunturais do tempo e do espaço onde acontecem. Deste modo, a romaria não é um evento isolado, mas um processo contínuo que ocorre no “entre romarias”. Para cada edição acontecer, há um trabalho incessante de articulação e mobilização, em função da execução do trabalho operativo, da construção e reciclagem de materiais e da realização do “trabalho de base”.

Em todo lugar onde ocorre, organizar uma romaria é um grande desafio. Todavia, colocar uma romaria martirial, como a do Rio Doce, envolve riscos. Destarte, quando uma Romaria do Rio Doce pisa em alguma paróquia onde a megamineração está instalada, a percepção de risco que envolve ocupar o espaço público, com sua procissão de *romaria de protesto*, é mais agravada entre aqueles e aquelas que se engajam na coordenação, nas missões ou mesmo durante a caminhada, nas ruas, no *grande dia*, como atestam as histórias que ouvi sobre ameaças, processos, vigília da multidão de romeiros e romeiras pelas empresas mineradoras, pelo uso de drones, boicotes à organização, empecilhos e contratempos impostos à rota da procissão da romaria.

Assim, a ocupação das ruas, conforme refleti, pode ser vista como um ato de *coragem* coletivo, que rompe o silêncio e o medo, impostos pelo poder minerário. Deste modo, a Romaria do Rio Doce “faz o público”, dando visibilidade aos/às atingidos/as e ao Rio Doce.

Tomando a quinta edição, em Conceição do Mato Dentro, como situação social

¹²⁴ A Bacia do Rio Doce e do Rio São Francisco estão situadas parcialmente no Quadrilátero Aquífero Ferrífero, região que possui elevadíssima concentração territorial de barragens de mineração (221 estruturas), representando 24,2% de todas barragens do país e 67,28% das barragens existentes em Minas (EduMiTe, 2025).

exemplar, descrevi e analisei a performance pública da quinta Romaria do Rio Doce, não só como ato que sacraliza (*sacra facere*) o território e disputa a memória do desastre, mas também as narrativas sobre os impactos da mineração. Como busquei descrever e analisar, a quinta Romaria em suas ações no período “pré-romaria”, e com a própria caminhada ritual, realizada nas ruas de Conceição até o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, no dia 4 de setembro de 2022, evidenciou o conflito com a mineração no contexto do projeto Minas-Rio, utilizando a materialidade religiosa – p. ex., as falas públicas, as cantorias, a *mística* do lava-pés e a cruz de braúna, fincada em torno do Santuário – para ressoar os *clamores* locais e sacralizar as ruas do município, lembrando o caso do desastre do Rio Doce e *denunciando o projeto de morte* das corporações.

A lógica de circular por toda a Bacia do Rio Doce permite que os movimentos sociais e religiosos, com o apoio da Igreja Católica, mantenham o território mobilizado e marquem o território, transformando locais de *martírio* e conflito em *santuários onde o povo fala*. Na Romaria do Rio Doce, pode-se dizer que, os vários corpos, símbolos, sons, *místicas*, *testemunhos* e discursos públicos, mostram a perspectiva das vítimas do desastre de se fazer ouvir e ver, externada na multidão, cartazes, faixas, bandeiras e na fala de atingidos pela mineração, incluindo atingidos pelos rompimentos de Mariana e Brumadinho, lideranças indígenas, comunitárias, rurais e urbanas, militantes, padres e bispos, políticos e demais convidados/as a falar ao microfone.

Na Romaria do Rio Doce, tal como nas Romarias da Terra, analisadas por Adam (2002), a “procura de espaço” cotidiano é transposta para o ritual, convertendo-se numa “procura de espaço” na festa litúrgica. Como observei, seja pelas vistas às casas, durante as missões, como atos de solidariedade, escuta do outro e cuidado, seja com a própria caminhada ritual, as Romarias do Rio Doce transformam o sofrimento social e a indignação em ação coletiva, desafiando o poder das grandes mineradoras, na esfera pública.

Por meio dos Seminários Temáticos, da Semana Missionária, da Vigília e a procissão de romaria, cada edição da Romaria do Rio Doce é compreendida como um *caminho* para se chegar às comunidades, *ouvir* seus *clamores* e buscar soluções para o sofrimento social e as injustiças que se derramaram após o rompimento. Não foi o meu foco de análise, nesta pesquisa, mas, após a romaria, as *denúncias* reunidas durante uma romaria – que ganharam visibilidade na performance pública e na Carta da Romaria, lida em seu encerramento e distribuída ao público presente – podem se materializar em *gestos concretos*. Isto é, podem se transformar em denúncias formais, dirigidas a órgãos de justiça, ao legislativo e à mídia, ou mesmo incentivar ações coletivas, como a formação de pastorais, projetos de preservação ambiental.

Em seu conjunto, a Romaria do Rio Doce é uma poderosa ferramenta de fortalecimento da fé e de incidência política, capaz de dinamizar as “bases”, nas paróquias das Dioceses do Rio Doce, e manter viva a memória sobre um dos maiores crimes sociotécnicos da história, ao mesmo tempo que esperança uma *nova Bacia do Rio Doce*.

A Romaria do Rio Doce é feita para demonstrar a força de organização, o poder de mobilização e não tem tempo previsto para terminar. Pelo menos, enquanto a reparação integral das vítimas não for alcançada e a vida do Rio Doce regenerada. Como asseverou uma coordenadora da romaria, *não se fecha santuários*. Deste modo, a caminho de concluir o segundo *ciclo* de romarias, há dez anos de crime-desastre, a Romaria do Rio Doce segue rompendo o devir, num “entre romarias”, que já começou para a realização de sua nona edição, a ser realizada em 2027, em Caratinga, Diocese de Caratinga.

REFERÊNCIAS

- 2ª ROMARIA das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce – Doctum TV, 2017. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ga0hgr9PRWU>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- 5ª ROMARIA das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce é sinal de profecia em favor da vida. **Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais**, 5 set. 2022. Disponível em: <https://mg.caritas.org.br/noticias/5a-romaria-das-aguas-e-da-terra-da-bacia-do-rio-doce-e-sinal-de-profecia-em-favor-da-vida>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- A BRIGA por um copo d'água. **Revista Época**, n. 1102, p. 70-72, 19 ago. 2019.
- ADAM, Júlio Cezar. Liturgia como prática dos pés: A Romaria da Terra do Paraná: reapropriação de ritos litúrgicos na busca e libertação dos espaços de vida. **Estudos teológicos**, v. 42, n.3, p. 52-69, 2002.
- AGENDA AMBIENTAL: minerodutos exportam quase 7 mil litros de água de Minas para outros estados por hora. **Sitraemg**, 13 fev. 2015. Disponível em: <https://sitraemg.org.br/agenda-ambiental-minerodutos-exportam-quase-7-mil-litros-de-agua-de-minas-para-outros-estados-por-hora/>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- AGÊNCIA REGULADORA DE SERVIÇOS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA E DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO DO ESTADO DE MINAS GERAIS [ARSAE-MG]. Programa Regar: Bacia Hidrográfica do rio Doce. Sem data. Disponível em: <https://www.arsae.mg.gov.br/wp-content/uploads/2023/11/Bacia-do-Rio-Doce.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2026.
- AGIER, Michel. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação**. São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.
- ALIER, Joan Martínez. Ouro, petróleo, florestas, rios, biopirataria: o ecologismo dos pobres. In: _____. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 143-210.
- ALMEIDA, Amanda Gonçalves de. **Desmonte da Política Ambiental no estado de Minas Gerais: Uma análise das mudanças no licenciamento ambiental entre os anos de 2019 a 2023 com enfoque nas atividades minerárias**. 2004. 138 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2004.
- ALMEIDA, Ronaldo de; GUERREIRO, Clayton. Religião e política. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Antropologia da Religião: autores e temas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. p. 214-228.
- ALVAREZ, S. Feminismos em movimento, feminismo em protesta. **Punto Género**, n.11, p.73-102, 2019.
- ARAÚJO, Ricardo Torri de. **O movimento da Boa Nova**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1999.

AROSIO, Ernesto. Romaria: um moderno gesto antigo. **Mundo e missão**, São Paulo, v. 5, n. 30, p. 6-7, 1998.

AZEVEDO, Wellington. 5ª Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce. **Diocese de Governador Valadares**, 2022.

BAILEY, F. G. Gifts and poison. In: _____. **Gifts and Poison**. Oxford: Basil Blackwell, 1971, p. 1-25.

BARCELOS et al. A Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce: mineração e territorialidade em tensão. **Terra Livre**, Juiz de Fora, v.2, n. 43, p. 225-266, 2017.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, 1987, 159-194.

BARREIRA, César. Contestação e fé: romeiros em busca da terra livre. **Comunicações do ISER**, n. 20, p. 5-19, jun. 1986.

BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. **A festa dos pequenos: romarias da terra no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1996.

BÁRTOLO, Lucas. As escolas de samba e o encantamento do espaço público. **Nexo**, 13 fev. 2025. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniaio/2025/02/13/as-escolas-de-samba-e-o-encantamento-do-espaco-publico>. Acesso em: 03 fev. 2026.

BATENSON, Gregory. Social Planning and the Concept of Deutero-Learning. In: _____. **Steps to an Ecology of Mind**. Northvale, New Jersey: Jason Aronson Inc., 1972. p. 127-137.

BECKER, Howard. Apavorado com a bibliografia. In: _____. **Truques de escrita**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2015. p. 182-199.

BEOZZO, José Oscar. Medellín: seu contexto em 1968 e sua relevância 50 anos depois. In: GODOY, Manoel; AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho**. São Paulo: Paulinas, 2017, p.9-27.

BOISSEVAIN, Jeremy. Apresentando “amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, 1987, 195-223.

BOSI, Ecléa. A substância social da memória. In: _____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Atêlie Editorial, 2003, p. 13-48.

BOSISIO, Izabella Pessanha Daltro. **Quando a religião se faz pública: um estudo sobre eventos religiosos no calendário e nas ruas da cidade de Porto Alegre**. 2021. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A Profissão de Sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376,

jan./jun. 2006.

BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

BRITO, Amanda Kapiche. Regeneração por meio da fé: a atuação da Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce no contexto do crime-desastre da Samarco. **Revista Clima Com**, n. 28, 2025.

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas; A vulnerabilidade corporalidade e a política da coligação. In: _____. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CADENA, Marisol de la. Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da “política”. **Maloca – Revista de Estudos Indígenas**, Campinas, v. 2, p. 1-37, 2019.

CALAVIA SÁEZ, Oscar. Citações; O projeto de tese. In: _____. **Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em antropologia**. Florianópolis: Edição do autor, 2013, p. 100 - 105; 115 - 131.

CALDEIRA, Vanessa Alvarenga; AMARAL, Márcia. Rio Doce: mais que um patrimônio, um ser ancestral. **Emblemas**, v. 17, n. 2, 57-69, jul./dez. 2020.

CAMPOS, Isabel Soares. **As marchas religiosas tomando as ruas de Pelotas (RS): Por vezes Orixás, por vezes Jesus**. 2021. 301 p. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

CANDAU, Joël. Introdução. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, p. 9-14.

CANNADINE, David. Contexto, execução e significado do ritual: a Monarquia Britânica e a “Invenção da Tradição”. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terrence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 111-174.

CANTARINO SILVA, Vilton. Arquidiocese de Mariana acolhe Pré-Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce. **Diocese de Itabira e Coronel Fabriciano**, 07 jun. 2021, Disponível em: <https://dioceseitabira.org.br/noticia/arquidiocese-de-mariana-acolhe-pre-romaria-das-aguas-e-da-terra-da-bacia-do-rio-doce/>. Acesso em: 07 nov. 2025.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia (USP)**, São Paulo, v. 39, n. 1, p.13-37, 1996.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 289-305, jul./de. 2008.

CASTELHANO, João Nuno F. Marques. **O método Cardijn: ver, julgar e agir – A sua vivência e aplicação na Acção Católica Rural**. 2017. 71 f. Dissertação (Mestrado integrado em

Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2017.

CASTRO, Elisa Guaraná et al. Juventude rural: a construção de um ator político. In: _____. **Os jovens estão indo embora?:** juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Maud X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009. p.161-189.

CASTRO, Elisa Guaraná. Introdução. In: _____. **Entre ficar e sair:** uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013, p. 21-62.

CAVALCANTE, Alice Vieira Lima. **A Marcha das Margaridas como sujeito educativo e a formação política das margaridas do Maranhão.** 2024. 149 p. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

CEFAÏ, D. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas**, v. 2, n.4, p. 11-48, 2009.

CEFAÏ, D. Diez propuestas para ele estudio de las movilizaciones colectivas. De la experiencia al compromiso. **Revista de Sociologia**, n.26, p.137-166, 2011.

CELEBRAÇÃO DO JUBILEU do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Conceição do Mato Dentro é uma das maiores festas religiosas do Brasil. **Jornal Vila do Príncipe**, 19 jun. 2018. Disponível em: <https://jornalviladoprincipe.com.br/?pg=noticia&id=377>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CHÃ, Ana; ALVAREZ, Camilo; STEDILE, João Pedro; BARRETO, Lucimeire; TAVARES, Marina; ROSSETO, Neuri; CHAVES, Rogério; SACHETTA, Vladimir (Orgs.). **Sem terra em cartaz:** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

CHAVES, Christine Alencar. Introdução. In: _____. **A Marcha Nacional dos Sem Terra.** Rio de Janeiro: NuAP, Relume-Dumará, 2000.

CINTRÃO, R. P. **ONGs, Tecnologias alternativas e representação política do campesinato:** uma análise da relação entre o Centro de Tecnologias Alternativas e os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais na Zona da Mata Mineira. 1996. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agrícola). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

COLLIER JÚNIOR, John. **Antropologia visual:** a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EPU, 1973.

COMERFORD, John Cunha. **“Como uma família”:** Sociabilidade, reputações e territórios de parentesco na construção do sindicalismo rural na Zona da Mata de Minas Gerais. 2001. 486f. Tese (doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro. 2001.

COMERFORD, John Cunha. **Como uma família:** sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

COMERFORD, John Cunha. **Fazendo a luta**: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 1999, p. 11-18; p. 46-77.

COMITÊ DE BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DOCE [CBH DOCE]. A Bacia. Sem data. Disponível em: <https://cbhdoce.org.br/institucional/a-bacia>. Acesso em: 02. abr. 2026.

CORREA, Mariza. Introdução: A natureza imaginária do gênero na história da antropologia. In: **Antropólogas e antropologia**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. p. 19-32.

DAS, Veena. Introduction; Chapter VI. **Critical events. An anthropological perspective on contemporary India**. London: Oxford University Press, 1995.

DAS, Veena. O evento e o cotidiano. In: **Vida e palavras**: a violência e sua descida ao ordinário. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp, 2020. p. 21-42.

DAWSEY, John C. O Teatro dos “bóias-frias”: repensando a antropologia da performance. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 15-34, jul./dez. 2005.

DAWSEY, John C. O teatro em Aparecida: a santa e o lobisomen. **Mana**, v. 12, n. 1, p. 135-149, 2006b.

DAWSEY, John C. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas. **Campos**, v. 7, n. 2, p. 17-25, 2006a.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DOTTA, Rafaella. Megaprojeto da Vale planeja minerar a 3 quilômetros da “capital mineira do ecoturismo”. **Brasil de Fato**, Belo Horizonte, 13 dez. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2022/12/13/megaprojeto-da-vale-planeja-minerar-a-3-quilometros-da-capital-mineira-do-ecoturismo>. Acesso em: 15 jul. 2024.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Edições 70, 2010.

DUPIN, Leonardo; MARTINS, Marcio. Romaria a Brumadinho: contra monumento em memória das vítimas do crime-desastre da mineração. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 161-172, 2023.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2008.

ESCOBAR, A.; OSTERWEIL, M. Movimentos sociais e a política do virtual. Estratégias deleuzianas. **Tabula Rasa**, n.10, p.123-161, jan./jn. 2009.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, ano 14, p. 155-161, 2005.

FERNANDES, R. C. **Os cavaleiros do Bom Jesus** – Uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FERNANDES, Rubem César. O peso da cruz – manhas, mazelas e triunfos de um sacerdote particular. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2-3, p. 94-121, 1990.

FERNANDES, Rubem César. **Romarias da paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FIGURELLI, Fernanda. Histórias que são passadas. Vozes e entidades que circulam nas reconstruções do passado de uma antiga fazenda. **Mana**, v. 21, n. 2, p. 347-376, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 231-239, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**; 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 63 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008a.

GEERTZ, Clifford. Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 182-219.

GEERTZ, Clifford. Estar lá, escrever aqui. **Diálogo**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 58-63, 1989.

GEERTZ, Clifford. Os dilemas do antropólogo entre “estar lá” e “estar aqui”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 205-235, 1998.

GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008c.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008b.

GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo. Introdução: percursos e conceitos de Birgit Meyer. In: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Como as coisas importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019, p. 11-42.

GLUCKMAN, Max (1940). Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas. Métodos**. São Paulo: Global, 1987, p. 227-344.

GLUCKMAN, Max. **Essays of the Ritual of Social Relations**. Manchester: Manchester University Press, 1962.

GLUCKMAN, Max. Prefácio. In: BOTH, Elizabeth. **Família e rede social: papéis, normas e relacionamentos e famílias urbanas comuns**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 11-26.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

GOFFMAN, Erving. Footing. Em: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

GOMES, Wanda Lúcia e ANDRADE, Durval Angelo. **Mobon: missão e fé libertadora**. Belo Horizonte: O Lutador, 2011.

GRUPO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EDUCAÇÃO, MINERAÇÃO E TERRITÓRIO [EduMiTe]. **Boletim Mensal EduMiTe**, v. 11, n. 1, nov. 2025.

GRUPO DE ESTUDO EM TEMÁTICAS AMBIENTAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS [GESTA/UFGM]. **Conflito e resistência à instalação e operação da mina e do mineroduto do projeto Minas-Rio**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/conflito/?id=582>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

GRUPO DE ESTUDO EM TEMÁTICAS AMBIENTAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS [GESTA/UFGM]. **O Desastre no Rio Doce: rompimento da barragem da Samarco/Vale/BHP em Mariana**. Belo Horizonte, 2025. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/conflito/?id=579>. Acesso em: 17 jan. 2026.

GUIMARÃES, Luiz Ernesto. Romaria em tempo de pandemia: o caso da V Romaria da Terra e das Águas da Bacia do Rio Doce, Minas Gerais. **Revista Mosaico**, v. 15, p. 121-129, 2022.

GUIMARÃES, Luiz Ernesto; SILVA, Fábio Antônio da; FARIA, Alexandre Rodrigues. A Romaria dos Trabalhadores e Trabalhadoras: A resignificação de práticas do catolicismo como espaço para mobilizações sociais. In: OLIVEIRA, Fabrício Costa et al. (Org.). **Cristianismos, Sociabilidade & Espaço Público: reflexões sobre as relações entre religião e sociedade**. Campinas, SP: D7 Editora, 2020, p. 35-51.

HAN, Byung-Chul. Coação de produção; Coação e autenticidade. In: **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 9-46.

HERTZ, Robert. São Besso – estudo de um culto alpestre. In: HERTZ, Robert. **Sociologia religiosa e folclore: coletânea de textos publicados entre 1907 e 1917**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 122-174.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terrence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9-23.

IKOI, Zilda Gricoli. Introdução. In: _____. **Igreja e camponeses: Teologia da Libertação e movimentos sociais no campo Brasil e Peru, 1964-1986**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 13-20.

INGOLD, Tim. Andando na prancha: meditações sobre um processo de habilidade. In: **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 95-110.

INGOLD, Tim. Da Transmissão de Representações à Educação da Atenção. **Educação**, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.

INGOLD, Tim. Desenhando juntos: fazer, observar, descrever. In: _____. **Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015a, p. 315-324.

INGOLD, Tim. Prólogo: A antropologia ganha vida. In: _____. **Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015b, p. 23-41.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE, 2022]. Conceição do Mato Dentro (Censo Demográfico 2022). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/conceicao-do-mato-dentro.html>. Acesso em: 03 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS [IBAMA]. **Lauda técnico preliminar: impactos ambientais decorrentes do desastre envolvendo o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais**. 2015.

JÁCOME, GA Turismo Religioso: o caso dialético do Jubileu de Conceição do Mato Dentro (Minas Gerais/Brasil) e da Mineração na região. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, Juiz de Fora, v. 6, n. 3, p. 30-43, 2016.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 5, n. 2/2016, p. 5-13, 2016.

LARA JÚNIOR, Nadir. Análise psicopolítica da mística do MST: a formação da ideologia político-religiosa. **Revista Política Psicologia**, v. 7, n. 13, p. 143-168, 2007.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

LEAL, Maria do Carmo et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, p. e00078816, 2017.

LOPES, Diego Kern. Contraimagens – Sobre os usos corporativos repressivos das imagens de protesto. In: MILANEZ, Bruno; LOSEKANN, Cristiana (Orgs.). **Desastre no Vale do Rio Doce: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição**. Rio de Janeiro: Folio Digital; Letra e Imagem, 2016. p. 393-400.

LOSEKANN, Cristiana. “It was no accident!”¹ The place of emotions in the mobilization of people affected by the collapse of Samarco’s tailings dam in Brazil. **Vibrant**, v. 14. n. 2, 2017.

MAGNO, Lucas. **Espacialidade e identidade política dos atingidos por mineração no Brasil: teorias, escalas e estratégias**. 2017. 382 f. Tese (doutorado em Geografia) –Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2017.

MAINWARING, Scott. Igreja e política: considerações teóricas. In: _____. **A Igreja**

Católica e a política no Brasil (1916-1985). Tradução de Heloisa B. de O. Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 15-40.

MAIOR MOEDOR de minério do mundo. **De Fato**, Região do Médio Espinhaço, n. 14, jul. 2015, p. 8.

MARTINS, Andréa; BRIGHENTI, Agenor. O teor e as características da pesquisa. In: BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. p. 32-50.

MARTINS, Leda Maria. Instância. In: _____. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MELLO, Marcelo Moura. Paul Stoller: um retorno aos sentidos. In: STOLLER, Paul. **O gosto das coisas etnográficas: os sentidos na antropologia.** Tradução de Marcelo Moura Mello. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022, p. 9-21.

MENEZES, R. de C. **A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

MENEZES, Renata de Castro. Devoção e diversão: a Festa da Penha (RJ) como uma romaria. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 60, n. 238, p. 312-340, jun. 2000.

MENEZES, Renata de Castro; TONIOL, Rodrigo. Introdução. In: _____ (Orgs.). **Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos.** Rio de Janeiro: Papeis Selvagens Edições, 2021, p. 11-19.

MEYER, Birgit. A estética da persuasão: as formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 19, n. 34, p. 13-45, 2018.

MG: COMUNIDADES se articulam contra novo projeto da Vale, que impactará mais de dez municípios. **Brasil de Fato**, Belo Horizonte, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/06/28/mg-comunidades-se-articulam-contrano-projeto-da-vale-que-impactara-mais-de-dez-municipios>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MILLER, Daniel. Prefácio: minha vida como extremista; Por que a indumentária não é algo superficial. In: _____. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 7-20; 21-65.

MINAS GERAIS. Histórico do rompimento das barragens da Vale na Mina Córrego do Feijão. Sem data. Disponível em: <<https://www.mg.gov.br/pro-brumadinho/pagina/historico-do-rompimento-das-barragens-da-vale-na-mina-corrego-do-feijao>>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS/COORDENADORIA DE INCLUSÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAIS [MPMG/CIMOS]. **Nota técnica Assessoria Técnica Independente e escolhida pelos atingidos do empreendimento Minas-Rio/Anglo American.** Dezembro de 2017.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL [MPF]. Caso Samarco – o desastre. **MPF**, sem data. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/o-desastre>. Acesso em:

11 jul. 2024.

MORTANDADE DE PEIXES na mira do MP. **De Fato**, Região do Médio Espinhaço, n. 14, jul. 2015, p. 6.

MOVIMENTO PELA SOBERANIA POPULAR NA MINERAÇÃO [MAM]. Como fazer trabalho de base. In: **Método de trabalho de base e organização popular**: Caderno de Formação nº 1. 2016, p. 45-50.

NOVAES, Regina Reyes. A divina política. Notas sobre as relações delicadas entre religião e política. **Revista USP**, São Paulo, n.49, p.60-81, mar./maio 2001.

NOVAES, Regina Reyes. **De corpo e alma**: Catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. **Religião e mobilização social na Arquidiocese de Mariana/MG**. 2005. 174 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2005.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. **Religião, política e comunidade**: emergência e politização do Movimento da Boa Nova. 2012. 246f. Tese (doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa; ZANGELMI, Arnaldo José; SCHIAVO, Reinaldo Azevedo. Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação: algumas reflexões sobre catolicismo liberacionista e ritual. **Revista Intratextos**, v. 2, n.1, p. 33-50, 2010.

OLIVEIRA, Fabricio Roberto da Costa et al. (Orgs.). **Cristianismo, sociabilidades e espaço público**: reflexões sobre as relações entre religião e sociedade. Campinas, SP: D7 Editora, 2020.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto da Costa; ZANGELMI, Arnaldo José. Religião, comunicação e cultura política: da vida religiosa à luta pela cidadania. **Revista de Ciências Humanas**, v. 9, n. 2, p. 216-228, jul./dez. 2009.

ORTENBLAD, Alberto. A morte de um sapo. **Alta montanha**, 11. Mar. 2025. Disponível em: <https://altamontanha.com/a-morte-de-um-sapo/>. Acesso em: 03. fev. 2026.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.20, p. 377-391, 2014.

PEIRANO, Mariza. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica; A análise antropológica dos rituais. In: _____. **O dito e o feito. Ensaios de Antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Editora Planeta Atual, 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTO, Marcelo Firpo. A tragédia da mineração e a experiência da caravana territorial da bacia do Rio Doce: encontro de saberes e práticas para a transformação. **Ciência e Cultura**, v. 68, n. 3, p. 46-50, São Paulo, jul./set., 2016.

RABELO, L. **Pelos olhos da fé**: os dilemas morais na “caminhada” de lideranças políticas e religiosas na Zona da Mata mineira. 2019. 157f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro. 2019.

RICCI, Rudá Guedes Moisés Salermos. **Fuga para o futuro**: Novos Movimentos Sociais Rurais e a concepção de Gestão Pública. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. **Horizontes Antropológico**, Porto Alegre, n. 2, p. 107-117, jul./set. 1995.

RODRIGUES, Léo. Mineroduto da Anglo American se rompe pela segunda vez em Minas. **Agência Brasil**, 30 mar. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/mineroduto-da-anglo-american-se-rompe-pela-segunda-vez-em-minas>. Acesso em: 15 jul. 2024.

RODRÍGUEZ-GIRALT, I., MARRERO-GUILLAMÓN, I., & MILSTEIN, D. Reassembling activism, activating assemblages: An introduction. **Social Movement Studies**, v. 17, n.3, p. 257-268, 2018.

ROLEMBERG, Igor. Onde está o religioso? *Mística e espiritualidade* no político, no público e no secular. **Religião & Sociedade**, v. 40, n. 3, p. 49-71, 2020.

ROLEMBERG, Igor. Ritual, emoções e engajamento militante: a produção em ato da *mística* na romaria dos mártires da floresta em Nova Ipixuna/PA. **Revista de Antropologia**, v. 64, n. 2, p. e186656, 2021.

RONAN, G. Decisão a favor da Samarco cita ‘acidente’ em Mariana e dívida de R\$ 50 bi. **Estado de Minas**, 13 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/decis%C3%A3o-a-favor-da-samarco-cita-acidente-em-mariana-e-d%C3%ADvida-de-r-50-bi/ar-BB1fAhk3>>. Acesso em: 20 set. 2021.

ROSA, Marcelo C., PENNA, Camila; CARVALHO, Priscila D. Movimentos e estado como coletivos instáveis e heterogêneos: uma agenda teórico-metodológica a partir de três estudos de casos. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 3, p. 499-512, 2020.

ROSA, Marcelo. Mas fui uma estrela do futebol! As incoerências sociológicas e as controvérsias sociais de um militante sem-terra sul-africano. **Mana**, v. 17, n. 2, p. 365-394, ago. 2011.

SAMAIN, Etienne. No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia. **Cadernos de**

Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 141-148, 1998.

SANCHIS, Pierre. **Arraial**: festa de um povo. As romarias portuguesas. Lisboa: Etnográfica Press, 1983b.

SANCHIS, Pierre. Caminhada Ritual. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 15-26, jun. 1983a.

SANCHIS, Pierre. Catolicismo e representatividade eleitoral numa sociedade em mudança. **Cadernos do Iser**, Rio de Janeiro, n. 38, 1990.

SANCHIS, Pierre. Inculturação? Da cultura à identidade, um itinerário político no campo religioso: o caso dos Agentes de Pastoral Negros (APNs). In: _____. **Religião, cultura e identidades**: matrizes e matizes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. **Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, out. 2006.

SANTOS, Dayane Stefany dos. O que é mística? In: FUNDAÇÃO Oswaldo Cruz. **Caderno de formação**: contribuindo com a construção do SUS e do direito à saúde. Brasília: Fiocruz, 2024. p. 28-29.

SANTOS, Mônica. A justiça brasileira só falta fazer uma massagem na Vale, BHP e Samarco pela destruição em Minas Gerais. **The Intercept Brasil**, 16 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2023/11/16/a-justica-brasileira-so-falta-fazer-uma-massagem-na-vale-bhp-e-samarco-pela-destruicao-em-minas-gerais/>>. Acesso em: 5 dez. 2023.

SCHETTINI, Fernando Gomes. **A ação mediadora da Igreja Católica e a formação dos sindicatos de trabalhadores rurais da mata de Muriaé – MG**. 153f. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2013.

SEIDL, Ernesto. Viagem pela alta hierarquia: pesquisa de campo e interações com elites eclesiais. In: PERISSINOTO, Renato; CODATO, Adriano (Orgs.). **Como estudar elites**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015, p. 121-148.

SERRA, Cristina. **Tragédia em Mariana**: a história do maior desastre ambiental do Brasil. São Paulo: Record, 2018.

SILVA, Denilson Mariano da. Um fermento evangelizador. **Revista O Lutador**, n. 3911, abr. 2019, p. 8-9.

SILVA, Jéssica. Estratégias corporativas de descrição e criação da realidade sobre o desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton. In: ZUCARELLI, Marcos Cristiano; OLIVEIRA, Raquel; ZHOUTI, Andréa (Orgs.). **O desastre no Rio Doce e a política das afetações**. 2 ed. Montes Claros, MG: Editora Unimontes, 2024. p. 129-146.

SILVA, Márcio Gomes. **Pedagogia do movimento agroecológico**: fundamentos teórico-metodológicos. 2020. 197 p. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal

Fluminense, Niterói. 2020.

SOUZA, Edimilson Rodrigues de. “Ficção” e “realidade” na construção da autoimagem em filmes (quase) etnográficos. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/86765571/_Fic%C3%A7%C3%A3o_e_realidade_na_constru%C3%A7%C3%A3o_da_autoimagem_em_filmes_quase_etnogr%C3%A1ficos. Acesso em: 03 fev. 2026.

SOUZA, Edimilson Rodrigues de. **A luta se faz caminhando: sacralização de lideranças camponesas e indígenas assassinadas em contextos de conflito de terra no Brasil**. 2019. 238 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SOUZA, Edimilson Rodrigues de. Crônicas da morte revivida na luta: uma etnografia da Romaria dos Mártires da Caminhada em Ribeirão Cascalheira (MT), Brasil. **Etnográfica**, v. 20, n. 2, p. 339-362, jun. 2016.

SOUZA, Edimilson Rodrigues. Romaria como mito fundador da luta pela terra. A sacralização de mártires no Norte e Nordeste do Brasil. **Instituto Humanitas Unisinos**, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/596464-romaria-como-mito-fundador-da-luta-pela-terra-a-sacralizacao-de-martires-no-norte-e-nordeste-do-brasil-entrevista-especial-com-edimilson-rodrigues-de-souza>. Acesso em: 25 jun. 2024.

STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memória, dor. In: _____. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. 3 ed. ampl. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 7-38.

STEIL, Carlos Alberto. De corpo e alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo (resenha). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 289-296, maio 1999.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa**. Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 20, p. 249-261, out. 2003.

STOLLER, Paul. Introdução: um retorno aos sentidos. In: _____. **O gosto das coisas etnográficas: os sentidos na antropologia**. Tradução de Marcelo Moura Mello. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022, p. 30-42.

TAMBIAH, Stanley J. A Performative Approach to Ritual. In: _____. **Culture, Thought, and Social Action**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 123-166, 1985.

TAMBIAH, Stanley J. Uma abordagem performativa do ritual. In: _____. **Cultura, pensamento e ação social: uma perspectiva antropológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

TAUSSIG, Michael T. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul**. Tradução de Priscila Santos da Costa. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

TAYLOR, Diana. Traduzindo Performance. In: DAWSEY, John et al. **Antropologia e Performance**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013, p. 9-16.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. Catolicismo plural: uma introdução. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs). **Catolicismo plural: Dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-14.

TEIXEIRA, Ramon da Silva. Como a “rama de abóbora”: O Mobon, as CEBs e a formação de coletivos que lutam pela defesa de direitos e reconhecimento na Zona da Mata mineira. In: PRESOTI, Vitor César; MARTINS, Cáo César Nogueira; TEIXEIRA, Ramon da Silva Teixeira (Orgs.). **Religião, sociedade e cultura**. Formiga, MG: Editora Uniesmero, 2024. p. 118-147.

TEIXEIRA, Ramon da Silva. **Como a rama da abóbora: o Movimento da Boa Nova, o “trabalho de base” e (re)invenções de saberes-fazeres**. 2020. 213 f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2020.

TEIXEIRA, Ramon da Silva. **Sindicalismo em Espera Feliz/MG: história, reuniões e eixos-articuladores de sua prática política**. Monografia (bacharelado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017.

THEIJE, Marjo de. **Tudo o que é de Deus é bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista de Garanhuns, Brasil**. Recife: FJN, Ed. Massangana, 2002.

THOMPSON, E. P. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII. In: _____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 203-266.

TONIOL, Rodrigo. Religião material – um sobrevoo. In: _____ (Orgs.). **Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos**. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens Edições, 2021, p. 21-30.

TROCATE, Charles; COELHO, Tádzio. **Quando o silêncio vier: o problema mineral brasileiro**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2020.

TUBULAÇÃO DE MINERODUTO se rompe em Santo Antônio do Grama, minério atinge ribeirão e abastecimento é interrompido. **G1**, 12 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/tubulacao-de-mineroduto-se-rompe-em-santo-antonio-do-grama-na-zona-da-mata.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2024.

TURINA, Isacco. The Guardians’ Guards: Catholic Environmentalism in the Brazilian Amazon. **Journal of the American Academy of Religion**, n. 92, p. 297-31, dez. 2024.

TURNER, Victor. Peregrinações como processos sociais. In: _____. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Tradução de Fabiano de Moraes. Niterói, RJ: EdUFF, 2008. p. 155-214.

TURNER, Victor; TURNER, Edith. Preface; Introduction: pilgrimage as a liminoid phenomenon. In: _____. **Image and pilgrimage in Christian culture**. New York: Columbia University Press, 1978. p. xiii-xvii; 1-39.

VALE assina parceria com Anglo American em Minas-Rio. **Vale**, 22 fev. 2024. Disponível em: <https://vale.com/pt/w/vale-assina-parceria-com-anglo-american-em-minas-rio>. Acesso em: 15 jul. 2024.

VASCONCELOS, Ana Carolina. Ampliação de barragem da Anglo American em Conceição do Mato Dentro (MG) é suspensa. **Brasil de Fato**, 11 ago. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/08/11/ampliacao-de-barragem-da-anglo-american-em-conceicao-do-mato-dentro-mg-e-suspensa/>. Acesso em 31 jan. 2025.

VECCHIOLI, Virginia; CATOGGIO, María Soledad. Las víctimas frente al sufrimiento colectivo: estructuras morales y sacralizaciones emergentes. **Século XXI, Revista de Ciências Sociais**, v. 9, n. 2, p. 335-355, jul./dez. 2019.

VELHO, Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: _____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 11-30.

VELHO, Otávio. O cativo da besta-fera. In: _____. **Mais realistas do que o rei: ocidentalismo, religião e modernidades alternativas**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

VIEIRA, Osnera Silva. **Caminhando pelos mortos, caminhando pela vida: conflitos, romarias e santidade no Sudeste Paraense (c. 1980 – c. 2010)**. Junidaí, SP: Paco Editorial, 2015.

VILHENA, Maria Angela. Traços da religiosidade popular católica: aportes do Concílio. In: _____. **A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 79-102.

WAGNER, R. **A invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEITZMAN, Rodica. **Tecendo deslocamentos: Relações de gênero, práticas produtivas e organizativas entre trabalhadoras rurais**. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

WOLF, Eric. A Virgem de Guadalupe: um símbolo nacional mexicano. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; e RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). **Antropologia e Poder**. Brasília: EdUnB; Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

ZANGELMI, Arnaldo José; OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. Igreja Católica, sindicatos de trabalhadores rurais e o Mobon. In: _____. **Trabalhadores e trabalhadoras rurais em movimento: mobilizações em Minas Gerais na segunda metade do Século XX**. Posto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

ZHOURI, A.; VALENCIO, N.; TEIXEIRA, R. O. S.; ZUCARELLI, M. C.; LASCHEFSKI, K.; SANTOS, MOREIRA, A. F. 2016a. O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social. **Ciência e Cultura**, v. 68, n. 3, p.

36-40.

ZONTA, Márcio; TROCATE, Charles. Apresentação. In: _____ (Orgs.). **Antes fosse mais leve a carga:** reflexões sobre o desastre da Samarco/Vale/BH Billiton. Marabá, PA: Editorial iGuana, 2016, p. 7-16.

ZUCARELLI, Marcos Cristiano; SANTOS, Ana Flávia Moreira. Entre o real e o suposto: pode um mineroduto operar sem uma mina para a captação do minério? In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38, 2014, Caxambu, MG. **Anais...** São Paulo: ANPOCS, 2014. p. 1-29.

APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice 1 | Trabalho de campo: eventos e situações vivenciadas (2016-2025)

RELAÇÃO DOS EVENTOS E SITUAÇÕES VIVIDAS NO PERÍODO DE TRABALHO DE CAMPO		
PRECEDENTES (pré-campo, antes de entrar no CPDA)		
2016		
Evento	Local do evento	Data
1ª Reunião preparatória da Caravana Territorial Bacia Rio Doce - Rota 2 - Vale do Piranga/Casca (Alto Rio Doce)	CEE-UFV, sala 01, Viçosa - MG	23/02/2016
4ª Reunião geral preparatória da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Colatina, Colatina - ES	29/02/2016
2ª Reunião preparatória da Caravana Territorial Bacia Rio Doce - Rota 2 - Vale do Piranga/Casca (Alto Rio Doce)	CEE-UFV, sala 01, Viçosa - MG	22/03/16
5ª Reunião geral preparatória da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce	CAT, Governador Valadares - MG	23/03/2016
Oficina de comunicação da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce	CAT, Governador Valadares - MG	24/03/2016
Participação na mediação entre Coletivo Repentistas do Desenho e comissão organizadora da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce para construção da identidade visual do evento	Viçosa - MG	mar. 2016
Participação na equipe de elaboração do Caderno do Participante da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce	Viçosa - MG	mar./abr. 2016
Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce, que por causa de força maior [ajudei a organizar, porém, não participei]	4 rotas pela Bacia do Rio Doce e culminância em Governador Valadares - MG	11 a 16/04/2016
Participação na mediação entre Coletivo Repentistas do Desenho e a comissão organizadora da 1ª Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce (RATBRD) para construção da identidade visual do evento (mesma logo da Caravana) Tema: <i>Bacia do Rio Doce, Nossa Casa Comum</i> Lema: <i>Corresponsabilidade de todos frente à vida ameaçada</i>	Viçosa - MG	abr. 2016

6º Fórum Social pela Vida Tema: <i>Cuidar da Casa Comum, nossa missão</i> Lema: <i>Por uma Economia e por uma Política a serviço da Vida</i>	Colégio Nazaré, Conselheiro Lafaiete - MG	27 a 30/10/2016
2017		
Evento	Local do evento	Data
Participação na mediação entre Coletivo Repentistas do Desenho e comissão organizadora do 11º Fórum de Promoção da Igualdade Racial (FOPPIR) Tema: <i>Educação e saberes populares!</i>	Viçosa - MG	Não sei precisar
Participação como facilitador gráfico no 11º FOPPIR Tema: <i>Educação e saberes populares!</i>	Cataguases - MG	17 a 18/11
Construção do presépio de Natal, que aludiu ao tema da Campanha da Fraternidade de 2017 Tema: <i>Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida</i> Lema: <i>“Cultivar e guardar a criação”</i> (Gn 2, 15).	Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Manhumirim - MG	22/12
2018		
Evento	Local do evento	Data
Participação como oficineiro (oficina “Ciranda e cantigas de roda”) no 3º Curso de Férias para Educadores Populares Tema: <i>Fraternidade e superação da violência</i> Lema: <i>“Em Cristo somos todos irmãos”</i> (Mt 23, 8)	Caratinga - MG	10 a 14/01
Participação na mediação entre Coletivo Repentistas do Desenho e comissão organizadora da 3ª RATBRD para construção da identidade visual do evento. Tema: <i>Bacia do Rio Doce, Nossa Casa Comum</i> Lema: <i>Cuidando da terra e plantando água com justiça e soberania popular</i>	Viçosa - MG	jan. a fev. 2018
Participação na mediação entre Coletivo Repentistas do Desenho e comissão organizadora da 28ª Romaria dos Trabalhadores e Trabalhadoras para construção da identidade visual do evento	Viçosa - MG	mar. 2018

Tema: <i>Mineração para que e para quem?</i> Lema: <i>Por uma economia a serviço da vida</i>		
Participação como facilitador gráfico no 5º Congresso FETRAF-MG/CUT. Tema: <i>Por democracia e nenhum direito a menos</i> Lema: <i>Agricultura Familiar as mãos que alimentam a nação</i>	Belo Horizonte - MG	14 a 16/03
Participação como facilitador gráfico no 7º Encontro de Formação de Leigos e Leigas da Diocese de Itabira e Cel. Fabriciano Tema: <i>“Sujeitos na Igreja em Saída. Sal da terra e luz do mundo”</i> (Mt 5, 13-14)	Ipatinga - MG	06 e 07/07
10ª Troca de Saberes Tema: Oxum Ñhama - <i>Ancestralidades da Natureza Agroecológica</i>	Viçosa - MG	13 a 15/07
2019		
Evento	Local do evento	Data
Participação como oficinairo (oficina “Ciranda e cantigas de roda”) e facilitador gráfico no 4º Curso de Férias para Educadores Populares Tema: Fraternidade e políticas públicas Lema: <i>“Serás libertado pelo direito e pela justiça”</i> (Is 1, 27) [Lembro como se fosse hoje: foi durante esse evento, na hora do almoço, que soubemos do rompimento da barragem de rejeito do Córrego do Feijão, em Brumadinho, no dia 25/01/2019]	Divino - MG	23 a 27/01
Elaboração da identidade visual do 1º Encontro de Música e Espiritualidade na Caminhada	Manhuaçu - MG	mar. 2019
1º Encontro de Música e Espiritualidade na Caminhada	Colégio Santa Terezinha, Manhumirim - MG	30 e 31/03
Atuação como cientista social na 1ª etapa da Assessoria Técnica Independente aos atingidos pelo projeto Minas-Rio do Núcleo de Assessoria às Comunidades Atingidas por Barragens (ATI 39/NACAB)	Conceição do Mato Dentro - MG	jun. a dez. 2019

Participação na mediação entre Coletivo Repentistas do Desenho e comissão organizadora da 7º Fórum Social pela Vida para construção da identidade visual do evento. Tema: <i>A terra clama por justiça e os pobres, por direitos</i> Lema: <i>Eu ouvi o clamor do meu povo e desci para libertá-lo</i> (Ex 3, 7-8)	Conceição do Mato Dentro - MG	jun. 2019
Elaboração da identidade visual do 12º FOPPIR Tema: <i>Do chão dos novos quilombos brota a força que nos faz resistir! Mineração aqui não!</i>	Conceição do Mato Dentro - MG	jun. 2019
7º Fórum Social pela Vida Tema: <i>A terra clama por justiça e os pobres, por direitos</i> Lema: <i>“Eu ouvi o clamor do meu povo e desci para libertá-lo”</i> (Ex 3, 7-8) Participação como colaborado durante o GT “Água, minério e energia para a soberania”	Barão de Cocais - MG	26 a 29/09/2019
Participação como facilitador gráfico no 12º FOPPIR Tema: <i>Do chão dos novos quilombos brota a força que nos faz resistir! Mineração aqui não!</i>	Muriae-MG	16 a 19/11/2019
2020		
Evento	Local do evento	Data
Atuação como cientista social na 1ª etapa da ATI 39/NACAB	Conceição do Mato Dentro - MG	jan. a set. 2020
Elaboração da identidade visual do 1º Encontro Mineiro da Pastoral Afro-Brasileira Tema: <i>Retomar o caminho e anunciar as Forças Vivas do povo Negro</i> Lema: <i>“Louvai-o com os tambores e as danças”</i> (Salmo 150, 4)	Conceição do Mato Dentro - MG	Arte e texto enviados em 16 de jul. 2020
Participação na mediação entre Samuel Ulhôa (Coletivo Repentistas do Desenho) e comissão organizadora (na figura do padre Suaçuí Grande) da identidade visual da 5ª	Conceição do Mato Dentro - MG	Início de 2020

RATBRD Tema: <i>Bacia do Rio Doce, Nossa Casa Comum</i> Lema: <i>Aos pés do Bom Jesus, cuidar da Mãe Terra, das Águas e da Vida</i>		
233º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos Tema: <i>Aos pés do Bom Jesus, defendemos a vida e imploramos a cura</i>	Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Conceição do Mato Dentro - MG (transmissão online, Youtube)	13 a 24/06/2020
Tríduo e Pré-Romaria em preparação para a 5ª RATBRD Temas dos dias de tríduo: Dia 1: <i>5 anos de Laudato Si, Igreja e mineração: uma questão de justiça socioambiental</i> Dia 2: <i>5 anos de Laudato Si, Igreja e mineração: por uma Ecologia integral</i> Dia 3: <i>5 anos de Laudato Si, Igreja e mineração: lugar de vivência da justiça do reino</i>	Transmissão online (Youtube)	15 a 18/07/2020
Missa Pré-Romaria em preparação para a 5ª RATBRD Tema da missa: <i>Igreja e mineração: lugar do cuidado com a Casa Comum</i>	Catedral de Guanhães - MG (transmissão online, Youtube)	19/07/2020
TRABALHO DE CAMPO		
2021		
Evento	Local do evento	Data
Santa Missa – Pré-Romaria em preparação para a 5ª RATBRD. Evento também em memória da luta e missão dos padres Ernesto e Nelito. Anúncio da criação do Instituto Padre Nelito Dornelas	Matriz Sant'Ana, Abre Campo - MG (transmissão online, Youtube)	04/06/2021
Volto a residir em Conceição do Mato Dentro, agora como estudante e pesquisador vinculado ao CPDA-UFRJ para desenvolver pesquisa de campo no âmbito desta pesquisa sobre as RATBRD	Conceição do Mato Dentro - MG	12/06/2021 - Atual
234º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos Tema: <i>O sangue do Bom Jesus, derramado por nós na cruz, seja nosso remédio e</i>	Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Conceição do Mato Dentro - MG (online)	13 a 24/06/2021

<i>proteção</i>		
2022		
Evento	Local do evento	Data
1ª Reunião de organização da 5ª RATBRD	Conceição do Mato Dentro - MG	29/03/2022
2ª Reunião de organização da 5ª RATBRD	Conceição do Mato Dentro - MG	04/05/2022
Reunião para pensar a cartilha da 5ª RATBRD	Online (Google Meet)	01/06/2022
Reunião para pensar o mapa da Bacia do Rio Doce que foi utilizado nos Seminários Preparatórios para a 5ª RATBRD	Conceição do Mato Dentro - MG	02/06/2022
235º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos Tema: <i>Com o Bom Jesus, nossa Igreja Sinodal evangeliza com sabedoria e ensina com amor, construindo a comunhão e a paz!</i>	Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Conceição do Mato Dentro - MG	13 a 24/06/2022
30ª Cavalcada do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (Cavalcada com a imagem de Nossa Senhora Aparecida)	Conceição do Mato Dentro - MG	18/06/2022
Panfletagem-convite, missa e Tenda da Palavra sob a responsabilidade dos organizadores da 5ª RATBRD durante o 235º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos	Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Conceição do Mato Dentro - MG	23 e 24/06/2022
3ª Reunião de organização da 5ª RATBRD	Conceição do Mato Dentro - MG	29/07/2022
Mediação da oficina de cartografia social sobre a Diocese de Guanhães durante o Seminário Preparatório 5ª RATBRD	Conceição do Mato Dentro - MG	30/07/2022
Semana missionária e preparativos para a 5ª RATBRD	Conceição do Mato Dentro - MG	29/08 a 03/09/2022
5ª RATBRD Tema: <i>Bacia do Rio Doce, Nossa Casa Comum</i> Lema: <i>Aos pés do Bom Jesus, cuidar da Mãe Terra, das Águas e da Vida</i>	Conceição do Mato Dentro - MG	04/09/2022
2023		
Evento	Local do evento	Data
Festa de São Sebastião	Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Conceição do Mato Dentro - MG	20/01/2023
Audiência Pública sobre os impactos da	Câmara Municipal de	07/03/2023

mineração nos recursos hídricos	Conceição do Mato Dentro - MG	
Festa do mês de maio, mês de Maria	Comunidade de São Sebastião do Bom Sucesso, Conceição do Mato Dentro - MG	28/05/2023
Semana missionária 6ª RATBRD	Paróquia São Paulo Apóstolo, Bebedouro, Linhares - ES	12 e 13/06/2023
Semana missionária e preparativos para a 6ª RATBRD	Regência, Linhares - ES	13/06 a 17/06/2023
6ª RATBRD Tema: <i>Bacia do Rio Doce, nossa casa comum</i> Lema: <i>No princípio, o Espírito de Deus pairava sobre as águas (Gn 1,1-2)</i>	Regência, Linhares - ES	18/06/2023
PÓS-CAMPO		
2023		
Evento	Local do evento	Data
236º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos Tema: <i>O Senhor Bom Jesus nos chama: Vocação é Graça e Missão!</i>	Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Conceição do Mato Dentro - MG	20 a 24/06/2023
Festa do Rosário	Itapanhoacanga, Alvorada de Minas - MG	09/07/2023
Exibição do filme “Herança Maldita” e roda de conversa com a presença do produtor e diretor, Tomás Amaral. Realizada pela Coletiva LGBTQIA+ Travessia e o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM)	Mercado Municipal, Largo do Rosário, Conceição do Mato Dentro - MG	12/08/2023
3º Encontro Semeando Agroecologia em Simonésia realizado pela Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, em parceria com a Articulação Rede Agroecológica do Leste de Minas	Casa da Agroecologia, Simonésia - MG	02/09/2023
Missa campal durante o 106º Jubileu do Bom Jesus Tema: <i>Com o Bom Jesus, “corações ardentes, pés a caminho” (Lc 24, 32)</i>	Santuário do Bom Jesus, Manhumirim - MG	07 a 12/09/2023
Procissão de Nossa Senhora Aparecida até a capelinha com a imagem da santa, na Serra da Ferrugem	Conceição do Mato Dentro - MG	12/10/2023
2024		

Evento	Local do evento	Data
Previsão de realização de entrevistas	Conceição do Mato Dentro, Colatina - ES, Regência - ES entre outros lugares ou online	2024/1
Previsão de visita ao arquivo da CPT para acessar documentos faltantes (relatórios, avaliações, fotografias, etc.) sobre as RATBRD (combinar com Lucimere)	Ipatinga, Governador Valadares e Nova Era - MG	2024/1
2025		
Evento	Local do evento	Data
8ª RATBRD Tema: <i>Bacia do Rio Doce, Nossa Casa Comum</i> Lema: <i>10 anos do crime: memória, justiça e esperança</i>	Mariana - MG	09/11/2025

Apêndice 2 | Levantamento Bibliográfico “romarias”, “peregrinação”, “procissão”, “marcha”, “caminhada” e “festa; festa religiosa”

Em síntese, busquei nas principais plataformas de busca de periódicos, teses e dissertações, resultados para a área das ciências sociais, sociologia e antropologia para as palavras-chave “romarias”, “peregrinação”, “procissão”, “marcha”, “caminhada” e “festa; festa religiosa”. Na esperança de ser mais específico e saber se havia algum trabalho sobre as Romarias do Rio Doce, também busquei pela palavra “Rio Doce”. Analisando a Ficha de Documentação, ao fim do levantamento foram mapeadas ao todo 255 produções, sendo 193 nacionais e 62 estrangeiras, divididas da seguinte maneira:

Tabela 3 – Números de produções mapeadas por palavra-chave: “festa; festa religiosa”; “romarias”, “peregrinação”; “procissão”; “marcha”; “caminhada”; “rio Doce”; “outros”

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO			
Palavra-chave	Número total de produções mapeadas	Nacional	Estrangeiro
FESTA; FESTA RELIGIOSA	16	16	0
ROMARIAS	75	69	6
PEREGRINAÇÃO	74	31	43
PROCISSÃO	12	12	0
MARCHA	9	7	2
CAMINHADA	9	7	2
RIO DOCE	8	5	3
OUTROS (Q TALVEZ INTERESSE) ¹²⁵	52	46	6
TOTAL	255	193	62

Quanto ao tipo, as produções registradas podem ser assim relacionadas:

Tabela 4 – Tipo de produção (Levantamento Bibliográfico)

TIPO DE PRODUÇÃO										
	Artigo	TCC	Dissertação	Tese	Livro	Cap. livro	Ensaio fotográfico	Trabalho em evento	Verbetes	Resenha
FESTA; FESTA RELIGIOSA	6	0	2	2	3	1	2	0	0	0
ROMARIAS	21	1	22	6	16	4	3	1	0	1
PEREGRINAÇÃO	24	0	6	5	29	8	1	0	1	0
PROCISSÃO	3	0	5	0	0	1	3	0	0	0
MARCHA	5	0	0	2	1	0	1	0	0	0
CAMINHADA	5	0	3	0	1	0	0	0	0	0
RIO DOCE	5	0	1	0	0	0	2	0	0	0
OUTROS	34	0	5	2	4	5	2	0	0	0
Total	103	1	44	17	54	19	14	1	1	1

¹²⁵ Aba da planilha onde registrei produções diversas, inclusive de outras áreas no interior das ciências Humanas, que podem auxiliar na análise de meus dados de campo.

Apêndice 3 | Perfil geral dos/as entrevistados/as

Perfil dos entrevistados do Clero

Entrevistado	Sexo	Idade	Raça/cor	Escolaridade	Ano de ordenamento religioso	Diocese	Filiação partidária	Autoidentificação política
1	Mulher	54 anos	Preta	Superior completo	2000	Colatina	Não filiada	Esquerda
2	Homem	38 anos	Preto	Superior completo	2014	Guanhães	Não filiado	Sem identificação definida
3	Homem	49 anos	Preto	Superior completo	2011	Itabira/Cel. Fabriciano	Não filiado	Esquerda
4	Homem	60 anos	Branco	Superior completo	1994	Guanhães	Não filiado	Sem identificação definida
5	Homem	58 anos	Pardo	Superior completo	2001	Caratinga	Não filiado	Esquerda
6	Homem	60 anos	Branco	Superior completo	1994	Não possui	Não filiado	Esquerda
7	Mulher	65 anos	Branca	Superior completo	1987	Colatina	Não filiada	Esquerda

Perfil dos demais entrevistados

Entrevistado	Envolvimento	Sexo	Idade	Raça/cor	Estado civil	Escolaridade	Ocupação	Religião	Diocese	Filiação partidária	Autoidentificação política
1	Coordenação	Homem	69 anos	Branco	Casado	Superior completo	Educador e coordenador da Cáritas Diocesana Governador Valadares	Católico	Governador Valadares	Não filiado	Esquerda
2	Coordenação	Homem	51 anos	Branco	Casado	Superior completo	Agrônomo e coordenador geral da Cáritas MG	Católico	Belo Horizonte	Não filiado	Esquerda
3	Coordenação	Homem	62 anos	Branco	Casado	Superior completo	Bancário	Católico	Itabira/Cel. Fabriciano	PT	Esquerda
4	Coordenação	Mulher	57 anos	Preta	Viúva	Superior completo	Agente pastoral e coordenadora geral da ATI Cáritas Diocesana de Itabira	Católica	Itabira/Cel. Fabriciano	PT	Esquerda
5	Coordenação	Mulher	39 anos	Parda	Solteira	Superior completo	Agente pastoral CPT-MG	Católica	Governador Valadares	Não filiada	Esquerda
6	Coordenação	Mulher	52 anos	Parda	Viúva	Fundamental incompleto	Costureira e artesã	Católica	Itabira/Cel. Fabriciano	PT	Esquerda
7	Coordenação	Mulher	45 anos	Preta	Casada	Superior completo	Professora e pedagoga	Católica	Caratinga	PT	Esquerda
8	Coordenação	Homem	30 anos	Pardo	Solteiro	Superior completo	Comerciante	Católico	Itabira/Cel. Fabriciano	PT	Esquerda
9	Coordenação	Homem	23 anos	Preto	Solteiro	Superior completo	Auxiliar administrativo	Católico	Belo Horizonte	Não filiado	Centro-esquerda
10	Coordenação	Mulher	68 anos	Branca	Casada	Superior completo	Auxiliar administrativa	Católica	Itabira/Cel. Fabriciano	PT	Esquerda

11	Coordenação	Homem	60 anos	Branco	Solteiro	Superior completo	Educador e agente pastoral da Cáritas Diocesana Governador Valadares	Católico	Governador Valadares	Não filiado	Esquerda
12	Missionário romeiro	Homem	18 anos	Pardo	Solteiro	Superior incompleto	Estudante	Católico	Guanhães	Não filiado	Sem identificação definida
13	Missionário romeiro	Homem	71 anos	Branco	Casado	Fundamental incompleto	Aposentado	Católico	Itabira/Cel. Fabriciano	Não filiado	Direita
14	Missionário romeiro	Mulher	77 anos	Branca	Viúva	Ensino Médio Completo e magistério	Aposentada	Católica	Itabira/Cel. Fabriciano	PL	Direita
15	Missionário romeiro	Homem	67 anos	Indígena	Divorciado	Fundamental incompleto	Aposentado	Católico	Itabira/Cel. Fabriciano	Não filiado	Esquerda
16	Missionário romeiro	Homem	59 anos	Pardo	Casado	Fundamental completo	Aposentado	Católico	Itabira/Cel. Fabriciano	Não filiado	Direita
17	Missionário romeiro	Mulher	73 anos	Parda	Solteira	Ensino Médio Completo e magistério	Aposentada	Católica	Itabira/Cel. Fabriciano	Não filiada	Esquerda
18	Missionário romeiro	Homem	68 anos	_____	_____	Ensino Médio Completo	Aposentado	Católico	Itabira/Cel. Fabriciano	Não filiado	Esquerda
19	Missionário romeiro	Homem	72 anos	Pardo	Casado	Fundamental incompleto	Aposentado	Católico	Itabira/Cel. Fabriciano	Não filiado	Esquerda
20	Missionário romeiro	Homem	63 anos	Pardo	Casado	Ensino Médio completo	Aposentado	Católico	Itabira/Cel. Fabriciano	Não filiado	Sem identificação definida
21	Missionário romeiro	Mulher	74 anos	Parda	Casada	Superior completo	Aposentada	Católica	Itabira/Cel. Fabriciano	PT	Esquerda
22	Missionário romeiro	Homem	27 anos	Pardo	Solteiro	Superior completo	Administrador de loja	Católico	Guanhães	Não filiado	Sem identificação definida
23	Missionário romeiro	Mulher	44 anos	Parda	Solteira	Superior completo	Pedagoga; irmã consagrada*	Católica	Caratinga	Não filiada	Esquerda
24	Missionário romeiro	Mulher	41 anos	Branca	Solteira	Superior completo	Professora; irmã consagrada**	Católica	Caratinga	Não filiada	Sem identificação definida
25	Missionário romeiro	Mulher	22 anos	Parda	Solteira	Ensino Médio completo	Diarista	Católica	Guanhães	Não filiada	Sem identificação definida
26	Missionário romeiro	Homem	28 anos	Pardo	Solteiro	Ensino Médio completo	Agricultor	Católico	Caratinga	Não filiado	Esquerda
27	Missionário romeiro	Mulher	18 anos	Parda	Solteira	Ensino Médio completo	Autônoma	Católica	Guanhães	Não filiada	Direita
28	Missionário romeiro	Mulher	71 anos	Branca	Viúva	Superior completo	Aposentada	Católica	Itabira/Cel. Fabriciano	Não filiada	Sem identificação definida
29	Acolhedor local CMD	Mulher	39 anos	Parda	Casada	Superior completo	Estagiária em biblioteconomia	Católica	Guanhães	Não filiada	Sem identificação definida
30	Acolhedor local CMD	Mulher	24 anos	Preta	Solteira	Superior incompleto	Estudante	Católica	Guanhães	Não filiada	Esquerda
31	Acolhedor local CMD	Mulher	53 anos	Parda	Casada	Fundamental completo	Diarista	Católica	Guanhães	Não filiada	Esquerda
32	Acolhedor local CMD	Mulher	50 anos	Branca	Casada	Superior completo	Professora e oficial de Cartório	Católica	Guanhães	Não filiada	Sem identificação definida
33	Acolhedor local CMD	Homem	51 anos	Pardo	Casado	Ensino Médio completo	Mecânico de automóveis	Católico	Guanhães	Não filiado	Esquerda

34	Acolhedor local CMD	Mulher	47 anos	Parda	Casada	Superior completo	Enfermeira	Católica	Guanhães	Não filiada	Sem identificação definida
35	Acolhedor local CMD	Mulher	52 anos	Branca	Casada	Superior completo	Advogada e produtora rural	Católica	Guanhães	Não filiada	Esquerda
36	Acolhedor local CMD	Mulher	60 anos	Preta	Casada	Superior completo	Professora	Católica	Guanhães	Não filiada	Sem identificação definida
37	Acolhedor local CMD	Homem	30 anos	Pardo	Solteiro	Ensino Médio completo	Faxineiro	Católico	Guanhães	Partido Novo	Sem identificação definida
38	Acolhedor local CMD	Mulher	67 anos	Preta	Viúva	Ensino Médio completo	Dona de casa	Católica	Guanhães	Não filiada	Sem identificação definida
39	Acolhedor local CMD	Mulher	62 anos	Branca	Casada	Superior completo	Aposentada	Católica	Guanhães	Não filiada	Esquerda
40	Acolhedor local Regência	Homem	39 anos	Pardo	Solteiro	Ensino Médio completo	Caseiro de casas de praia	Católico	Colatina	Não filiado	Sem identificação definida
41	Acolhedor local Regência	Mulher	56 anos	Parda	Casada	Ensino Médio completo	Servente e atendente de Museu	Católica	Colatina	Não filiada	Sem identificação definida
42	Acolhedor local Regência	Mulher	49 anos	Parda	Casada	Superior completo	Autônoma	Católica	Colatina	Não filiada	Sem identificação definida
43	Romeiro caminhante	Homem	30 anos	Pardo	Solteiro	Superior incompleto	Comerciante	Católico	Caratinga	PT	Esquerda
44	Membro da PAB	Mulher	74 anos	Preta	Casada	Ensino Médio completo	Aposentada	Católica	Mariana	PT	Esquerda
45	Membro da PAB	Mulher	54 anos	Preta	Solteira	Superior completo	Administradora	Católica	Mariana	PT	Esquerda
16	Animador	Homem	48 anos	Preto	Casado	Fundamental incompleto	Servidor público e agricultor	Católico	Caratinga	PT	Esquerda
47	Educadora ambiental e divulgação quinta Romaria nas escolas	Mulher	41 anos	Branca	Divorciada	Superior completo	Professora	Sem religião/ Espiritualista	-----	Não filiada	Esquerda
48	Construtor cruz quinta Romaria	Homem	47 anos	Preto	Divorciado	Fundamental completo	Restaurador	Católico	Guanhães	PT	Sem identificação definida

*Membro do Clero, entrevistada como missionaria romeira. Ano de ordenamento religioso: 2000.

** Membro do Clero, entrevistada como missionaria romeira. Ano de ordenamento religioso: 2003.

Apêndice 4 | Cronograma de principais ações da Quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro-MG

QUINTA ROMARIA DO RIO DOCE (2020-2022)	
2020	
Calendário	Ação
Fev. 2020	Envio de Projeto da Quinta Romaria para a Adveniat
Fev./mar. 2020	Elaboração da identidade visual da Quinta Romaria
15 a 19.07.2020	Realização da Pré-Quinta Romaria com a celebração remota do Tríduo e de uma Missa transmitida ao vivo, direto da Catedral de São Miguel e Almas, na cidade de Guanhães-MG
2021	
Calendário	Ação
04.06.2021	Celebração uma Santa Missa Pré-Quinta Romaria transmitida ao vivo, direto da paróquia de Sant'Ana, na cidade de Abre Campo-MG
2022	
Calendário	Ação
17.02.2022	Contato e chamado do padre Suaçuí Grande, pároco em Conceição do Mato Dentro, para a Comissão Organizadora voltar a se reunir para pensar a realização da Quinta Romaria
29.03.2022	Realização da primeira reunião presencial da Comissão Organizadora da Quinta Romaria, em Conceição do Mato Dentro
04.05.2022	Realização da segunda reunião presencial da Comissão Organizadora da Quinta Romaria, em Conceição do Mato Dentro
01.06.2022	Realização da reunião virtual para elaboração da cartilha da Quinta Romaria
02.06.2022	Realização da reunião presencial em Conceição do Mato Dentro da equipe responsável por elaborar o mapa-base para a utilização durante os Seminários Preparatórios da Quinta Romaria
13 a 24.06.2022	Divulgação da Quinta Romaria e participação da Comissão Organizadora e parceiros durante a programação do 235º Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos
29.07.2022	Realização da terceira reunião presencial da Comissão Organizadora da Quinta Romaria, em Conceição do Mato Dentro
30.07.2026	Realização do primeiro Seminário Temático Preparatório, presencial, em Conceição do Mato Dentro
13.08.2022	Realização do segundo Seminário Temático Preparatório, presencial, em Guanhães
29.08.2022	Abertura da Semana Missionária da Quinta Romaria, com missa de envio dos/as missionários/as romeiros/as para as comunidades para darem início às missões em Conceição do Mato Dentro
29.08 a 01.09.2022	Realização da Semana Missionária e celebração do Tríduo da Quinta Romaria, em Conceição do Mato Dentro
02.09.2022	Realização de escuta e avaliação das missões em Conceição do Mato Dentro
03.09.2022	Celebração da Vigília da Quinta Romaria, no adro do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Conceição do Mato Dentro
04.09.2022	Concentração e realização da caminhada da Quinta Romaria, pelas ruas de Conceição do Mato Dentro

Apêndice 5 | Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce (2016): um inventário das redes, movimentos e entidades que construíram, participaram e/ou assinaram a sua carta política

Atores coletivos ligados a Igreja Católica e outras igrejas – em **negrito**, as que estão diretamente vinculadas à construção da 1ª Romaria do Rio Doce:

1. **Arquidiocese de Mariana**
2. **Arquidiocese de Vitória**
3. **Cáritas Brasileira**
4. **Cáritas Diocesana de Governador Valadares**
5. CEBI-ES – Centro de Estudos Bíblicos-ES
6. CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviços
7. CJP – Comissão Justiça e Paz
8. **CPT Minas – Comissão Pastoral da Terra de Minas Gerais**
9. CPT-ZM – Comissão Pastoral da Terra Zona da Mata
10. **Diocese de Colatina**
11. Igreja Presbiteriana
12. IPU – Igreja Presbiteriana Unida
13. Sinfrajup – Serviço Franciscano de Justiça e Paz

Demais atores coletivos (redes, movimentos e entidades) – Ao todo 101 atores coletivos, destacado em **negrito** aqueles os quais estava vinculado à época:

14. ABA – Associação Brasileira de Agroecologia
15. ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva
16. AGB – Associação de Geógrafos Brasileiros¹²⁶
17. Aliança Rio Doce
18. AMA – Articulação Mineira de Agroecologia
19. AMEFA – Associação Mineira das Escolas Família Agrícolas
20. ANA – Articulação Nacional de Agroecologia
21. APVIDA – Associação de pescadores
22. ASA – Articulação no Semiárido Brasileiro
23. AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia
24. Assentados rurais de Linhares (MST)
25. Associação Comunitária das Nascentes e Afluentes da Serra do Caraça
26. Associação de Moradores Ribeirinhos de Regência
27. Associação de Pescadores de Anchieta
28. Associação de Pescadores de Barra do Riacho
29. Associação de Pescadores de Maria Ortiz - Colatina
30. Associação de Pescadores Nova Vida de Colatina
31. Associação dos Pescadores de Barra do Riacho
32. Associação dos Trabalhadores da Pesca da Jacaraípe
33. Bem TV
34. Brigadas Populares
35. CAA – Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas
36. CAT – Centro Agroecológico Tamanduá

¹²⁶ Nacional e seções Niterói, Vitória, Viçosa e Belo Horizonte.

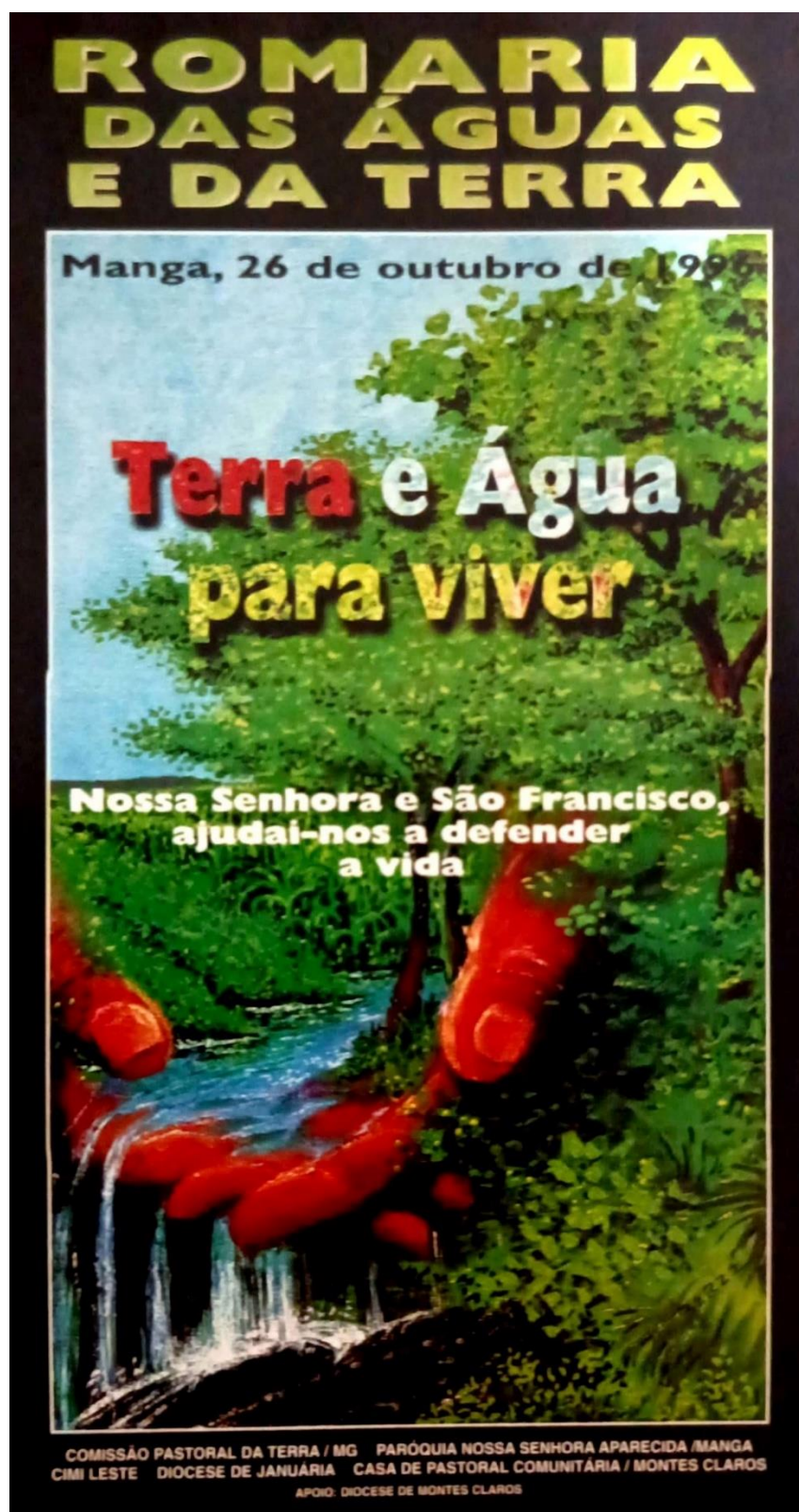
37. CODECEX – Comissão em Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas
38. Coletivo de Coletivo Pedra Negra
39. Coletivo Pedra Negra
- 40. Coletivo Repentistas do Desenho**
- 41. Comboio Agroecológico do Sudeste**
42. Comunidade de Areal - Regência)
43. Comunidade de Entre Rios - Regência)
44. Comunidade de Mascarenhas - Baixo Guandu
45. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - Jacaraípe
46. CRN-MG – Conselho Regional de Nutrição
47. CTA-ZM - Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata
48. DPES – Defensoria Pública do Estado do Espírito Santo
49. ECOA-UFV – Núcleo de Educação no Campo e Agroecologia da UFV
50. EFAs – Escolas Família Agrícola¹²⁷
51. EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
52. FAMOPES – Federação das Associações de Moradores e Movimentos Populares do Espírito Santo
53. FEAB – Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil
54. FETAEMG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (Governador Valadares)
55. FETRAF-MG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Minas Gerais
56. Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz
57. FMEPS – Fórum Mineiro de Economia Popular Solidária
58. Fórum Capixaba de Entidades em Defesa do Rio Doce
59. Fórum Regional de Economia Solidária de Governador Valadares
60. Fórum Regional de Economia Solidária Vale do Rio Doce
61. Fórum SOS Rio Doce
62. Frente Lute pelo Rio Doce¹²⁸
63. GESTA-UFMG – Grupo de Estudo em Temáticas Ambientais da Universidade Federal de Minas Gerais
64. Gesta-UFMG – Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais
65. Grupo de Pesquisa Tramas da Universidade Federal do Ceará
66. IBASE – *Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas*
67. Indígenas Guarani
68. Indígenas Krenak
69. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - Pato de Minas; Instituto Organon (ES)
70. Instituto Kairós
71. ITA VALE – Instituto de Trabalhadores e Trabalhadoras do Vale do Jequitinhonha
- 72. ITCP-UFV – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa**
73. Jornal Brasil de Fato
74. Levante Popular da Juventude
75. LICENA- UFV – Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFV
76. MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens
77. MAM – Movimento pela Soberania Popular na Mineração
78. MMM – Marcha Mundial das Mulheres

¹²⁷ EFA Paulo Freire, EFA Puris e EFA Serra do Brigadeiro.

¹²⁸ Através do Núcleo de Agroecologia Nagô da UFJF, *campus* Governador Valadares, e que inclui inúmeras organizações como o MAB, MAM, MST, MPA, Via Campesina, Sindicato Rural de Governador Valadares.

79. MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores
80. MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
81. Museu Naïf Primo Pelissari
82. NACAB – Núcleo de Assessoria às Comunidades Atingidas por Barragens
83. NAGÔ – Núcleo de Agroecologia da UFJF, *campus* Governador Valadares
84. NEDET-São Mateus – Núcleo de Desenvolvimento Territorial de São Mateus
85. OCCA- UFES Observatório de Conflitos no Campo *da Universidade Federal do Espírito Santo* ONG SHIVA
86. OCCA/UFES – Observatório de Conflitos no Campo/Universidade Federal do Espírito Santo
87. ORGANON – Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais - UFES
88. Pescadores de Colatina
89. Pescadores e pequenos produtores rurais de Linhares
90. PoEMAS-UFJF – Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade - UFJF
91. Rádio Brota
92. RCCP – Rede Caravelas de Comunicação Popular do Vale do Aço
93. SBEE – Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia
94. Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Mathias Lobato
95. SEMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento de Governador Valadares
96. SESMG – Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais
97. SHIVA – Serviço Humanitário Informação Vida e Arte - Colatina
98. Sindibancários ES – Sindicato dos Bancários do Espírito Santo
99. SINDUTE MG – Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (Subsede Ouro Preto e região)
100. SINTUFES - Sindicato dos Trabalhadores da UFES
101. SISPMC – Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Colatina - ES
102. SOS Rio Doce - Colatina
103. STR-Colatina – Sindicato de Trabalhadores Rurais de Colatina
104. STR-GV – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Governador Valadares
105. TEMAS - Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade/UFRGS
106. THEMA – Programas e Projetos Alternativos/TV Caravelas
107. UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
108. UFJF-GV – Universidade Federal de Juiz de Fora, *campus* Governador Valadares
109. UFLA – Universidade federal de Lavras
110. UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
111. UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto
112. UFRRJ – *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
113. Via Campesina - ES
114. Voluntários de Arte Terapia de São Paulo

Anexo 1 | Cartaz da primeira Romaria das Águas e da Terra organizada pela CPT em Minas Gerais



Fonte: Chã et al (2019, p. 46)

Anexo 2 | Roteiro da liturgia da Vigília da quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro, ocorrida em 3 de setembro de 2022



Vigília da V Romaria das águas e da terra - 03/09/22 (Sábado).

"Tua Palavra é lâmpada para meus pés, luz para o meu caminho". (Sl 119,105).

CINCO
DIOCESES
DA PROVÍNCIA
ECLESIÁSTICA
DE
MARILIA

01 - Chegada: Entregar fitas e cruzes com as cores dos cinco Continentes que representam nossas cinco Dioceses, velas e acolhida fraterna a cada pessoa. Toque de algum instrumento musical (flauta, atabaque, tambor e outros instrumentos...). **SONORIDADES**

02 - Acendimento do Círio (uma vela grande) estando as luzes apagadas, canta-se um refrão meditativo: Ó luz do Senhor que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós. (2x).

Diocese de Guanhães Reza: *Bendito sejas, Deus da vida, pela luz de Cristo, o Mártir Jesus, e por Padre Nelito Dornellas e tantos/as amigos/as e companheiros/as nossos, testemunhas da sua Páscoa!*

03 - Motivação: Nesta noite que antecede nossa quinta Romaria das águas e da terra da Bacia do Rio Doce e Diocese de Guanhães, de ombros unidos ou de mãos dadas, formando uma grande roda de irmandade e de testemunhas, num instante de silêncio somos convidados e convidadas a assumir o nosso compromisso de manter viva a memória dos mártires, sendo solidários, solidárias, com as causas pelas quais eles e elas deram suas vidas... agora neste momento trazemos os irmãos/as e companheiros/as que tanto nos ajudaram para que hoje estivéssemos aqui como romeiros/as lembremos do nosso

Patriarca: Dom José Maria Pires cantando: *Vidas pela vida, (2x) / vidas pelo Reino, (2x) / vidas pelo Reino. (2x) Todas as nossas vidas, (2x) / como as suas vidas, (2x) como a vida d'Ele, (2x) / o Mártir Jesus! (2x)*

Testemunho: Comunidade -

Façamos memória as Testemunhas da Esperanças: Dom Antônio Felipe, Dom Tomaz Balduino, Dom Helder Câmara, Dom Luciano Mendes, Dom José Mauro, Dom Pedro Casaldáliga, Padre Ernesto Barcelos, Sebastião (Tião), Padre Itamar... cantemos acolhendo cada uma e cada uma:

Vidas pela vida, (2x) / vidas pelo Reino, (2x) / vidas pelo Reino. (2x) Todas as nossas vidas, (2x) / como as suas vidas, (2x) como a vida d'Ele, (2x) / o Mártir Jesus! (2x)

Eis aqui aqueles e aquelas que não deixam que esqueçamos o profetismo e a luta por vida digna para todos nossos

Mártires: Dom Oscar Romero, Padre Gisley, Padre Josino, Padre Ezequiel, Irmã Dorathy, Irmã Adelaide, , Margarida Alves, Chico Mendes, João Calazans, Marielle, Bruno Pereira, Dom Phillips... por último acolhamos o Irmã Nicole, Hélio Martins, abrir palavra

Patrono da nossa Romaria Padre Nelito Nonato Dornellas cantando:

Vidas pela vida, (2x) / vidas pelo Reino, (2x) / vidas pelo Reino. (2x) Todas as nossas vidas, (2x) / como as suas vidas, (2x) como a vida d'Ele, (2x) / o Mártir Jesus! (2x)

04 - Abertura:

- Venham, ó nações, ao Senhor cantar! (bis) Ao Deus do universo venham festejar! (bis)
 - Dos porões da morte, Cristo ressurgiu! (bis) E em flores de alegria, o povo se abriu! (bis)
- (Acendem-se as velas)**
- Na tua luz, Senhor, toda noite é dia, (bis) o resplendor da Páscoa a terra alumia. (bis)
- (Oferta-se o incenso ou ervas cheirosas)**

- Suba nosso incenso ao Libertador, (bis) nosso louvor pascal, oferta de amor. (bis)
- Nossas mãos orantes, para os céus subindo, cheguem como oferenda ao som deste hino! (bis)
- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito, (bis) glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito! (bis)
- Aleluia, irmãs, aleluia, irmãos! (bis) Mártires todos cantem, a Deus louvação. (bis)

05 - Recordação da vida:

Celebrar é tornar memorável momentos de nossas vidas. Trazemos agora os fatos, acontecimentos, pessoas que marcaram nossas vidas. Com Cristo, queremos iluminar esses fatos para, na fé, celebrar nossa vida e, em especial, a vida de nossas famílias. A Igreja não pode agir de outra forma, já que se lembra de que Jesus tinha compaixão pelas multidões. No entanto, ao defender os pobres, ela entrou em graves conflitos com os poderosos que pertencem às abastadas oligarquias e com as autoridades políticas e militares do Estado. Essa defesa dos pobres em um mundo que se encontra em um profundo conflito ocasiona algo novo na história recente da nossa Igreja: a perseguição. Recordamos todas as vítimas do COVID-19, as de perto e as de longe, e também seus familiares, que mesmo em meio ao luto buscam em Deus a força e o ânimo para continuar suas vidas. Avante sigamos na firme certeza que o Senhor está no meio de nós.

Recordemos as vítimas das COVID – trazendo seus nomes e os momentos fortes das Romarias anteriores...

06 – Hino: Como te cantarei Senhor.

Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor?

- Quando a justiça nos falta/ Quando o poder nos oprime/ Quando forçaram calar nossa voz/ Nossa dor, Senhor! / Quando da terra expulsos/ Em terra alheia sofremos/ Quando obrigaram a esquecer/ Nossa história de amor, Senhor!

- Quando arrancam os frutos/ E o lucro de nossas mãos/ Quando é negado ao pobre/ O direito e o valor, Senhor! / Quando perseguem e matam/ Os companheiros da gente/ Quando esmagam a esperança/ E nos fazem o terror, Senhor!

- Quando prometem e enganam/ A confiança do povo/ Quando dividem os pequenos/ Num plano traidor, Senhor! / Quando na cruz te afogaste/ No poço de nossa dor/ Contigo ressuscitamos/ Jesus vencedor, Senhor!

07 – Salmo 23:

(2)

Vidas pela vida, (2x) / vidas pelo Reino, (2x) / vidas pelo Reino. (2x) Todas as nossas vidas, (2x) / como as suas vidas, (2x) como a vida d'Ele, (2x) / o Mártir Jesus! (2x)

04 - Abertura:

- Venham, ó nações, ao Senhor cantar! (bis) Ao Deus do universo venham festejar! (bis)
- Dos porões da morte, Cristo ressurgiu! (bis) E em flores de alegria, o povo se abriu! (bis)
- (Acendem-se as velas)**
- Na tua luz, Senhor, toda noite é dia, (bis) o resplendor da Páscoa a terra alumia. (bis)
- (Oferta-se o incenso ou ervas cheirosas)**

- Suba nosso incenso ao Libertador, (bis) nosso louvor pascal, oferta de amor. (bis)
- Nossas mãos orantes, para os céus subindo, cheguem como oferta ao som deste hino! (bis)
- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito, (bis) glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito! (bis)
- Aleluia, irmãs, aleluia, irmãos! (bis) Mártires todos cantem, a Deus louvação. (bis)

05 - Recordação da vida:

Celebrar é tornar memorável momentos de nossas vidas. Trazemos agora os fatos, acontecimentos, pessoas que marcaram nossas vidas. Com Cristo, queremos iluminar esses fatos para, na fé, celebrar nossa vida e, em especial, a vida de nossas famílias. A Igreja não pode agir de outra forma, já que se lembra de que Jesus tinha compaixão pelas multidões. No entanto, ao defender os pobres, ela entrou em graves conflitos com os poderosos que pertencem às abastadas oligarquias e com as autoridades políticas e militares do Estado. Essa defesa dos pobres em um mundo que se encontra em um profundo conflito ocasiona algo novo na história recente da nossa Igreja: a perseguição. Recordamos todas as vítimas do COVID-19, as de perto e as de longe, e também seus familiares, que mesmo em meio ao luto buscam em Deus a força e o ânimo para continuar suas vidas. Avante sigamos na firme certeza que o Senhor está no meio de nós.

Recordemos as vítimas das COVID – trazendo seus nomes e os momentos fortes das Romarias anteriores...

06 – Hino: Como te cantarei Senhor.

Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor?

- Quando a justiça nos falta/ Quando o poder nos oprime/ Quando forçaram calar nossa voz/ Nossa dor, Senhor! / Quando da terra expulsos/ Em terra alheia sofremos/ Quando obrigaram a esquecer/ Nossa história de amor, Senhor!

- Quando arrancam os frutos/ E o lucro de nossas mãos/ Quando é negado ao pobre/ O direito e o valor, Senhor! / Quando perseguem e matam/ Os companheiros da gente/ Quando esmagam a esperança/ E nos fazem o terror, Senhor!

- Quando prometem e enganam/ A confiança do povo/ Quando dividem os pequenos/ Num plano traidor, Senhor! / Quando na cruz te afogaste/ No poço de nossa dor/ Contigo ressuscitamos/ Jesus vencedor, Senhor!

07 – Salmo 23:

(2)

Vidas pela vida, (2x) / vidas pelo Reino, (2x) / vidas pelo Reino. (2x) Todas as nossas vidas, (2x) / como as suas vidas, (2x) como a vida d'Ele, (2x) / o Mártir Jesus! (2x)

04 - Abertura:

- Venham, ó nações, ao Senhor cantar! (bis) Ao Deus do universo venham festejar! (bis)
 - Dos porões da morte, Cristo ressurgiu! (bis) E em flores de alegria, o povo se abriu! (bis)
- (Acendem-se as velas)**
- Na tua luz, Senhor, toda noite é dia, (bis) o resplendor da Páscoa a terra alumia. (bis)
- (Oferta-se o incenso ou ervas cheirosas)**

- Suba nosso incenso ao Libertador, (bis) nosso louvor pascal, oferta de amor. (bis)
- Nossas mãos orantes, para os céus subindo, cheguem como oferenda ao som deste hino! (bis)
- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito, (bis) glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito! (bis)
- Aleluia, irmãs, aleluia, irmãos! (bis) Mártires todos cantem, a Deus louvação. (bis)

05 - Recordação da vida:

Celebrar é tornar memorável momentos de nossas vidas. Trazemos agora os fatos, acontecimentos, pessoas que marcaram nossas vidas. Com Cristo, queremos iluminar esses fatos para, na fé, celebrar nossa vida e, em especial, a vida de nossas famílias. A Igreja não pode agir de outra forma, já que se lembra de que Jesus tinha compaixão pelas multidões. No entanto, ao defender os pobres, ela entrou em graves conflitos com os poderosos que pertencem às abastadas oligarquias e com as autoridades políticas e militares do Estado. Essa defesa dos pobres em um mundo que se encontra em um profundo conflito ocasiona algo novo na história recente da nossa Igreja: a perseguição. Recordamos todas as vítimas do COVID-19, as de perto e as de longe, e também seus familiares, que mesmo em meio ao luto buscam em Deus a força e o ânimo para continuar suas vidas. Avante sigamos na firme certeza que o Senhor está no meio de nós.

Recordemos as vítimas das COVID – trazendo seus nomes e os momentos fortes das Romarias anteriores...

06 – Hino: Como te cantarei Senhor.

Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor?

- Quando a justiça nos falta/ Quando o poder nos oprime/ Quando forçaram calar nossa voz/ Nossa dor, Senhor! / Quando da terra expulsos/ Em terra alheia sofremos/ Quando obrigaram a esquecer/ Nossa história de amor, Senhor!

- Quando arrancam os frutos/ E o lucro de nossas mãos/ Quando é negado ao pobre/ O direito e o valor, Senhor! / Quando perseguem e matam/ Os companheiros da gente/ Quando esmagam a esperança/ E nos fazem o terror, Senhor!

- Quando prometem e enganam/ A confiança do povo/ Quando dividem os pequenos/ Num plano traidor, Senhor! / Quando na cruz te afogaste/ No poço de nossa dor/ Contigo ressuscitamos/ Jesus vencedor, Senhor!

07 – Salmo 23:

(2)

Vidas pela vida, (2x) / vidas pelo Reino, (2x) / vidas pelo Reino. (2x) Todas as nossas vidas, (2x) / como as suas vidas, (2x) como a vida d'Ele, (2x) / o Mártir Jesus! (2x)

04 - Abertura:

- Venham, ó nações, ao Senhor cantar! (bis) Ao Deus do universo venham festejar! (bis)
 - Dos porões da morte, Cristo ressurgiu! (bis) E em flores de alegria, o povo se abriu! (bis)
- (Acendem-se as velas)**
- Na tua luz, Senhor, toda noite é dia, (bis) o resplendor da Páscoa a terra alumia. (bis)
- (Oferta-se o incenso ou ervas cheirosas)**

- Suba nosso incenso ao Libertador, (bis) nosso louvor pascal, oferta de amor. (bis)
- Nossas mãos orantes, para os céus subindo, cheguem como oferenda ao som deste hino! (bis)
- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito, (bis) glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito! (bis)
- Aleluia, irmãs, aleluia, irmãos! (bis) Mártires todos cantem, a Deus louvação. (bis)

05 - Recordação da vida:

Celebrar é tornar memorável momentos de nossas vidas. Trazemos agora os fatos, acontecimentos, pessoas que marcaram nossas vidas. Com Cristo, queremos iluminar esses fatos para, na fé, celebrar nossa vida e, em especial, a vida de nossas famílias. A Igreja não pode agir de outra forma, já que se lembra de que Jesus tinha compaixão pelas multidões. No entanto, ao defender os pobres, ela entrou em graves conflitos com os poderosos que pertencem às abastadas oligarquias e com as autoridades políticas e militares do Estado. Essa defesa dos pobres em um mundo que se encontra em um profundo conflito ocasiona algo novo na história recente da nossa Igreja: a perseguição. Recordamos todas as vítimas do COVID-19, as de perto e as de longe, e também seus familiares, que mesmo em meio ao luto buscam em Deus a força e o ânimo para continuar suas vidas. Avante sigamos na firme certeza que o Senhor está no meio de nós.

Recordemos as vítimas das COVID – trazendo seus nomes e os momentos fortes das Romarias anteriores...

06 – Hino: *Como te cantarei Senhor.*

Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor? / Como te cantarei, Senhor?

- Quando a justiça nos falta/ Quando o poder nos oprime/ Quando forçaram calar nossa voz/ Nossa dor, Senhor! / Quando da terra expulsos/ Em terra alheia sofremos/ Quando obrigaram a esquecer/ Nossa história de amor, Senhor!

- Quando arrancam os frutos/ E o lucro de nossas mãos/ Quando é negado ao pobre/ O direito e o valor, Senhor! / Quando perseguem e matam/ Os companheiros da gente/ Quando esmagam a esperança/ E nos fazem o terror, Senhor!

- Quando prometem e enganam/ A confiança do povo/ Quando dividem os pequenos/ Num plano traidor, Senhor! / Quando na cruz te afogaste/ No poço de nossa dor/ Contigo ressuscitamos/ Jesus vencedor, Senhor!

07 – Salmo 23:

Dir.: Chamou também vocês e quer enviá-los para evangelizar e construir a civilização do amor, a partir do Coração de Jesus Cristo. Chamou e quer enviar. Como chamou tantos e enviou-os dentre eles aqui citamos alguns: Dom Oscar Romero, Padre Gisley, Padre Josino, Padre Ezequiel, Irmã Dorathy, Irmã Adelaide, Irmã Nicole, Margarida Alves, Chico Mendes, João Calazans, Dom José Maria Pires, Dom Antônio Felipe e tanto mais...

Todos: *Eis-me aqui Senhor! / Eis-me aqui Senhor! / Pra fazer Tua Vontade pra viver do Teu Amor/ Pra fazer Tua Vontade pra viver do Teu amor/ Eis-me aqui Senhor!*

12 - Bênção final

Que o Senhor abençoe e guarde cada de nós e nossas famílias. Amém!

Que ele mostre o seu rosto brilhante e tenha misericórdia. Amém!

Que o Senhor faça resplandecer sobre cada um de nós nesta Romaria, a sua face e nos dê a paz. Amém!

Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo." Amém!

Saideira: Liberdade – Zé Martins.

- Liberdade vem e canta/ e saúda este novo Sol que vem./ Canta com alegria o escondido/ amor que no peito tens.

Mira o céu azul/ espaço aberto pra te acolher/ Mira o céu azul/ espaço aberto pra te acolher.

- Liberdade vem e pisa/ este firme chão de verde ramagem./ Canta louvando as flores que ao bailar do vento/ fazem sua mensagem.

Mira estas flores/ abraço aberto pra te colher./ Mira estas flores/abraço aberto pra te acolher.

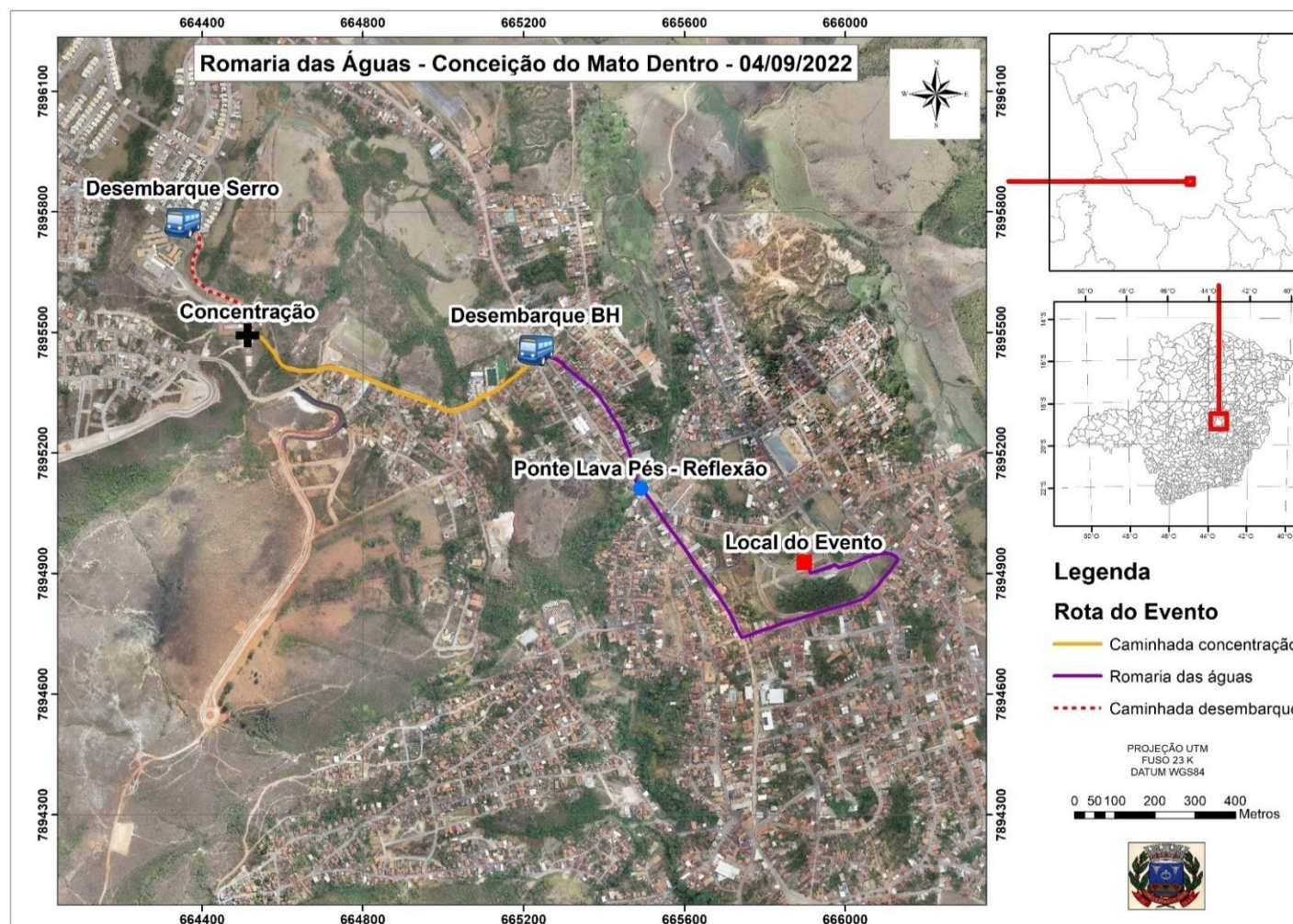
- Liberdade vem e pausa/ nesta dura América triste vendida./ Canta com o teu grito nossos filhos mortos e a paz ferida.

Mira este lugar/ desejo aberto pra te acolher./ Mira este lugar/ desejo aberto pra te acolher.

- Liberdade, liberdade/ és o desejo que nos faz viver./ És o grande sentido/ de uma vida pronta para morrer.

Mira o nosso chão/ banhado em sangue pra reviver./ Mira a nossa América banhada em morte pra renascer.

Anexo 3 | Mapa “Romaria das Águas – Conceição do Mato Dentro, 04.09.2022”



Fonte: Prefeitura Municipal de Conceição (2022).

Anexo 4 | Carta da quinta Romaria do Rio Doce, em Conceição do Mato Dentro, lida e distribuída em 04 de setembro de 2022



Conceição do Mato Dentro-MG – Diocese de Guanhães
04 de setembro de 2022

Reunidos na cidade de Conceição do Mato Dentro, no estado de Minas Gerais, e acolhidos pela Diocese de Guanhães, nós - lideranças pastorais, sociais e ambientais, romeiras e romeiros de toda extensão da Bacia do Rio Doce, especialmente da Província Eclesiástica de Mariana, composta pelas dioceses de Mariana, Caratinga, Governador Valadares e Itabira-Coronel Fabriciano, vimos celebrar, nesse dia 04 de setembro, a 5ª Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce.

Queremos, antes de tudo, manifestar solidariedade às famílias e comunidades enlutadas, em todo o Brasil, pela morte de mais de 680.000 pessoas, vítimas da pandemia causada pela Covid-19. Entre essas perdas humanas, contamos, especialmente, a do pe. Nelito Dornelas e do Hélio Martins da Silva, companheiros que lutaram muito por essa causa e cujo testemunho de entrega, coragem e profetismo inspira nosso permanente compromisso na defesa da Bacia do Rio Doce, porção preciosa de nossa Casa Comum.

Aos pés do Bom Jesus, somando-nos aos milhares de romeiras e romeiros que, a cada ano, se dirigem a este Santuário em Conceição do Mato Dentro, vimos renovar o compromisso de cuidar da Mãe Terra, das Águas e da Vida.

Deparamo-nos aqui com uma região belíssima: rica em religiosidade, arte e cultura, também destacada pela exuberância e diversidade ambiental, onde se encontram as bacias do Rio Doce, do São Francisco e do Jequitinhonha, bem como os biomas da Mata Atlântica e do Cerrado. Aos nossos dias, ela se vê desafiada pela crescente extração de minério de ferro e pela monocultura do eucalipto. Essas práticas danosas têm levado à extinção de inúmeras nascentes, à devastação das matas e à privação e perda de muitos direitos das populações, num grave atentado à dignidade da pessoa humana, sobretudo em razão dos impactos sociais e ambientais que vêm trazendo.

Nosso olhar se amplia para toda a extensão da Bacia do Rio Doce. Trazemos a dor e o sofrimento de tantos irmãos e irmãs nossos, de comunidades, de ribeirinhos, quilombolas, indígenas... Que sofrem, igualmente, com desmandos semelhantes.

Denunciamos essa economia predatória, colocada a serviço do lucro e não da vida, que desrespeita a soberania popular, que vitima as populações locais, que ceifa vidas e que leva, à exaustão, os bens da natureza. Uma economia que se contrapõe ao Plano amoroso de Deus, destruindo matas e rios, escravizando a mão de obra humana e produzindo miséria, violência, injustiça e morte e não vida, dignidade e bem comum.

Passados quase sete anos do rompimento da Barragem do Fundão, em Bento Rodrigues, município de Mariana-MG, crime que ceifou a vida de 20 pessoas e espalhou morte e destruição por toda a extensão da Bacia do Rio Doce, constatamos, com tristeza e indignação:

- Que a reparação para as suas vítimas ainda não aconteceu;
- Que muitas das pessoas atingidas ainda não tiveram seus direitos reconhecidos;
- Que não houve a retomada da vida, nem para quem perdeu suas moradias e nem para quem sobrevive do Rio Doce e afluentes;
- Que muitos morreram sem a devida indenização;
- Que os responsáveis por esse crime humano e ambiental não foram devidamente punidos;
- Que a repactuação acordada entre as empresas e os Estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, ainda em curso, tem sido construída sem a participação dos/as atingidos/as, com propostas equivocadas como a de anistiar empresas de responsabilidades maiores diante dos crimes praticados.

Com esta romaria, clamamos ao Senhor Bom Jesus por vida, dignidade e justiça. Junto a este Santuário, vimos agradecer, de modo especial, a luta dos/as atingidos/as, das Assessorias Técnicas Independentes, das Comissões e entidades religiosas, sociais e ambientais em prol da regeneração de nossa Bacia do Rio Doce, da defesa de direitos e da construção da sociedade do bem viver.

Nessa peregrinação, em romaria, suplicamos ao Bom Jesus que nos conceda discernimento e coragem para perseverarmos na missão de dar testemunho do "Evangelho da Vida", como guardiões da Casa Comum, no cuidado com a Mãe Terra, com as Águas e com a Vida.

Com o olhar voltado para o Crucificado-Ressuscitado, contemplamos os crucificados de nossa Bacia, todos os atingidos e atingidas, certos de que "da cruz brota a vida e a salvação". Renovamos, assim, nossas forças para amar com profetismo e ardor apostólico, com senso de justiça e consciência cidadã.

Aos pés do Bom Jesus, colocamo-nos a serviço da vida e da esperança, em toda a extensão da Bacia do Rio Doce para que, a partir dos pequenos e indefesos, todos tenham vida e vida de verdade (Jo 10,10).

Participantes da 5ª Romaria das Águas e da Terra.